

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS INTERNACIONAIS**

CATHARINA SEADI PEREIRA

**LITERATURA E POLÍTICA NO MUNDO ÁRABE:
O IMPACTO DA PRIMAVERA ÁRABE NO INTERNATIONAL PRIZE FOR
ARABIC FICTION**

Porto Alegre

2024

CATHARINA SEADI PEREIRA

**LITERATURA E POLÍTICA NO MUNDO ÁRABE: O IMPACTO DA PRIMAVERA
ÁRABE NO INTERNATIONAL PRIZE FOR ARABIC FICTION**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Regina Feraboli

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Pereira, Catharina Seadi
Literatura e política no Mundo Árabe: o impacto da
Primavera Árabe no International Prize For Arabic
Fiction / Catharina Seadi Pereira. -- 2024.
260 f.
Orientadora: Silvia Regina Ferabolli.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Literatura Árabe. 2. Pós-colonialismo. 3.
Iltizam. 4. Primavera Árabe. 5. International Prize
for Arabic Fiction. I. Ferabolli, Silvia Regina,
orient. II. Título.

CATHARINA SEADI PEREIRA

**LITERATURA E POLÍTICA NO MUNDO ÁRABE:
O IMPACTO DA PRIMAVERA ÁRABE NO INTERNATIONAL PRIZE FOR
ARABIC FICTION**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Aprovado em: Porto Alegre, 28 de maio de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Silvia Regina Feraboli - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Tatiana Vargas Maia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Geraldo Godoy de Campos
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Safa Jubran
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Apesar de a caminhada profissional durante a pós-graduação ser consideravelmente solitária, sem o apoio dessas pessoas, o árduo processo de produzir e finalizar esta dissertação seria impossível. Espero que, com palavras e atos, eu seja capaz de demonstrar a importância que vocês têm na minha vida!

Aos meus pais, Márcia e Ricardo, e à minha irmã, Manoela, agradeço pelo amor e pelo apoio que recebo desde o primeiro momento em que, ainda na graduação, decidi trilhar o caminho de dedicação e sacrifícios que me levam à carreira acadêmica com a qual sonho há muitos e muitos anos. Ao meu namorado, Frederico, por todo o amor, compreensão e paciência demonstrados ao longo desse último ano. Sem o teu carinho, nada disso teria sido possível. Amo vocês!

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, agradeço pelos ensinamentos (acadêmicos e de vida). Agradeço também a todos os professores que cruzaram o meu caminho e que não hesitaram em compartilhar seus conhecimentos. Em especial, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Silvia Feraboli, cujas trocas, valiosas lições e apoio me tornaram a pesquisadora e a pessoa que sou hoje. Muito obrigada, profa! Agradeço, também, aos meus colegas do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais do Mundo Árabe (NUPRIMA), por compartilharem dessa jornada comigo e pelas sugestões feitas para o enriquecimento dessa dissertação.

Às minhas queridas amigas e meus queridos amigos. Sem a ajuda, o bom-humor e a gentileza de vocês, o processo do mestrado teria sido infinitamente mais penoso e difícil. Agradeço, principalmente, à Luanna Rennhack Sampaio, à Thaís Honório Horn e à Gabriela Chagas Reis, pelo incentivo, pelos “puxões de orelha” e por segurarem minha mão nos momentos mais difíceis. Obrigada de verdade, gurias!

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado, concedida durante o segundo ano. Ela me permitiu maior dedicação para a produção da dissertação durante o período de 2023. Por isso, sou muito grata.

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo estudar a extensa e imponente relação existente entre a literatura árabe e a política regional árabe. Para isso, ela propõe um estudo de caso que visa identificar em romances publicados a partir de 2013 a presença de temas que ou foram presentes durante a Primavera Árabe, ou foram claramente considerados como desdobramentos do mesmo fenômeno, na literatura árabe. Essa pesquisa se propõe a analisar obras publicadas após 2013 e que foram vencedoras do *International Prize for Arabic Fiction* (IPAF), tido como uma das principais premiações literárias do mundo árabe da atualidade. Após a leitura de cinco romances e a averiguação de entrevistas concedidas por seus autores e de publicações acadêmicas feitas por outros pesquisadores, foram selecionadas três obras: *Barīd al-Layl*, *al-Talyānī* e *Frankishtayn fi Baghdad*. Esses romances foram escolhidos pois ou seus autores admitiram terem se inspirado na Primavera Árabe para escrever seu romance, ou pois houve a concordância de algum outro acadêmico de observar, na narrativa, uma relação com o Levante de 2011. Para a realização da análise, se optou pelo método da narratologia. Essa dissertação se divide em três capítulos, além de introdução e considerações finais. O primeiro capítulo explora o desenvolvimento da literatura no mundo árabe, focando nos indícios que apontam para a existência de uma relação forte entre questões sociopolíticas pertinentes ao mundo árabe e a literatura produzida por indivíduos árabes, ou seja, oriundos de um país árabe, em árabe. O segundo capítulo averigua o desenvolvimento da cultura e da sociedade árabe até o encadeamento da Primavera Árabe, para então apresentar o movimento e seus desdobramentos, a fim de contextualizar o estudo de caso. O terceiro capítulo se dedica a analisar os romances, trazendo antes uma contextualização referente a utilização da arte como forma de expressão durante a Primavera Árabe e sobre o IPAF e a importância do ofício da tradução para a literatura árabe. A fim de se justificar como um trabalho de relevância para as Relações Internacionais e os estudos estratégicos, o presente trabalho se apoia na abordagem pós-colonial. Essa dissertação visa responder a seguinte pergunta de pesquisa: De que forma a Primavera Árabe influenciou as obras vencedoras do *International Prize for Arabic Fiction* e por que isso é relevante para as Relações Internacionais? Sua hipótese é de que, com base no conhecimento de que a literatura árabe historicamente tem por característica expressar questões políticas em seu cerne, como é possível observar no fenômeno do *iltizam* e da *al-adab al-multazim*, pode-se dizer que o levante árabe de 2011 influenciou as obras vencedoras do *International Prize for Arabic Fiction* através da incorporação nas narrativas de questões que foram presentes durante e após o Levante de 2011, tais como a brutalidade das forças policiais contra a população, o empoderamento de grupos islamistas, guerras civis, crises migratórias e o impacto direto que esses acontecimentos tiveram sobre as populações árabes.

Palavras-Chave: Literatura Árabe. Pós-colonialismo. *Iltizam*. Primavera Árabe. *International Prize for Arabic Fiction*.

ABSTRACT

This dissertation aims to study the extensive and imposing relationship between Arabic literature and Arab regional politics. To this end, she proposes a case study that aims to identify in novels published since 2013 the presence of themes that were either present during the Arab Spring, or were clearly considered as consequences of the same phenomenon, in Arabic literature. This research intends to analyze works published after 2013 that have won the International Prize for Arabic Fiction (IPAF), considered one of the main literary awards in the Arab world today. After reading five romances and investigating interviews given by their authors and academic publications made by other researchers, three works were selected: *Barīd al-Layl*, *al-Talyānī* and *Frankishtayn fī Baghdad*. These novels were chosen because either their authors admitted to having been inspired by the Arab Spring to write their novel, or because another academic agreed in observing, in the narrative, a relationship with the 2011 Uprising. To carry out the analysis, the method chosen was narratology. This dissertation is divided into three chapters, as well as an introduction and final considerations. The first chapter explores the development of literature in the Arab world, focusing on the evidences that point to the existence of a strong relationship between sociopolitical issues pertinent to the Arab world and literature produced by Arab individuals, that is, those from an Arab country, in arabic. The second chapter investigates the development of Arab culture and society until the Arab Spring, and then presents the movement and its consequences, in order to contextualize the case study. The third chapter is dedicated to analyzing the novels, providing a contextualization regarding the use of art as a form of expression during the Arab Spring and regarding the IPAF and the importance of the craft of translation for Arabic literature. In order to justify itself as a work of relevance to International Relations and strategic studies, this work gets support from the post-colonial approach. This dissertation aims to answer the following research question research question we aim to answer is the following: How did the Arab Spring influence the winning works of the International Prize for Arabic Fiction and why is this relevant to International Relations? Its hypothesis is that, based on the knowledge that Arabic literature has historically expressed political issues at its core, as can be seen in the phenomenon of *iltizam* and *al-adab al-multazim*, it can be said that the uprising Arabic 2011 influenced the winning works of the International Prize for Arabic Fiction through the incorporation into the narratives of issues that were present during and after the 2011 uprising, such as the brutality of police forces against the population, the empowerment of Islamist groups, wars civilians, migratory crises and the direct impact that these events had on Arab populations.

Keywords: Arabic literature. Postcolonialism. *Iltizam*. Arab Spring. International Prize for Arabic Fiction.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	A LITERATURA ÁRABE E SUAS CARACTERÍSTICAS SOCIOPOLÍTICAS	8
1.2	A TEORIA PÓS-COLONIAL E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA	14
1.3	METODOLOGIA.....	21
1.4	LIMITAÇÕES E JUSTIFICATIVAS	28
2	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA O MUNDO ÁRABE.....	31
2.1	A CRIAÇÃO DA FICÇÃO ÁRABE COMO GÊNERO LITERÁRIO	32
2.2	O AMADURECIMENTO DA LITERATURA ÁRABE E SUA A LITERATURA PÓS-COLONIAL	47
2.3	<i>ILTIZAM</i> : COMPROMETIMENTO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA TRADIÇÃO DA RESPONSABILIDADE DO AUTOR.....	56
3	O LEVANTE DE 2011	73
3.1	ARTE EM EBULIÇÃO? QUESTÕES SOCIOPOLÍTICAS E A LITERATURA ÁRABE QUE ANTECEDEU O LEVANTE DE 2011	74
3.2	“O POVO QUER A QUEDA DO REGIME!”: O SIGNIFICADO DA PRIMAVERA ÁRABE E SUAS DEMANDAS SOCIAIS	94
4	A PRIMAVERA ÁRABE COMO INSPIRAÇÃO PARA A LITERATURA CONTEMPORÂNEA E O <i>INTERNATIONAL PRIZE FOR ARABIC FICTION</i>: UMA ANÁLISE DE TRÊS ROMANCES.....	130
4.1	AS REVERBERAÇÕES CULTURAIS DA PRIMAVERA ÁRABE	132
4.2	UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ARTE DA TRADUÇÃO, O <i>INTERNATIONAL PRIZE FOR ARABIC FICTION</i> E A PRESENÇA DE TEMÁTICAS POLÍTICAS NAS OBRAS VENCEDORAS.....	143
4.3	O <i>INTERNATIONAL PRIZE FOR ARABIC FICTION</i> E SEUS VENCEDORES: REFLEXÕES SOBRE A PRIMAVERA ÁRABE.....	155
4.3.1	<i>Barīd al-Layl</i> [“Correio noturno”, em tradução de Safa Jubran], de Hoda Barakat	155
4.3.2	<i>Al-Talyānī</i> [“O italiano”, em tradução de Miled Faiza e Karen McNeill], de Shukri Mabkhout	165

4.3.3	Frankishtayn <i>fi Baghdad</i> [“Frankenstein em Bagdá”, em tradução de Jonathan Wright], de Ahmed Saadawi.....	178
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	186
	REFERÊNCIAS.....	196
	ANEXO A – Resumo de Barīd al-Layl [“Correio noturno”, em tradução de Safa Jubran], de Hoda Barakat	219
	ANEXO B – Resumo de Al-Talyānī [“O italiano”, em tradução de Miled Faiza e Karen McNeill], de Shukri Mabkhout.....	230
	ANEXO C – Resumo de Frankishtayn fi Baghdad [“Frankenstein em Bagdá”, em tradução de Jonathan Wright], de Ahmed Saadawi	244

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem por objetivo introduzir a dissertação a seguir. Ele é dividido em quatro partes:

- a) literatura árabe e suas características sociopolíticas;
- b) a teoria pós-colonial e sua relação com a literatura;
- c) metodologia;
- d) limitações e justificativas.

A primeira subseção visa contextualizar a pesquisa proposta nesta dissertação de mestrado, apresentando um contexto histórico-social, a pergunta de pesquisa, a hipótese e os objetivos. A segunda subseção foi pensada de modo a introduzir a teoria pós-colonial na temática deste trabalho. A terceira esmiúça as metodologias empregadas para a realização dessa pesquisa. Ela apresenta a narratologia, escolhida como a metodologia de análise dos romances, explica o porquê da opção pela realização de um estudo de caso e indica os principais autores utilizados na confecção desse trabalho. A quarta e última busca justificar a importância e a relevância dessa pesquisa, bem como assumir as limitações que uma pesquisa configurada deste modo tem.

1.1 A LITERATURA ÁRABE E SUAS CARACTERÍSTICAS SOCIOPOLÍTICAS

Ao longo de sua história, a cultura árabe sempre prosperou no que tange produções imateriais (el-Tayib, 1983; Cachia, 2002). A literatura, em que, desde antes do período islâmico, predominavam textos do gênero poesia, representava o auge do desenvolvimento dessa cultura. A arte da poesia se espalhava pelo mundo árabe, compreendido nesta dissertação como os países que têm o árabe como língua oficial: Arábia Saudita, Argélia, Bahrein, Catar, Chade, Camarões, Djibouti, Egito, Emirados Árabes Unidos, Eritreia, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Omã, Palestina, Síria, Somália, Sudão, Tunísia e Saara Ocidental (el-Tayib, 1983; Allen, 2000). Ela era divulgada muito frequentemente através das reuniões das tribos árabes pré-islâmicas e em meio à nobreza árabe da época (Hourani, 2006). Durante o período em que as peregrinações sagradas a Meca ocorriam, juntavam-se diversos poetas nos mercados que existiam nos caminhos para essas grandes peregrinações, e eles declamavam sua arte abertamente (el-Tayib, 1983). Desse modo, a literatura sempre teve importância na congregação da identidade cultural árabe, sendo

responsável pelo desenvolvimento de uma variação padronizada do idioma, com o objetivo de servir como forma de veicular a poesia (Hourani, 2006).

A tradição árabe relativa à literatura, apesar de longos períodos de domínios estrangeiros e de uma supressão em sua produção cultural, prosperou ao longo dos séculos. A literatura árabe clássica e pós-clássica, que se estendeu até a renascença cultural árabe, a *nahda*, já no século XIX, manteve-se muito semelhante no que tangia ao seu desenvolvimento. A construção estética da obra produzida, até então, representava o principal atributo da arte. Suas características não lineares prezavam pelo processo de sua construção muito mais do que pela forma como ela se encerrava (Allen; Richards, 2008; Duraković, 2015).

A *nahda*, por sua vez, influenciou a cultura árabe como um movimento pautado pelo ressurgimento de uma produção cultural árabe desde meados de 1870 até a década de 1950 (Portmann, 2006). Ela foi, na verdade, o advento de uma cultura árabe moderna, a partir de mudanças estruturais na vida social e cultural que, por sua vez, possibilitaram a criação daquilo que Di-capua (2015) chama de uma “classe média profissional” no mundo árabe, introduzindo na região carreiras que lá ainda não existiam, como jornalistas, engenheiros e advogados (Di-Capua, 2015, p. 63). O movimento partia da visão reformista modernizadora que se observava no período, correspondendo temporalmente a outros movimentos sociopolíticos no mundo árabe, como a luta por mudanças sociais que visavam ao fim do colonialismo, por exemplo. Representava, assim, um importante movimento societário e cultural (Pormann, 2006; Deuchar, 2017).

Durante a *nahda*, a literatura assumiu uma característica crítica, focando-se no apoio aos preceitos pregados por esses ideais e carregando consigo significados políticos e sociais (Hafez, 2001). Dessa forma, a noção de nacionalismo, muito proeminente durante o período da *nahda*, exerceu um importante papel para a literatura, a partir do próprio desabrochar dessa arte no mundo árabe (Hafez, 1993; Deuchar, 2017). Com o passar das décadas, em meio a essa conjuntura, que se intensificou a partir da ascensão do pan-arabismo nas décadas de 1940 e 1950, ocorreu a incorporação de novas noções e necessidades políticas na região. A partir desse momento, que envolveu fatos como o fim do período colonial no mundo árabe, a emergência de Gamal ‘Abd al-Nasser como potencial líder regional e uma ebulição de pensadores árabes que dialogavam com a necessidade de liberdade da região, surgiram movimentos políticos e intelectuais favoráveis à visão de um sentimento nacionalista e arabista.

Entendia-se que o contexto em que a população se encontrava exigia, em certa medida, que todos os esforços literários e eruditos refletissem essa condição, denunciando injustiças e

desigualdades encontradas na sociedade árabe. A filosofia do existencialismo¹ foi essencial nesse processo, tendo sido lá introduzida a partir do Egito, na década de 1930. Apesar de ter nascido de uma adaptação do existencialismo europeu, evoluiu para uma doutrina de pensamento própria (Di-Capua, 2012, 2018b; Dimeo, 2016). O movimento existencialista árabe, que foi adaptado à realidade árabe por grandes intelectuais da época a partir da transformação da noção europeia clássica de existencialismo, pode ser interpretado como um grande símbolo da pós-colonialidade árabe. Ele inspirava-se no desenvolvimento do que seria o novo indivíduo árabe pós-colonial: livre, confiante, politicamente ativo, independente e autossuficiente (Di-Capua, 2012). Servindo tanto de base intelectual como de estabilização para o processo de independência, estruturou todo um sistema político e cultural com características próprias, em um período em que o mundo árabe procurava por sua autenticidade (Di-Capua, 2012).

Dessa forma, o florescimento do existencialismo árabe durante o processo de descolonização do mundo árabe e o despontar da intelectualidade do terceiro mundo tornaram o existencialismo uma ferramenta essencial ao processo decolonial árabe (Di-Capua, 2012). Esse movimento intelectual, que despontou com força em meio ao mundo árabe, foi empregado em uma tentativa de responder aos diversos questionamentos que surgiam na sociedade árabe a partir do fim da Segunda Guerra Mundial (Di-Capua, 2012). Tal movimento serviu como forma de desenvolver a identidade e a autenticidade árabe a partir de sua existência e experiência únicas (Di-Capua, 2012).

A partir de meados da década de 1940, com a chegada dos escritos de Jean Paul Sartre ao mundo árabe, o existencialismo solidificou-se na região. Com tradução da obra *Qu'est-ce que la littérature?* de autoria de Sartre, surgiu, no mundo árabe, o conceito de *iltizam*, ou comprometimento, um grande símbolo da virada intelectual e social que os pensadores do mundo árabe se propunham a incentivar na época (Klemm, 2000; Dimeo, 2016). O *iltizam*, que era diretamente relacionado à literatura de ficção, defendia a importância da relação entre autores e a sociedade em que estavam inseridos (Di-Capua, 2012). Ele vinha como esperança para uma nova geração de árabes que estavam desacreditados do futuro do mundo árabe (Di-Capua, 2012).

¹ O existencialismo, a partir da visão de Sartre, é uma corrente filosófica que acredita na autodeterminação do homem, defendendo que o indivíduo é o único ser capaz de se definir. A partir disso, o homem tem total liberdade de fazer as escolhas que melhor lhe convém, tendo consciência que essas escolhas vêm também com consequência. O homem é responsável, assim, pelo que ele faz e pelo que ele se torna. É uma filosofia pautada muito pelo ateísmo, já que a não existência de Deus significa a não existência de um compasso moral pré-existente (Gois, 2007).

O *iltizam*, então, pode ser definido como a responsabilidade do autor em ser socialmente engajado com a realidade em que está inserido, e, dado o desenvolvimento intelectual no mundo árabe até então, o conceito foi muito bem recebido pelos círculos eruditos (Klemm, 2000). As demandas sociais do mundo árabe a partir da segunda metade do século XIX, aliadas à *nahda*, deram à literatura árabe uma nova roupagem. Se esperava, nos textos, a defesa de noções de uma emancipação árabe (Klemm, 2000). Assim, quando o *iltizam* surgiu, já se havia estabelecido uma relação entre a literatura escrita e questões sociopolíticas pertinentes à época. Essa questão alinhava-se aos esforços de se desenvolver uma identidade nacional em países como Egito, Síria, Palestina e Iraque, já que se compreendia que o desenvolvimento de uma literatura emancipada e autêntica se pactuava à noção de identidade nacional (Klemm, 2000). Dessa forma, a literatura era concebida como um incentivo à emancipação das sociedades árabes (Klemm, 2000).

Tal noção se originou associada ao materialismo dialético. Advogava-se a crença de que a produção cultural não acontecia isolada da sociedade que havia inspirado a sua criação; logo, esses produtos deveriam servi-la (Klemm, 2000). O *iltizam*, portanto, era proeminente em meio aos grupos intelectuais de matrizes marxistas, principalmente no Egito, na Síria e no Líbano, e envolvia a apropriação de diretrizes do realismo social durante o processo da escrita para que uma obra pudesse ser considerada como relacionada à doutrina do *iltizam*, ou, em outras palavras, para que fosse comprometida e socialmente engajada com a política em que estava inserida (Klemm, 2000).

O *iltizam*, em seu significado original, contudo, sofreu um duro golpe com a resolução anticlimática, para os árabes, da Guerra de 1967, o que provocou a perda de sua força, juntamente com todos os demais sentimentos e ideologias preponderantes na época: liberdade, autenticidade, nacionalismo, existencialismo e marxismo (Dawisha, 2016; Klemm, 2000; Pannewick; Khalil; Albers, 2015). Os países árabes acabaram por enfrentar uma série de desafios, a partir da década de 1970, que puseram a crença na solidariedade árabe em xeque. Houve situações em que os Estados ou se viram em caos sociopolítico completo, ou fizeram escolhas sociopolíticas em prol de um benefício próprio, sem medir consequências para seus vizinhos árabes (Klemm, 2000). Com isso, perdeu-se a convicção de que o autor, com suas palavras, poderia provocar mudanças sociais e de que a literatura seria essencial nesse processo (Klemm, 2000).

Autores como Klemm (2000), Pannewick, Khalil e Albers (2015) e Dimeo (2016), contudo, apontam que o conceito do *iltizam* seguiu relevante para a produção cultural literária árabe nas décadas subsequentes. Como exposto por Guth (2015), Mejcher-Atassi (2015) e

Halabi (2015) a literatura ainda era utilizada como denúncia. Klemm (2000) frisa que a probabilidade de o *iltizam* regenerar-se em sua potência inicial sempre foi latente, a partir do prisma de que o conceito (e sua filosofia) tem (têm) o poder de adaptar-se a fim de se encaixar (encaixarem) na situação relevante do momento, uma vez que a relação entre política e literatura está bem estabelecida, e a constância dessa verdade permite à lógica do *iltizam* tal possibilidade (Klemm, 2000).

Na década de 2010, um evento desafiou a ideia de que as sociedades árabes não mais partilhavam de certos níveis de solidariedade, o que reacendeu antigos sentimentos e crenças da década de 1950. Esse fenômeno foi a Primavera Árabe. Motivada pelo aumento da desigualdade social, pela falta de democracia nos Estados e pela precarização das condições de vida nas sociedades árabes, o Levante de 2011 – ou Primavera Árabe – foi um movimento definido por manifestações públicas em todo o mundo árabe, em maior ou menor escala, dependendo do país (Lynch, 2012; Bayat, 2017; Charrad; Reith, 2019). Uma de suas principais características foi a falta de lideranças concretas, fato que garantiu a seus participantes altos níveis de anonimidade. Essa mesma questão garantiu, também, que sentimentos de coletividade e cooperação prosperassem (Bayat, 2017). Com isso, diversos autores, como Aboubakr (2015), Boutros (2015), Heshmat (2015), Dimeo (2016) e Halabi (2018) se esforçam para relacionar o conceito do *iltizam* à Primavera Árabe, em busca de novos apontamentos que iluminassem o fenômeno e que o aproximasse de uma realidade pertinente ao século XXI.

Assim, tendo-se esses elementos em mente, esta dissertação tem como objetivo geral estudar a extensa e imponente relação existente entre a literatura árabe e a política regional, propondo para isso um estudo de caso que visa identificar em romances publicados a partir de 2013 a presença de temas que ou foram presentes durante a Primavera Árabe ou foram claramente considerados como desdobramentos do mesmo fenômeno, na literatura árabe. A pesquisa apresenta três objetivos específicos. O primeiro envolve explicar a importância histórica, social e política da literatura para o mundo árabe, com foco, primeiramente, na relação existente entre o romance e questões sociopolíticas a partir da *nahda* e, posteriormente, com o desenvolvimento do existencialismo árabe, do *iltizam* e da *al-adab al-multazim*, a partir da realidade pós-colonial árabe. O segundo objetivo busca elucidar sobre o fenômeno do Levante de 2011, desnudando suas demandas sociais e suas questões políticas. O terceiro e último objetivo investiga a presença de questões e temáticas geradas pela Primavera Árabe na literatura árabe publicada após 2013 que foram tanto motivadores sociais para seu acontecimento quanto consequências concebidas por esse fenômeno. Para isso, serão

analisados três romances: *Correio noturno*, de Hoda Barakar (2020, publicado originalmente em 2019 sob o título de *Barīd al-Layl*), *The Italian*, de Shukri Mabkhout (2021, publicada originalmente em 2015 sob o título de *al-Talyānī*) e *Frankenstein in Baghdad*, de Ahmed Saadawi (2018, publicada originalmente sob o título de *Frankishtayn fi Baghdad* em 2014)².

A fim de compor-se o *corpus* da pesquisa, os três romances escolhidos para a efetivação da análise a que esta dissertação se propõe, em meio ao vasto universo literário do mundo árabe, foram vencedores do *International Prize for Arabic Fiction* (IPAF). O IPAF é uma premiação criada em 2007 com vistas a destacar a literatura árabe contemporânea a partir de três fases de seleção: a lista longa, conjunto de dezesseis obras que são selecionadas dentre os mais de cem livros inscritos anualmente; a lista curta, que contém os seis livros que se tornam finalistas da competição; e, finalmente, o vencedor. Todos os agraciados com a seleção para a lista curta recebem um prêmio de US\$ 10 mil dólares. O vencedor, por sua vez, recebe mais US\$ 50 mil dólares e a garantia do custeamento da tradução da obra para o inglês, tendo em vista que um dos principais objetivos do IPAF é a veiculação da literatura árabe por meio da facilitação e da popularização da tradução dessas obras para outros idiomas (About..., [2024?]). Uma série de regras definem quais obras podem concorrer ao prêmio, como por exemplo: a obra precisa pertencer ao gênero literário romance; precisa ter sido publicada por uma editora ativa, com, no mínimo, dois anos de funcionamento; deve ter sido originalmente escrita e publicada em árabe; seu autor deve estar vivo durante o ciclo de submissão em que está concorrendo (Rules..., [2024?]).

Esta dissertação parte da seguinte pergunta de pesquisa: **De que forma a Primavera Árabe influenciou as obras vencedoras do International Prize for Arabic Fiction e por que isso é relevante para as Relações Internacionais?** Sua hipótese é de que, **com base no conhecimento de que a literatura árabe historicamente tem por característica expressar questões políticas em seu cerne, como é possível observar no fenômeno do *iltizam* e da *al-adab al-multazim*, pode-se dizer que o levante árabe de 2011 influenciou as obras vencedoras do International Prize for Arabic Fiction através da incorporação nas narrativas de questões que foram presentes durante e após o Levante de 2011, tais como como a brutalidade das forças policiais contra a população, o empoderamento de grupos islamistas, guerras civis, crises migratórias e o impacto direto que esses acontecimentos tiveram sobre as populações árabes.**

² Aqui refere-se ao título dos romances sob o título utilizado na tradução lida para esta dissertação.

1.2 A TEORIA PÓS-COLONIAL E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA

Agora, esse trabalho irá realizar uma breve introdução da teoria (ou abordagem) pós-colonial. O objetivo desse esforço é de legitimizar a literatura como objeto ao apresentá-la e justificá-la como um dos principais pontos de análise do pós-colonialismo. Isso se dá em função da história da área de Estudo, da sua relação próxima com os Estudos Literários e, também, da importância meticulosa que ela dá a diferentes expressões culturais. A teoria pós-colonial, por exemplo, nasce por meio de grandes teóricos literários, como Edward Said, Gayatri Chakravorty Spivak e Homi K. Bhabha. Muito em função disso, a literatura enraizou-se como constituinte dos estudos pós-coloniais. A partir disso, é importante ressaltar como diferentes campos de estudo e seus respectivos acadêmicos seguem apoiando-se em obras literárias como forma de ilustrar e reforçar seus argumentos. Essa prática é comum até mesmo na área das Relações Internacionais, citando-se Darby (1998), Krishna (2001, 2013) e Seth (2013) como exemplo.

A teoria pós-colonial tem por característica debater e considerar o impacto que o período colonial teve sobre os países que mais sofreram com o colonialismo (as ex-colônias), sendo ela marcada por representar um conglomerado de críticas aos colonizadores e de simbolismos para as regiões colonizadas. Ela é muito pautada pelas transformações ocorridas no mundo a partir do final da Segunda Guerra Mundial, evento que acarretou na libertação da maior parte dos países que se encontravam sob o regime colonial (Young, 2009, 2012). A abordagem pós-colonial advém da área de estudo que ficou conhecida como “estudos subalternos” (Gandhi, 1998). É muito comum se atribuir a Edward Said o título de precursor do pós-colonialismo, uma vez que a publicação do seu livro “Orientalismo: Oriente como invenção do Ocidente”, em 1978, foi um marco no campo dos estudos pós-positivistas. Spivak (2003, p.18) chama atenção, também, para o fato de que um dos motivadores do desenvolvimento dos estudos pós-coloniais foi o aumento da migração asiática para os Estados Unidos a partir da década de 1960. O pós-colonialismo busca focar nas regiões que, durante o domínio europeu, eram consideradas como “inferiores” àquelas da Europa, e que, por isso, acabavam ignoradas em seus aspectos sociais, políticos e culturais. Essa teoria visa integrar as realidades e os conhecimentos dessas regiões através do estudo da história e das experiências dos indivíduos que se encontram nesta conjuntura (Young, 2009, 2012).

O mundo colonizado, na verdade, tem sido limitado pelas definições desenvolvidas por seus colonizadores – tanto no sentido de seu desenvolvimento pleno quanto no que diz respeito às questões identitárias, que acabavam sufocadas pelas determinações coloniais e que

deixaram marcas históricas e culturais que ainda podem ser identificadas. Essa particularidade da teoria pós-colonial de observar a experiência social da colonização possibilita o estudo e a compreensão dos movimentos de resistência colonial que se originaram nos países colonizados, além de trazer consigo uma visão holística de questões históricas, políticas, sociais e culturais que são integralizadas como contribuintes para o desenvolvimento dos Estados pós-coloniais (Young, 2009, 2012).

Dessa forma, os estudos de caráter pós-colonial se aproximam muito mais de uma abordagem do que uma teoria, uma vez que não existe uma apresentação nem uma aplicação concisa de suas definições. Não existe, também, construção clara do que exatamente ela implica, nem de quais são suas principais “vítimas” e maiores exemplos de resistência (Gandhi, 1998). De qualquer maneira, é necessário que se entenda o pós-colonialismo como uma continuação do colonialismo, não como a sua transformação absoluta. O colonialismo não terminou com o seu fim “oficial”. Isso se justifica a partir do ponto de vista que suas consequências ainda são sentidas (Ghandi, 1998; Young, 2012; Seth, 2013). De maneira geral, “Postcolonial theory involves a political analysis of the cultural history of colonialism, and investigates its contemporary effects in western and tricontinental cultures, making connections between that past and the politics of the present³” (Young, 2016, p. 6).

Para Young (2012, p. 22), o pós-colonialismo tem uma capacidade de adaptação e transformação para problemas recentes, o que faz com que ele não perca relevância. Isso faz com que o pós-colonialismo seja uma abordagem facilmente adaptada dentro de diferentes disciplinas e diferentes contextos. O autor aponta que as ondas de migrantes e refugiados geralmente resultam em camadas da população que ficam subalternizadas, trazendo, de certa forma, a pós-colonialidade para o ocidente colonizador (Young, 2012). Assim, o desafio contemporâneo é o de tornar acessível a libertação daqueles que a modernidade europeia falhou (Young, 2012, p. 27).

Entretanto, é importante não esquecer que o discurso do pós-colonialismo se encontra geograficamente localizado em três continentes do sul global: América Latina, Ásia e África (Young, 2016). Young (2016, p. 5) se refere a esse fenômeno como tricontinentalismo. Por causa disso, deve ser destacado que os países que enfrentam realidades pós-coloniais têm diversos tipos de problemas e dificuldades, que se relacionam ao Estado que os colonizou, a aquilo que passaram durante o colonialismo e a características regionais (Young, 2016).

³ “A teoria pós-colonial envolve uma análise política da história cultural do colonialismo e investiga os seus efeitos contemporâneos nas culturas ocidentais e tricontinentais, fazendo ligações entre esse passado e a política do presente” (Young, 2016, p. 6, tradução própria).

Porém, mesmo apesar da existência dessas diferenças, esses Estados estão unidos pelo legado que o colonialismo deixou, além da noção “moral” de que as ações exploratórias desses países foram problemáticas (Young, 2016).

É por isso que a abordagem pós-colonial tem tanta consideração com a história, principalmente a história dos povos colonizados e explorados que tendem a ser ignorados. Ela entende o passado e o presente como um contínuo profundamente conectado (Young, 2016). Segundo Young (2016, p. 4), existe uma necessidade de compreender a história do século XX como de resistência e reerguimento dos povos colonizados (Young, 2016). É a visão de que o pós-colonialismo faz questão de lembrar do passado, procurando nele as explicações que justifiquem o seu presente. Também, é necessário ressaltar que, além de o pós-colonialismo ser uma abordagem, ele também é um “projeto”, cujo principal objetivo é questionar a estrutura global e o porquê de certas regiões do mundo têm mais vantagens sob outras (Young, 2012). Ele tem em seu cerne a noção de que deve ser uma forma de auxiliar as sociedades pós-coloniais com a sua “recuperação” (Gandhi, 1998). É o lembrete de questões mal-resolvidas entre países exploradores e países explorados (Gandhi, 1998).

Diferentes expressões culturais foram essenciais para o desenvolvimento do pós-colonialismo, que viu principalmente dentro da literatura a melhor maneira de desenvolver-se, em função de representar uma interpretação da realidade do colonizado segundo o parecer do próprio indivíduo (Young, 2009). Para tanto, a literatura foi utilizada pelos povos colonizados como forma de atestar sua própria identidade como divergente daquela “herdada” da Europa, carregando e alimentando por meio de seus escritos debates e acontecimentos importantes para a parte do mundo que foi colonizada. Assim, é interessante perceber que há relação entre os produtos e expressões culturais desenvolvidos por meio da literatura e a conjuntura social criada em uma realidade pós-colonial (Said, 2013).

Deste modo, a literatura pós-colonial inflige um impacto nas relações políticas existentes dentro do vínculo entre os países que impuseram e os que sofreram o processo colonial. Em um primeiro momento, enquanto havia controle das grandes potências europeias sobre suas colônias, essa literatura se caracterizava por uma produção que exaltava a existência de uma colônia sob a regência de seu colonizador, desmerecendo-a. Isso, contudo, alterou-se no século XX, em especial a partir da década de 1950, quando as literaturas que se originavam nas colônias começaram a vir à frente, dando voz àqueles que por muito foram desconsiderados. Isso atesta que os estudos pós-coloniais tiveram seu início com os estudos literários (Ashcroft; Griffiths; Tiffin, 2004; Darby; Paolini, 1994; Macleod, 2013).

Seth (2013, p. 2) traz o olhar do pós-colonialismo para dentro das Relações Internacionais. O autor compreende que a abordagem pós-colonial se relaciona profundamente, a níveis fundacionais, com argumentos referentes aos sentimentos comunitários de um nacionalismo anticolonial, que se fortaleceram na época da independência de diversos países pertencentes ao recorte geográfico do tricontinentalismo. Ele reforça, porém, que o pós-colonialismo não se isenta de criticar o nacionalismo, uma vez que a abordagem advoga em prol da neutralização da noção de soberania. Esse combate proposto pela teoria advém da crítica de que Estados pós-coloniais não devem se “igualar” àqueles que os colonizaram ao replicarem sem questionamentos o modelo introduzido por seus dominadores (Seth, 2013). Com isso, abordagens pós-coloniais intencionam desafiar categorias e comportamentos tidos como “normais”, a partir da conduta das grandes potências, testando, assim, seus limites (Seth, 2013).

Dessa forma, o pós-colonialismo se torna um complemento essencial às Relações Internacionais, uma disciplina originada na Europa e que em grande medida desconsidera e relativiza a história, principalmente se ela advém de vivências oriundas de fora dos países considerados como os grandes poderes dentro do planeta (Seth, 2013). O objetivo do pós-colonialismo de desafiar o “padrão” mundial também desafia a própria disciplina das Relações Internacionais, em razão de seu foco permanente no ocidente e das suas origens eurocêntricas. Uma vez que a disciplina, em sua ortodoxia, leva apenas em considerações noções de uma moralidade ocidental (ou uma amoralidade, quando se fala de teorias próximas ao realismo), é comum que as Relações Internacionais desconsiderem, também, questões culturais (Seth, 2013).

Entretanto, a disciplina é equivocada ao desvalorizar produções culturais como ferramentas válidas para o entendimento de um país, ou ao tratá-las como questões quase “decorativas” dentro de uma lógica Estatal, principalmente no que diz respeito à literatura (romance, prosa, poesia) dos países que comungam de uma realidade pós-colonial (Krishna, 2013). Krishna (2013) argumenta que a literatura possibilita não apenas um entendimento profundo da construção nas nações pós-coloniais, mas também compreender e aceitar que elas se encontram em constante evolução após a conquista de sua independência. É a partir da existência não-estática dos países pós-coloniais que a literatura expõe as fragilidades e contrassensos desses países, em um processo de “liquefação” do Estado, que reconhece que a construção de uma nação pertence tanto ao imaginário social quanto ao governo (Krishna, 2013, p. 142).

Essa particularidade da abordagem pós-colonial entra em conflito com a disciplina das Relações Internacionais, uma vez que muito da perspectiva pós-colonial se apoia e se baseia na literatura (Gandhi, 1998). A partir da noção de que o advento da teoria é a obra do Orientalismo, faz sentido que essa tradição se aproprie da ideia de Edward Said que o imperialismo exerce uma influência textual, considerada por ele como um “discurso”, a partir de uma imaginação do oriente por parte do ocidente que o subestima e que dele desdenha (Gandhi, 1998). Após a publicação de Said, pesquisas que revelavam a relação entre a doutrina da colonização e a utilização da literatura ocidental como forma de justificá-la se intensificaram cada vez mais (Gandhi, 1998). Esse sistema foi responsável por implementar o padrão da literatura europeia, principalmente a literatura inglesa, como o modelo estético (Gandhi, 1998).

Isso, porém, não deve ser entendido como sinônimo de uma necessidade de se desconsiderar a apropriação de métodos advindos do império por parte de suas colônias. Desde que essas obras sejam bem-sucedidas em subverter o imperialismo implícito nesses modelos e, por consequência, renegar a interpretação que seus colonizadores faziam sobre eles, a autenticidade das narrativas pós-coloniais permanece válida (Gandhi, 1998, p. 151). Dessa forma, o romance anti-imperialista, assim como o jornalismo que se apoiava em simbolismos nacionalistas e na independência dos Estados pós-coloniais, servia como forma de suporte à construção da imagem nacional de um novo Estado. Isso faz com que o romance, na verdade, tenha uma relação muito próxima com os movimentos nacionalistas iniciados no século XX (Gandhi, 1998).

A literatura tida como pós-colonial passa a entender que a independência conquistada pelos países representa, em essência, apenas uma mudança burocrática, e que permanece viva a subordinação desses novos países em relação a seus antigos colonizadores (Boehmer, 2005). Em outras palavras, na prática, pouco havia mudado, ainda existindo uma reverência em relação aos antigos países europeus. Além disso, as estruturas de poder se mantiveram as mesmas, com os mesmos grupos de antes da independência sustentando seus cargos de relevância no governo (Boehmer, 2005).

Boehmer (2005, p. 231) nota que há uma alteração no tom dos romances, que até a década de 1960 viam a independência de forma muito positiva, mas que depois desse momento passam criticar esse movimento, uma vez que os objetivos esperados a partir dessa mudança política não foram atendidos (Boehmer, 2005). Ademais, de acordo com Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2002), a literatura pós-colonial foi muito utilizada como forma de estabelecer a identidade e a autenticidade das sociedades pós-coloniais, que agora se viam

livres das forças políticas europeias e buscavam firmar seu lugar no mundo (Ashcroft; Griffiths; Tiffin, 2002).

Muitos desses autores (mas definitivamente não todos) emigram para o ocidente, auxiliados por contatos feitos por suas famílias, uma vez que em seus países de origem faziam parte de uma elite intelectual e/ou financeira (Boehmer, 2005). Por isso, existe a crítica que, apesar de denunciarem a constante presença do colonialismo, agora em uma nova roupagem após a independência dos países, suas narrativas não são leais a nenhuma causa em particular, gerando vácuos temáticos, principalmente em meio às ondas de globalização (Boehmer, 2005). Essa mesma característica garante a fama de alguns autores pós-coloniais sob outros (Boehmer, 2005). A partir disso,

It remains an open question however whether this kind of writing holds much meaning for the people—even the members of resident élites—who inhabit the scenes of Third World confusion represented. In this context it is significant that postcolonial writers who retain a more national focus, who do not straddle worlds, or translate as well, do not rank as high in the West as do their migrant fellows, or simply remain unknown⁴ (Boehmer, 2005, p. 232 – 233).

Assim, é aberto o debate relacionado aos autores pós-coloniais e seu pertencimento às elites, visto que, num geral, a literatura tende a ser produzida por membros das classes médias e altas. Para Boehmer (2005, p. 233), pelo menos a literatura produzida por autores migrantes tende a ser consagrada a partir da aceitação tida por pessoas pertencentes a elite, tanto de seu país de origem quanto a dos países aos quais imigraram. Esse processo auxilia em muito o aumento da aceitação dessas obras em círculos internacionais (Boehmer, 2005, p. 233). Apesar dessas críticas, porém, isso não faz dessas literaturas menos pós-coloniais (Boehmer, 2005).

Outra questão que deve ser levada em consideração é a aproximação entre diferentes abordagens pós-positivistas. Isso é entendido a partir de uma ótica em que se observa que vários dessas epistemologias se preocupam com os mesmos fenômenos. No caso do pós-colonialismo, essa aproximação é vista por meio de uma preocupação com a marginalização e de um interesse particular no desenvolvimento de diferentes identidades (Boehmer, 2005). Também, há uma necessidade em demonstrar as falhas do modelo colonial, bem como o

⁴ “Permanece, no entanto, uma questão em aberto se este tipo de escrita tem algum significado para as pessoas – mesmo os membros das elites residentes – que habitam as cenas de confusão do Terceiro Mundo representadas. Neste contexto, é significativo que os escritores pós-coloniais que mantêm um enfoque mais nacional, que não atravessam mundos, nem traduzem também, não tenham uma classificação tão elevada no Ocidente como os seus colegas migrantes, ou simplesmente permaneçam desconhecidos” (Boehmer, 2005, p. 232-233, tradução própria).

enfraquecimento da autoridade e a impermanência das “grandes narrativas” através de mensagens que desafiam o padrão ocidental (Boehmer, 2005).

Boehmer (2005, p. 241) encoraja o leitor (e, por consequência, o pesquisador) de literatura pós-colonial a se debruçar sobre os pormenores culturais de diferentes países e regiões, evitando assim a falácia de que a literatura pós-colonial pode ser interpretada como uma formação única. Se faz necessário resgatar algumas particularidades socioculturais, linguísticas e tradicionais para que seja possível tentar contornar questões que possam emergir com a tradução cultural (não no sentido literal de tradução de texto, mas sim de tradução de significado), fato que ela também indica como podendo ser um possível problema da literatura pós-colonial (Boehmer, 2005, p. 248). Esse esforço permite que seja feito um impulso no que tange a “autorepresentação” de comunidades marginalizados (Boehmer, 2005).

Gayatri Spivak (2003), uma das mais relevantes pesquisadoras no campo do pós-colonialismo, defende uma tese similar. A autora entende uma necessidade tanto da disciplina de literatura comparada abarcar estudos de área, quanto dos estudos de área englobarem conhecimentos literários em sua prática (Spivak, 2003, p. 20). Para ela, estudos de área (que se encontram também dentro das Relações Internacionais) obrigatoriamente traspassam a literatura e a linguística. Isso também reforça a necessidade de se afastar de produções culturais feitas apenas em línguas europeias que ela considera como “hegemônicas” (Spivak, 2003). Isso vem com uma série de desafios, como já pontuado. Entretanto, o esforço precisa ser feito para que essas disciplinas possam ser revertidas e passem a, de fato, levar indivíduos pós-coloniais e suas regiões em consideração (Spivak, 2003).

No que tange à literatura árabe, essa questão é bastante relevante. É muito comum que se entenda como literatura pós-colonial apenas aquela publicada em idiomas europeus, passados para os novos Estados tricontinentalistas através do processo colonial europeu. Isso se aplica, principalmente, para a literatura anglófona, publicada em países como Estados Unidos ou Inglaterra por autores que imigraram para lá (Muharram, 2012). Dessa forma, a literatura árabe (especialmente a publicada em árabe, mas também a escrita originalmente em outros idiomas), sofre uma significativa discriminação – que tende a ser esquecida por pesquisadores de literatura pós-colonial e desconsiderada dentro da categoria (Muharram, 2012).

Existe uma necessidade de reforçar que a região também sofreu consideravelmente com o colonialismo e o imperialismo europeu, e que isso também refletiu em sua literatura (Muharram, 2012). Há indícios que esse tipo de ocorrência pode ser justificado com base em preceitos orientalistas, que acreditam, por exemplo, que não há nada na literatura da região

que valha a pena ser traduzida e estudada (Muharram, 2012). Ademais, há também argumentos referentes à língua árabe ser “primitiva”, justificativa também muito orientalista (Muharram, 2012). Felizmente, essa crença vem mudando consideravelmente nas últimas três décadas, com o interesse na literatura árabe crescendo gradativamente (Stanton, 2023).

Ao longo do texto desta dissertação, será feito o esforço de costurar o conteúdo apresentado com novos autores de abordagens pós-coloniais, com o intuito de enriquecer o debate histórico-conceitual presente nos próximos capítulos. O foco será na noção de uma pós-colonialidade árabe, voltada para as particularidades de suas vivências, bem como na ideia de que a literatura árabe tem uma forte relação com a política regional a partir de suas temáticas e das escolhas narrativas feitas por seus autores. Serão utilizadas autoras como Moore (2018) e Cooke (2020), que defendem a continuidade do pós-colonialismo na literatura árabe, justificando-a a partir das características políticas próprias da região, como, por exemplo o longo histórico de invasões ocidentais a países da região e o histórico de lideranças autoritárias produzidas como resultado, direto e indireto, da exploração colonial. Assim, a literatura pós-colonial árabe, que vem despertando interesse mundial a partir do aumento da quantidade de obras traduzidas apenas nas últimas décadas (Moore, 2018), faz-se potencial objeto de análise no contexto das Relações Internacionais.

1.3 METODOLOGIA

Como apontado na contextualização desta dissertação, se tem como fato que a literatura árabe historicamente é imbuída de questões políticas. Essa noção partiu de uma observação empírica que via na literatura árabe um reflexo direto da realidade social e política da região. Esse fenômeno ocorre desde antes da introdução do modelo do europeu de literatura, o romance, ao inventário de expressões culturais árabes. Ela, porém, se intensificou a partir da *nahda* e do retorno árabe à produção de literatura, se exacerbando a partir do fim do período colonial. Esse fato pode ser percebido em um grande número de obras publicadas pelos maiores nomes da literatura árabe reconhecidos mundialmente e de diferentes gêneros, como por exemplo Naguib Mahfouz, Tayeb Salih e Abdul Rahman Munif.

Naguib Mahfouz, o autor árabe mais conhecido internacionalmente e único vencedor árabe do Prêmio Nobel da Literatura, muito escrevia sobre a vida egípcia moderna, com destaque especial para sua obra mais conhecida, a Trilogia do Cairo (em ordem, *Bayn al-*

Qasrayn, 1956, *Qasr al-Chawq* e *al-Sukkariyya*, ambos de 1957)⁵, que acompanha a vida de uma família cairena desde a Revolução Egípcia de 1919 até quase o início década de 1950 em um esforço de documentar a transformação sofrida pelo Egito e sua população durante o período. Tayeb Salih é autor de *Mawsim al-hijrah ila al-chama* (Tempo de Migrar para o Norte, publicado originalmente em 1966)⁶, que discorre através da ficção sobre os conflitos sociais e raciais existentes no Sudão, bem como as dicotomias entre a vida no ocidente colonizador e no oriente colonizado (al-Musawi, 2012). Abdul Rahman Munif, autor saudita que publicou o quinteto *Mudun al-milh* (*al-Tih*, 1984, *al-Ukhdud*, 1986, *Taqasim al-layl wa al-Nahar*, 1989, *al-Manbat*, 1989, e *Badiyat Azzolumat*, 1989)⁷, narra a transformação gerada pela descoberta de petróleo em um país árabe fictício localizado na região do Golfo Árabe (Mambrol, 2022).

Em função da abordagem temática do *iltizam*, que tende a focar em romances, essa dissertação irá se focar nesse estilo literário. Entretanto, reconhece-se que gêneros como a poesia e o teatro também tem o potencial de serem altamente políticos, como demonstra Mahmud Darwich, conhecido como o principal poeta palestino, que fez da sua arte um veículo para defender a causa palestina e denunciar as mazelas sofridas por esse povo (Omar, 2022). Com essas descrições, observa-se também que essas obras incorporam em seus textos acontecimentos, fenômenos ou causas que foram muito proeminentes nos países árabes. Isso corrobora com a observação empírica sobre a relação próxima existente entre política e literatura no mundo árabe, a partir da transformação desses eventos em temáticas literárias, principalmente no gênero do romance. A partir desse raciocínio, faz sentido presumir que deva existir pelo menos uma narrativa que aborda e explora cada um dos grandes eventos sociopolíticos ocorridos no mundo árabe, buscando fazer uma reflexão acerca deles.

A Primavera Árabe, que se iniciou em dezembro de 2010, com a Revolução Tunisiana, e que transbordou para o restante do mundo árabe logo no início de 2011, foi o acontecimento de maior proporção ocorrido na região desde o início do século XXI. A forma como reverberou, em maior ou menor escala, por todos os países árabes, gerou resultados surpreendentes e consequências imprevisíveis que, até hoje, mais de uma década depois da

⁵ No Brasil, a trilogia foi traduzida pela Editora Record. Em ordem, os títulos ficaram como: Entre Dois Palácios, Palácio do Desejo e O Jardim do Passado. Em árabe, o título dos romances faz alusão ao nome de ruas reais na cidade do Cairo.

⁶ No Brasil, o romance foi publicado pela Editora Planeta em 2004. Uma nova edição do romance foi publicada em 2018, dessa vez pertencendo a empresa de curadoria literária TAG, com tradução de Safa Jubran.

⁷ Em tradução feita por Mambrol (para o inglês), o título do quinteto é *Cities of Salt* (Cidades de Sal, em tradução própria). Em ordem e seguindo a mesma tradução apresentada por Mambrol (2022), os romances são intitulados de: O labirinto, A trincheira, Variações do dia e da Noite, O desenraizado, e o Deserto da Escuridão (tradução própria). Nenhum livro de Munif foi traduzido ao português brasileiro.

sua ocorrência, ainda são observadas e sentidas na região. Não existindo uma concordância por parte da literatura no que diz respeito ao real motivador da Primavera Árabe, são mencionadas questões sociais, econômicas e políticas como principais provocadores, como por exemplo o desemprego generalizado, a inexistência de um sistema político democrático, as precárias condições de vida e a agressividade das forças policiais e governamentais (Achcar, 2013; Fawcett, 2013; Lucas, 2014; Bayat, 2017; Grinin; Koratayev, 2022). A queda de quatro líderes políticos, a ascensão de grupos islamistas como partidos políticos oficiais, guerras civis e crises mundiais de refúgio são apenas alguns dos reflexos observados nesse fenômeno que foi tão marcante na política regional e global.

A partir dos argumentos e fatos expostos, surge uma dúvida referente a forma que a Primavera Árabe apareceria representada e refletida na literatura árabe publicada depois do seu acontecimento. Dado o longo histórico da literatura árabe em retratar eventos sociopolíticos árabes, passa a se entender que existe uma real possibilidade que o mesmo padrão também se repetiria com o Levante de 2011. Por isso, irá tratar-se a literatura árabe, escrita no idioma árabe por autores nascidos em países árabes, como um estudo de caso, uma vez que se imagina que esse será apenas mais um capítulo desse fenômeno. O'Leary (2004, p. 115) descreve o estudo de caso como o estudo de um cenário específico cujo principal objetivo é entender sua profundidade. No caso desta dissertação, a finalidade é de compará-lo e aplicá-lo ao todo, em uma tentativa de corroborar com uma hipótese que indica a continuidade da politização da literatura árabe.

O *corpus* desta dissertação é composto por uma variedade de tópicos que visam responder sua pergunta de pesquisa e corroborar com sua hipótese. Em ordem, primeiramente, esse trabalho irá se ocupar em explorar a evolução da literatura árabe ao longo dos séculos. Especialmente, ele se focará, em um primeiro momento, na inserção do romance como estilo literário no mundo árabe, a partir do século XIX, e na pós-colonialidade dos romances árabes. Para isso, se apropria de autores como Abu-Lughod (1968), Tayib (1983), Allen (1982, 2000, 2001, 2008), Hafez (2001), Cachia (2002) e al-Musawi (2003, 2012) e Moore (2018). Posteriormente, ainda na mesma temática, se ocupará em explorar a filosofia literária árabe do *iltizam*, que tomou forma evidente a partir do final da década de 1940 e do início da década de 1950. Para esse objetivo, se utiliza principalmente de Klemm (2000), o livro organizado por Albers, Khalil e Pannewick, (2015), Dimeo (2016) e Di-Capua (2018b).

Em um outro momento, essa dissertação passa a estudar a Primavera Árabe. Será feito um panorama social, político e econômico que tem por objetivo traçar o caminho percorrido pelos Estados árabes em direção ao Levante de 2011. Em outras palavras, busca-se averiguar

as possíveis motivações que levaram à população árabe a protestar contra seus governos. Também, esse trabalho explora as consequências causadas pela Primavera Árabe. Esse exercício é uma tentativa tanto de estabelecer algumas das principais demandas populares no movimento, quanto de compreender os principais temas e questões presentes durante e depois da Primavera Árabe. Esse esforço se faz essencial para que seja possível a realização da análise, terceira parte do *corpus* dessa pesquisa. Muitos autores foram utilizados para se explorar a Primavera Árabe. As principais publicações utilizadas foram: Chaudhry (1994), Ayubi (1997), Murphy (1999), Fawcett (2013), Kadalsh (2014), o livro organizado por Larbi (2015), Doemeland e Schiffbauer (2016), Bayat (2017), Belcastro (2020), o livro organizado por Goldstone, Grinin e Korotayev (2022) e Salem (2023).

A terceira a última parte do *corpus* da pesquisa envolve a análise das obras. Ela inclui um breve apanhado das diferentes expressões culturais ocorridas durante e depois da Primavera Árabe, citando principalmente textos de autoria de Hamamsy e Soliman (2013), Gibbons (2019), Mohamed (2019), al-Areqi, (2020), Pratt (2020), Youseff (2021) e Younas (2023), além de referenciar novamente autores presentes no livro organizado por Albers, Khalil e Pannewick (2015). Também se ocupa em fazer uma contextualização sobre a importância da tradução, uma vez que, sem essa arte, o acesso à literatura árabe seria muito pequeno, e sobre o *International Prize for Arabic Fiction* (IPAF), já que ele é um importante veículo para a circulação da literatura árabe no mundo e, por isso, o recorte escolhido para a produção desta dissertação. Aqui, se utiliza, além do *website* do IPAF, fontes como: Aboul-Ela (2001), Tymoczko (2002), Muharram (2012), Huang e Valdeón (2022) e Stanton (2023).

A escolha dos romances estudados nessa dissertação se apoia em dois pilares: ou se o autor ou a autora admitiu haver se inspirado nos eventos da Primavera Árabe para a produção do seu romance ou se foram identificados por parte da escritora dessa dissertação pontos de contato entre a narrativa do romance e a Primavera Árabe, existindo outras publicações acadêmicas que corroboram com essa percepção. Para que isso fosse identificado, se procurou dois estilos distintos de fonte: entrevistas concedidas pelos autores e artigos científicos e capítulos de livros publicados que validam a percepção da autora dessa dissertação. Tanto as entrevistas quanto os artigos precisavam estar disponíveis em inglês ou português, uma vez que essas são as línguas que a pesquisadora consegue ler com fluência. Por isso, todo o material publicado em outros idiomas, incluindo o árabe original falado pelos autores, foi descartado.

Ao todo, foram lidos cinco romances para a produção deste trabalho:

a) *Correio noturno*, de Hoda Barakar (publicado originalmente em 2017);

- b) *Ibn Arabi's Small Death*, de Mohammad Alwan (publicado originalmente em 2016);
- c) *Fractured Destinies*, de Rabai al-Madhoun (publicado originalmente em 2015);
- d) *The Italian*, de Shukri Mabkhout (publicado originalmente em 2014);
- e) *Frankenstein in Baghdad*, de Ahmed Saadawi (publicado originalmente em 2013)⁸.

As cinco obras foram publicadas depois de 2011 e traduzidas para um dos dois idiomas que a autora dessa dissertação possui fluência. Foi a partir disso que os três romances analisados foram escolhidos. Um sexto livro chegou a ser traduzido para o inglês: *The Bookseller's Notebooks*, de Jalal Bargas (originalmente publicado em 2020). Este, entretanto, não fez parte do recorte, em função de sua publicação ter ocorrido apenas ao final de 2022, quando o trabalho já havia sido estruturado e já estava sendo produzido. Por isso, a amostra final deste estudo se resume nos três romances já identificados.

Para a realização da análise, esta dissertação utilizará a metodologia da narratologia. Composto o campo da teoria literária, a narratologia compreende a importância de se analisar uma narrativa por sua estrutura e seus contornos (Darby, 1998) e estabelece a história contada em sua própria veracidade, sem questionar se há separação entre verdade e ficção, focando-se na construção da narrativa e nas mensagens transmitidas pela história contada (Prince; Noble, 1991; Darby, 1998). Além disso, a narratologia não se limita à análise de textos, sendo seu objeto tudo aquilo que narra algo, o que pode perfazer romances, filmes, peças de teatro, pinturas (Bal, 1990; 1997). Ainda, segundo a narratologia, uma análise pode muito bem abrir-se a diversas possibilidades, em vez de limitar-se a uma interpretação única, possibilitando, desse modo, várias indagações sobre o texto analisado (Prince, 1982). De acordo com Bal (1997, p. 11), interpretações de textos a partir da narratologia são apenas sugestões que terão validade quando bem embasadas.

Compreende-se que, como teoria, a narratologia se aproxima muito mais de uma abordagem pós-estruturalista do que propriamente o pós-colonial, escolhida como a principal diretriz teórica desta dissertação. Porém, aqui compreende-se a narratologia apenas como uma ferramenta metodológica utilizada exclusivamente para a realização da análise das obras. Essa metodologia de análise fundamenta-se no funcionamento da narrativa e na forma que ela toma (Prince, 1982), buscando, a partir daí, analisar os textos (Bal, 1997). É, de forma resumida, a teoria máxima sobre as narrativas (Bal, 1997), pois estuda aquilo que toda narrativa tem em comum e o que diferencia uma narrativa de outra:

⁸ Os títulos das obras foram mencionados de acordo com a tradução e edição lidas.

It consists (or it should consist!) of an ordered collection of statements aiming at *explicitness* (indicating, with a minimum of interpretation left to a user, how a narrative can be produced and/or processed by utilizing certain rules) *completeness* (accounting for all and only narratives), and *empirical plausibility* (in line with what we know about cognitive and communicative determinants)⁹ (Prince, 1982, p. 182).

Bal (1997, p. 6) considera que a análise da narratologia baseia-se em três níveis e conceitos: o texto (a história contada por um agente), a fábula (uma sequência lógica de acontecimentos aos quais os atores do texto são submetidos; o conteúdo que preenche a história, que segue as regras por ela impostas e inclui elementos como tempo, atores, localização e eventos, bem como a relação entre essas partes) e a história (a forma pela qual a fábula é apresentada) (Bal, 1997). A fábula só pode ser apreendida por meio da interpretação da história por parte do indivíduo que consome aquela arte (Bal, 1997, p. 9), já que é um produto da narrativa. Esses três pontos são interligados, porém devem ser estudados em relação ao texto de maneira individual (Bal, 1997). O objetivo de uma análise assim dividida é o de compreender o impacto que o consumo da narrativa tem sobre o leitor/expectador/observador (Bal, 1997).

A narratologia, dessa forma, não visa a averiguar, nem a falsear aquilo que está escrito em um texto de ficção, trata tudo aquilo que está escrito na narrativa como uma verdade inquestionável. Assim, tanto fatos que realmente ocorreram como invenções por parte do autor podem coexistir nos textos, de forma harmoniosa. Entretanto, a narratologia não ignora a verdade, mas apenas compreende o texto como um produto fechado em si (Prince; Noble, 1991). Para tanto,

If it is correct to say that narratology attempts to isolate the principles governing the production of any narrative, it is also correct to note that – like any undertaking of structuralist origin – narratology tries to specify the condition for intelligibility of narrative, that is, what enables to make sense [...] narrative intelligibility is based upon the relationships, in the narrative universe, between a world designed as real – what is, what was, what will be, what could be – and more or less adequate representation, perceptions and notions of that world. I think it goes without saying that these relationships are explicit and elaborately thematized in many narratives, whether fictional or veracious, scientific or fantastic [...] ¹⁰ (Prince; Noble, 1991, p. 547).

⁹ “Consiste (ou deveria consistir!) em uma coleção ordenada de declarações visando à explicitação (indicando, com um mínimo de interpretação deixada ao usuário, como uma narrativa pode ser produzida e/ou processada pela utilização de certas regras), à completude (dando conta de todas e apenas as narrativas) e plausibilidade empírica (em linha com o que sabemos sobre determinantes cognitivos e comunicativos)” (Prince, 1982, p. 182, tradução própria).

¹⁰ “Se é correto dizer que a narratologia tenta isolar os princípios que regem a produção de qualquer narrativa, também é correto notar que – como qualquer empreendimento de origem estruturalista – a narratologia tenta especificar a condição de inteligibilidade da narrativa, isto é, o que permite fazer sentido [...] narrativa é inteligibilidade é baseada nas relações, no universo narrativo, entre um mundo concebido como real – o que é, o que foi, o que será, o que poderia ser – e representações, percepções mais ou menos adequadas e noções desse mundo. Acho que nem é preciso dizer que essas relações são explícitas e tematizadas de forma elaborada

Portanto, a narratologia busca estabelecer a natureza da narrativa (Prince, Noble, 1992), que, dessa forma, pode ser definida como uma sequência de acontecimentos, reais ou fictícios, que seguem uma linha de tempo (Prince, 1982). A narrativa pode ser recontada de maneiras diferentes, dependendo do que é considerado relevante por quem a reconta. Além disso, por vezes, o recontador pode narrar os fatos fora de ordem, ou adicionar outros elementos à história, que não estão explícitos no texto (Prince, 1982). Sabendo-se desse fato, pode-se compreender a interpretação de narrativas como um exercício de reflexão no que tange à natureza da cultura, como aponta White (1980, p. 5). Existem, entretanto, pontos que permanecem consistentes e que caracterizam uma narrativa (Prince, 1982).

Um fato curioso é que existe um padrão, que atravessa diferentes culturas e sociedades, estabelece e diferencia o que é uma narrativa e o que não é (White, 1980; Prince, 1982). Assim, dadas as características universais de uma narrativa, é possível observar-se como fica mais simples o processo de se conhecer uma nova cultura a partir da narrativa; seres humanos têm maior facilidade de absorver e compreender histórias do que de apropriar-se de sistemas culturais através do contato (White, 1980, p. 5).

A narrativa é, em seu direito, um fenômeno cultural (Bal, 1997, p. 9). Dessa forma, vivências podem ser compartilhadas ao considerar-se a narrativa um “metacódigo”, um transmissor (White, 1980). Entretanto, é necessário que se tenha consciência do fato de que eventos ocorridos não são narradores em si, sendo eles apenas ocorridos fatídicos, referentes de um discurso (White, 1980, p. 8). Ao se transformar um evento real em uma narrativa, cria-se um empecilho com a narrativização desses acontecimentos, já que esse é um exercício muito difícil de se realizar, dada a inexistência de uma história “real”. Assim, Bal (1997) considera a narratologia como um exercício cultural: “The point of narratology, defined as reflection on the generically specific, narrative determinants of the production of **meaning in semiotic interaction, is not in the construction of a perfectly** reliable model which 'fits' the texts¹¹” (Bal, 1997, p. 14, grifo do autor).

Em uma narrativa, há a figura do narrador, o agente que, por parte do texto, conta a história a sua maneira. Aquilo que é descrito pelo narrador, porém, nem sempre tange diretamente à história, podendo, por vezes, desviar-se para questões opinativas ou explicações aprofundadas (Bal, 1997). Existe o estabelecimento de uma espécie de sistema que organiza

em muitas narrativas, sejam elas ficcionais ou verídicas, científicas ou fantásticas [...]” (Prince; Noble, 1991, p. 547, tradução própria).

¹¹ “O objetivo da narratologia, definida como a reflexão sobre os determinantes narrativos genericamente específicos da produção **de significado na interação semiótica, não está na construção de um modelo perfeitamente** confiável que 'se ajuste' aos textos” (Bal, 1997, p. 14, grifo do autor, tradução própria).

o universo da narrativa, que permitirá encontrar significado em determinada obra. Para isso, é necessário definir convenções ou ferramentas que podem determinar a modalidade alética de um texto (Prince; Noble, 1991, p. 548). Assim, presume-se a existência de um narrador “confiável”, a partir do qual se assume que tudo o que ele menciona é, naquele contexto, a verdade. No caso de um conflito entre o que o narrador diz e o que um dos personagens da obra diz, as palavras do narrador são consideradas verdadeiras (Prince; Noble, 1991).

Bal (1990, p. 730) frisa que a narrativa deve ser considerada como um “[...] discursive mode which affects semiotic objects in variable degrees [...]”¹². Com isso, é interessante notar como a narratologia pode ser utilizada para analisar ponderações voltadas a questões sociais e ideológicas, não havendo elementos de dicotomia em suas análises (Ball, 1990, p. 750). Ademais, a narratologia também não é neutra em relação à história, uma vez que, “[...] contrary, to the extent that a careful analysis of narrative structure counters interpretations based on prejudice, convention, or ideology, and the more precise such an analysis is, the better it helps to position the object within history¹³” (Bal, 1990, p. 750).

Em suma, para além da análise dos romances aqui mencionados, este trabalho será essencialmente construído a partir de uma pesquisa bibliográfica no que tange aos principais temas que contempla: pós-colonialismo, literatura pós-colonial, literatura árabe, existencialismo árabe, *iltizam* e a Primavera Árabe. As fontes serão obtidas a partir de pesquisas realizadas em repositórios acadêmicos internacionalmente reconhecidos, a exemplo de JSTOR, Taylor & Francis, Oxford University Press, Cambridge University Press; por meio da indicação de leituras feitas por pares; e, também, a partir da realização de leituras encontradas em bibliografias de outras fontes (método *snowballing*).

1.4 LIMITAÇÕES E JUSTIFICATIVAS

Quanto às limitações deste trabalho, deve-se destacar que narrativas, documentos, materiais acadêmicos e quaisquer outras fontes consideradas para a confecção da dissertação, que não se encontram disponíveis em inglês ou português, estarão fora do escopo de pesquisa, uma vez que a autora domina apenas esses dois idiomas. Entretanto, há elementos que amparam a produção da dissertação mesmo com a existência dessa barreira linguística. A pesquisa debruça-

¹² “[...] modo discursivo que afeta a semiótica dos objetos em graus variados [...]” (Bal, 1990, p. 750, tradução própria).

¹³ “[...] pelo contrário, na medida em que uma análise cuidadosa da estrutura narrativa contraria interpretações baseadas em preconceitos, convenções ou ideologia, e quanto mais precisa for essa análise, melhor ela ajuda a posicionar o objeto dentro da história” (Bal, 1990, p. 750, tradução própria).

se sobre questões culturais, políticas e sociais relevantes à sociedade árabe. Impedir a produção de uma pesquisa que contemple tais elementos em função da limitação apresentada reforça padrões estruturais coloniais que esse estudo visa a contrariar. Visto que a academia brasileira exige apenas a fluência em idiomas originários da Europa – com destaque para o português (como língua nativa), o inglês, o espanhol e o francês – é até mesmo inadequado invalidar uma análise como a proposta nesse trabalho por causa de questões linguísticas, principalmente considerando-se o fato de ser esta uma dissertação que, produzida no sul global, refere-se a uma importante força, a sociedade árabe, que também pertence ao sul global.

Quanto às justificativas, há diversos argumentos que legitimam a produção de uma dissertação deste perfil na área das Relações Internacionais. Primeiramente, dado que este trabalho se apoia no escopo das abordagens pós-coloniais e na presença delas dentro do campo de estudo das Relações Internacionais, ele introduz, em sua essência, um prisma que se afasta da ortodoxia da área de pesquisa com a qual visa a contribuir. Dessa forma, ao se propor a fomentar pesquisas desse gênero, a dissertação aqui apresentada busca fugir a um entendimento tradicional do que pode ser reconhecido como Relações Internacionais, sustentando uma ampliação do escopo da área e colaborando com análises holísticas das Relações Internacionais. Uma pesquisa desse gênero traz tons e nuances a uma área de pesquisa que tende a ter uma abordagem pouco flexível e que desconsidera questões importantes à realização de análises integrais, como apontado por Darby e Paolini (1994).

Diante do fato de esta dissertação trabalhar diretamente com um produto cultural, neste caso, a literatura árabe, produzida no idioma árabe, por autores árabes, espera-se que o estudo contribua com o processo de enriquecimento da pesquisa voltada à política internacional, ao abordá-la de maneira multidisciplinar, possibilitando a abertura de debates teóricos que vão além da fixação no Estado, como agente principal e singular, e nas organizações internacionais (que geralmente tem os Estados como principais membros). Assim, como esta pesquisa se propõe a apresentar uma porção relevante da literatura mundial como agente das Relações Internacionais, em razão do teor político contido nessas obras, ela acaba por introduzir uma nova abordagem no arcabouço analítico das Relações Internacionais.

Também, como já argumentado, ter um entendimento holístico da literatura árabe é, de certa forma, ter um entendimento da política árabe, uma vez que muito da situação social, econômica e política da região acaba aparecendo nas narrativas produzidas por autores da região. Dessa forma, a justificativa também parte de um ponto de vista pós-colonial. Pela teoria compreender que há uma grande relevância em levar em consideração a arte produzida por grupos afetados pela colonialidade, uma vez que ela é uma das poucas formas que esses

grupos possuem para verdadeiramente se expressarem e terem suas vozes ouvidas, é fundamental dentro das Relações Internacionais se considerar essas produções culturais. Isso se dá, pois esse é o espaço que o colonizado tem de expressar suas reflexões sobre si próprio e sobre a região que habitam.

Ademais, há também um entendimento por parte dos autores aqui explorados, Barakat (2020), Mabkhout (2021) e Saadawi (2018c), que a literatura serve como forma de se verdadeiramente aproximar do objeto em questão através de uma ficcionalização da realidade que permite que a imaginação assuma o papel de criador e interpretador de acontecimentos reais. Dessa forma, compreender a literatura árabe também é compreender a forma que as pessoas que pertencem àquela região entendem a si mesmas, permitindo um diálogo mais fluido e claro do funcionamento dessa região, enriquecendo as Relações Internacionais a partir de uma visão dessas questões não a partir dos países pertencentes a uma “hegemonia”, mas sim daqueles que sofrem com esses problemas.

Esta dissertação também tem a intenção de celebrar a literatura árabe por sua riqueza e complexidade, diante da academia e da sociedade brasileira, conferindo-lhe uma característica de conexão entre um dos principais veículos da cultura árabe, a literatura, e o Brasil, na expectativa de que os escritos aqui analisados se destaquem em função de sua significância e sua potência. Visto que se ocupa em explorar aspectos políticos presentes na literatura árabe, espera-se que o trabalho atinja o objetivo de destacá-la. O estudo de regiões provenientes do sul global a partir de uma visão pós-colonial incentiva a implementação de demandas vindas dessa área, ampliando o espaço que poderá vir a ser ocupado por esses Estados e grupos, como apontado por Davies e Boehmer (2019).

Inserida nesse contexto, esta pesquisa tem o potencial de apontar uma aproximação entre as culturas sul-sul, com foco na relação cultural entre Brasil e mundo árabe. Uma vez que a maioria dos países que fazem parte do sul global têm um passado colonial e seguem sofrendo consequências desse período, como foi devidamente apontado por Young (2016), é de grande importância que o próprio sul global dê destaque a produções lá originadas. O Mundo árabe e o Brasil mantêm um longo histórico de relações amistosas, de modo que faz sentido uma produção desta natureza em uma universidade brasileira. Essa dissertação pode servir como elo entre a produção cultural do mundo árabe, com foco na literatura, e a academia brasileira. Espera-se que, em algum momento futuro, o conhecimento aqui produzido chegue também à população interessada no assunto, servindo, assim, como uma demonstração da riqueza que a literatura árabe apresenta e destacando a forma por meio da qual aquele grupo sociocultural escreve e narra suas próprias histórias.

2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA O MUNDO ÁRABE

Este capítulo tem por objetivo explorar a relevância social, cultural e política que a literatura tem para o mundo árabe, desde o início de sua estruturação como sociedade. Dividido em três partes, visa a traçar uma linha temporal, apontando características dessa literatura tão rica, e argumentar sobre sua importância tanto para o desenvolvimento das sociedades árabes quanto para a identidade árabe como um todo. Procurando compreender a tendência da literatura árabe à politização, o capítulo fundamenta-se em autores especializados nos tópicos aqui abordados, a exemplo de Abu-Lughod (1963), Allen (1982, 2000, 2001), Hourani (1983, 2006), Klemm (2000), Hafez (2001), Cachia (2002), al-Musawi (2003, 2012), Suleiman (2006a, 2006b), Di-Capua (2015, 2018b), Dawisha (2016), Dimeo (2016), Moore (2018), entre outros.

A primeira parte do capítulo, (2.1) *A criação da ficção árabe como gênero literário*, evidencia que o embrião da literatura árabe pode ser identificado no século V, quando se estimou ter havido o primeiro registro de poesia árabe. A importância da literatura é justificada por Hourani (1996) e Cachia (2002) a partir do fato de que ela serviu para estabelecer o idioma árabe, padronizando-o para fins artísticos. Tal processo se acentuou com o advento do islamismo, uma vez que o Alcorão foi revelado a Maomé em árabe, que, então, tornou-se a língua sagrada da religião, e isso possibilitou a propagação do idioma de maneira homogênea pelo mundo árabe (Hourani, 1996; Cachia, 2002). É por isso que, para autores como Allen (1986), Hourani (1996) e Dawisha (2016), há um entendimento de que o mundo árabe é compreendido por aqueles países que têm o árabe como língua mãe. Quando houve o contato do mundo árabe com a Europa, a partir da invasão francesa ao Egito, no final do século XVIII, diversos conceitos e padrões ocidentais fizeram-se conhecidos no mundo árabe (al-Raziq, 1922; Abu-Lughod, 1968; Allen, 2000; Cachia, 2002; Cole, 2007; Dimeo, 2016), fato que muito impactou a literatura (al-Raziq, 1922; Abu-Lughod, 1968; Allen, 2000; Cachia, 2002). O gênero romance foi apresentado ao mundo árabe a partir desse processo (Allen, 1986, 2000; Hafez, 2001).

A segunda parte do capítulo, intitulada (2.2) *O amadurecimento da literatura árabe e sua literatura pós-colonial*, define o final da década de 1940 e o início da década de 1950 como o período em que o romance árabe atingiu sua maturação completa, com o auxílio e a liderança do autor egípcio Naguib Mahfouz (Allen, 2001). Ao final da Segunda Guerra Mundial, e com o início dos processos de independência daquilo que ficou conhecido como “Terceiro Mundo”, as alterações sociais e políticas enfrentadas por todos os países movimentaram a realidade

árabe, e, ainda na década de 1940, tiveram início os desafios que ainda se perpetuam no século XXI: a questão palestina, as intervenções militares, as Guerras e os governos autoritários. Tais questões influenciaram a literatura, que assumiu fortes características contra-hegemônicas e, por vezes, antinacionalistas, dependendo da origem do autor da obra (al-Musawi, 2003, 2012; Moore, 2018). Independentemente disso, como será visto, a literatura foi fundamental para a construção dos Estados-nações árabes (Suleiman, 2006a, 2006b).

Por fim, a terceira parte deste capítulo intitula-se (2.3) “*Iltizam*: comprometimento e institucionalização da tradição da responsabilidade do autor”. *Iltizam*, que pode ser traduzido como comprometimento, é um conceito de que a literatura árabe se apropriou a partir do existencialismo francês de Jean Paul Sartre, tendo evoluído, no mundo árabe, para um significado próprio (Klemm, 2000; Dimeo, 2016; Di-Capua, 2018b). Sua premissa básica é a de que o autor, como membro de uma elite intelectual, deve estar politicamente engajado com o futuro das sociedades árabes, lutando por seu avanço e desenvolvimento a partir de escritos engajados e debates calorosos (Dimeo, 2016; Di-Capua, 2018b). Assim como diversas outras noções (tais como o pan-arabismo, a secularidade árabe, a esquerda árabe), o *iltizam* teve seu auge durante as décadas de 1950 e 1960. Contudo, com a derrota árabe na Guerra de 1967, ele perdeu forças, assim como as demais crenças que tinham destaque na mesma época e movimentavam o mundo árabe (Dimeo, 2016; Di-Capua, 2018b). Debate-se, porém, se o *iltizam* deixou de existir completamente, ou se sua adaptabilidade faz com que permanecesse pertinente no mundo árabe, sofrendo metamorfoses para enquadrar-se à realidade, ao longo das décadas (Guth, 2015; Halabi, 2015; Mejcher-Atassi, 2015; Toukan, 2015).

2.1 A CRIAÇÃO DA FICÇÃO ÁRABE COMO GÊNERO LITERÁRIO

As produções culturais imateriais do mundo árabe sempre foram um grande símbolo da riqueza do povo árabe (Tayib, 1983; Cachia, 2002). Em uma tradição cultural que antecede o islamismo, a poesia, principal forma de expressão cultural utilizada pelos povos árabes, foi, por muitos séculos, o meio pelo qual grandes pensadores e artistas manifestavam seus desejos e intenções, bem como a forma de registro de tudo o que aqueles grupos, politicamente organizados na época, em clãs, conquistavam e sofriam (Tayib, 1983; Cachia, 2002). O primeiro indício de uma poesia árabe pode ser traçado a partir do século V (Cachia, 2002), tendo sido transmitida majoritariamente oralmente nos grandes centros políticos e populacionais da região, principalmente durante feiras e períodos de paz entre os clãs (Tayib, 1983; Cachia, 2002). A poesia era mais comum em meio aos grupos nômades do Norte, apesar

de também haver poetas provenientes do sul do mundo árabe (Tayib, 1983). Tematicamente, a literatura pré-islâmica voltava-se à vida tribal, refletindo seus valores e sua realidade, o que incluía questões como a vida coletiva, as viagens realizadas e a natureza existente na região (Allen, 2000).

A poesia árabe mantinha, em sua concepção, um foco muito maior em suas características estéticas, sem preocupação com o desenvolvimento de uma narrativa (Tayib, 1983; Duraković, 2015). Em grandes eventos, com alto número de participantes, competições entre poetas eram comuns, sempre havendo a presença de um juiz do alto escalão das artes para escolher o mais talentoso dos artistas (Tayib, 1983; Cachia, 2002). Seu papel serviu grandemente como forma de representar um elo importante de congregação da identidade cultural árabe, sendo a literatura árabe responsável pelo desenvolvimento de uma variação padronizada do idioma, cujo objetivo era servir como veículo para essa expressão cultural (Hourani, 2006). Havia, durante esse período, poetas que serviam como vetores para a divulgação da produção de outros poetas e que eram responsáveis pela circulação dessa arte em toda a região (Tayib, 1983).

Com o surgimento da religião islâmica, a partir do século VII, o papel da poesia nas sociedades árabes foi alterado (Tayib, 1983; Cachia, 2002). Registros da produção poética da época de Maomé indicam bastante instabilidade temática em função da necessidade de ajuste dos poetas à realidade que a eles era apresentada (Cachia, 2002). Eventualmente, a poesia alinhou-se com as novas prioridades políticas e religiosas do mundo árabe, o que possibilitou que refletisse essa nova realidade (Cachia, 2002). Ademais, o fato de o árabe ter sido extensamente utilizado na religião, uma vez que o Alcorão fora revelado ao profeta nesse idioma, que, por isso, tornou-se oficial na crença, levou ao alastramento da língua. Isso ocorreu de maneira muito eficiente em virtude da expansão islâmica para toda a península arábica a partir da morte do profeta, em 632. O idioma árabe, assim, tornou-se a língua utilizada não apenas para fins religiosos, mas também para questões culturais e intelectuais, por todo o perímetro em que o islamismo se espalhou. Por essa razão, o idioma tinha características tão divinizadas quanto terrenas (Hourani, 1996; Cachia, 2002).

Dessa forma, para além de questões étnicas e geográficas, o idioma árabe estabeleceu-se como o principal aglutinador cultural da região, como afirmam Cachia (2002) e Hourani (1996). Durante o período que ficou conhecido como a Era Dourada do Islã, principalmente entre os séculos VII e IX, a literatura árabe floresceu (Cachia, 2002; Stetkevych, 2016). De acordo com Stetkevych (2016), a poesia desenvolvida durante esses séculos foi responsável por conceber toda a retórica de um período áureo da sociedade islâmica (Stetkevych, 2016). Além

disso, foi durante o século VIII que começaram a circular volumes grandes de obras impressas, em função do domínio da produção de papel pelos árabes (Beeston, 1983). A partir do século XIII, porém, com o fim da Era de Ouro Islâmica, ocorreu uma diminuição brusca na produção literária árabe (al-Raziq, 1922; Cachia, 2002).

Esse declínio do prestígio árabe-muçulmano pode ser justificado por uma série de fatores: a peste negra, que assolou o mundo árabe; o desenvolvimento de sistemas de navegação mais arrojados pelos países europeus; e a criação de indústrias têxteis também europeias, que tiraram da região árabe sua vantagem comercial (Hourani, 2006). Na verdade, esse momento marcou o início de um período de alienação árabe, já que a região acabou, em um primeiro momento, estagnada em meio à dominação mongol e, depois, pela dominação otomana, a partir do século XV (Abu-Lughod, 1968; Hourani, 2006). O longo período de seca econômica, cultural e política dos povos árabes começou a ser revertido apenas no século XVIII, com a invasão napoleônica ao Egito, em 1798 (al-Raziq, 1922; Abu-Lughod, 1968; Allen, 2000; Cachia, 2002; Cole, 2007; Dimeo, 2016). Abu-Lughod (1968) menciona que esse declínio árabe está atrelado a seu grande passado e que a visão do mundo árabe como inferior, por parte da Europa, alimentou a exclusão árabe do restante das sociedades existentes no planeta (Abu-Lughod, 1968).

Assim, a situação política da região mudou, tendo sido esse fato fundamental para o desenvolvimento da literatura árabe nos moldes que ela tomou (al-Raziq, 1922; Abu-Lughod, 1968; Allen, 2000; Cachia, 2002). O contato entre o mundo árabe e a Europa se deu durante as décadas iniciais da expansão imperialista do continente europeu (Cole, 2007), que se caracterizaram pela extensão de poder de países ricos sobre regiões menos abastadas e politicamente menos organizadas, de maneira a assemelhar-se ao ocidente, exercendo, geralmente, padrões de exploração e de domínio político, cultural e social (Fieldhouse, 1983). No caso da França, havia a crença de que o país só poderia crescer a partir da obtenção de territórios extramarinos (Cole, 2007). Napoleão Bonaparte e os, aproximadamente, 2.000 homens que o acompanhavam dominaram as cidades de Alexandria e Cairo, tendo ocupado e controlado a região por cerca de três anos. De todas as pessoas que formavam o grupo de invasores franceses, em torno de 150 faziam parte de uma comissão de ciências e de artes (Cole, 2007), trazida ao Egito com o objetivo de estudar o país (Said, 2007).

A invasão europeia no mundo árabe fez com que se desenvolvesse um grande interesse por parte dos árabes, no que dizia respeito aos costumes, hábitos e crenças dos europeus (Abu-Lughod, 1968). Sua entrada no mundo árabe através do Egito, que se justificou por sua localização geográfica perfeita para o controle mercantil (Cole, 2007), provou-se como uma

catapulta cultural e intelectual para a introdução de conhecimento europeu, uma vez que, havia séculos, o Egito (e a região do Levante¹, em menor medida) era tido como uma espécie de mediador entre a Europa e o Oriente Médio (Hafez, 2001) e considerado o centro cultural e intelectual do mundo árabe² (Hafez, 2001, p. 39). Foi por isso que o país serviu como propulsor dessas alterações e adaptações sociais, culturais e políticas (Hafez, 2001).

A realidade árabe acabou tomada por diversas questões provindas da Europa, principalmente no Egito e na região levantina, uma vez que as similaridades culturais e políticas desse fragmento do mundo árabe apresentam considerável porosidade, devido a suas características também sociais e culturais (Hafez, 2001). Apesar de ter, em um primeiro momento, havido resistência, algumas noções tipicamente europeias criaram raízes relativamente rápido após a saída da França do país (Hafez, 2001). Acreditava-se, assim, na implementação de elementos da cultura europeia, desde que pudessem ser adaptados ao sistema moral e legal da *chari'a* (Abu-Lughod, 1968). Os avanços científicos e sociais europeus foram considerados benéficos para o futuro do mundo árabe, principalmente a noção de nacionalismo, de que o Egito se apropriou como forma de destacar sua excepcionalidade e que se tornou uma bandeira muito utilizada, diante dos problemas enfrentados pelo país em constituir-se como entidade moderna. Posteriormente, tais avanços foram assimilados por todo o mundo árabe (Hafez, 2001). Foi assim que a noção de democracia também foi introduzida na região (Hafez, 2001). Ademais, o conceito de secularismo era novidade para o mundo árabe, bem como a separação entre igreja e estado (Abu-Lughod, 1968).

Com a chegada dos franceses, houve declarações, realizadas pelo governo francês, em relação a suas intenções e seus objetivos no Egito. Tais declarações estipulavam regras às quais a sociedade do país deveria se submeter. Uma delas, por exemplo, publicada na primeira declaração, mencionava a necessidade de que cada localidade, em um raio de três horas das tropas francesas, proclamasse lealdade à França. Essa mesma declaração também se referia à importância da manutenção dos trabalhos nas mesquitas, nos centros de aprendizado e nos centros de governo, bem como ao pleno funcionamento das celebrações religiosas. Dadas suas características, a primeira declaração foi a mais importante de todas (Abu-Lughod, 1968). Também foi por meio desses mesmos documentos que foi apresentado ao mundo árabe o conceito de “república” (Abu-Lughod, 1968).

¹ O “Levante” é uma região do mundo árabe e Oriente Médio que engloba a Jordânia, o Líbano, a Palestina, Israel, a Síria e Turquia. Originalmente, esses países faziam parte do crescente fértil (Levant..., [2024?]).

² Esse argumento é retomado e melhor explicado mais para frente.

Entretanto, mesmo que seja inegável a influência europeia no desenvolvimento intelectual e cultural árabe, deve-se mencionar que, particularmente no Egito, desde meados do século XVII, já havia indícios de uma virada intelectual e cultural (Hafez, 2001). Durante as primeiras décadas do século XVIII, por exemplo, criaram-se salões literários. O primeiro, que teve seu advento em 1738, explorava a literatura mística e a cultura da Andaluzia (Hafez, 2001). Esses salões assumiram um importante papel no desenvolvimento cultural egípcio, uma vez que foram as primeiras instituições culturais do país, alimentando e desenvolvendo a cena cultural e sendo frequentados pela nova alta classe intelectual (Hafez, 2001). Esses grupos permitiram o desenvolvimento da crítica intelectual árabe, principalmente entre seus autores, o que levou a uma absorção dos marcos culturais europeus sem a perda da essência árabe e, futuramente, ao advento do renascimento cultural árabe, já no século XIX, como será visto mais à frente (Hafez, 2001).

Cachia (2002) menciona que a região se viu obrigada a responder aos avanços do poderio Europeu, que, principalmente em termos militares, mostrava-se muito superior. Essa questão introduziu na sociedade árabe um novo tipo de elite, que se aproveitou da situação do domínio europeu para fazer com que sua própria agenda avançasse³. Mohammed Ali foi o principal desses incentivadores, parte dessa nova elite que havia se formado com a expulsão dos franceses por uma força conjunta inglesa e otomana (al-Raziq, 1922; Cachia, 2002). Seu grande objetivo era o de transformar o Egito em um Estado aos moldes europeus. Mohammed Ali viu na transformação do sistema educacional egípcio uma engrenagem para pôr seu plano em movimento. Entretanto, certas questões representaram empecilhos nesse processo, como a falta de qualificação de professores egípcios, bem como a baixa procura de egípcios interessados em estudar nos centros universitários, principalmente no início do processo, além da falta de material didático estritamente egípcio (o que estava disponível era publicado diretamente na Europa, por editoras europeias e nas línguas faladas nesses países) (Abu-Lughod, 1968).

Segundo Abu-Lughod (1968), a transformação proposta por Mohamed Ali no ensino egípcio foi uma decisão radical. Em razão dos problemas acima descritos, cuja resolução, para o governo da época, era muito custosa, foram construídas redes de intercâmbio de estudantes árabes para os países europeus. Esses estudantes iam em busca dos conhecimentos disponíveis nos centros europeus, o que lhes possibilitou absorção de algumas noções práticas. O processo

³ Um país que era particularmente favorável para a introdução de ideias europeias na sociedade árabe foi o Líbano, em função do grande número de cidadãos católicos que habitavam no país (Hourani, 1996; Cachia, 2002). Parte da comunidade católica síria também apoiava esse movimento (Hourani, 1996).

auxiliou no desenvolvimento de um código penal, na criação de sociedades acadêmicas e em centros de educação – voltados ao desenvolvimento da ciência – e na criação de ferrovias que conectavam as principais cidades egípcias (al-Raziq, 1922; Abu-Lughod, 1968; Cachia, 2002). Também, o contato entre Europa e mundo árabe gerou uma mudança no modo de produção do Egito, incentivando a criação de uma nova elite (Hafez, 2001).

Por sua vez, o sucesso da produção literária europeia era tão grande no mundo árabe que, não satisfeitos em absorver conhecimentos sobre a própria Europa, cujo imaginário já havia lá firmado raízes, também passaram a traduzir obras orientalistas, que apresentavam aos próprios árabes a região, seus costumes e sua cultura segundo a ótica ocidental (Allen, 2000; Abu-Lughod, 1968). Assim, Abu-Lughod (1968) aponta que é impossível haver um descolamento entre o movimento de realização de traduções massivas de obras de origem europeia e o renascimento da literatura árabe a partir da introdução de novas formas de se compreender a ciência, o direito, a história, bem como da apresentação e da incorporação de um estilo de prosa mais próximo ao europeu (Abu-Lughod, 1968). Com os conhecimentos e crenças ocidentais lentamente começando a fazer parte do repertório árabe, a prática de tradução de obras europeias passou a tomar forma e força (Abu-Lughod, 1968, Allan, 2000), processo que se iniciou ainda no primeiro quarto do século XIX e que foi refinando-se ao longo dos anos (Abu-Lughod, 1968), afetando, dessa forma, a situação da literatura no mundo árabe (Abu-Lughod, 1968; Allen, 2000; Cachia, 2002). O movimento de tradução de obras ocidentais para o árabe gerou um efeito de retroalimentação (Allen, 2000; Abu-Lughod, 1968).

Criaram-se também incentivos à tradução de obras europeias. Muitas eram produzidas em diversas áreas administrativas do governo egípcio, além de serem confeccionadas também por diferentes estudantes, durante sua participação nos programas de intercâmbio. Essa questão foi fundamental para o processo de conhecimento e reconhecimento da Europa e de suas contribuições ao mundo árabe, aqui personificado pelo Egito a partir dos esforços de Mohammed Ali. Dessa forma, de maneira gradual, noções sobre a Europa passaram a fazer parte do conhecimento básico dessa camada privilegiada de árabes, a partir da difusão de uma maior familiaridade com a Europa, apoiada nas traduções de obras técnicas e não técnicas, tendo a segunda recebido muita notoriedade nos círculos letrados do mundo árabe, diante do aumento do volume de obras traduzidas vindas da Europa (Allen, 2000; Abu-Lughod, 1968). Foi esse processo que permitiu que conceitos anteriormente estrangeiros para as sociedades árabes, mas já muito debatidos na Europa, pudessem adentrar os círculos intelectuais árabes nas últimas décadas do século XIX (Abu-Lughod, 1968).

No mesmo período, a imprensa foi introduzida no mundo árabe. No início do século XIX, a comunidade católica protestante, presente na região da Síria e do Líbano, introduziu a prensa na região, empregando-a como uma forma de resistência contra os otomanos ao reforçar a utilização do idioma árabe. É inegável a importância que os grupos católicos tiveram para o desenvolvimento da intelectualidade no mundo árabe, dada a sua influente produção (Hafez, 2001). Seus esforços em traduzir a Bíblia, produzir jornais e, principalmente, simplificar e incrementar o idioma árabe para fins jornalísticos foram fundamentais, permitindo uma revolução linguística que instigou todo o processo de escrita e narrativa no mundo árabe (Hafez, 2001). Entre todas as figuras, talvez a mais importante tenha sido a de Ahmad Faris al-Chidyaq, acadêmico cristão que ocupou, ao longo de sua vida, diversos cargos relacionados à produção escrita⁴ (Hafez, 2001). Já no Egito, Mohamed Ali foi o responsável por introduzir a prensa no país. Ambos os fatores foram muito significativos ao progresso e à amplificação da literatura no mundo árabe, diante da importância que a retomada da língua teve nesse processo (al-Raziq, 1922; Allen, 1982; Hafez, 2001).

Ademais, existiam também esforços para reestruturar o islamismo nessa época (Cachia, 2002). Em uma onda de reformas que havia se iniciado no século XVIII, esse movimento era motivado pela resistência por parte da população muçulmana à invasão europeia e ao fim dos impérios islâmicos. A fundação dessa crença está no retorno dos muçulmanos às suas origens morais escritas no Alcorão, aos ensinamentos do profeta e às leis fundadas na *chari'a*. Já no século XX, esses debates culminaram no que ficou conhecido como “revivencialismo islâmico”, resultando na criação da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos (embrião da Irmandade Muçulmana), no Egito, na década de 1920 (Lapidus, 1997).

Com o domínio europeu em países como o Egito, o Sudão e a Tunísia, nas últimas décadas do século XIX, crenças e conceitos oriundos do ocidente passaram a ser integradas e adaptadas à realidade árabe, introduzindo no mundo árabe uma gama de questões que se originaram desse contato extenso, aumentando aí a necessidade de revidar e reverter o domínio europeu ao mesmo tempo em que se combatia o Império Turco-Otomano, que, até então, controlava uma porção significativa da região (Cachia, 2002). Segundo Cachia (2002, p. 126), em relação ao imperialismo europeu, acreditava-se que a forma mais eficiente de neutralizar o controle seria a utilização de sistemas e instituições diretamente apropriados da Europa (Cachia,

⁴ Ao longo de sua carreira, Ahmad Faris al-Shidyaq trabalhou em proeminentes jornais e revistas no mundo árabe, tendo sido o criador de um importante jornal, o *al-Jawa'ib*. Ele também auxiliou na tradução da Bíblia para o árabe, foi responsável pela Imprensa Missionária Americana e publicou dois livros, ambos sobre o continente europeu (Hafez, 2001).

2002). O desenvolvimento do sentimento nacionalista árabe, também chamado de pan-arabismo, é um grande exemplo disso (Hourani, 1996; Cachia, 2002; Dawisha, 2016). A invasão britânica no Egito, iniciada em 1882, foi um grande catalisador para esse movimento, tendo acelerado seu desenvolvimento no país (Hafez, 2001). Além disso, as consequências econômicas do controle inglês (o não investimento em manufatura, a extinção de sindicatos e o foco na produção para a exportação) tiveram impactos profundos na sociedade egípcia, que se viu cada vez mais coagida a abraçar uma posição nacionalista (Hafez, 2001).

O nacionalismo árabe pode ser explicado a partir de um desejo de que os países de origens árabes unam-se sob um mesmo Estado, justificados pelo fato de que falam um mesmo idioma (mesmo que existam dialetos diferentes), comungam de uma mesma história e pertencem a uma mesma etnia (Feraboli, 2013). Inicialmente, a corrente de pensamento nacionalista sonhava com a criação de uma nação pan-árabe de caráter secular que seria bem-sucedida em se desprender do império Turco-Otomano ainda no século XIX. Essas aspirações, porém, eram insipientes, já que muitos dos grupos que almejavam esse objetivo eram obrigados a se manterem em discrição e confidencialidade. Foi apenas após os eventos disruptivos da Primeira Guerra Mundial que começou a se debater verdadeiramente a possibilidade de uma nação árabe em sua essência (Dawisha, 2016; Hourani, 1983). Seus primeiros pensadores eram, em sua maioria, cristãos, como Ibrahim al-Yaziji (Dawisha, 2016). Mas havia também pensadores e agentes políticos da comunidade islâmica, que participaram da fundação dos ideais pan-árabes (Manduchi, 2017).

Sati' al-Husri⁵, que se baseava nas noções germânicas de nacionalismo, é considerado o cunhador da definição e da ideologia do nacionalismo árabe. Os parâmetros alemães do conceiro defendiam uma visão naturalista de nacionalismo, já que se baseavam muito em questões tangenciais à cultura, à história e aos padrões sociais e linguísticos para definir quem pertencia a uma nação, e quem não pertencia. Dessa forma, o argumento puramente territorial, que levava em consideração apenas o local de nascimento, tinha menor importância. Mas não só nisso se baseava al-Husri. O conceito político de *'asabiyya*, idealizado por Ibn Khaldun⁶, que defendia a conexão entre todos os árabes, também se fazia presente (Tibi, 1981; Hourani, 1983).

A *'asabiyya* pode ser resumida como a ideia de que os árabes possuem o mesmo destino, uma vez que suas condições de existência e desenvolvimento são muito parecidas. A noção de

⁵ Muçulmano, foi Ministro da Educação sírio e, posteriormente, Diretor de Educação iraquiano durante os reinados de Faysal al-Awwal nos dois países entre o início da década de 1920 e o início da década de 1930.

⁶ Ibn Khaldun foi um intelectual e pensador árabe e muçulmano do século XIV (Tibi, 1981).

'*asabiyya* está acima de questões Estatais, tribalistas e, até mesmo, religiosas (Tibi, 1981; Hourani, 1983). Apesar disso, al-Hursi via a religião islâmica como um ponto de convergência fundamental para a construção da identidade árabe; por isso, o arabismo engloba, também, a identificação de uma coletividade muçulmana (Ferabolli, 2015). Assim, o movimento de modernização do islã assume um papel fundamental perante o pan-arabismo (Dawn, 1993, p. 11). Mas, esse reconhecimento não vem sem percalços, uma vez que a “superioridade” na nação sobre a religião dentro na lógica nacionalista causa turbulência dentro de grupos árabes de diferentes filiações (Ferabolli, 2015).

Em 1913, ficou definido que “países árabes” eram aqueles um dia fizeram parte do Império Otomano e que tinham a língua árabe como língua materna. Isso havia sido decidido pelos participantes do Congresso Nacional Árabe, que aconteceu na cidade de Paris. Porém, essa deliberação não foi definitiva, já que essa lógica excluía o Egito e parte do norte da África. Assim, a “arabidade” do Egito se apresenta como um caso interessante, já que o país apenas passa a se declarar como parte do mundo árabe a partir da introdução dos ideais de Sati' al-Husri, já explicados (Ferabolli, 2015).

O colonialismo europeu no mundo árabe permitiu a construção de uma conduta na geração de conhecimento que envolveu uma interessante troca: enquanto a absorção de padrões e questões ocidentais iniciou um processo de estudo da literatura tanto regional quanto ocidental, a entrada de ocidentais na região iniciou o processo de estudo da literatura árabe (al-Raziq, 1922). Dessa forma, a literatura árabe sofreu altos níveis de influência da cultura ocidental (al-Raziq, 1922; Allen, 1982, 2000; al-Musawi, 2003). A grande ebulição política e social ocorrida na região durante aquele curto período tornou possível um importante avanço na literatura: a introdução do romance como forma narrativa (al-Raziq, 1922; Allen, 1982, 2000; al-Musawi, 2003). Allen (1982) aponta que não há uma produção narrativa no formato de romance que anteceda esse período histórico, indicando que o romance árabe não advém de nenhum processo de desenvolvimento hereditário, como a poesia. Assim, o desenvolvimento do romance como forma de produção literária árabe tanto fez parte de um esforço intelectual novo no mundo árabe quanto participou da onda da “adequação” da região aos padrões europeus (Allen, 1982). É nesse contexto que surge o fenômeno chamado de *nahda*.

A *nahda* foi um movimento cultural árabe que se iniciou durante o século XIX, estimulado por toda a onda de mudanças sociais e políticas características do período, tendo tido as cidades de Beirute e do Cairo como capitais do movimento (Allen, 1982; Dimeo, 2016). O forte contato entre a Europa e o mundo árabe serviu como um estímulo para que a *nahda* acontecesse (Hafez, 2001) e, em grande medida, ela foi concebida por pensadores árabe-

islâmicos (Manduchi, 2017). Assim, por ter representado o florescer da cultura árabe após seis séculos de pouca produção significativa, a *nahda* ficou conhecida como a renascença cultural árabe (Allen, 1983). Essa renascença buscava replicar elementos do modelo cultural europeu, integrando parte de suas convicções, ao mesmo tempo em que estabelecia a ideia de um arabismo, uma identidade árabe genuína⁷ (Dimeo, 2016). Também altamente atrelado aos grupos católicos que enviavam seus filhos para estudar na Europa, sua origem pode ser traçada na área territorial em que agora se encontram a Síria e o Líbano. Porém, uma Guerra Civil ocorrida na região, na década de 1850, fez com que essas famílias imigrassem em massa para outras regiões, indo em direção a países como o Egito, que passou a se apropriar da *nahda* a partir da chegada de experts na área, que, por sua vez, visavam a dar sequência ao seu trabalho no país novo (Allen, 1983). Deve-se destacar, contudo, que a *nahda*, apesar de ser um movimento cultural de proporções regionais, não englobou toda a região árabe ao mesmo tempo, havendo discrepâncias entre um país e outro (Allen, 1983).

Segundo Hafez (2001, p. 42), “Change in perception is one of the main catalysts for literary innovation, which often leads to radical change in the nature of literary discourses”⁸, e a *nahda* representou isso (Hafez, 2001). Dessa forma, o contato entre o mundo árabe e o ocidente a partir da colonização proporcionou essa dinâmica de renascimento e renovação do árabe como idioma, fato que, inevitavelmente, beneficiou o florescimento da literatura árabe, principalmente o romance, uma vez que permitiu o retorno de registros oficiais de um árabe escrito padronizado. É importante lembrar que, durante os séculos XII a XVIII, o domínio do mundo árabe por outros grupos políticos fez com que o idioma fosse utilizado majoritariamente em ambientes coloquiais ou religiosos, fazendo com que se perdessem as características formais de sua estrutura linguística e, em função disso, não fossem feitos registros de sua evolução. É por isso que o fenômeno da *nahda* tem tão grande relevância para o desenvolvimento das sociedades árabes (Allen, 2000).

O Egito é tido como bastião do desenvolvimento da literatura, em especial do romance árabe, em função da importância do país para a identidade árabe (Allen, 1982; Hafez, 2001). Allen (1982, p. 41) aponta diversos fatores que dão ao Egito essa posição, como:

⁷ Um interessante fato dessa relação é mencionado por Al-Musawi (2012): apesar de haver os grupos que acreditavam na modernização do mundo árabe, o desenvolvimento de seus Estados à semelhança da Europa se deu a partir do contato com aquele continente, na construção de Estados a partir do modelo europeu. Havia também aqueles que defendiam que, na verdade, esse processo apenas se iniciaria com a saída francesa do Egito, com a liderança de Mohammed Ali na transformação do estado árabe em um Estado “moderno”, aos moldes da Europa (al-Musawi, 2012, p. 252).

⁸ “Mudanças de percepção é um dos principais catalizadores para a inovação literária, o que leva a mudanças radicais na natureza dos discursos literários” (Hafez, 2001, tradução própria).

- a) questões históricas (a invasão francesa do país e a imigração de pessoas de diversas outras regiões do mundo árabe para o Egito);
- b) posição de liderança (a figura de Mohammed Ali e seu papel na modernização e “europeização” do mundo árabe);
- c) culturais (Egito sempre manteve uma posição de influência em relação ao restante da região); e
- d) geográficas (posição vantajosa no norte da África) (Allen, 1982).

Entretanto, deve-se destacar que, além da tradição literária egípcia, há também a tradição sírio-libanesa (Allen, 1982), que, porém, só veio a florescer verdadeiramente depois da Segunda Guerra Mundial⁹. Algo similar aconteceu também no Iraque (Allen, 1982).

A partir da segunda metade do século XIX, observou-se um aumento significativo no número de escolas existentes no mundo árabe, simbolizando uma preocupação maior com a educação e a alfabetização do povo (Hafez, 2001). Observou-se, no mesmo período, uma intensificação na produção escrita e literária da região. O desenvolvimento de um estilo narrativo árabe em forma de prosa foi, então, um marco para a literatura árabe. Com o aumento do número de diferentes jornais e revistas no mundo árabe e também da circulação dessas publicações, a partir da difusão da prensa, novas ideias passaram a ser propagadas, havendo questões a exemplo do nacionalismo como tópicos centrais, explorados nessas publicações, o que contribuiu para a popularização desses veículos sociais (Allen, 1983). A literatura passou a ser disseminada por meio desses jornais, na forma de contos, atingindo, assim, um público maior (al-Raziq, 1922; Allen, 1982, 2000; al-Musawi, 2003).

Entre o final do século XIX e o início do século XX, o mundo árabe passou por uma mudança social “brutal” (Hafez, 2001). No Egito, por exemplo, desde a primeira metade do século XIX, houve um aumento na concentração de pessoas em áreas urbanas, em função de uma guinada econômica no país, que se voltava muito mais à exportação, e dos esforços modernizadores de Mohammed Ali, já mencionado, que se direcionavam ao desenvolvimento de infraestrutura (Chaichain, 1988). Esse padrão se repetiu pelo mundo árabe (e também no restante do Oriente Médio, como na Turquia e no Irã). Devido aos investimentos em infraestrutura, feitos por parte das forças colonizadoras, e do grande número de estrangeiros vivendo nessas cidades, esses países passaram a concentrar uma grande população. Inclusive, para suprir a necessidade de algumas novas indústrias, como a petrolífera, por exemplo, novas

⁹ Houve, é claro, autores de grande importância, que antecederam esse período, a exemplo dos contos de Mikhail Naimy, a partir do final da década de 1910, que se ambientavam no Líbano e refletiam questões caras à população libanesa (Allen, 1982).

idades foram construídas. Já nas três primeiras décadas do século XX, houve um crescimento significativo na população urbana do mundo árabe, fato que tornou atrativas aquelas novas cidades (Hourace, 2008).

A partir de meados da década de 1910, com o fim da Primeira Guerra Mundial e a formação dos Estados árabes por parte das forças europeias, devido ao sistema de mandatos, a população árabe passou a concentrar-se majoritariamente em grandes cidades, já que a população rural para lá imigrava em virtude da oferta de emprego, fortalecendo o processo de urbanização (Hafez, 2001; Hourcade, 2008). Esse processo ocorreu diante de uma grande migração do campo para a cidade, por parte da população árabe rural, e da queda nas taxas de mortalidade (Hourace, 2008). Entretanto, deve-se destacar que esses imigrantes residiam, na verdade, nas partes antigas da cidade, conhecidas como “medinas”. A parte modernizada das grandes capitais árabes era habitada, praticamente, apenas por estrangeiros europeus, já que o espaço era caro demais para aqueles trabalhadores. Desenvolveu-se, assim, o que se denominou como “cidades duplas”¹⁰, em que havia a separação entre a “cidade nova” (moderna, seguindo padrões europeus de desenvolvimento) e a “cidade velha” (construções que já havia antes da chegada dos europeus) (Hourace, 2008).

Assim, houve um crescimento da classe média, que alimentava cada vez mais os círculos intelectuais (Hafez, 2001). A sociedade urbana modernizou-se, tornando-se mais liberal e aumentando os níveis de mobilidade social possível nas comunidades urbanas (Hafez, 2001). A noção de uma identidade nacional começou a solidificar-se em meio a uma sociedade árabe educada e urbanizada, que ampliava o debate sobre assuntos desse cunho e via-se impelida a adicionar esses novos termos ao seu vocabulário (Hafez, 2001), fruto daquilo que Hafez (2001, p. 64) denomina “[...] a new artistic and literary sensibility [...]”¹¹. Essa “sensibilidade artística” foi gerada pela necessidade de o idioma árabe acompanhar as evoluções de seu próprio povo, que se tornava cada vez mais alfabetizado e politizado (Hafez, 2001). Ainda no início do século XX, a questão nacionalista tomava grandes proporções, tornando-se o principal assunto dos grupos intelectuais árabes e, desse modo, sobrepondo-se até mesmo a discussões relacionadas ao islamismo (Hafez, 2001). Até meados da segunda década do século XX, toda a região levantina estava sob dominação europeia, e, com o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, a capitulação otomana e a transformação dos países árabes levantinos em mandatos europeus, essa configuração não se alterou significativamente (Hafez, 2001).

¹⁰ *Dual cities*, no original em inglês.

¹¹ “[...] uma nova sensibilidade artística [...]” (Hafez, 2001, p. 64, tradução própria).

Em função disso, os autores árabes passaram a questionar-se sobre qual seria sua função nessa efervescente nova sociedade, que estava passando por um processo muito rápido de mudança (Hafez, 2001). Nas décadas subsequentes, com a solidificação da escrita de romances árabes, a imprensa seguiu exercendo papel atuante, uma vez que muitos autores estavam diretamente envolvidos com a produção de jornais e revistas (Allen, 1982). Nesse período inicial, eram produzidos, principalmente, romances históricos, que eram criticados pela falta de uma contextualização narrativa tangível, e textos em formato de colunas jornalísticas, que também eram de teor fictício. Esses últimos tinham por característica fazer críticas à sociedade árabe da época, realizando, por meio de seus protagonistas fictícios, apontamentos sobre questões referentes à existência política e social dos indivíduos naquele intenso processo de modernização (ou, talvez melhor posto, de ocidentalização), que começara na região no início do século (Allen, 1982).

Entretanto, apenas no ano de 1911 foi publicado aquilo que seria considerado o primeiro romance árabe que não continha caráter histórico (Allen, 1982). *Zaynab*, de autoria de Muhamad Husayn Haykal, tem fundida em sua narrativa a realidade do Egito do início do século XX, principalmente no que diz respeito à porção rural do país. A obra é tida como uma espécie de relato ficcional do autor, em que diversos argumentos e apontamentos, relacionados a questões sociais, eram informados diretamente a partir do que Haykal acreditava ser o ideal para o desenvolvimento do Egito no novo século, principalmente quanto a questões morais, revelando, desde cedo, as características de retroalimentação existentes entre a política e o romance árabe (Allen, 1982).

Zaynab narra a vida de dois personagens, Hamid e a personagem-título. Ambos se veem impossibilitados de casarem-se com as pessoas que amam devido a questões sociais: o amado de Zaynab é muito pobre para pagar seu dote e desposá-la, e a amada de Hamid, sua prima, acaba sendo prometida a outro, no período em que o personagem fora estudar no Cairo (Allen, 1982). A obra termina com Zaynab vindo a falecer de tuberculose, provocada pela saudade que sentia de seu verdadeiro amor, e com Hamid retornando ao Cairo para completar seus estudos e escrevendo uma carta (quase um manifesto) sobre as injustiças a que o código moral das sociedades árabes submetia as pessoas obrigadas a respeitá-lo (Allen, 1982).

O livro apresenta duras críticas à posição social de seus personagens, em especial às mulheres, resumindo o sofrimento de seus protagonistas à obrigatoriedade de respeitar as normas sociais. A obra foi considerada a primeira a ter uma caracterização genuína, tanto em relação ao seu contexto quanto aos seus personagens, representando, assim, o mundo árabe. Além disso, com muita habilidade, Hayskal apresentou, na narrativa, a questão linguística do

árabe, com seu idioma formal e suas coloquialidades regionais. O autor utilizou o árabe formal nas descrições e o coloquial nos diálogos entre os personagens, aprimorando, assim, a caracterização da obra (Allen, 1982).

A questão da linguagem tornou-se um problema com o qual os autores começaram a lidar, na medida em que o romance foi se desenvolvendo, ao longo dos anos e com o aumento no número de leitores (Allen, 1982). Na verdade, a questão linguística sempre foi um interessante tópico presente na construção da sociedade árabe, no que concerne à instituição das noções de Estado no mundo árabe, também alimentando as noções de nacionalismo. Há três palavras fundamentais para a compreensão dessa lógica: *dawla*, *wataniya* (a partir de *Watan*) e *qawmiyya*. *Dawla* é a tradução mais literal da noção de Estado, sendo utilizada quando se fala de Estados-nação. *Watan* seria a pátria e o território atrelado a ela. Por fim, *qawmiyya* significa nação, em um sentido mais identitário e cultural (Oliveira; Ferabolli; Santos Júnior, 2022). É dessa palavra que se origina a expressão árabe para pan-arabismo: *qawmiyyah ‘arabiyyah* (Manduchi, 2017). O nacionalismo árabe apropriou-se desses termos a partir do século XIX (Ayubi, 2009; Manduchi, 2017).

Na década de 1920, o gênero conto surgiu no mundo árabe, alimentado a identidade nacional em um contexto em que os autores estavam inspirados pelo potencial futuro de seus países (Hafez, 2001). Naquela década, havia um incentivo por parte dos grandes nomes da época para que essas publicações fossem autênticas e estimulassem o desenvolvimento de identidades nacionais. Ademais, “The ideia that human experience was essential to any work of art gained ground [...]”¹² (Hafez, 2001, p. 159). No mesmo período, iniciou-se a publicação da obra *al-Ayyam*, de Taha Hussein, um dos mais importantes romancistas e pensadores literários do mundo árabe do período. Sendo considerada uma das principais obras da literatura árabe, *al-Ayyam*, traduzida como “Os Dias”, é a autobiografia de seu autor, contada em terceira pessoa e em formato de prosa (Allen, 1982).

Em 1931, foi anunciado um prêmio em celebração à literatura árabe. O vencedor foi outra obra de cunho bibliográfico, *Ibrahim al-Katib* (“Ibrahim, o autor”), escrito por Ibrahim al-Mazini. O fato de que os autores se inspiravam diretamente em suas próprias vidas para escrever novos romances era uma característica que se tornava cada vez mais comum nas produções de literatura árabe, principalmente no que dizia respeito a obras publicadas no Egito. Estabelecendo críticas muito similares àquelas vistas em *Zaynab*, a obra representou profundos avanços no que se referia à capacidade de autores escreverem obras cujas caracterizações

¹² “A ideia que a experiência humana era essencial para qualquer obra de arte se popularizou [...]” (Hafez, 2001, p. 159, tradução própria).

fossem mais fiéis da sociedade, tendo sido um texto que, em sua completude, foi capaz de apresentar um mosaico de personagens e instituições que causavam a sensação de serem verdadeiramente egípcios (Allen, 1982). Na década de 1930, deu-se continuidade às publicações que tinham como pano de fundo críticas à sociedade árabe da época e a seus antagonismos quanto aos valores modernos e ocidentalizados que passavam, cada vez com mais ênfase, a fazer parte da realidade árabe (Allen, 1982). Foi nessa década que diversos autores passaram a produzir romances (Allen, 2001).

Esse mesmo período, décadas de 1920 e 1930, viu um aumento significativo no que diz respeito a questões referentes ao nacionalismo árabe, principalmente em países como o Egito e o Iraque. É um momento histórico em que se verifica o início de debates relacionados ao secularismo e à presença do islã no mundo árabe como força social e política. Tal fato, aliado ao aparecimento de novas elites intelectuais e à fundação de diferentes grupos árabes na Europa, incentivou mudanças sociopolíticas na região (Allen, 2000). Na década de 1930, também houve a primeira publicação do egípcio Naguib Mahfouz, um dos maiores nomes da literatura árabe – e da literatura mundial. Sua carreira iniciou-se com a publicação de contos, evoluindo ao longo das décadas até chegar à publicação de romances (Allen, 1982, 2001), como será visto no próximo subcapítulo desta dissertação.

A década de 1930, ainda, solidificou a posição do Egito como o principal produtor de bens culturais do mundo árabe (Di-Capua, 2018b). Pode-se afirmar isso em razão da alta produção de jornais no país e da habilidade dos editores de revistas egípcias, de traduzir diferentes obras europeias de grande valor para o mercado editorial egípcio por meio das mesmas revistas que circulavam, em bom volume, pelo mundo árabe. Isso contribuiu para que o Egito, já na década de 1950, assegurasse sua posição de destaque durante o auge do pan-arabismo (Di-Capua, 2018b).

Como foi possível perceber, há indícios que apontam para o fato de que questões políticas e sociais tiveram impacto sobre a produção literária árabe desde a *nahda*. Até o período anterior ao final da Segunda Guerra Mundial, contudo, a produção cultural inicial ainda tinha muito a desenvolver e maturar, até encontrar sua autenticidade no desenvolvimento de narrativas que exploram questões particulares da realidade árabe em meio às pesadas influências europeias (Allen, 2001). Foi apenas a partir da década de 1950, sob a liderança simbólica de Naguib Mahfouz, que a literatura árabe atingiu sua maturidade (Allen 2001), e as produções alcançaram novos níveis e outros públicos a partir da mudança de contexto mundial, com a independência (formal) dos países árabes de seus colonizadores europeus, dando início

ao momento pós-colonial árabe – defendido por alguns como uma realidade persistente. O próximo tópico deste capítulo explorará essas questões.

2.2 O AMADURECIMENTO DA LITERATURA ÁRABE E SUA A LITERATURA PÓS-COLONIAL

O pós-colonialismo apresenta-se como uma necessidade ao mundo árabe. Diante do passado histórico recente, de colonização da região, e sua realidade presente, de intervenções militares, o mundo árabe ainda sofre com uma espécie de continuidade do colonialismo iniciado no século XVIII (al-Musawi, 2012; Moore, 2018). O primeiro documento voltado ao Egito, produzido pelo governo francês, foi um marco na história colonial árabe, já que indicava comportamentos, expectativas e demandas que, por parte da França, influenciaram uma série de documentos que se seguiram, inclusive em outros países, criando um efeito que relacionaria a publicação desse documento a todo o processo colonial no mundo árabe (al-Musawi, 2012). Tal documento, porém, provocou tanto a favorabilidade à modernização do mundo árabe, a partir de preceitos europeus, quanto a resistência a eles. Todavia, mesmo tendo-se noção de que aquilo que era pregado no mundo árabe pelos europeus, em seus documentos, era avesso à conduta verdadeira, muitos intelectuais e escritores árabes, especialmente egípcios, ignoravam essa questão em prol dos avanços científicos e filosóficos promovidos pela Europa (al-Musawi, 2012).

Já era possível identificarem-se partes de uma epistemologia pós-colonial desde o período da *nahda* (al-Musawi, 2003), mesmo que esses acadêmicos fossem mais coniventes com as forças coloniais (Di-Capua, 2018a). A literatura árabe pós-colonial passou a ser alimentada pela questão revolucionária, comprometendo-se com ideários de liberdade e igualdade ao mesmo tempo em que se atrelava às noções de Estado e Nação (no sentido da expressão em inglês de *statehood*), criando um paradoxo. Essa literatura ia de encontro ao sistema colonial de governo, defendendo, ao mesmo tempo, um controle autoritário que tomava o lugar da Europa (al-Musawi, 2003, p. 49). Com isso,

As the anti-colonial struggle produced a rich register to cope with national and political issues and needs, its post-independence rhetoric suffers fossilization. While relying heavily on a past struggle, its emerging state or leadership uses this past to

justify totalitarian practices. Hence, colonial referentiality occupies a large space in postcolonial Arabic narrative¹³ (al-Musawi, 2003, p. 49).

De acordo com al-Musawi (2012), tal favorecimento afastou pensadores e funcionários do Estado das tradições do mundo árabe, distanciando-os de suas raízes, principalmente no que dizia respeito a questões religiosas. Essa visão foi criticada por alguns autores; entretanto, constituiu parte relevante da pós-colonialidade árabe, bem como de sua literatura, que pendeu para a secularidade em um primeiro momento (al-Musawi, 2012). Esse prisma, alimentado pela tradução massificada de obras ocidentais que abordavam o islã e o desenvolvimento de identidades nacionais, diferenciou o intelectual árabe das massas, pondo-o em uma suposta posição de superioridade. Assim, esse primeiro grupo de intelectuais oriundos do pós-*nahda*, a exemplo de Taha Hussein, Salamah Musa e Yahya Haqqi, focou-se em evidenciar falseamentos nos discursos coloniais, mas sem negar as contribuições coloniais à sociedade árabe, tornando-se por vezes condescendente com elas (al-Musawi, 2012, p. 256). Essa transigência causou problemas para intelectuais de gerações futuras, que tinham dificuldade em se estabelecer de forma clara no que se relacionava a sua identidade própria e ao que significava fazer parte integral de um Estado formado por matrizes coloniais (al-Musawi, 2012, p. 256).

Enquanto acontecia a independência dos países árabes e sua transformação de Estados colonizados (que dependiam de seus colonizadores e eram explorados por eles) em Estados pós-coloniais¹⁴ (que, então, passaram a “necessitar de ajuda externa” para modernizarem-se e integrarem-se ao Sistema Internacional), criou-se um problema persistente no mundo árabe, que tem se mostrado um paradigma difícil de ser quebrado: os Estados que formam o mundo árabe ainda têm caráter pós-colonial, mesmo que mais de meio século já tenha se passado desde o início de sua independência (Moore, 2018). Com isso, entende-se a perpetuação das imposições feitas durante o período colonial, que seguem afetando os países árabes em função das raízes profundas do colonialismo. O pós-colonialismo, dessa forma, propõe uma análise holística dos Estados, entendendo seu presente como um reflexo direto de seu passado

¹³ “À medida que a luta anticolonial produziu um rico registro para lidar com questões e necessidades nacionais e políticas, a sua retórica pós-independência sofre fossilização. Ao mesmo tempo dependendo fortemente de uma luta passada, o seu Estado ou liderança emergente se utiliza desse passado para justificar práticas totalitárias. Conseqüentemente, a referencialidade colonial ocupa um grande espaço na narrativa árabe pós-colonial” (al-Musawi, 2003, p. 49, tradução própria).

¹⁴ De acordo com Kumar (2005, p. 935), há duas definições centrais para o que seria um “Estado pós-colonial”: uma marxista e uma liberal. A liberal entende que o Estado tem como principal objetivo atingir níveis elevados de modernização (a partir da perspectiva ocidental) e de *nation building* (construção do Estado); logo, o Estado pós-colonial deve encontrar maneiras de combater o atraso colonial a partir da adaptação de suas estruturas sociais, políticas e econômicas para os parâmetros ocidentais. Já no caso marxista, o Estado é uma forma de opressão classicista, e o Estado pós-colonial representa nada mais do que uma forma de sustentar o capitalismo (Kumar, 2005).

(Moore, 2018). Tal interpretação de realidade, quando posta em contato direto com o mundo árabe e sua literatura, permite um entendimento profundo da constante busca da sociedade da região por autodeterminação (Moore, 2018, p. 9), ou pela tão sonhada autenticidade. Assim, no que tange à produção artística,

Arab world cultural production should not only have a simple inflationary effect on the corpus of knowledge that is postcolonial studies, but should also, at least in part, unsettle its definitions and methodological procedures. Creative literature locates itself in history and makes political statements through its use of genre, style, form and perspective and its relationship to predecessor texts in a continually developing tradition. Modern Arab literature has always drawn on international as well as local and regional narrative influences: an Arab sociocultural imaginary is in constant revision due to internal disputation and encounters with competing imaginaries. Yet outsider analyses of Arab cultural expression must be explicitly provisional – ‘only one line’, to echo the passage above. A great deal of work remains to be done to engage the different languages (particularly varieties of Arabic) in which Arab literatures are produced; the national and regional canons they develop; the histories, temporalities and social and cultural geographies in which those literatures are embedded; and the local, national, regional and global political conditions and economies that they operate within and against¹⁵ (Moore, 2018, p. 8).

Como indicado por Dimeo (2016, p. 41), na década de 1920, já havia indícios de que os autores árabes vinham apropriando-se da noção de “literatura para o povo” (*al-adab li-l-cha ‘b*). Esse conceito significava que as narrativas deveriam ser voltadas ao público árabe em geral, que lia as obras. Dessa forma, as narrativas deveriam utilizar a “linguagem do povo” (Dimeo, 2016, p. 43). Não havia, porém, definição específica das implicações dessa literatura, ficando aberta às interpretações de pensadores e intelectuais, que muitos debateram sobre o assunto (Dimeo, 2016). Entendia-se que, provavelmente, haveria, nos textos, alguma forma de expressão que exprimisse a experiência geral do povo árabe, mas sem, necessariamente, ser escrita coloquialmente. Portanto, esse conceito dependia muito mais dos padrões de cada autor do que propriamente de uma ideia consensual sobre o que significava a noção de “linguagem do povo” (Dimeo, 2016). O significado das obras deveria estar explícito no texto, sem a

¹⁵“A produção cultural do mundo árabe não deveria apenas ter um simples efeito inflacionário no *corpus* de conhecimento que são os estudos pós-coloniais, mas também deveria, ao menos em parte, perturbar suas definições e procedimentos metodológicos. A literatura criativa localiza-se na história e faz declarações políticas por meio do uso de gênero, do estilo, da forma e da perspectiva e de sua relação com textos antecessores, numa tradição em contínuo desenvolvimento. A literatura árabe moderna sempre se baseou em influências narrativas internacionais, bem como locais e regionais: um imaginário sociocultural árabe está em constante revisão devido a disputas internas e a encontros com imaginários concorrentes para ecoar a passagem acima. Ainda há muito trabalho a ser feito para envolver as diferentes línguas (particularmente as variedades do árabe) em que as literaturas árabes são produzidas; os cânones nacionais e regionais que desenvolvem; as histórias, temporalidades e geografias sociais e culturais nas quais essas literaturas estão inseridas; e as condições políticas e economias locais, nacionais, regionais e globais em que operam e contra as quais operam” (Moore, 2018, p. 8, tradução própria).

necessidade de grandes níveis de interpretação (Dimeo, 2016). Essa questão tomou maiores dimensões entre as décadas de 1940 e 1950 (Dimeo, 2016).

É importante destacar os quatro grandes desenvolvimentos sócio-políticos que antecederam a fase de amadurecimento da literatura árabe, em especial do romance e, de certa forma, permitiram que a literatura árabe chegasse ao nível de aperfeiçoamento que atingiu:

- a) o contato com a Europa;
- b) o desenvolvimento do jornalismo;
- c) a ampliação do acesso à educação;
- d) o desenvolvimento de uma consciência nacionalista (Hafez, 2001).

Dessa forma, criou-se um novo público interessado em literatura, que buscava, nas obras que consumia, um espelho da realidade que enfrentava diariamente (Hafez, 2001). Esses quatro pilares se tornaram, invariavelmente, temas das obras publicadas, principalmente, a partir da década de 1930 em diante (Allen, 1982), já que, nessa década, desenvolveu-se um pensamento crítico a partir da influência da Europa sobre o mundo árabe. Diversos autores árabes viram na emergência do nacionalismo a resposta para algumas questões relacionadas a sua própria imagem e ao desenvolvimento de sua identidade (al-Musawi, 2012). Foi a partir de 1930, também, que temáticas voltadas à perda das características coloniais da sociedade vieram a ser publicadas. Assim, o entendimento das visões pós-coloniais torna-se essencial para a compreensão do mundo árabe, de sua política e de sua cultura. A literatura pós-colonial árabe passa a comungar com um esforço de simplificar questões ideológicas e padronizar a retórica escrita (al-Musawi, 2003).

O fim da Segunda Guerra Mundial e a reconfiguração geopolítica do globo introduziu novas questões no mundo árabe, que agora passava a ser independente dos mandatos europeus (Allen, 1982; 2000). No Egito, por exemplo, a década de 1940 foi profundamente marcada por questões sociais relacionadas à desigualdade social existente nos países e sustentada por elementos relacionados à fome, à pobreza, a doenças e ao analfabetismo, promovidos pelo processo colonial ao qual o país havia sido submetido e que criaram empecilhos não apenas políticos, mas também culturais (Di-Capua, 2015). A constituição da Liga dos Estados Árabes, em 1945, via na cooperação entre os países da região a melhor opção para seu futuro. Logo depois de sua criação, a questão palestina já entrou em pauta, em função da criação do Estado de Israel, ainda em 1948 (Allen, 1982, 2000).

Já na década de 1950, a literatura árabe atingiu sua maturidade, tendo o romance, esse gênero literário nascido na Europa, enraizado-se e se “arabizado” plenamente (Allen, 2001). Muito desse processo deve-se a Naguib Mahfouz, pois a sua Trilogia do Cairo – *Bayn al-*

Qasrayn (1956), *Qasr al-chawq* (1957) e *al-Sukkariyya* (1957) – é considerada o auge da prosperidade da literatura árabe. Muito significativa, essa publicação simbolizou a representação de uma realidade árabe contemporânea (Allen, 2001). Os livros, apesar de escritos anteriormente à Revolução Egípcia de 1952¹⁶, foram publicados apenas em 1956 (Allen, 1982). Mahfuz dedicou a parte de maior destaque de sua carreira a explorar a vida e a realidade da sociedade cairena, escrevendo suas questões morais, políticas e suas mudanças. Suas obras, principalmente as publicadas a partir de meados da década de 1950 em diante, podem ser consideradas como detentoras de características revolucionárias no que tange à sociedade árabe (Allen, 1982).

Tais fatos confirmam a crença de al-Musawi (2003, p. 2) de que é impossível compreender sobre a vida e a realidade árabe sem apropriar-se de suas expressões culturais, em especial, sua literatura. Esse apontamento também é expresso de maneira similar por Suleiman (2006a, 2006b) ao enfatizar que há uma relação inegável entre a construção da nação árabe e a literatura, e que esse processo constituiu um movimento de retroalimentação entre as partes (Suleiman, 2006a). Em sua maioria, durante a escalada do pan-arabismo, nas décadas de 1920 e 1930, os autores e intelectuais eram parte de uma elite. A literatura era utilizada como forma de promover esse sentimento. Entretanto, em países como Egito, Líbano e Sudão, principalmente nas primeiras décadas do século XX, havia também expressões que visavam destacar não um nacionalismo árabe, mas um nacionalismo pertinente ao seu próprio Estado (Suleiman, 2006a). Esse tipo de narrativa caracterizou-se como “literatura nacional”, responsável por desenvolver um sentimento de comunidade homogênea e vista como um distinto atributo da cultura produzida nos Estados-nação (Suleiman, 2006a). Contudo, num geral, a produção literária árabe pedia favoravelmente à proposta pan-arabista, por meio de um prisma “contrahegemônico” (Suleiman, 2006a, p. 6) A poesia, principalmente, foi muito utilizada no desenvolvimento do processo de construção e desenvolvimento de uma nação (*nation building*) e para a divulgação do pan-arabismo (Suleiman, 2006a), acabando, eventualmente, por perder seu alto nível de importância, com a ascensão da fama do romance e a popularização dos jornais, que auxiliaram nesse processo (Suleiman, 2006a).

¹⁶ A Revolução Egípcia de 1952, ocorrida em 23 de julho, foi um golpe orquestrado por militares jovens de baixa patente, que ficaram conhecidos como os “Militares Livres”, liderados por Gamal Abdel Nasser, que se tornou o presidente do país. Eles foram bem-sucedidos em derrubaram as antigas forças militares e a monarquia do país. Um novo governo foi estabelecido, que visava instituir reformas em níveis Estatais e econômicos. A Revolução de 1952 é famosa por ter sido o evento que oficialmente livrou o Egito do controle britânico (Ketchley; Wenig, 2023).

As décadas de 1950 e 1960 representaram um intenso período político para o mundo árabe, que viu na emancipação de seus Estados o início de um período de movimentos políticos, revoluções e golpes. A Palestina tornou-se uma importante bandeira da resistência árabe – com seus temas povoando tanto o imaginário árabe como a literatura publicada posteriormente (Allen, 1986). Até mesmo autores de diferentes países do mundo árabe utilizaram a questão palestina como temática de seus livros, comprovando que o tópico era relevante para a política do mundo árabe como um todo (Allen, 1982). Assim, as intensas mudanças sociais e as questões políticas que assolaram o mundo árabe naquele período passaram a fazer parte do contexto de diversas obras, que procuravam colocar seus protagonistas individuais em meio à sociedade em que estavam inseridas (Allen, 1986). De acordo com al-Musawi:

While it provides a socio-political survey of the cultural scene, its focus is on the postcolonial, not only as a historical framework, but also as an awareness of identity, individuality, conflict, contacts among peoples and cultures, and challenge on personal, communal and national levels. Its issues cut across gender, race, class, and religion, throughout pre-colonial, colonial and post-colonial times reaching to the emergence of neopatriarchies and the challenge of the New World Order¹⁷ (al-Musawi, 2003, p. 1).

Al-Musawi (2003), também, não define limitação temporal quanto ao que pode e ao que não pode ser considerado como uma obra pós-colonial, estipulando que as temáticas da pós-colonialidade no mundo árabe vão além do tempo e do espaço. O autor chega até mesmo a considerar obras publicadas na década de 1990 como pós-coloniais (al-Musawi, 2003). Moore (2018) e Cooke (2020) compactuam dessa perspectiva, também colocando obras recentes sob a égide da literatura pós-colonial.

Durante o início do período pós-colonial, a maior parte dos autores eram do sexo masculino, mas esse fato não excluiu as mulheres da produção de narrativas (Allen, 1986). É de extrema relevância ressaltar que os autores árabes, até então, não conseguiam sustentar-se apenas com a venda de suas obras (Allen, 1986; Dimeo, 2016). A maioria deles acabava assumindo também cargos públicos, ou trabalhavam como editores nas grandes revistas literárias da época, que também tinham certo nível de conexão governamental diante dos processos de censura (Dimeo, 2016). Dessa forma, apesar de obras de literatura árabe abraçarem questões sociopolíticas, foi apenas a partir de meados da década de 1940 que a literatura passou

¹⁷ “Embora forneça um levantamento sociopolítico da cena cultural, seu foco está no pós-colonial, não apenas como um quadro histórico, mas também como uma consciência de identidade, individualidade, conflito, contato entre povos e culturas, e desafio relativos a aspectos pessoais, níveis comunais e nacionais. Suas questões atravessam gênero, raça, classe e religião, ao longo dos tempos pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais, chegando ao surgimento de neopatriarcados e ao desafio da Nova Ordem Mundial” (al-Musawi, 2003, p. 1, tradução própria).

a, de fato, questionar o *status quo* da sociedade árabe, o que foi representado através de um foco maior nos diálogos presentes nas obras (al-Musawi, 2003). Além disso, diversas obras também passaram a compartilhar valores atrelados ao secularismo, apoiando o argumento de que tais princípios são parte da modernidade (al-Musawi, 2012).

Esse contexto político libertário abriu caminhos para a intensificação dos sentimentos nacionalistas, a partir de 1950 até meados de 1960, e representou o pináculo desse movimento (Allen, 1982). Na literatura pós-colonial, a questão nacional resume-se à afirmação identitária do indivíduo, isto é, ao protagonista em meio à sua realidade pessoal (al-Musawi, 2003, p. 33; 2012). O indivíduo-protagonista passa a assumir um papel de ator em meio à realidade em que está inserido, independente de qual seja sua posição na pirâmide social. É daí que advém o poder da literatura, de dar voz a grupos marginalizados, uma vez que suas opiniões passam a constar nas páginas das obras. São eles mesmos que narram sua própria história, como forma de expor o funcionamento da sociedade (al-Musawi, 2012, p. 265). É interessante apontar, contudo, que a literatura pós-colonial que se atenta à imagem do indivíduo opõe-se, de modo geral, a retóricas ideológicas durante períodos de crise, argumentando que sua utilização rasa pode gerar o atraso de mudanças concretas ou, até mesmo, a sustentação do *status quo* a partir de uma manutenção do padrão de comportamento (al-Musawi, 2012). A literatura pós-colonial utiliza-se também da imagem da terra como alegoria às questões sobre as quais está discorrendo (al-Musawi, 2012). Dessa forma, é possível dizer que parte da literatura árabe pós-colonial se posiciona contrariamente a nacionalismos repressivos (Moore, 2018).

Assim, “In general, autobiographical or national narratives before 1967 tend to be more celebratory of personal and national independence [...]”¹⁸ (al-Musawi, 2012, p. 261). A partir da década de 1970, contudo, esse raciocínio alterou-se, quando os governos se tornaram mais autoritários, assim como encarceramentos motivados pela política tornaram-se mais comuns (al-Musawi, 2012). Durante esse período, autores árabes começaram a discorrer com mais afinco sobre “[...] the fault lines, unspoken realities and repressed plurality of the nation-state” (Moore, 1028, p. 16)¹⁹. Com a queda do secularismo como tendência política e social, surgiu,

¹⁸ “Em geral, narrativas autobiográficas ou nacionais anteriores a 1967 tendem a ser mais celebratórias de independências pessoais e nacionais [...]” (al-Musawi, 2012, p. 261, tradução própria).

¹⁹ “[...] as falhas, as realidades não ditas e a pluralidade reprimida do Estado-nação” (Moore, 1028, p. 16, tradução própria).

no mundo árabe, uma série de movimentos fundamentalistas, que buscavam servir como opção à democracia e como possibilidade de futuro²⁰ (Hassan, 2002; al-Musawi, 2012).

O pós-colonialismo, em meio a sua retórica particular, vê a criação dos países árabes com maus olhos (Moore, 2018); seu advento, a partir de padrões ocidentais, tem o colonialismo como base e forma o que Moore (2018, p. 12) denomina como “hegemonia neocolonial”, impedindo os Estados de desenvolverem-se de forma autônoma. Ainda segundo Moore (2018), há uma tendência dos autores de se alinharem à esquerda do espectro político; entretanto, é interessante analisar a forma por meio da qual o socialismo foi mobilizado pelos grandes Estados-nações, a exemplo do Egito (Moore, 2018, p. 13). Dessa forma, a literatura pós-colonial critica os Estados-nação e seus nacionalismos, uma vez que a visão utópica nacionalista que se criou frente a decolonização se provou problemática (Moore, 2018, p. 13; p. 15 - 16). Particularmente, Estados-nação têm por característica se utilizarem da violência como forma de controlar e fixar a posição de seus membros na sociedade (Moore, 2018). A literatura pós-colonial árabe, por vezes, sugere alternativas às formas de domínio padrão de nacionalismo, pan-arabismo e territorialismo (Moore, 2018, p. 21).

Ao assumir-se que o pós-colonialismo se preocupa mais com a realidade regional do que com a nacional, e ao estender-se essa visão ao mundo árabe, entende-se como esse prisma pode ser benéfico à região, que se encontra repleta de questões comuns à experiência coletiva árabe, principalmente no que tange a seus Estados e aos problemas que os Estados-nação pós-coloniais geraram a suas populações (Moore, 2018). Apesar de a experiência colonial árabe ter sido variada (quanto a extensão de período, Estado colonizador, método utilizado para o controle) (Moore, 2018), foi um fenômeno generalizado que se acometeu sobre quase todos os países de cultura árabe (Moore, 2018). A literatura, por sua vez, tem a habilidade de apresentar diferentes argumentos conflitantes em um mesmo texto, apresentando, no caso da crítica nacional, divergentes manifestações de uma mesma questão (Moore, 2018). Dessa forma,

Postcolonial Arab narratives expose, oppose and seek to overcome the ‘pathologies of power’ that nationalism has tended to reproduce (Said, 1990b: 74). Nationalism rests on a logic wherein the nation as homogenous essence must be constructed, but the construction is predicated on ‘a recourse, a re-source, a circular return to the source’ (Derrida, 1992: 12). It is thus logical to assume that ‘the nation shapes its literature and is shaped by it in a shuttling mode of interaction’ (Suleiman and Muhawi, 2006: 2–3). In the postcolonial Arab world, this has become a fractious

²⁰ Hassan (2002) complementa esse argumento apresentando exemplos de fundamentalismos islâmicos que pendem para linhas progressistas de interpretação religiosa. O autor infere que há uma enorme riqueza na política cultural do mundo árabe, alegando, porém, que há, também, um apagamento da existência desses grupos por parte da mídia ocidental em prol de visões negativas da religiosidade, uma vez que existem diversos casos de perseguição e morte de membros de grupos progressistas por parte tanto do Estado (que, nesses casos, tende para o conservadorismo) e por fundamentalistas radicais (Hassan, 2002, p. 56).

interaction. Writers might position themselves as ‘the conscience of the nation’ (Jacquemond, 2008), but they have increasingly done so oppositionally, diagnosing nationalist failure and a pervasive Arab civilizational malaise²¹ (Moore, 2018, p. 16).

A literatura pós-colonial árabe é uma difusora da história árabe, que, em suas narrativas, forma um mosaico da vida dos Estados, dos indivíduos e, em alguns casos, do arabismo como um todo (Moore, 2018, p. 1 - 2). A literatura egípcia, por exemplo, explorou profusamente o período anterior e o período posterior aos momentos revolucionários, apontando, nas narrativas, as inconsistências dos discursos nacionalistas, que faziam promessas e não as cumpriam (Moore, 2018). Outros eventos, como a extensão da questão palestina, a Guerra Civil Libanesa, as guerras de dependência argelina, entre outros, também figuraram na literatura pós-colonial árabe (Allen, 2001; al-Musawi, 2012; Cooke 2020). Ainda, uma interessante característica da literatura pós-colonial árabe é que ela, por vezes, também se volta ao passado, a um período anterior ao colonialismo, como forma de reviver uma versão da sociedade que não havia sido atingida pela “modernidade” europeia (Moore, 2018, p. 15).

Há uma enorme complexidade entre o mundo árabe e sua pós-colonialidade, fato que garante a esse tema o direito de uma análise profunda que, em geral, é negligenciada pela maior parte da academia (Moore, 2018). Nesse contexto, a literatura árabe pós-colonial fica em segundo plano, perdendo espaço para produções oriundas das nações colonizadas pela Inglaterra, publicadas diretamente em língua inglesa (Hassan, 2002; Moore, 2018). A questão linguística, entretanto, não é a principal justificativa para tal comportamento; a constante associação do mundo árabe e do islamismo a questões negativas, como governos ditatoriais e terrorismo, por exemplo, além da questão palestina e da tendência de os países que têm grandes centros de pesquisa em pós-colonialismo (Estados Unidos e Inglaterra) apoiarem a narrativa Israelense, auxiliou esse processo de apagamento das produções culturais árabes, reforçando que a região é capaz de “produzir” apenas guerras (Moore, 2018). Além disso, há pouco desenvolvimento entre as áreas de contato das quais a literatura árabe se beneficia (Moore, 2018).

Também são consideradas como literatura pós-colonial árabe as obras produzidas no idioma introduzido pelo colonizador por autores de origem árabe. Para mais, uma parcela da

²¹ “As narrativas árabes pós-coloniais expõem, opõem-se e procuram superar as “patologias de poder” que o nacionalismo tende a reproduzir (Said, 1990b: 74). O nacionalismo assenta numa lógica em que a nação como essência homogênea deve ser construída, mas a construção é baseada em “um recurso, uma fonte, um retorno circular à fonte” (Derrida, 1992: 12). É, portanto, lógico supor que “a nação molda a sua literatura e é moldada por ela num modo de interação móvel” (Suleiman e Muhawi, 2006: 2–3). No mundo árabe pós-colonial, isto tornou-se uma interação turbulenta. Os escritores podem posicionar-se como “a consciência da nação” (Jacquemond, 2008), mas têm feito isso cada vez mais de forma oposicionista, diagnosticando o fracasso nacionalista e um mal-estar civilizacional generalizado árabe” (Moore, 2018, p. 16, tradução própria).

literatura de exílio entra nessa lógica (Moore, 2018; al-Musawi, 2012), fenômeno mais comum nos países ao norte da África, que sofreram com a colonização francesa no século XIX e formam uma parcela relevante da literatura árabe que não pode ser esquecida (Moore, 2018). Vale ressaltar, porém, que essa categorização é de caráter sensível e relativo, uma vez que autores como Muharram (2012) reforçam que, dentro do cânone da literatura pós-colonial, a literatura árabe é constantemente esquecida, principalmente aquela publicada em árabe²² (Muharram, 2012).

Como é possível perceber, a literatura pós-colonial árabe é um fenômeno complexo e repleto de referências políticas e sociais (al-Musawi, 2012; Moore, 2018; Cooke, 2020). Dando sequência à tradição histórica árabe, de abordar, nos romances, questões relevantes à sociedade (Allen, 1986, 2001), o período pós-colonial apenas exacerbou esse fenômeno, uma vez que o auge do nacionalismo árabe ocorreu durante o advento desse gênero, quando, também, questões políticas surgiam como consequências diretas do fim do imperialismo no mundo árabe. Tal movimento gerou nos autores e na intelectualidade árabe uma responsabilidade por assumirem posições políticas, gerando o que ficou conhecido como *iltizam*. Representando o ápice dessa obrigatoriedade moral do autor para com a sociedade em que ele está inserido, o *iltizam*, ou comprometimento, como pode ser traduzido para o português, será o tópico a ser abordado na terceira e última subseção deste capítulo.

2.3 *ILTIZAM*: COMPROMETIMENTO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA TRADIÇÃO DA RESPONSABILIDADE DO AUTOR

A partir do final da década de 1940 e do início da década de 1950, começou a surgir, em meio às comunidades intelectuais e artísticas do mundo árabe, a cristalização da noção de comprometimento, que atingiu os autores e suas produções culturais de maneira inegável (Allen, 1982). Entendia-se que a literatura teria um papel integral no desenvolvimento da sociedade árabe (Allen, 1982), de modo que poesia e romance passaram a compartilhar escritos embebidos em críticas à sociedade árabe, utilizando-se muito de simbologias em sua narrativa (Allen, 1982). Criou-se o “gênero realístico”, que espelhava a realidade árabe em meio as narrativas (Allen, 1982). Deve-se apontar, contudo, que não se deixou de produzir obras que

²² Essa questão será debatida com mais afinco no capítulo 4, na subseção (4.2) “Uma reflexão sobre a importância da arte da tradução, o *International Prize for Arabic Fiction* e a presença de temáticas políticas nas obras vencedoras”.

representavam valores quase que exclusivamente para entretenimento, romances e narrativas históricas que não faziam críticas ácidas e volumosas à realidade (Allen, 1982).

A noção de comprometimento, tradução mais adequada para o conceito que ficou conhecido no mundo intelectual árabe como *iltizam*, proveio da filosofia sartreana existencialista (Di-Capua, 2018b). Jean-Paul Sartre, filósofo francês cujos pensamentos influenciaram grande parte da cena intelectual do século XX, popularizou a filosofia do existencialismo. O autor foi capaz, por meio da divulgação de seus textos e da publicação de escritos com diferentes grupos e intelectuais, de espalhar amplamente sua filosofia, atingindo, dessa forma, a realidade pós-colonial do Terceiro Mundo (Di-Capua, 2018b). Tinha-se que o existencialismo seria, provavelmente, uma chave para os problemas contemporâneos pós-coloniais do mundo árabe, e, por isso, muito se investiu nessa filosofia (Di-Capua, 2018b). O *iltizam* tinha como preceitos básicos a crença em um governo Estatal justo, uma comunidade de leitores atenta e diligente e, principalmente, autores habilidosos capazes de inspirar seus leitores a se engajarem em temáticas de cunho social (Dimeo, 2016, p. 55). Ademais, o *iltizam* adveio relacionado à concepção do materialismo dialético, partindo do princípio de uma lógica em que a produção artística e cultural não nascia de um vácuo, e, sim, de uma conjuntura pré-estabelecida. Por isso, a literatura deveria ter o compromisso de devotar seus esforços à sociedade (Klemm, 2000)²³.

Sartre, juntamente com a sua noção de *literature engagée*, foi introduzido no mundo árabe pelo intelectual e também autor Taha Hussein, já mencionado (Klemm, 2000). Hussein, entretanto, tinha desacordos com a geração de intelectuais do *iltizam*, uma vez que não se referia ao mundo árabe como um todo e era defensor da noção do “excepcionalismo egípcio”, sustentando que a solução para os problemas intelectuais e culturais presentes seria encontrada em uma emulação dos padrões europeus da forma mais fiel possível (Dimeo, 2016; Di-Capua, 2018b). Segundo Di-Capua (2018b, p. 10 - 11), essa questão representou o âmago das adaptações dos conceitos sartreanos ao mundo árabe. Além disso, as interpretações sartreanas de neocolonialismo também foram adotadas pelo mundo árabe, que adaptou tal lógica ao fenômeno do sionismo, problema que envolve diretamente a questão palestina (Di-Capua, 2018b).

²³ O *iltizam* foi a filosofia escolhida como forma de guiar esta dissertação epistemológica e ontologicamente. Porém, reconhece-se que ela é uma interpretação dos acontecimentos e do desenvolvimento literário do mundo árabe no período mencionado, e que existem outros caminhos históricosociais que podem ser traçados para debater sobre a mesma época e o mesmo tópico.

A presença do existencialismo no mundo árabe começou, entretanto, ainda na década de 1940, com a tese de doutorado do filósofo ‘Abd al-Rahman Badawi, que se apropriou das teorias do filósofo fenomenólogo²⁴ existencialista Martin Heidegger em um período em que a sociedade árabe se preparava para as mudanças sociopolíticas que viriam com o final da Segunda Guerra Mundial (Di-Capua, 2018b). Durante esse período, ondas de violência e protestos, que provinham majoritariamente da camada jovem da população árabe, clamavam contra as forças coloniais que ainda dominavam os países (Di-Capua, 2018b). Badawi compreendeu, em meio a essa realidade, que o poder da sociedade jovem árabe seria o de tornar-se relatora da própria narrativa, original e autêntica, que reaveria a própria cultura árabe e que transformaria os árabes em uma nova força social independente (Di-Capua, 2018b). Badawi assimilou e conectou a relação entre a realidade humana árabe e sua espiritualidade, especialmente o sufismo, defendendo que ambas caminham lado a lado. Em sua tese de doutorado, o autor acreditava que, ao unir essas duas questões, ele seria capaz de levar um novo avanço à filosofia árabe, contribuindo, assim, com a recente luta contra o colonialismo (Di-Capua, 2018b).

Entretanto, entre aqueles que pregavam o desenvolvimento do existencialismo árabe, pouco foi pacífico e plenamente acordado. O existencialismo concentrava-se no Egito, na Síria, no Líbano e no Iraque, em maior medida, e na Palestina e na Jordânia, em menor. O fato de que os termos e conceitos existencialistas eram tomados e adaptados pelos intelectuais árabes apenas quanto ao que lhes servia, somado às nuances naturais do movimento e ao fato de que sua utilização categorizou muito mais uma adaptação do que propriamente uma aplicação, fez com que seu crescimento no mundo árabe o fizesse tomar características únicas, que o reconstituíram em face das questões da região (Klemm, 2000; Di-Capua, 2018b). O fato de o existencialismo apresentar tamanhas nuances e desencontros faz com que sua definição seja tingida pelo intelecto de diversos pensadores diferentes, tornando-se difícil de apreender de maneira assertiva (Di-Capua, 2018b). Dessa forma, é possível dizer que o existencialismo árabe se emancipou do tronco europeu que o concebeu (Di-Capua, 2018b). Além disso, nem o próprio existencialismo era entendido de forma unânime como uma resposta adequada para os problemas enfrentados na região. Grupos como a Irmandade Muçulmana²⁵ e os coletivos

²⁴ A fenomenologia, filosofia desenvolvida por Edmundo Husserl no início do século XIX, é a busca por compreensão dos fenômenos que se manifestam à consciência, formando-a (Silva; Lopes; Diniz, 2008).

²⁵ A Irmandade Muçulmana é um grupo de caráter islamista fundado no Egito a quase um século, fato que o torna o mais antigo e influente de todos. Ao longo dos anos, ele foi bem-sucedido em se espalhar por grande parte do mundo árabe, desenvolvendo ramificações em diversos países e influenciando organizações islamistas, como ocorreu na Jordânia, na Síria, na Líbia, na Tunísia e nos territórios Palestinos, por exemplo. A Irmandade Muçulmana não é oposta à democracia; apenas acredita que ela deve ser implementada aliada à crença islâmica.

comunistas tinham suas próprias respostas para os problemas presentes no mundo árabe, que não coincidiam com a visão existencialista (Di-Capua, 2018b).

No caso de Badawi, por exemplo, apesar da extensão de suas pesquisas e seus esforços monumentais no campo da filosofia, havia bem pouca aplicabilidade real naquilo que ele produzia, configurando seu trabalho como algo muito mais voltado a uma divagação teórica do que à capacidade de gerar as mudanças concretas que eram tão desejadas (Di-Capua, 2018b). Por isso, quando a noção de *iltizam* (comprometimento) surgiu e foi associada à produção literária, sua visão existencialista particular foi quase que abandonada em prol da visão de origem sartreana. O autor francês havia cunhado a noção de comprometimento em *Qu'est-ce que la littérature?* em 1948, a obra de Sartre que ganhou mais fama no mundo árabe em função daquele termo. A obra apresentava a noção de que

[...] since writing is a consequential form of acting/ being, intellectuals should assume political responsibility for their work and the circumstances that condition it. This call for responsibility qua professional action was conjoined in Sartre's concept of commitment (engagement)²⁶ (Di-Capua, 2018b, p. 61).

Assim, com o colonialismo chegando ao fim e a questão palestina tomando forma após a *nakba*²⁷, havia sede no mundo árabe por ideias que fossem capazes de reestruturar a região a partir das constantes mudanças que estavam ocorrendo. Era necessário que se desenvolvesse no mundo árabe um senso cultural, político e intelectual que coincidissem com a época. Para que isso ocorresse, seria preciso que se quebrasse com o padrão perpetuado no mundo árabe, até então, de produções culturais cujo enfoque voltava-se às elites, que eram também quem produzia essa cultura. O *iltizam* tornou-se um embate entre os antigos intelectuais e os novos, que buscavam mudanças (Di-Capua, 2018b). O existencialismo, a partir da noção do *iltizam*, passou a ditar o desenvolvimento intelectual do mundo árabe. Sua força era notável, no que tangia à noção da responsabilidade do autor para com as questões sociais e políticas que permeavam a realidade árabe (Dimeo, 2016; Di-Capua, 2018b).

Em todos os países ditatoriais do mundo árabe, a Irmandade é vista como um dos principais inimigos do Estado (Bokhari; Senzai, 2013). Como será visto mais adiante, outros grupos opositores ao Estado também vê a Irmandade Muçulmana como uma ameaça.

²⁶ “[...] uma vez que a escrita é a forma consequential de agir/ser, intelectuais devem assumir responsabilidade política pelo seu trabalho e pelas circunstâncias que condicionam isso. Esse chamado por responsabilidade qua ação profissional eram unidas no conceito de Sartre de comprometimento (engajamento)” (Di-Capua, 2018b, p. 61, tradução própria).

²⁷ *Nakba*, palavra em árabe que frequentemente é traduzida como “catástrofe”, é o termo utilizado para se referir à expulsão árabe dos territórios palestinos após a vitória israelense na Primeira Guerra Árabe-Israelense, de 1948, que culminou na formação oficial e na independência do Estado de Israel, além de outros desdobramentos. Aproximadamente 80% das pessoas que moravam na região foram expulsas de suas casas. Tal evento resultou na fragmentação da vida comum palestina e em uma mudança estrutural histórica cujos efeitos ainda são sentidos quase oitenta anos depois (Abu-Lughod; Sa’di, 2007).

Havia, assim, duas correntes de *iltizam*: a marxista, *al-adab al-hadif* (literatura dirigida, em tradução livre feita por Dimeo), centrada na cidade do Cairo, e a *al-adab al-multazim*, centrada em Beirute, cujo viés era o de um existencialismo realista mais flexível (Dimeo, 2016, p. 49). A corrente mais marxista mantinha seu próprio jornal central, *al-thaqafa al-wataniya* (Cultura Nacionalista), e acreditava que o existencialismo de Sartre era nada mais do que “[...] the foil with which to compare their committed philosophy²⁸” (Dimeo, 2016, p. 49). Segundo Dimeo (2016, p. 49):

[...] *al-adab al-hadif* required the author to have a working understanding of socialist principles and to apply those in his or her writing. Far from al-Ma’addawi’s embrace of five (extremely broad) categories of acceptable writers, al-‘Alim’s school required the author to depict social conditions with an eye toward a systemic view of the class struggle that exposed the larger corruption in the social system²⁹ (Dimeo, 2016, p. 49, grifos do autor).

A noção de *al-adab al-multazim*, contudo, teve muito mais predominância do que a interpretação marxista (Dimeo, 2016; Di-Capua, 2018b). A “literatura comprometida” (tradução de *al-adab al-multazim*) foi desenvolvida primordialmente por Anwar al-Ma’dawi e defendia a aplicação de regras provenientes do realismo social³⁰ à literatura, tornando-se um movimento cultural (Klemm, 2000; Dimeo, 2016; Di-Capua, 2018b). Responsabilizou-se o autor integralmente por seu dever de produzir obras políticas; tal feito deveria ser uma função de todos os autores (Dimeo, 2016; Di-Capua, 2018b). Esses preceitos partiam da noção de que existia um dever em se escrever em prol de uma crença, a partir de conceitos de alterações sociais significativas, voltados às massas, e não às elites (Albers; Khalil; Pannewick, 2015; Dimeo, 2016). Ademais, o autor que abraçasse o *iltizam* deveria manter-se independente em relação a forças governamentais, assumindo sua autonomia para escrever sobre os assuntos que bem quisesse (Dimeo, 2016). Assim, para um autor ser considerado como parte do *iltizam*, precisava comungar e escrever de acordo com as bases apresentadas pelo realismo socialista (Klemm, 2000).

²⁸ “[...] o modelo ao qual comparar com sua filosofia comprometida [...]” (Dimeo, 2016, p. 49, tradução própria).

²⁹ “[...] *al-adab al-hadif* exigia que o autor tivesse uma compreensão prática dos princípios socialistas e os aplicasse na sua escrita. Longe da adoção de cinco categorias (extremamente amplas) de escritores aceitáveis por al-Ma’addawi, a escola de al-‘Alim exigia que o autor retratasse as condições sociais com um olhar voltado para uma visão sistêmica da luta de classes que expôs a corrupção mais ampla no sistema social” (Dimeo, 2016, p. 49, grifos do autor, tradução própria).

³⁰ O realismo social na produção artística (seja ela visual ou literária) acredita que o autor da obra tem a habilidade de demonstrar veridicamente a realidade de uma sociedade através de sua arte (Dave, 2019). Ela é inspirada na União Soviética (Dave, 2019), mas não deve ser confundida com o realismo socialista, mencionado mais a frente.

Assim, três eixos centrais integravam o *iltizam*, independentemente de sua corrente: a posição do autor como politicamente comprometido, o público leitor e a autoridade política em vigor (Dimeo, 2016, p. 52 - 53). Dimeo (2016, p. 52 - 53) trata esses elementos como três atores, que, constantemente, influenciavam-se ao se retroalimentarem e, como efeito, alimentavam a ideia do comprometimento literário (Dimeo, 2016). O autor entrava como aquele responsável por transmitir uma mensagem clara à população, sobre questões políticas e sociais. A autoridade política, que era responsável por permitir ou censurar aquilo que era produzido, exercia o papel de filtrar partes do que chegava ao público, permitindo a criação do laço entre um autor socialmente engajado e leitores de sua obra. Por fim, havia o público, o objeto final que os autores buscavam atingir por meio da utilização da “linguagem do povo” (Dimeo, 2016). Dessa forma, a obra configurada a partir do *iltizam* não era influenciada diretamente por essas categorias, sendo elas histórias sobre a classe trabalhadora, que ficavam sem o domínio da opinião direta dos autores e sem a propaganda direta do governo. Os autores opinavam em outros campos, como textos publicados nas revistas e em eventos, mas o texto em si era reservado à classe trabalhadora e a suas questões importantes (Dimeo, 2016). Também,

Like Sartre, Arab advocates of *al-adab al-multazim* exhorted writers to present clear and accessible texts for the mass public, necessarily avoiding artistic experimentation. Thus, it came as somewhat of a surprise that many of the great realists of the 1940s, renowned for their clean and simple style, became noted for their impressionism in the 1960s, none more so than Mahfouz. In fact, Salama Musa, the early pioneer of ‘Literature for the People,’ made reference to an established French dictum – “that which is not clear is not French” – in his appeal to Egyptian writers³¹ (Dimeo, 2016, p. 31).

Utilizando-se de suas publicações em revistas literárias, que eram organizadas e editadas por eles, a exemplo da *al-Adab*, procurava-se incentivar as mudanças sociais (Klemm, 2000; Dimeo, 2016). A *al-Adab*, revista libanesa fundada em 1953, foi um dos principais veículos pelos quais o *iltizam* e a *al-adab al-multazim* foram divulgados pelo mundo árabe, defendendo os ideais de uma “literatura efetiva” (Klemm, 2000, p. 53; Dimeo, 2016, p. 47) e visando o desenvolvimento de um senso crítico nos leitores de todo o mundo árabe (Klemm, 2000). Por causa disso, ela foi de extrema importância (Klemm, 2000). A revista, na época, apoiava-se na causa nacionalista do mundo árabe, fazendo coro com as demandas progressistas contemporâneas ao período, e defendia o papel que a literatura deveria desempenhar na

³¹ “Tal como Sartre, os defensores árabes de *al-adab al-multazim* exortaram os escritores a apresentarem textos claros e acessíveis ao grande público, evitando, necessariamente, a experimentação artística. Assim, foi uma surpresa que muitos dos grandes realistas da década de 1940, conhecidos por seu estilo limpo e simples, tivessem se tornado conhecidos por seu impressionismo na década de 1960, ninguém mais do que Mahfouz. Na verdade, Salama Musa, o pioneiro da ‘Literatura para o Povo’, fez referência a um ditado francês estabelecido – ‘aquilo que não é claro não é francês’ – em seu apelo aos escritores egípcios” (Dimeo, 2016, p. 31, tradução própria).

realidade pós-colonial árabe, cujo maior objetivo deveria ser a emancipação dos povos árabes (Klemm, 2000). Foi na segunda publicação da *al-Adab* que al-Ma‘addawi definiu os seis tipos de autores existentes no mundo árabe na época, categorizando cinco como comungadores do movimento da *al-adab al-multazim*. Assim, de acordo com al-Ma‘addawi (*apud* Dimeo, 2016, p. 48):

The first type of writer included those who felt that they must always describe current social issues, and made no provisions for wasting one’s precious talents on any other subjects. Their duties, however, ended at merely describing the injustices they saw. A second group went even further, not only describing but feeling compelled to find solutions to those social problems. A third group, moreover, agreed with the first two classifications, but did not consider such writing a permanent duty. Al-Ma‘addawi then went on to include a fourth set of writers who not only dealt with social concerns but who also expanded their writing to all areas of human life, venturing into those issues of human nature that were not necessarily tied to the current social system. Lastly, there were those who saw no restrictions on literature at all. Al-Ma‘addawi saw a place for all these writers in the world of *al-adab al-multazim*, inviting all to apply their talents to the mission of social justice. In the final analysis, he excluded from the movement only the sixth type of writer: he or she who consciously sought to produce socially detached art³² (al-Ma‘addawi *apud* Dimeo, 2016, p. 48).

O *iltizam* muito também se debruçava sobre a ideia da crítica literária como algo que traria mudanças à cultura geral do mundo árabe, a partir de uma visão política de cultura que criaria leitores mais críticos. Havia, inclusive, guias que demonstravam as características necessárias para ser um crítico e/ou um autor produtor de escritos “comprometidos” (Di-Capua, 2018b). Ademais, acreditava-se na variação dos estilos literários presentes no mundo árabe e na variação dos tipos de vozes presentes em sua literatura (Di-Capua, 2018b).

De acordo com Di-Capua (2018b, p. 7), o existencialismo era alimentado como um sentimento de contracultura, que ia contra o estado da política árabe naquele momento e que vinha como uma resposta inicial de uma nova geração de intelectuais, cujo desejo era desgarrar-se completamente do passado colonial traumático, povoado por desigualdades, pouca qualidade de vida e baixos níveis de desenvolvimento, em prol de um futuro autônomo, em que seriam

³² “O primeiro tipo de escritor incluía aqueles que sentiam que deviam sempre descrever questões sociais atuais e não previam o desperdício de seus preciosos talentos em quaisquer outros assuntos. Suas funções, porém, terminavam apenas em descrever as injustiças que viam. Um segundo grupo foi ainda mais longe, não apenas descrevendo, mas sentindo-se compelido a encontrar soluções para esses problemas sociais. Além disso, um terceiro grupo concordou com as duas primeiras classificações, mas não considerou tal redação um dever permanente. Al-Ma‘addawi passou, então, a incluir um quarto conjunto de escritores que não apenas lidaram com preocupações sociais, mas também expandiram seus escritos para todas as áreas da vida humana, aventurando-se nas questões da natureza humana que não estavam necessariamente ligadas ao sistema social atual. Por último, houve aqueles que não viam nenhuma restrição à literatura. Al-Ma‘addawi viu um lugar para todos esses escritores no mundo de *al-adab al-multazim*, convidando todos a aplicarem seus talentos na missão de justiça social. Em última análise, ele excluiu do movimento apenas o sexto tipo de escritor: aquele ou aquela que procurou conscientemente produzir arte socialmente distanciada” (al-Ma‘addawi *apud* Dimeo, 2016, p. 48, tradução própria).

capazes de desenvolver sua própria intelectualidade e sua própria identidade (Di-Capua, 2018b). Dessa forma, o grande esforço pós-colonial árabe depositava-se, em grande medida, na inquisição pelo aprimoramento de uma identidade própria, pertinente ao mundo árabe e a sua realidade pós-colonial (Di-Capua, 2018b). É possível dizer que o poder de que esses grupos usufruíam foi tomado por eles a partir de grupos de *freedom fighters* e de coletivos nacionalistas (Di-Capua, 2018b).

Essa relação entre o combate às amarras coloniais e o existencialismo, porém, não surgiu sem impasses ideológicos. A visão de um mundo pós-colonial árabe encontrava-se diretamente atrelada a uma doutrina marxista; o marxismo, entretanto, não coincide com o existencialismo em função da individualidade pregada pela filosofia francesa, ignorando, em certa medida, a coletividade e as demandas sociais. Ademais, também havia o empecilho de que, com essas divergências entre existencialismo e marxismo, seria necessário encontrar um caminho do meio, que permitisse aplicar tais questões à realidade árabe a partir de uma ótica de “ética global” (Di-Capua, 2018b, p. 12). A questão palestina comungava com esse argumento da ética global, uma vez que era tão problemática quanto os outros tipos de segregação que ocorriam no mundo, na época, e que eram condenáveis (Di-Capua, 2018b, p. 12).

Dessa forma, durante anos, um laborioso debate cultivou-se, no mundo árabe, entre as gerações de intelectuais do *iltizam* e os pensadores anteriores, que apresentavam uma abordagem mais classista para com a arte e a literatura (a exemplo da geração da ‘*Udaba*³³). A geração nova, por sua vez, acreditava com afinco na responsabilidade da arte em impactar positivamente e alterar a sociedade, afastando-se um pouco da noção de que a arte deveria ser produzida baseada apenas em estética (Di-Capua, 2018, p. 79). Já a antiga geração, personificada, principalmente, por Taha Hussein, não lidava bem com a transformação na configuração da literatura, principalmente diante de sua massificação, e defendia que a cultura perderia sua beleza a partir do momento em que obras deixassem de focar em seu valor estético, fato que deveria ser a principal preocupação de um autor, em detrimento do valor político de uma produção cultural. Na verdade, o desgosto pelo *iltizam*, explicitamente expresso por Taha Hussein, que, por muito tempo, havia sido considerado um autor revolucionário, fez com que o

³³ A geração da ‘*Udaba* fez parte da primeira geração de intelectuais do mundo árabe. Sua relevância perdurou até a década de 1940, quando a filosofia pós-colonial e o conceito de pan-arabismo passaram a dominar o pensamento árabe intelectualizado. Eles eram egípcios, e uma das principais críticas feitas a eles era de que seu foco intelectual negava uma visão arabista ampla, dedicando-se majoritariamente a pensar exclusivamente sobre a posição filosófica e acadêmica egípcia. Também, a geração acreditava que, para que o Egito pudesse de fato se modernizar, ele precisava se espelhar no modelo Europeu de intelectualidade, sociedade e cultura, vendo com hesitação e ceticismo o desenvolvimento da filosofia pós-colonial de libertação no mundo árabe. Seu principal pensador era Taha Hussein (Di-Capua, 2018a).

fenômeno ganhasse muita tração, dada sua fama no mundo árabe (Di-Capua, 2018b). Dessa forma, a literatura deveria ser política e deveria comunicar a moral de sua história de modo a evidenciar o significado que tentava transmitir, enquanto o autor deveria ser livre de pressões externas para publicar suas obras (Dimeo, 2016).

Também, diversos membros da nova geração eram adeptos ao comunismo e à noção de socialismo realista, o que gerou certa tensão entre os membros do círculo da literatura pós-colonial árabe (Di-Capua, 2018b). Apesar de bastante do *iltizam* ser oriundo de preceitos socialistas, existia uma divisão entre um *iltizam* comunista, e um social realista. Havia o esforço por parte dos adeptos do *iltizam*, de não herdarem a tradição soviética de necessidade em manter-se próximo ao Estado, concordando com sua doutrina sem questioná-la (Dimeo, 2016). Entendia-se que a visão sartreana era diferente da visão comunista (Di-Capua, 2018).

Entretanto, existiam alguns países, a exemplo da Síria, que propunham diferentes opções ao *iltizam*. Se via na questão do socialismo realista³⁴, uma ideologia importada diretamente da União Soviética, uma opção ao arquétipo popularmente vinculado do *iltizam*. O problema relativo a esse argumento, que tornava o ponto de vista esposado pela revista *al-Adab* mais atrativo e popular, era sua crença de que, a partir do individualismo introduzido pelo existencialismo, o autor deveria ser capaz de desfrutar de grandes níveis de liberdade, sem atrelar-se a qualquer crença particular (Di-Capua, 2018b, p. 89 - 90). Inclusive, alguns autores defendiam que a literatura também deveria ser capaz de criticar o Estado, coisa que, em uma realidade comunista, não seria possível (Di-Capua, 2018b, p. 90).

Essa preocupação, manifestada por alguns membros do *iltizam* para com a liberdade em referência ao Estado, justifica-se no período histórico em que o fenômeno se vê inserido. As mudanças político-sociais enfrentadas pelos Estados árabes a partir da segunda metade da década de 1950, a exemplo da transformação do Egito e da Síria em um único país (os Estados Árabes Unidos), o fim de algumas monarquias regionais e o desencadeamento de crises políticas e processos revolucionários em alguns países aprofundaram o mundo árabe em um turbilhão político ainda mais complexo (Di-Capua, 2018b). Foi também o período em que os Estados Unidos da América realizaram sua primeira intervenção no mundo árabe, com a chegada de soldados americanos a Beirute para combater um golpe militar ocorrido no Iraque,

³⁴ O realismo socialista, por sua vez, defende a crença de que a arte deve apresentar uma visão “idealizada” e “realista” da sociedade, com personagens heroicos que lidam com os diversos desafios que precisam enfrentar até atingirem a vida perfeita, segundo a doutrina socialista. Foi uma teoria debatida e adotada no Congresso dos Autores Soviéticos de 1934 (Dave, 2019).

o maior aliado político dos Estados Unidos no mundo árabe até então (Di-Capua, 2018b; Riedel, 2018).

Dessa forma, a ebulição política das décadas de 1950 e 1960, que teve em seu cerne movimentos relacionados ao pan-arabismo, tinham como principal objetivo a construção de um Estado árabe amplo, baseado na solidariedade entre aqueles que compartilhavam a cultura e o idioma árabe (Di-Capua, 2018b). O período em que o pan-arabismo atingiu seu ápice coincidiu com o erguimento do sul global como força atuante e relevante e teve a Conferência de Bandung³⁵ como marco inicial. A partir daí, enraizou-se de forma tão profunda na política árabe e desenvolveu-se de tal forma no imaginário social, que acabou criando um sistema próprio – baseado, em tese, na noção de soberania do grande Estado árabe e na democracia personificada em ideais socialistas e libertários (Di-Capua, 2018b).

Havia duas grandes correntes pan-arabistas na época: a do nasserismo e a do *Baa'th*. Segundo Di-Capua (2018b, p. 109), tinha-se muita dúvida sobre o papel que o Estado como instituição assumiria em meio a esse projeto, incluindo-se aí a indagação sobre essa instituição ter ou não aplicabilidade na realidade árabe, confundindo-se as noções de nação e Estado (Di-Capua, 2018b). Isso surgiu em meio a um aumento dos níveis de autoritarismo governamental enfrentados pela sociedade árabe, fato que motivou autores a posicionarem-se, alterando o *status* da intelectualidade no mundo árabe (Di-Capua, 2018b). O *iltizam* era amplamente utilizado como forma de erguer a bandeira nacionalista árabe, uma vez que um dos seus principais preceitos era a liberdade, e o pan-arabismo era construído sobre a ideia de fim do domínio europeu e de autodeterminação árabe (Khoury, 2015). De acordo com Khoury (2015, p. 83), o pan-arabismo foi responsável por moldar tanto a literatura quanto a cultura árabe em geral, durante as décadas de 1950 e 1960.

Tendo alçado voo em sua maior potência logo após a *nakba*, a “catástrofe palestina” serviu como propulsora de luta para os países árabes, mostrando-lhes que seu maior inimigo ainda era o colonialismo (e suas cicatrizes profundas) (Klemm, 2000; Khoury, 2015). Ademais, a linha do tempo do mundo árabe também indica que, após a *nakba*, iniciou-se o frenesi político e social de golpes de Estado – em sua maioria violentos –, que movimentaram a região. Assim,

³⁵ A Conferência de Bandung, também conhecida como Conferência Ásio-Africana, ocorreu em abril de 1955 e representou um marco histórico para os países que haviam conquistado sua recém-independência. Ao todo, vinte e nove Estados se reuniram na cidade tailandesa de Bandung para discutir o futuro desenvolvimento econômico desses países e prospectar possibilidades de cooperação entre as partes. A Conferência de Bandung foi o primeiro passo que permitiu, alguns anos depois, a formação do Movimento dos Países Não-Alinhados, ao qual o Brasil fazia parte (Rosenberg, 2011).

a noção de uma nação árabe, pautada em uma filosofia de comunidade e unidade, foi introduzida durante esse período e reinou durante quase vinte anos (Khoury, 2015).

Em relação à literatura, o romance passou a representar a esperança em um futuro melhor por meio de obras com temáticas referentes à superação de desafios (Scott, 2004; Di-Capua, 2018b). Essas obras, existencialistas em seu cerne, defendiam que mudanças originadas no ser individual e em sua realidade familiar e social seriam implacáveis para a mudança concreta da sociedade como um todo. Houve uma movimentação por parte de autores considerados como “marginalizados” (Di-Capua, 2018b, p. 128), em utilizarem-se do existencialismo filosófico como forma de, na literatura, contrapor-se às questões sociais e políticas presentes na sociedade árabe (autoritarismo, violência, machismo) (Di-Capua, 2018b). O autor árabe, que, muito frequentemente, assumia o papel e vinha de um contexto em que também partilhava da posição de intelectual, era tido com um ser emancipador, cujo objetivo central era libertar o restante da população árabe a partir de seus escritos e de suas ideias (Halabi, 2017). Negava-se qualquer prospecção de conciliar aquilo que tivesse base europeia com o que era árabe, sem que houvesse, no mínimo, uma adaptação significativa desses princípios (Halabi, 2017).

Independentemente dessas questões, contudo, foi por isso que o existencialismo teve aceitação e impacto tão significativos no mundo árabe das décadas de 1950 e 1960, uma vez que seu enfoque na construção do ser humano, e não na noção da existência de características pré-definidas de uma determinada etnia, permitiu que o povo árabe, em um sentido coletivo, concebesse definições próprias sobre quem era (Di-Capua, 2018b). Havia, nas filosofias existencialistas, um grande enfoque na resistência à submissão³⁶, fato que agradava a toda uma massa acadêmica pós-colonial, que, como visto anteriormente, acreditava em desenvolver sua genuinidade de forma natural (Di-Capua, 2018b). Acreditava-se que o enfoque na “europeização” do mundo árabe privou a região de parte de suas matrizes tradicionais (Di-Capua, 2018b). Tais elementos fomentaram a base do pós-colonialismo árabe, assim como suas noções terceiro-mundistas (Di-Capua, 2018b).

Em meio a toda essa efervescência sociocultural, questões políticas tornaram-se a base da construção do existencialismo árabe. Essencialmente, o intelectual tinha responsabilidade em aderir à política, engajando-se nela. A crença dessa filosofia era de que, a partir da demonstração de um posicionamento político forte por parte de um pensador, que transferisse isso a sua produção e ações sociais, bem como induzisse a construção da imagem de um árabe

³⁶ De acordo com Di-Capua (2018), essa noção de submissão está diretamente atrelada à visão de Simone de Beauvoir, outra existencialista, esposa de Jean-Paul Sartre, sobre o papel feminino.

autêntico, autônomo e independente de influência externas, seria possível estabelecer uma realidade descolonizada do mundo árabe, uma vez que a essência do plano que libertava o mundo árabe de suas amarras coloniais era o estabelecimento do ser árabe (Di-Capua, 2018b). Tal feito seria possível a partir da noção de que o pensador intelectual tinha a capacidade de expressar a imagem da sociedade árabe por meio de seus escritos, imitando-a com o intuito de externalizar a visão do grupo (Halabi, 2017). Para esses pensadores, seu escape da colonialidade se daria a partir do existencialismo (Di-Capua, 2018b).

O existencialismo árabe e sua noção de *iltizam* viram o fim de sua definição basilar com a Guerra de 1967, que deixou enormes cicatrizes que ainda são sentidas no mundo árabe mais de 50 anos depois (Halabi, 2017). Também conhecida como “Guerra de Seis Dias”, foi um conflito entre forças árabes, representadas por Egito, Palestina, Síria e Jordânia e Iraque, de um lado, e o Estado de Israel, de outro, sendo o resultado de um escalonamento de décadas de embates políticos referentes à questão palestina, um tópico que, como já foi observado, faz parte do léxico político do mundo árabe desde a década de 1940. Seu início pode ser apontado para sabotagens fronteiriças, incentivadas pelo governo sírio, se tornando um conflito armado quando o governo egípcio moveu parte de seu exército para o Monte Sinai, baseado em relatórios políticos que indicavam uma potencial invasão de território árabe por parte do Estado de Israel (Parker, 1992). A Guerra de 1967 também influenciou, em muito, a literatura árabe (Allen, 1986).

A referida guerra foi curta, mas extremamente destrutiva para as forças árabes, que fracassaram em seu objetivo de conter Israel e, com isso, defender seus territórios e a causa palestina (Parker, 1992; Dawisha, 2016). Apenas o Egito perdeu mais de dez mil homens durante o combate, entre soldados e militares de alta patente, e teve seu arsenal militar consideravelmente diminuído. Ademais, os impactos econômicos e políticos que ela produziu foram tremendos. O Canal de Suez foi fechado, impedindo que uma das principais formas de arrecadação de capital do governo egípcio fosse utilizado; o Egito, então, passou por um processo de migração massiva para a cidade do Cairo, em função da guerra, e se viu em uma expressiva situação de desequilíbrio econômico (Dawisha, 2016). O país, que, até então, era o detentor da liderança política árabe, foi removido de sua posição, perdendo prestígio e influência em razão da derrota (Dawisha, 2016).

Juntamente com essa penosa e pesarosa derrota, de que o mundo árabe nunca se recuperou verdadeiramente, o existencialismo árabe e seu *iltizam*, bem como as noções de pan-arabismo e secularismo árabes, perderam seu apelo inicial e, com a frustração decorrente da perda da guerra, a intenção de unidade árabe, que era vista como o grande objetivo do pan-

arabismo, esfacelou-se (Dawisha, 2016; Khoury, 2015, Di-Capua, 2015; 2018b). É importante ressaltar, contudo, que a perda da Guerra de 1967 foi apenas o suspiro final de um movimento que já vinha decaindo há alguns anos, tendo em vista outros eventos, como a dissolução da República Unida Árabe, em 1961, que atestam a mácula do nacionalismo árabe, já evidenciada nos anos que antecederam a guerra.

Todavia, esses acontecimentos não fizeram com que se desmantelasse, com o pan-arabismo, a noção exclusiva de arabismo, ou seja, a ideia de que há fatores culturais que, de fato, unem as nações árabes (Dawisha, 2016). Entretanto,

What was left was no more than a sense of cultural proximity, an intellectual recognition of common habits and custom, a belief that something called “Arabism” does indeed exist. Yes, they were Arabs, those people who lived in the various Arabic-speaking countries. Most of them agreed on that. But after 1967, hardly any of them believed in their eventual political unity. It was Arab statism not Arab nationalism that defined the post-1967 era [...] ³⁷ (Dawisha, 2016, p. 253).

Esse trecho, de autoria de Dawisha (2016), atesta o impacto do idioma árabe para a definição da cultura árabe. Com o fim do nacionalismo árabe e de tudo o que ele representava, estabeleceu-se no mundo árabe a noção padrão de Estado, que replicava o modelo europeu (Dawisha, 2016). O fim do nacionalismo árabe, porém, permitiu o surgimento do nacionalismo palestino, que se fortificou a partir da necessidade da luta palestina em estabelecer-se de maneira substancial. Foi a partir desse momento que começaram a surgir os diferentes grupos de resistência palestina, independentes de quaisquer governos, com a Organização para a Libertação da Palestina sendo a primeira a tornar-se independente (Dawisha, 2016). Ademais, o projeto socialista no mundo árabe também foi inteiramente abandonado com a Guerra de 1967 (Klemm, 2000; Guth, 2015).

Também, nos anos finais da década de 1960, um conceito referente à presença de expressões políticas dentro da literatura árabe palestina emergiu: *al-adab al-muqawama* (“literatura de resistência”, em tradução literal). Idealizado pelo autor de ficção e intelectual palestino Ghassan Kanafani, essa nova concepção defendia a utilização da literatura como forma de resistir ao discurso hegemônico e opressor proferido pelo Estado de Israel, que atacava (e ainda ataca) a essência e a mera existência da Palestina (Abu-Reimaileh, 2015). Culturalmente, no que tangia principalmente a causa palestina, ela combatia em duas frentes:

³⁷ “O que restou não era nada mais do que um sentimento de aproximação cultural, um reconhecimento intelectual de hábitos comuns e costumes, a crença de que algo chamado ‘arabismo’ de fato existisse. Sim, eles eram árabes, aquelas pessoas que vivem em vários países que falam o idioma árabe. A maior parte deles concorda com isso. Porém, após 1967, dificilmente qualquer um deles acreditava na eventual unidade política. Foi estatismo árabe, não nacionalismo árabe, que definiu a era pós-1967 [...]” (Dawisha, 2016, p. 253, tradução própria).

iluminar o abuso sofrido pelo povo palestino e apontar para as falhas e as incoerências da filosofia sionista (Abu-Reimaileh, 2015, p. 174). Parte essencial da proposta de Kanafani era destacar a importância da resistência do palestino comum, que em um contexto diário não envolvia questões belicosas (Abu-Reimaileh, 2015).

A *al-adab al-muqawama* em sua inepção voltava-se por completo à poesia, apostando no fato de que um texto mais sofisticado e figurado, que levasse a estética mais em consideração do que a mensagem política crua, teria uma maior aceitação e seria menos filtrado pelos diferentes métodos de censura da época. Segundo Kanafani (*apud* Abu-Reimaileh, 2015, p. 174), a prosa se preocupava em demasia com sua contextualização, barreira que a impedia de explorar seu potencial estético por inteiro (Abu-Reimaileh, 2015, p. 174). Eventualmente, porém, a *al-adab al-muqawama* evoluiu, ganhando uma maior aplicabilidade e se expandindo para outros produtos culturais (Abu-Reimaileh, 2015).

Esse processo enfraqueceu a noção de uma literatura comprometida politicamente a partir de uma visão coletivizada e estruturada, transformando a arte e abrindo espaço para novas interpretações sobre o objetivo da literatura em relação à sociedade (Klemm, 2000). A década de 1960 viu diversos golpes militares no mundo árabe, mal que ainda assola a região (Halabi, 2015). A geração de autores que se firmou a partir de então, com o declínio do nacionalismo, principalmente após a Guerra de 1967, até a década de 1980, considerados como pós-modernos, tinha grande preocupação em processar a realidade de maneira autêntica, sem as lentes da imposição de um modelo que deveria representar tanto a arte literária quanto a sociedade como um todo (Guth, 2015). Eles perceberam que o antigo modelo apresentava uma interpretação de realidade que não necessariamente condizia com a verdade (Guth, 2015). Houve leves alterações entre as décadas (Mejcher-Atassi, 2015). Dessa forma, seguiram sentindo-se responsáveis por contribuir para com o desenvolvimento do mundo árabe a partir da revelação dos problemas presentes na sociedade árabe e da apresentação de soluções para tais problemas. Esses autores desenvolveram o que ficou conhecido como uma “nova sensibilidade” (*hassasiyya jadida*) (Guth, 2015, p. 125 -127).

Alterou-se, também, a relação que os autores tinham com a linguagem, com o objetivo de produzir textos menos propensos a manipular o leitor. Ela agora não mais se esforçava para expressar a realidade abrangente do mundo árabe, cujos autores notaram fazer parte de um projeto maior de autoritarismo que pintava a realidade de uma maneira positiva para o Estado, mas sim o universo interno de cada autor (Guth, 2015, p. 127 - 128). A partir disso, eles desaprovavam o antigo modelo utópico do *iltizam*, que os fizera crer que os objetivos de bem-estar social promovidos pela política vigente seriam facilmente atingidos (Guth, 2015, p. 130).

Com isso, a literatura deixou de ser “densa e expressiva” (Guth, 2015, p. 127), com esses elementos sendo relegados a um subgênero da literatura, em que as obras eram caracterizadas por retratar experiências pessoais e a subjetividade do indivíduo, sem a intenção de representar uma realidade externa à obra de forma objetiva e que permitia que elementos pertinentes ao banal da vida árabe fossem retratados (Guth, 2015, p. 127). Outras abordagens se ocupavam em separar sujeito (narrador) e objeto (aquilo descrito por ele), entregando a um narrador neutro o papel de descrever a história de maneira a ausentar-se dos acontecimentos e daquilo esperado da realidade (Guth, 2015, p. 128).

Porém, mesmo com todas essas questões em pauta, Guth (2015, p. 127) defende que o *iltizam* nunca deixou de fazer parte da produção literária árabe a partir do prisma voltado ao dever do autor de servir como detentor do poder de questionar a sociedade em que ele se insere e beneficiar seu país ao cumprir tal papel (Guth, 2015, p. 127). Na verdade, ainda segundo Guth (2015), nem mesmo os valores da *nahda*, iniciada anteriormente à década de 1960, haviam sido perdidos. As mudanças econômicas e políticas ocorridas no Egito a partir de meados da década de 1960 em diante foram intensificadas com a morte de Gamal Abdel Nasser, líder egípcio e personificação do pan-arabismo, e com a subida ao cargo de presidente por Anwar al-Sadat (Guth, 2015).

Sadat passou a pender mais para o ocidente, política e economicamente, deixando de lado a aliança egípcia com a União Soviética e permitindo que uma variedade de empresas ocidentais funcionasse no Egito, dando início a um projeto de abertura econômica do país (conhecido como *infítah*). Em contrapartida, internamente, apoiou-se em um discurso religioso moralista mais forte, afastando-se da visão secularista que caracterizava o pan-arabismo, além de ter banido a União Socialista Árabe (Guth, 2015). Tais medidas serviram para atrair capital externo ao país e para facilitar acordos políticos complexos, como foi o caso dos Acordos de Camp David, de 1978, e do Acordo de Paz entre Israel e Egito, no ano seguinte. As atitudes egípcias foram consideradas ofensivas pelo restante do mundo árabe, que passou a, categoricamente, segregar o país (Guth, 2015).

Entretanto, a população egípcia, em sua maioria, viu-se cada vez mais empobrecida, diante do aumento significativo da inflação e dos níveis de desigualdade no país, o que gerou movimentos migratórios volumosos para outros estados árabes, sendo o Golfo o principal destino, conforme Guth (2015). Segundo o mesmo autor (2015, p. 130), a maior parte dos autores egípcios da época faziam parte da camada social mais atingida pela crise introduzida no Egito: a classe média, que sofreu queda vertiginosa durante esse período, no Egito, beirando a erradicação. Esses autores também observaram uma mudança intensa na sociedade do país, a

partir da abertura econômica e da introdução do capitalismo como sistema econômico do Egito (Guth, 2015). Tal situação fez com que os autores se voltassem, mais uma vez, à politização da literatura (Guth, 2015).

Diversos estilos narrativos eram empregados, desde novidades até o reaproveitamento de antigos modelos. Questionava-se, agora, a capacidade do mundo árabe, aqui personificado pelo Egito, em atingir seus almejados objetivos de equidade social e de um Estado de bem-estar social, o que, nota-se, ainda era tratado como as grandes metas. Assim, os problemas sociais e políticos que assolavam o país, como crises de habitação diante do alto valor dos imóveis, violência e corrupção, por exemplo, passavam a fazer parte do pano de fundo das obras, criando-se aí um contexto que aproximava esses escritos da realidade. Porém, com a falha do nacionalismo árabe e da implementação da esquerda na região, buscava-se uma resposta de como as sociedades árabes chegariam a esse nível de desenvolvimento social, enfocando-se muito as questões sociais que as obras apresentavam (Guth, 2015).

Depositava-se na produção cultural, especialmente em uma produção cultural com temáticas revolucionárias, que empregavam diferentes estilos narrativos, a responsabilidade de documentar sua geração e apresentar realidades diferenciadas, em determinados contextos (Mejcher-Atassi, 2015). Esperava-se que a transformação da forma de se narrar histórias expandisse seu escopo, permitindo a introdução de temáticas e narrativas que, apesar de dificilmente tornarem-se realidade, a exemplo de narrativas revolucionárias, como *Mudun al-milh* (Cidades de Sal, em tradução de Mejcher-Atassi) ou *al-Bahth ‘an Walid Masud* (traduzido como À Procura de Walid Masoud³⁸), poderem introduzir o que Mejcher-Atassi (2015, p. 152) diz serem “inovações artísticas”. Define-se aí a necessidade de um constante envolvimento com os problemas reais do mundo árabe, e não de alienação diante de tais questões, a partir da ideia de uma literatura comprometida (Halabi, 2015). Naguib Mahfouz, Jabra Ibrahim Jabra, ‘Adb al-Rahman Munif, Fathi Ghanim, Sun ‘allah Ibrahim e Abduh Gubayr são exemplos de autores proeminentes dessa época (Guth, 2015; Mejcher-Atassi, 2015).

O *iltizam*, então, nas décadas que se seguiram à Guerra de 1967, descolou-se de seu objetivo inicial. Porém, seguiu ativo como uma crença na responsabilidade do autor para com a sociedade de que ele faz parte. O autor deve ser livre de instituições e grupos que tentam controlar sua escrita, para que permaneça verdadeiro para o grupo de que faz parte (Halabi, 2015). Dessa forma, é possível notar como o *iltizam*, nessa base, permaneceu ativo na sociedade árabe, adaptando-se às maiores preocupações sociopolíticas de cada um dos períodos. Como se

³⁸ Mejcher-Atassi (2015) se utiliza do título da tradução feita por Roger Allen e Adnar Haydey.

observará mais adiante, a literatura árabe não perdeu suas características políticas (Guth, 2015; Mejcher-Atassi, 2015).

Dessa forma, o *iltizam* foi um importante marco filosófico e cultural do mundo árabe e representou a institucionalização da responsabilidade do autor em posicionar-se politicamente a partir da noção sartreana de comprometimento. Apresentar essa noção à realidade atual do mundo árabe, que, em 2011, passou por um intenso período de protestos contra seus governos então vigentes, clamando por melhores condições de vida, é um interessante exercício de comparação entre o passado e o presente. Segundo Toukan (2015, p. 346), a Primavera Árabe trouxe consigo um processo de reavivamento de antigas noções presentes na sociedade árabe, e o *iltizam* não foi excluído desse movimento. A autora também se questiona se o *iltizam* não seria apenas uma expressão política da arte, entre várias (Toukan, 2015, p. 337).

O próximo capítulo explorará o movimento da Primavera Árabe e seus antecedentes. O capítulo tentará compreender se os eventos e a produção literária que antecederam o movimento, a partir das décadas de 1980 e 1990, impactou de alguma forma o Levante de 2011, devido ao seu valor político (Dimeo, 2016). Em um segundo momento, irá se realizar uma exposição exaustiva sobre a Primavera Árabe, como forma de introduzi-la à temática dessa dissertação e abordar questões como seus motivadores, acontecimentos importantes e resultados (esperados e não esperados). O objetivo de sua construção é produzir uma base para que se compreendam as obras surgidas depois da Primavera Árabe, como tentativa de traçar uma relação entre essas produções e o movimento que abalou todo o mundo árabe, em maior ou menor grau.

3 O LEVANTE DE 2011

O objetivo do presente capítulo é apresentar o Levante de 2011, sinônimo utilizado nesta dissertação para o fenômeno que ficou conhecido mundialmente como Primavera Árabe, cujo início se deu em dezembro de 2010, na Tunísia, com a autoimolação do vendedor de rua Mohamed Bouazizi, que reverberou pelo mundo árabe, atingindo cada país com diferentes graus de impacto (Charrad; Reith, 2019). Fundamentalmente, o Levante de 2011 constituiu um movimento civil (Sadiki, 2016), sem liderança definida (Bayat, 2017), que se desenvolveu na região de forma orgânica – ou seja, a partir da iniciativa dos próprios manifestantes – e que ia transbordando de país em país, sendo retroalimentado em parte pelas reivindicações de seus participantes, que eram, essencialmente, as mesmas, em todos os países (Lynch, 2012). Há diversos argumentos que visam a explicar o porquê de a Primavera Árabe ter tomado as proporções que tomou, sendo os mais frequentes aqueles que buscam respostas nas reivindicações por sociedades democráticas (Grinin; Koratayev, 2022), por melhores condições de vida e por maior empregabilidade (Bayat, 2017; Charrad; Reith, 2019).

Assim, a partir dessa contextualização, esse capítulo é dividido em duas partes. A primeira, (3.1) “Arte em ebulição? Questões sociopolíticas e a literatura árabe que antecede o Levante de 2011”, explora o desenvolvimento do mundo árabe desde meados da década de 1970, bem como a forma como tais questões refletiram-se na literatura até o Levante de 2011. Principalmente, a seção enfoca na neoliberalização das economias árabes, que, posteriormente, veio a justificar o Levante de 2011, e os conflitos na região. Esses dois tópicos entrelaçam-se com a literatura, para que seja possível compreender como ela foi afetada por esses dois fenômenos. Na segunda subseção, (3.2) *O povo quer a queda do regime! O significado da Primavera Árabe e suas demandas sociais*, discorre-se sobre os acontecimentos que marcaram o Levante de 2011 e também sobre a importância que as demandas sociais tiveram para esse acontecimento. Esse capítulo visa elucidar sobre os antecedentes da Primavera Árabe, como forma de procurar respostas que justifiquem, mesmo que parcialmente, seu acontecimento. Além disso, ele também apresentará os principais acontecimentos, pontos e reflexões referentes ao Levante de 2011, para que a argumentação presente no capítulo quatro possa ser construída sobre bases factuais sólidas.

3.1 ARTE EM EBULIÇÃO? QUESTÕES SOCIOPOLÍTICAS E A LITERATURA ÁRABE QUE ANTECEDEU O LEVANTE DE 2011

O desenvolvimento da literatura árabe nas décadas de 1980, 1990 e 2000 envolveu a continuidade de pautas introduzidas em décadas anteriores, seguindo o padrão de uma literatura continuamente afetada pela condição pós-colonial das populações que a produzia. Desde meados da década de 1970, por exemplo, viu-se o desabrochar do projeto de neoliberalização do mundo árabe, bem como o aumento do número de guerras ali travadas, fossem esses conflitos civis ou entre dois ou mais países (de dentro da região ou de fora dela). É interessante pontuar que, como evidência daquilo que foi mencionado no capítulo anterior, os desdobramentos da Guerra de 1967 representaram uma série de problemas aos Estados árabes. Ao verem-se desmoralizados e sem esperança, diante da guinada econômica e política que os Estados árabes deram a partir de meados dos anos 1970, aqueles países enfrentaram uma sequência de transformações que repercutem até nos tempos atuais.

Nas décadas de 1940 e 1950, durante o processo de independência dos países árabes, foram formados governos populistas com aspirações majoritariamente nacionalistas. Houve a reconstrução do sistema político e econômico dos Estados árabes, fato que os modificou a ponto de serem funcionais em uma realidade em que não mais eram colônias (ou “mandatos”, forma como se denominava essa configuração estatal na época) (Murphy, 1999). Entretanto, partes do sistema colonial de governança foram inevitavelmente herdadas pelos novos Estados – principalmente no que se refere à centralização do comando nas mãos do governo (Clapham *apud* Murphy, 1999, p. 18). O crescimento econômico era um dos principais objetivos desses governos (Murphy, 1999), sendo o sistema de substituição de importações o método utilizado para seu crescimento econômico (Doemeland; Schiffbauer, 2016).

Acreditava-se que, com a conquista da independência, a partir da década de 1940, seria necessário que se implementasse um plano de desenvolvimento estatal, pautado por aquilo que Murphy (1999, p. 14) considera um “consenso nacional”. Esse projeto era, geralmente, executado pelo partido político envolvido no processo de independência, que conquistava sua posição como grupo dominante e, idealmente, deveria ser uma iniciativa coletiva, abarcando a maior parte dos interesses dos diferentes grupos internos do país (Murphy, 1999). Esse grupo nacionalista tendia a manter-se no poder, uma vez que, com sua ascensão, havia conseguido eliminar ou enfraquecer os demais, sendo considerados seus objetivos como “abrangentes” e tornando “obsoleta” a necessidade de uma divisão interna por classes (Murphy, 1999, p. 13-14).

Essa nova classe dominante, construída com o intuito de substituir a antiga, que, geralmente, mantinha posições ideológicas e formas de pensar que não eram alinhadas com os novos objetivos do Estado nacionalista, também criou uma nova burguesia (Chaudhry, 1994). O novo grupo privilegiado espelhava um retrato daquilo que o novo Estado representaria, realçando as qualidades e as classes que participavam do núcleo nacionalista recém-criado. A partir desse esforço, acreditava-se que seria mais fácil a construção de uma identidade Estatal concreta, com características nacionais autênticas (Chaudhry, 1994). Essas resoluções tinham natureza política e relacionavam-se ao plano de construção das nações árabes, no sentido de serem Estados independentes, separados por fronteiras e, posteriormente, da formação da nação árabe, no sentido pan-arabista (Chaudhry, 1994).

Entretanto, com o esmaecimento das aspirações pan-arabistas entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, houve a troca do sistema de desenvolvimento econômico dos países árabes em meados dos anos 1970, mas, principalmente, a partir da década de 1980. Os países foram de um cenário em que o Estado assumia uma postura desenvolvimentista de acumulação, responsável pelo crescimento do país, mais preocupada em fornecer um estado de bem-estar social à população, para um modelo voltado ao investimento da iniciativa privada (Murphy, 1999; Bogaert, 2013). Os Estados árabes, dessa forma, passaram por um processo massivo de liberalização econômica.

Foi com base nisso que se iniciou o processo de liberalização econômica do mundo árabe, com o Egito tomando a dianteira, em 1974, ao lançar o projeto da *infithah*, palavra árabe que, literalmente, significa “abertura” (Ayubi, 1997; Bogaert, 2013). A Síria também passou por um processo similar de liberalização em um período próximo (Murphy, 1999, p. 23), e vale ainda ressaltar que, alguns anos antes, a Tunísia havia realizado mudanças econômicas e políticas, com seu afastamento da doutrina socialista, em 1969, mas não realizou um projeto com as dimensões do projeto egípcio, ainda por algum tempo (Murphy, 1999, p. 23).

Essa tendência era mais comum entre os países que não podiam contar com a renda gerada pela extração do petróleo, tendo sido o caminho escolhido pela Tunísia, pelo Marrocos e pela Jordânia, por exemplo (Bogaert, 2013). Diante disso, é importante frisar que a privatização não foi uma estratégia adotada apenas pelos Estados árabes na década de 1980, mas em todo o então chamado Terceiro Mundo (Bogaert, 2013). De acordo com Ayubi (1997, p. 126), a adoção do modelo de privatização por parte dos países pertencentes a essa categoria foi um reflexo da pressão feita por instituições ocidentais para que o Terceiro Mundo abraçasse o capitalismo, somada a uma crise fiscal e econômica que afligiu esses Estados de maneira generalizada. Para atingir seus objetivos de contínuo crescimento estatal, a maior parte dos

governos árabes passou a contrair empréstimos de órgãos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial (Ayubi, 1997; Murphy, 1999). Foi solicitado de vários Estados árabes que realizassem ajustes estruturais em suas economias para que pudessem usufruir desses empréstimos, como foi o caso da Tunísia (Ayubi, 1997). A Tunísia foi um dos que passaram por um processo mais intenso de privatização, tendo sido privatizadas diversas empresas públicas de ativos tunisianos (Ayubi, 1997).

Tal processo pode ser justificado por uma necessidade, por parte dos governos árabes, de uma injeção de capital estrangeiro em seus países, além de um investimento no setor privado, a fim de sustentar seu crescimento. Isso foi apenas possível diante do alinhamento de interesses entre os burocratas do governo e a burguesia industrial, juntamente com comerciantes que trabalhavam com importação e exportação de produtos (Murphy, 1999, p. 23). Dessa forma, os países árabes passaram a adotar o neoliberalismo, filosofia de mercado cujo advento ocorreu na Europa da década de 1920 (Elyachar, 2015). Logicamente, essa alteração colossal também teve eventuais decorrências políticas (Murphy, 1999; Bogaert, 2013).

A *intifah* egípcia, por exemplo, não foi apenas uma abertura econômica; foi também uma abertura política, com a inclusão e a participação de outros partidos políticos a partir de 1977. Contudo, também se destaca que, geralmente, eram permitidos apenas aqueles partidos que não representavam nenhuma ameaça verdadeira ao governo vigente (Murphy, 1999). A liberalização política, no entanto, durou pouco tempo, tendo sido revogada na década de 1990. Esse processo havia sido apenas uma estratégia para que a liberalização econômica fosse bem-sucedida, sem a verdadeira intenção de introduzirem-se traços democráticos no mundo árabe, modelo político que nunca havia sido implementado na região (Murphy, 1999). Até então, os países que compreendem os territórios árabes nunca haviam tido a experiência de um modelo democrático de governo (Murphy, 1999).

O processo egípcio de privatização envolveu, ainda, um certo controle do Estado, que, nas primeiras décadas, não cedia à iniciativa privada o comando de órgãos e empresas já existentes. Havia apenas a contratação de empresas externas para a realização de serviços no país. Assim, a *intifah* serviu muito mais aos interesses e à agenda do Estado egípcio do que, efetivamente, à liberalização do país (Ayub, 1997). Essas noções são aplicáveis tanto às monarquias existentes na região quanto aos Estados governados por partidos nacionalistas (Ayubi, 1997; Murphy, 1999)¹. Também, especialmente no Golfo, o processo de privatização

¹ Havendo interesse em uma exploração detalhada de como ocorreu o processo de privatização de nove Estados árabes, recomenda-se a leitura de Ayubi (1998). A intenção, neste estudo, é apenas introduzir o contexto econômico, social e político da década de 1980.

sofrido pela economia dos países árabes resultou no aumento da presença de trabalhadores estrangeiros, cuja mão de obra é mais barata do que a nativa (Ayubi, 1997).

Assim, no que se refere à população civil, esse processo de liberalização econômica causou uma série de dissabores à sociedade árabe, que, por sua vez, refletiram-se no governo (Murphy, 1999; Bogaert, 2013). As classes média e trabalhadora foram as mais afetadas por essas novas políticas, visto que tiveram sua renda e seu poder de compra diminuídos em função da falta de mecanismos bem estabelecidos de redistribuição de renda (Bogaert, 2013). No Iraque, por exemplo, em razão da crise fiscal e de recursos naturais, o salário-mínimo e os sindicatos deixaram de existir, o que enfraqueceu, principalmente, a classe trabalhadora (Chaudhry, 1994).

Era impossível para o novo modelo econômico adotado pelos países árabes sustentar as taxas de oferta de emprego, que, geralmente, eram concedidas pelo setor público a qualquer cidadão com ensino superior, e de educação, concedidas antes pelo modelo desenvolvimentista (Bogaert, 2013). A falta de uma sociedade bem desenvolvida gerou níveis de instabilidade interna, resultado da insatisfação do povo com a forma pela qual o país se desenvolvia (Murphy, 1999). Iniciou-se, então, um processo de aumento de desemprego e de pobreza nos países da região, fato que causaria graves consequências aos governos autoritários, em décadas seguintes (Bogaert, 2013), e seria um dos geradores da Primavera Árabe. Essa correlação será explorada na próxima seção desta dissertação.

Entre as décadas de 1980 e 2010, os países árabes, bem como a Turquia, o Irã e Israel, cresceram, em média, 3,7%, o que, em um primeiro momento, aparenta ser um índice razoável². Contudo, o fato de que esse crescimento econômico não chegou às classes médias, trabalhadoras e baixas da região representou um significativo aumento na desigualdade do país (Diwan; Galal, 2016). Havia uma grande concentração de capital nas mãos dos 10% mais ricos da região, além de uma grande diferença entre esses e a classe média, com discrepâncias significativas no que dizia respeito ao acesso à educação, à saúde e a melhores oportunidades de trabalho e de carreira. Como efeito, tornou-se cada vez mais difícil qualquer tipo de mobilidade social na região (Diwan; Galal, 2016). Mesmo assim, houve um crescimento do Produto Interno Bruto dos países; contudo, a partir de meados da década de 1990, isso ocorreu de maneira mais evidente nos países que não tinham petróleo como meio primordial de renda (Doemeland; Schiffbauer, 2016).

² É difícil encontrarem-se dados econômicos exclusivos dos países árabes. Por isso, aqui se apresentam também os dos demais países que formam o “Oriente Médio”, região política e geográfica em que os Estados árabes geralmente são incluídos.

Ademais, o Oriente Médio passou por um aumento populacional muito significativo a partir da década de 1980, com a média dos níveis de crescimento chegando a 2% ao ano. Como consequência, houve um acréscimo considerável no número de pessoas em idade economicamente ativa – resultando em maior oferta de trabalhadores, que não eram absorvidos pelo mercado, pois não eram criados novos empregos na mesma velocidade em que a população crescia. Isso fez com que muitos passassem a atuar em empregos informais, e o índice de pessoas formalmente empregadas na região tornou-se consideravelmente menor do que o do restante do mundo em desenvolvimento. A população feminina era a mais prejudicada: apenas 25% das mulheres residentes no Oriente Médio tinham empregos (Doemeland; Schiffbauer, 2016). Assim, questões demográficas tiveram grande impacto no Oriente Médio (Doemeland; Schiffbauer, 2016). Ainda, a década de 1980 veio acompanhada do início do processo de globalização, que se direcionava à produção e à industrialização a fim de que os países fossem internacionalmente competitivos (Handoussa, 1997).

A taxa de pessoas vivendo na pobreza no mundo árabe cresceu em níveis relevantes a partir dos anos de 1980, chegando a quase 30% em 2000. Nesse mesmo período, a economia dos países também parou de crescer (Bogaert, 2013). Como consequência, a pobreza se faz mais presente entre as parcelas da população que trabalham no setor privado. Assim, problemas sociais gerados pela privatização da economia deram origem a diversos protestos de natureza urbana, como ocorreu no Egito, em 1977, por ter sido o primeiro país a passar pelo processo de liberalização. Em seguida, observaram-se movimentos no Marrocos, na Tunísia, na Argélia e na Jordânia, já na década de 1980 (Bogaert, 2013). Essas movimentações, em parte, eram organizadas pelos jovens desempregados que tinham diploma de graduação. Por parte do governo, verificava-se um esforço em suprimir tais protestos (Bogaert, 2013).

Nesse contexto, torna-se relevante, mesmo que brevemente, debater sobre o papel que o petróleo teve em meio a esses acontecimentos. De acordo com Doemeland e Schiffbauer (2016, p. 32), muitas das dificuldades econômicas pelas quais passam os países do Oriente Médio relacionam-se à alta dependência da exportação petrolífera. Outras fontes de renda que os Estados poderiam ter desenvolvido foram ceifadas na troca desse recurso natural por capital, fenômeno conhecido na economia como “Doença Holandesa”. Levando-se em consideração que o petróleo, uma *commodity*, tem um preço flutuante, sua variabilidade faz oscilar também a taxa de câmbio, funcionando, por vezes, como um imposto não oficial (Doemeland; Schiffbauer, 2016). Entretanto, fixar a taxa de câmbio também se provava um desafio, já que aqueles países perderiam competitividade (Doemeland; Schiffbauer, 2016).

Isso fez com que, na região, países que não tivessem abundância dessa matéria-prima também sofressem, uma vez que eram muito dependentes de diversas formas de renda vindas dos países produtores de petróleo – por meio de auxílios financeiros, por exemplo (Doemeland; Schiffbauer, 2016). Por isso, é possível dizer que o petróleo financia a região (Doemeland; Schiffbauer, 2016), tendo bancado muito do crescimento econômico dos países árabes até a década de 1980, quando eram dominados por modelos de substituição de importação, incentivados pelo próprio Estado (Doemeland; Schiffbauer, 2016).

Quanto aos conflitos, após a Segunda Guerra Mundial, disputas belicosas deixaram de ocorrer nos solos das grandes potências e passaram a ser muito mais comuns nos países em desenvolvimento, o então denominado Terceiro Mundo (Tibi, 1998). O Oriente Médio, compreendido como o conjunto dos países árabes, além do Estado de Israel, da Turquia e do Irã, formam uma parte considerável dessa parcela do mundo, compondo um sistema regional que apresenta características próprias bastante distintas (Tibi, 1998). Ademais, lá também se concentrou a maior parte dos conflitos ocorridos desde 1945. Essas guerras levaram diversas consequências a longo prazo para a região, sendo, às vezes, mais graves e preocupantes os efeitos colaterais desses conflitos do que o próprio embate, como foi no caso da guerra de 1967 (Tibi, 1998), já mencionada.

É comum a crença de que a região é essencialmente definida por seus conflitos, pois é tomada por grupos terroristas e apresenta níveis altos de instabilidade política (Belcastro, 2020), o que, no entanto, não é verdade. Porém, é necessário reconhecer que guerras violentas, com extensas perdas humanas, foram travadas em solo árabe. Esses confrontos caracterizaram-se tanto como guerras civis, ou seja, conflitos travados por grupos pertencentes a um mesmo Estado, como guerras interestatais, sustentadas por dois ou mais países (Belcastro, 2020). Segundo Belcastro (2020, p. 288), há cinco variáveis que explicam a base dos conflitos existentes no Oriente Médio, especialmente no mundo árabe: formação do Estado, envolvimento de países estrangeiros, divisões étnicas e religiosas, equilíbrio regional, distribuição de poder e ideologia e natureza dos regimes. Salem (2023, p. 7-15) apresenta algumas explicações muito similares àquelas evidenciadas por Belcastro (2020), que justificam a existência de guerras civis no Oriente Médio.

A formação estatal é uma questão que se atrela diretamente à constituição dos países da região a partir de seu passado colonial. A maior parte daqueles Estados, estabelecidos entre o final do século XIX e o início do século XX, foram criados de maneira sintética, divididos por seus colonizadores sem que se levasse em consideração questões culturais e identitárias (Belcastro, 2020). Tentou-se replicar o modelo de Estado europeu, mas isso não se provou

favorável à região. Ademais, seus líderes também ascenderam por meio de indicações por parte dos Estados coloniais, o que enfraqueceu sua posição perante a sociedade que habitava o país recém-criado. Todos esses fatores compuseram um terreno fértil para que a instabilidade política e social se instalasse nos Estados, salientando-se a Síria e o Iraque (Belcastro, 2020).

Vários grupos étnicos, com destaque para o caso do povo curdo, uma minoria étnica dividida entre quatro países (Turquia, Síria, Irã e Iraque), ficaram separados pelas novas fronteiras estabelecidas, o que gerou questões políticas complexas, que até hoje representam ameaças aos Estados árabes (Belcastro, 2020). A criação de grupos separatistas, por exemplo, que visavam à união dessas diferentes etnias sob uma mesma bandeira, representa um problema constante na região. Além disso, outro problema emergiu: a má divisão dos países, que provocou e exacerbou disputas territoriais, que, por sua vez, tornaram-se, às vezes, até mesmo conflitos de fato (Belcastro, 2020).

Quando aborda esse tema, Salem (2023) é mais categórico ao explicar que as forças nacionalistas das décadas de 1950 e 1960 serviram, de certo modo, como forma de construir uma identificação comum entre o Estado e o cidadão. Assim, “People would no longer be identified in reference to the states they were subject to, but rather states should be erected in reference to the identities of population groups”³ (Salem, 2023, p. 7). A ideia de um nacionalismo árabe surgiria como uma forma de antagonismo aos nacionalismos turco e otomano, além de haver também nacionalismos limitados a alguns Estados, conforme já foi explicado, como o libanês, o egípcio, o curdo e até mesmo o equivalente a um “nacionalismo islâmico”, definido pela noção de *umma*⁴ (Salem, 2023, p. 7). Dessa forma, o estabelecimento de algumas fronteiras que não respeitaram essa divisão tornou-se um grande problema (Salem, 2023).

Todo esse conflito gerou uma pseudonecessidade de intervenções internacionais no Oriente Médio, para além da já problemática divisão territorial e construção de fronteiras (Belcastro, 2020). Os países ocidentais, principalmente as grandes potências da Europa e os Estados Unidos, têm uma considerável parcela de culpa no que diz respeito ao volume de conflitos que assolam a região (Belcastro, 2020). Como produto direto do colonialismo, os países que constituem o Oriente Médio nunca deixaram de sofrer as consequências da realidade

³“As pessoas não seriam mais identificadas em referência aos estados aos quais estavam sujeitas, mas sim os estados deveriam ser erigidos em referência às identidades dos grupos populacionais” (Salem, 2023, p. 7, tradução própria).

⁴“Umma” é um conceito islâmico que define toda a comunidade que compartilha a fé islâmica, independentemente de sua localização geográfica. Tradicionalmente, entretanto, não há relação direta entre esse conceito e a visão pura de nacionalismo, pois não se trata de uma ideologia baseada em territorialidade (Ahmed, 1975). Por isso, a expressão “nacionalismo islâmico” está entre aspas.

colonial, havendo, assim, uma continuidade na influência que sofrem por parte dos países ocidentais e, durante a Guerra Fria, também da União Soviética. Esses países profusamente intervieram na política regional e a influenciaram (Belcastro, 2020).

É essencial compreender que o Oriente Médio foi um disputado palco de influências durante a Guerra Fria, com os dois lados aliando-se aos grupos que julgavam serem mais benevolentes às suas ideologias (Tibi, 1998; Belcastro, 2020). O ocidente aliou-se às monarquias petrolíferas do Golfo e ao Estado de Israel, à Turquia e ao Irã (até 1979); a União Soviética, por sua vez, construiu uma aliança com as repúblicas nacionalistas (Belcastro, 2020). Dessa forma, há uma ligação direta entre os conflitos na região e o domínio das grandes potências (Tibi, 1998). Com o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos assumiram seu papel de liderança indisputada durante a década de 1990 e início dos anos 2000, questão que gerou sérias consequências bélicas à região, como a intervenção estadunidense na Guerra do Iraque, em 1990, para tentar retirar Saddam Hussein do Kuwait, e a posterior invasão ao país, em 2003, como retaliação aos atentados de 11 de setembro de 2001 (Belcastro, 2020). Esses dois eventos serão mais detalhadamente expostos adiante.

Ainda, diante de sua posição de grande potência mundial, os Estados Unidos nunca conquistaram nada de concreto no que diz respeito a questões relevantes na região, como é o caso de uma possível solução da questão palestina. Contudo, ressalva-se que, apesar de a União Soviética não mais deter a mesma força política que um dia teve, a região ainda sofre com a influência, que agora é exercida pelo Estado russo. Além disso, também é possível dizer que há um apoio por parte dos países ocidentais a certos governos da região que demonstram alinhar-se à agenda que os países a oeste do mundo querem que o Oriente Médio cumpra (Belcastro, 2020).

A questão sectária também é relevante quando se fala em conflitos no mundo árabe (Belcastro, 2020). Como já mencionado, especificações étnicas e religiosas foram ignoradas por parte das forças colonizadoras que estabeleceram as fronteiras dos países árabes. Por isso, ocorreu uma concentração considerável de diferentes grupos sob a égide de um mesmo Estado, que, em função da constante competição por dominância e primazia, acabaram por subjugar os demais grupos, criando conflitos (Belcastro, 2020). Entre os países do Oriente Médio, aquele em que essa questão é mais evidente é o Líbano, onde, por 15 anos, ocorreu uma guerra civil entre católicos maronitas e milícias palestinas (Belcastro, 2020). Também, questões relacionadas ao sectarismo presente na região podem ser encontradas em conflitos ocorridos entre Estados. O atrito existente entre o Irã e a Arábia Saudita, por exemplo, é intensificado em razão de que, no primeiro, há maioria xiita, enquanto, no segundo, a maioria é sunita-wahabita

(Belcastro, 2020). Por sua vez, o conflito sírio tem, em suas alianças, fortes justificativas sectárias, que explicam as motivações por trás de sua formação (Belcastro, 2020). O conflito sírio é mais profundamente explorado na próxima seção deste capítulo, em razão de sua relação direta com os acontecimentos da Primavera Árabe.

A estrutura regional e a forma pela qual o poder se distribui na região também é uma questão importante no que diz respeito ao debate sobre conflitos (Belcastro, 2020). O argumento central, nesse caso, é o de que os países do Oriente Médio (e, por extensão, do mundo árabe) interpretam o sistema de maneira muito diferente, fato que prejudica o sistema regional. Ademais, não há um *hegemon* bem estabelecido no mundo árabe (Belcastro, 2020). Houve países, como, por exemplo, Egito e Iraque, que tentaram assumir esse posto, mas não foram bem-sucedidos em sua empreitada, resultado da criação e do desenvolvimento artificial dos países da região a partir das deliberações ocidentais. Também, fora do contexto árabe, nenhum outro Estado que existe na região conseguiu ascender a essa posição (Belcastro, 2020).

Por fim, há a discussão referente ao impacto que questões ideológicas, quando relacionadas aos regimes que existem na região, têm para a criação e a sustentação de conflitos no Oriente Médio (Belcastro, 2020). Como se discutiu no tópico anterior, houve, ao longo dos anos, na região, uma grande variedade de ideologias das quais o Estado se apropriava se utilizava. Como já explorado, entre as décadas de 1950 e 1960, a ideologia dominante na região era a do pan-arabismo, difundida principalmente pelo Egito. A partir de 1967, posteriormente à Guerra de 1967, essa ideologia passou a perder espaço e força, dando abertura para que o islamismo passasse a ter uma presença mais forte na região. Assim, passou-se a acreditar de maneira mais intensa que, para os Estados da região poderem progredir, condutas islâmicas deveriam ser adotadas por parte dos governantes e seus núcleos (Belcastro, 2020). Belcastro (2020, p. 292) destaca, ainda, que existem, no Oriente Médio, diversos Estados cujas forças militares detêm grande poder e importância para a constituição do Estado. Segundo o autor, esse é um argumento fundamental para se entender a existência de tantos conflitos na região (Belcastro, 2020).

Assim, desde a década de 1970, diversos conflitos ocorreram e vêm ocorrendo no Oriente Médio. Houve guerras civis, como diversos conflitos no Iêmen, respectivamente em 1972, 1979 e 2013 (o último ainda em curso); a Guerra Civil Libanesa, de 1975 a 1990; a Rebelião de Dhofar (causada por um movimento separatista oriundo do norte de Omã), que perdurou por uma década e teve seu desfecho em 1975; a Segunda Guerra Civil Sudanesa, de 1983 a 2005; a Guerra Civil Argelina, de 1991 a 2002; a Guerra da Síria, iniciada em 2011 (ainda sem desfecho); a Guerra Civil do Sudão do Sul, de 2013 a 2020; a Guerra Civil Líbia,

que se iniciou em 2014 e terminou em 2020, quando foi declarado um cessar fogo; e a Guerra Civil do Iêmen, iniciada em 2014 (ainda sem conclusão) (Salem, 2023). De acordo com Salem (2023), também ocorreram mais confrontos, de caráter civil, que, contudo, não foram abrangentes o suficiente para serem categorizados como guerras. Por sua vez, a Guerra de Outubro de 1973 (também conhecida como Guerra do *Yom Kippur*); a invasão do Kuwait pelo Iraque, que causou a Guerra do Golfo, entre de 1990 e 1991; e a invasão do Iraque, de 2003, são alguns exemplos de confrontos bélicos travados entre os Estados do mundo árabe e entre esses Estados e países ocidentais (Tibi, 1998; Tucker, 2017).

É necessário apontar, ainda, que a década de 1980 observou também um acontecimento muito importante, que, apesar de não poder ser considerado um conflito como os demais mencionados, não pode ser omitido. A primeira *intifada*, iniciada em dezembro de 1987, foi uma insurreição ocorrida na Palestina contra a ocupação de seus territórios realizada pelo Estado de Israel (Naser-Najjab, 2020). O conflito veio ter um fim oficial apenas em 1993, com a assinatura do primeiro dos Acordos de Paz de Oslo, em 1993, que visavam a estabelecer premissas relacionadas à cooperação entre as duas partes (Naser-Najjab, 2020). Esses Acordos, entretanto, foram frustrados. Em setembro de 2000, teve início a segunda *intifada*, quando as Negociações de Camp David fracassaram. Esta, entretanto, mostrou-se muito mais violenta do que a primeira. Houve uma ação presente da militância palestina, e diversas cidades e campos de refugiados na Palestina foram ocupados pelo exército israelense (Naser-Najjab, 2020).

Como é possível observar, a recorrências de conflitos de natureza civil, ou seja, entre grupos que pertencem a um mesmo Estado e em que ao menos uma das partes agrega um agrupamento de civis armados, é consideravelmente maior do que o número de conflitos ocorridos entre diferentes países⁵. Por isso, é seguro afirmar-se que os conflitos civis no mundo árabe são mais mortais e destrutivos do que os conflitos interestados⁶ (Salem, 2023). Essa tendência é observada por todo o mundo. É relevante também pontuar que guerras civis tendem a ser muito mais longas, fato que pode ser observado quando se comparam as guerras civis ocorridas nos países árabes às guerras não civis. Ademais, esse tipo de conflito tende a debilitar o governo vigente e suas instituições, liquidar com sua economia e deslocar dezenas ou até centenas de milhares de pessoas para outras regiões do país ou do mundo, além de piorar a

⁵ É dessa forma que Salem (2023, p. 3) define o que é uma Guerra Civil. O autor, porém, explica que esse é um conceito flexível e que há casos no próprio Oriente Médio em que se torna difícil estabelecer se um conflito se enquadra nessa definição. Exemplifica isso com os embates em cujas raízes havia questões coloniais e os confrontos em que ao menos uma das partes pertencia a uma rede transacional e em que combatentes eram, às vezes, recrutados de um país para lutar em outro.

⁶ Segundo estimativas, desde a Segunda Guerra Mundial, mais de quatro milhões de pessoas morreram em conflitos civis no Oriente Médio (Salem, 2023, p. 2).

secessão entre os diferentes grupos que residem em mesmo Estado (Salem, 2023). É esse enfraquecimento do Estado que faz com que o fim de uma guerra civil seja tão difícil de ser alcançado e impede que a reconstrução do país seja estável e executada sem maiores dificuldades (Salem, 2023).

Assim, guerras civis podem representar avanços, mas esse nem sempre é o caso. Tais conflitos têm por característica central a motivação por objetivos políticos de seus grupos (Salem, 2023). Essas forças não têm, necessariamente, o mesmo objetivo, que varia de acordo com o contexto e as aspirações de cada parte do conflito. Com isso, guerras civis afetam profundamente o eixo político de um país, levando aos Estados consequências que perduram por décadas, sejam mudanças positivas, de caráter político e social, ou caos Estatal e manutenção do *status quo* que o governo mantinha previamente (Salem, 2023). Uma questão essencial para se compreender a motivação de conflitos civis, para além daquele já citado, diz respeito ao “desenvolvimento desigual” dos países, bem como ao fato de que sua máquina Estatal tende a ser “ineficiente” (Salem, 2023, p. 9). O fato de que a população é incapaz de conservar-se em um nível mínimo para uma sobrevivência adequada gera altos níveis de insatisfação na população civil, que acaba por revoltar-se e rebelar-se contra o governo. Causas sectárias são o denominador comum mais presente entre as guerras civis no mundo árabe (Salem, 2023).

Segundo Salem (2023, p. 3, grifo do autor), “Traditional state-to-state warfare is often a nation - and *state-building* pathway; by contrast, civil wars are generally nation and state *destroyers*”⁷. Dessa forma, guerras entre diferentes Estados têm algumas características distintas daquelas dos conflitos civis, sendo, por isso, fundamental explorar-se o impacto da presença do Estado de Israel. Oficialmente criado na década de 1940, a partir de uma resolução das Nações Unidas, e implementado pelo Reino Unido em razão de a Palestina ser um mandato britânico, o Estado de Israel gerou constantes atritos entre seu governo e o de alguns dos países árabes, o que resultou em guerras (Tucker, 2017). Isso evidencia o fato, já apontado, de que conjunturas criadas durante o período colonial ainda permeiam o mundo árabe.

Como também já mencionado, essa realidade foi prolongada a partir da guerra fria, sendo possível apontar que, em todos os conflitos cujos atores eram Estados distintos (e também em alguns de natureza civil), houve o apoio do Ocidente de um lado (Estados Unidos e potências europeias) e do Oriente do outro (representado, em um primeiro momento, pela União Soviética

⁷ “Conflitos tradicionais entre diferentes Estados frequentemente são caminhos para a construção do Estado e da Nação; como contraste, guerras civis são geralmente destruidoras de Estados e nações” (Salem, 2023, p. 3, tradução própria).

e, posteriormente, pela Rússia). Dessa forma, a Guerra do *Yom Kippur*, travada entre o Estado de Israel e uma coalizão formada pelo Egito e pela Síria, durou entre 19 e 23 dias, a depender da fonte que registra o conflito (Tibi, 1998). A guerra foi iniciada a partir da travessia da fronteira entre Israel e Egito e Israel e Síria por parte dos países árabes, com o principal objetivo de recuperar os territórios perdidos de Golã e de Sinai, em 1967. O poder bélico de Israel era, em muito, alimentado pelo governo estadunidense; o dos países árabes participantes, por sua vez, por armamentos oriundos da União Soviética. Tibi (1998, p. 112) é categórico ao afirmar que, sem o auxílio dessas forças, que enviavam armas, o conflito não teria ocorrido. O autor, além disso, reforça que os conflitos no mundo árabe também afetaram o sistema das superpotências (Tibi, 1998, p. 118). A guerra foi finalizada por meio de um acordo de cessar-fogo, mediado pelas Nações Unidas, e Israel saiu como a grande vencedora (Tibi, 1998).

Assim, nesse conflito, o papel desempenhado pelas grandes potências foi essencial, pois cediam suas tecnologias militares àqueles que as apoiavam. Dessa forma, grande parte do conflito foi definido pelo poder da tecnologia militar e pela forma como cada lado se apropriava e se utilizava desse material bélico. Questões religiosas ou culturais não entraram no debate, apesar de discursos desse cunho terem sido utilizadas como parte da retórica de guerra (Tibi, 1998). Esse modelo repetiu-se nos demais conflitos entre Estados que ocorreram na região. Houve o conflito entre o Irã e o Iraque, também conhecido como a primeira guerra do Golfo, em 1980, quando o segundo invadiu o primeiro, tentando aproveitar-se do caos da Revolução Iraniana, a fim de tomar territórios para si. O desfecho desse conflito ocorreu em 1998, e não houve vencedor definido. Entretanto, as perdas econômicas massivas do Iraque motivaram o país a invadir o Kuwait em janeiro de 1991 (Tibi, 1998; Tucker, 2017).

Esse evento foi o catalizador da segunda guerra do Golfo, antecedido por uma crise entre os dois países. Havia a intenção, por parte do Iraque, de incorporar o Kuwait como uma província do país. Caso fosse bem-sucedido, o Iraque teria acesso ao Golfo Pérsico e capacidade de tornar-se uma potência regional, intentando ser o novo país a assumir o papel de “líder dos árabes” (Tibi, 1998, p. 169). Com esse conflito, forças militares coalizadas, lideradas pelos estadunidenses, foram alocadas à Arábia Saudita, também no Golfo Pérsico, e realizaram o movimento de expulsão das forças iraquianas do Kuwait (Tibi, 1998; Tucker, 2017). Essas forças, apesar de terem tido a oportunidade, não arriscaram uma invasão ao Iraque (Tucker, 2017). Durando menos de 50 dias, a segunda guerra do Golfo terminou com a derrota do Iraque e a aniquilação das ambições de Saddam Hussein, seu presidente (Tibi, 1998; Tucker, 2017).

Entretanto, o alto número de militares ocidentais, principalmente estadunidenses, na Arábia Saudita não agradou a uma parcela da população, resultando na criação da *al-Qaeda* por

Osama Bin Laden. Em 2001, esse grupo realizou o atentado de 11 de setembro, nos Estados Unidos, com o objetivo de atingir as Torres Gêmeas, o Pentágono e a Casa Branca. Quase três mil pessoas morreram nesse dia, em decorrência do ataque. Essa ação da *al-Qaeda* resultou na Guerra do Afeganistão, a partir da invasão do país pelos Estados Unidos, ainda em 2001, e na invasão do Iraque, em 2003. A justificativa para o ataque ao último fundamentava-se na existência de supostas armas de destruição em massa no país, que seriam mantidas pelo governo. Essa invasão foi liderada pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido; os demais países a desaprovavam. Saddam Hussein foi derrubado, instaurando-se o caos no país e iniciando-se um conflito entre a maioria xiita e as minorias sunitas e curdas (Tucker, 2017). Por volta do mesmo período, contando com o apoio dos Estados Unidos, teve início a construção dos assentamentos israelenses nas terras da Palestina, ignorando a solução dos dois Estados (Tucker, 2017).

Todos esses fatores foram responsáveis por contextualizar a literatura árabe desde a década de 1970, servindo como pano de fundo e como temática para os romances lançados a partir do período. Relembra-se, aqui, que foi a partir de meados do século XX que a literatura árabe passou a receber maior reconhecimento internacional, tanto no que tange ao número de leitores quanto no que diz respeito a pesquisas acadêmicas sobre o assunto (Snir, 2017, 2023). Permaneceu, assim, um foco excessivo naquelas obras que fazem parte do “cânone” da literatura árabe, ou seja, literatura de ficção que, ao longo dos anos, entrou nos círculos intelectuais e que é tida como parte de uma herança cultural árabe (Snir, 2017). Entretanto, desde que se iniciou a internacionalização da literatura árabe, a quantidade de textos publicados aumentou, tanto no que se refere a novas obras no idioma árabe quanto a traduções para outros países.

Com o advento e a difusão da internet, esse processo passou a ocorrer cada vez mais rapidamente, alterando a forma pela qual a literatura árabe é assimilada por parte dos leitores (Snir, 2023). Snir (2023, p. 7) atribui isso ao poder transformador que a rede teve na forma por meio da qual a absorção de novos conhecimentos culturais ocorre. A internet, contudo, apenas contribuiu para que isso ocorresse, não sendo a única responsável. Devem-se considerar, também, questões como o aumento no número de migrantes ao redor do mundo, a transformação do significado de “ter uma identidade”, a nova realidade cosmopolita do mundo e a globalização (Snir, 2023).

Em meados da década de 1960, tomando forma a partir de 1970, ocorreu o advento da “literatura de cárcere” no mundo árabe, gênero que envolvia narrativas voltadas à experiência de seus personagens durante o período em que ficaram presos. Muitas dessas histórias eram

inspiradas na vivência que os próprios autores dessas obras tiveram durante o período em que estiveram em reclusão. Na maior parte dos casos, esses indivíduos foram presos em função do seu posicionamento político, contrário ao governo vigente (Kadalah, 2014). Por isso, várias dessas histórias tinham elementos autobiográficos (Kadalah, 2014; Taleghani, 2021). Essas opiniões, por vezes, eram expostas na própria narrativa; em outras vezes, em atitudes e declarações dadas por seus autores, fora do texto (Kadalah, 2014).

A literatura de cárcere, portanto, explora os abusos e a violência sofridos diariamente por pessoas levadas à prisão no mundo árabe, focando-se, principalmente, naqueles que eram detidos em virtude de motivações políticas. A tortura e a injustiça são uma temática presente e recorrente nesse tipo de obra, além de o cenário da prisão servir como um microcosmo para realizar uma análise mais branda da situação sociopolítica do mundo árabe, dominada majoritariamente por governos autoritários e ditatoriais (Kadalah, 2014). Diversas dessas obras, ao serem publicadas, foram censuradas e banidas das estantes árabes, diante do medo de que sua divulgação gerasse distúrbios sociais (Kadalah, 2014). Assim, pode-se dizer que a literatura de cárcere foi utilizada, quando não reprimida, como forma de conscientizar a população geral para aquilo que ocorria por trás das paredes de uma prisão árabe, dominada por um governo ditatorial (Kadalah, 2014). Além disso, também apresenta exposições relacionadas ao desespero e à desesperança que sentiam aqueles que estavam em situação de cárcere no mundo árabe. Alguns desses livros, mesmo que indiretamente, contribuíram com a Primavera Árabe a partir da discussão de passagens e de temas entre os jovens (Kadalah, 2014). Esse é um tipo de literatura ainda reproduzido no mundo árabe – por exemplo, uma das obras mais conhecidas nessa temática, *al-Qawqa'a: Yawmiyyat Mutalassis* (“A concha: memórias de um observador obscuro”, em tradução livre⁸), foi publicada em 2008, escrita pelo autor sírio Moustafa Khalifa (Kadalah, 2014).

Segundo Cooke (2001, p. 237), as décadas de 1990 foram (infelizmente) muito produtivas para a literatura de cárcere, em razão dos eventos de escala regional e global que ocorreram na época, como os tratados de paz e a Guerra do Golfo. Com a finalização desses eventos e a soltura de alguns dos prisioneiros de guerra, detidos durante os conflitos, diversos relatos passaram a surgir, por parte das pessoas que haviam enfrentado a dura realidade da prisão durante o período. Assim, tomando a vantagem de uma sensação generalizada de esperança por tempos mais prósperos, essas obras foram publicadas no mundo árabe (Cooke,

⁸ “A Concha” foi traduzido e publicado em inglês no ano de 2016, pela editora norte-americana *Interlink Books*, sob o título de *The Shell: Memoirs of a Hidden Observer*. Por não haver edição da obra em português, optou-se pelo título dado em inglês, uma vez que é um dos idiomas em que a autora desta dissertação tem proficiência.

2001). Em meio a isso,

Prison-consciousness is the best way to describe the awareness of the significance but also of the danger inherent in the literary project which may be cause or outcome of the prison experience. In authoritarian systems, writers and readers share in the realization of the power and danger of the written word. Prison is almost a condition for becoming a public intellectual (Cooke, 2001, p. 238).⁹

Esse tipo de narrativa permite ao leitor compreender a realidade de uma prisão, sem a necessidade de, propriamente, ter tido essa experiência (Kadalah, 2014). Ademais, segundo Taleghani (2021, p. 175), é muito comum que a literatura do cárcere realize o exercício da metaficção. Esse esforço implica, no contexto da obra, que a própria ficção empreenda uma reflexão sobre o ato de escrever, seu papel e sua importância (Taleghani, 2021). O texto, é claro, dará indícios de consciência sobre o fato, indagando se a escrita é a única válvula que o prisioneiro tem para falar o que sente com honestidade (sendo que, às vezes, até mesmo isso é retirado dele)¹⁰ (Taleghani, 2021).

Para evitar o encarceramento, diversos autores passaram a adotar uma estratégia muito interessante: transportar suas narrativas para tempos passados, mascarando, assim, sua contrariedade ao governo como uma crítica ao que acontecera no mundo árabe em séculos anteriores. Foi a estratégia usada por Jamal al-Ghitani em *al-Zayani Barakat* (1971; o título do livro é igual ao nome do protagonista, *al-Zayani Barakat*) e por Zakaria Tamer, em dezenas de contos (Kadalah, 2014). Assim, alegorias passaram a fazer parte do repertório de diversos autores, que precisavam encontrar meios criativos de transmitir a mensagem que desejavam sem arriscar serem duramente penalizados por isso (Kadalah, 2014). Os autores, então, eram a “voz da razão” de seus governos autoritários (Kadalah, 2014, p. 444). Esse fenômeno também pode ser observado no teatro árabe¹¹ (Kadalah, 2014). É relevante compreender que os autores que ousavam criticar seu governo e abordar, em suas obras, o sofrimento do povo árabe assumiam um verdadeiro risco pessoal. Indiferentemente de essas denúncias terem ocorrido dentro ou fora das obras, Cooke (2001, p. 5) aponta que prestavam um serviço à população ao

⁹ “A consciência da prisão é a melhor maneira de descrever a consciência de significância, mas também do perigo inerente ao projeto literário que pode ser causa ou resultado da experiência na prisão. Nos sistemas autoritários, escritores e leitores partilham a compreensão do poder e do perigo da palavra escrita. A prisão é quase uma condição para alguém se tornar um intelectual público” (Cooke, 2001, p. 238, tradução própria).

¹⁰ Para uma análise mais aprofundada dessa questão e acessar uma lista de diversos livros em que esse fenômeno ocorre, recomenda-se a leitura integral do texto de Taleghani (2021).

¹¹ Esta dissertação conscientemente não explora os gêneros do teatro árabe, especialmente o drama, em função de ter por objetivo contemplar a relação específica entre narrativas (especialmente o romance) e a política. Entretanto, sua autora reconhece a importância do drama para o mundo árabe moderno e contemporâneo.

comprometerem seu bem-estar e sua integridade física em prol da literatura (Cooke, 2001, p. 5).

Também, a partir da década de 1980, alguns autores, a exemplo de Naguib Mahfouz¹², passaram a criticar o modelo político de Nasser e a desafiar e subverter sua figura política através da literatura (Snir, 2023), criticando a vigilância que o governo mantinha sob as publicações. De qualquer maneira, resgatando o que foi abordado no capítulo anterior, não é somente porque um autor não se enquadra nos padrões de *al-adab al-multazim* que ele não escreve sobre questões sociopolíticas, como é o caso de Mahfouz (Dimeo, 2016): visto como o principal exemplo de um autor comprometido, ele, no entanto, afastou-se da causa a partir de 1960 (Dimeo, 2016). Para Mahfouz, a revolução de Nasser não havia implementado as mudanças prometidas, e o estilo defendido pela *al-adab al-multazim* não era mais adequado à realidade, segundo sua percepção (Dimeo, 2016). Com a perda de relevância do *iltizam* no final da década de 1960, os autores partiram de abordagens realistas para um modernismo experimentalista – às vezes, utilizando-se também do surrealismo (Dimeo, 2016). De acordo com Dimeo:

Not only did the political authority not match the expectations crafted in the pre-revolutionary days, expression was actually *less* free than under the foreign-backed monarchy – certainly a tough blow to the dreams *multazim* writers had nurtured. The political authority was not the only player in the *iltizam* relationship to disappoint, however. Disillusion with a public intent on creating a new elite also drove authors from the naive belief that they could inspire social justice through writing. A style designed to reach the masses gave way to one which better suited the author's own anguish (Dimeo, 2016, p. 81, grifos do autor)¹³.

Isso explica algumas alterações pelas quais a literatura árabe passou nas décadas seguintes. A *Al-adab al-multazim* servia como um lembrete das mudanças que, conforme se esperava, deveriam ter ocorrido na sociedade árabe a partir da revolução de 1950, mas que não aconteceram. Seus objetivos idealizados de conscientização pública e mudança social a partir da narrativa, de fato, nunca se concretizaram. Por isso, vários autores, por mais que rejeitassem elementos da premissa básica do *iltizam*, seguiram reproduzindo-o através da repetição do modelo apresentado pela *al-adab al-multazim*, por vezes como forma de satirizar essa crença

¹² Ressalta-se que Mahfouz sempre criticou Nasser e o tipo de política que ele representava; isso apenas se intensificou a partir de 1980, tendo sido, até então, uma crítica muito mais velada.

¹³ “Não só a autoridade política não correspondia às expectativas criadas nos dias pré-revolucionários como a expressão era, na verdade, menos livre do que sob a monarquia apoiada por estrangeiros – certamente um duro golpe para os sonhos que os escritores *multazim* tinham alimentado. Contudo, a autoridade política não foi o único interveniente na relação *iltizam* a decepcionar. A desilusão com a intenção pública de criar uma nova elite também afastou os autores da crença ingênua de que poderiam inspirar justiça social por meio da escrita. Um estilo pensado para atingir as massas deu lugar a outro que melhor se adequava à angústia do próprio autor” (Dimeo, 2016, p. 81, grifos do autor, tradução própria).

que, em tese, era tão essencial e transformadora (Dimeo, 2016). Não havia mais o entendimento de que seria uma escolha por parte do autor comungar ou não com aquela filosofia. Assim,

To be purely *multazim* or not by 1970 was not as clear cut a choice as it had been two decades earlier. *Iltizam* was no longer the guiding method in the creation of these later novels but rather the subject of discussion, usually portrayed in a negative light. The key elements of *al-Adab al-Multazim*, that earlier doctrine required to be kept outside of the text – such as the hand of the author, the political power, and the writing process – now feature prominently within the text, but in a negatively caricatured fashion. *Multazim* writers play leading roles in the novels of the 1960s, yet are universally failed, misguided, or defeated artists (Dimeo, 2016, p. 88, grifos do autor).¹⁴

Portanto, a partir da década de 1980, esse modelo passa a ser utilizado. Mahfouz, de certa forma, retorna às suas origens, reintroduzindo as noções de *iltizam* em sua literatura, agora adaptada à realidade da política corrupta do mundo árabe. Com a publicação de *Afrāh al-Qubba* (“Alegrias da cúpula”, em tradução livre)¹⁵, em 1981, ele adapta a filosofia de *al-adab al-multazim* às novas formas de corrupção, introduzidas pelo governo de al-Sadat (Dimeo, 2016, p. 106). Seu foco, então, assim como o de outros autores, era o de criticar a política de abertura econômica que os países árabes passaram a adotar em meados da década de 1970 e que apenas beneficiavam as parcelas afortunadas da população (Dimeo, 2016, p. 106). Esse era o reflexo de uma sociedade, assim como aquela que deu à luz ao próprio *iltizam*, de desesperança e desilusão com a possibilidade de um regime melhor. Desse modo, diferentemente dos textos pertinentes ao *iltizam*, os atores do movimento (autores, autoridades e um público indiferente) são, durante a década de 1970 e 1980, o centro dessas narrativas (Dimeo, 2016). Entretanto, é errôneo dizer que Mahfouz não acreditava no *iltizam*; ele apenas questionava o preparo da sociedade árabe em abraçá-lo integralmente. Dimeo (2016) afirma que

Yet *multazim* writing has not been abandoned. Mahfouz keeps *iltizam* very much alive and under discussion, but always deferred, waiting for the moment it can return. That return would require fundamental change: a sweeping away of the political authority, the re-engaging of the public to the power of the written word, and a new generation of activist writers to move the masses. That world looked as far away in the 1960s as it did in 2010, but *al-adab al-multazim* remained in waiting throughout, in the inverted

¹⁴ “Ser ou não puramente *multazim* em 1970 não era uma escolha tão clara como havia sido duas décadas antes. *Iltizam* não era mais o método orientador da criação desses romances posteriores, mas sim o assunto de discussão, geralmente retratado de forma negativa. Os elementos-chave de *al-adab al-multazim*, cuja doutrina anterior exigia que fosse mantida fora do texto – como a mão do autor, o poder político e o processo de escrita – agora aparecem com destaque no texto, mas de uma forma negativamente caricaturizada. Os escritores *Multazim* desempenham papéis principais nos romances da década de 1960, mas são artistas universalmente fracassados, equivocados ou derrotados” (Dimeo, 2016, p. 88, grifos do autor, tradução própria).

¹⁵ Dimeo (2016) utiliza o título *Wedding in the Dome*, em tradução própria, “Casamento no Domo”, para referir-se a esse romance. A editora americana *Anchor*, parte do grupo editorial *Penguin Random House*, publicou essa obra em 2016, sob o título *Wedding Song*, em tradução própria, “Música de Casamento”. Por não haver tradução dessa obra para o português, optou-se por realizar uma tradução livre do seu título em árabe.

model of committed writing that Mahfouz offered (Dimeo, 2016, p. 112, grifos do autor).¹⁶

Houve, durante o mesmo período, outros autores que também seguiram um modelo similar. Yusuf Idris, apesar de criticar a grandiosidade das narrativas de Mahfouz por sua complexidade e de optar por contar suas histórias por meio de contos, explorava também a vida egípcia e a árabe em sua intrincada existência sociopolítica. Assim como Mahfouz, ele também adotou a filosofia do *iltizam*, mas optou por seguir a corrente do *al-adab al-hadif* no início de sua carreira, apostando nos avanços sociais que viriam juntamente com a revolução que pôs Nasser no poder (Dimeo, 2016). Idris, tendo no passado atuado como médico, enfocava muito, em suas histórias, questões relacionadas à saúde da população egípcia, como a baixa higiene, o pouco controle de natalidade e a inadequação do atendimento de saúde em zonas precárias, principalmente em áreas rurais (Dimeo, 2016).

De forma similar a Mahfouz, Idris também se afastou do *iltizam* a partir da década de 1960 (Dimeo, 2016). Algumas de suas obras a partir desse momento podiam ser consideradas como *iltizam*, enquanto outras não mais. Outras, ainda, como é o caso de *al-Martaba al-Muq'ara*, “O Colchão afundado”, segundo a tradução de Dimeo (2016), aproximam-se muito do *iltizam*, mesmo que sua narrativa seja absurdista (Dimeo, 2016). Em 1980, em meio ao enfrentamento de uma depressão severa, Idris teve sua desesperança pessoal com o futuro refletida em suas narrativas. Em *Yamut al-Zammar*, “O Flautista morre”, segundo tradução de Dimeo (2016), o protagonista, que é, essencialmente, o próprio Idris, vê-se frustrado ao refletir sobre o ato de escrever histórias, que não contribuiu com a mudança da sociedade da maneira como ele havia almejado. Na verdade, o ato de escrever apenas tinha alimentado falsas esperanças de um mundo melhor, renunciando ao *al-adab al-multazim* (Dimeo, 2016). Na história, após uma experiência de quase morte, o protagonista volta a escrever, agora com o objetivo de manter-se vivo, sem grandes intenções de inspirar as massas à transformação (Dimeo, 2016). De acordo com Dimeo (2016, p. 153), ele, essencialmente, indaga-se sobre o papel que exerce na sociedade, questionando se, para um ator-artista, a escrita seria não um dever, mas uma obrigação para que seu ser permaneça (Dimeo, 2016).

¹⁶ “No entanto, a escrita *multazim* não foi abandonada. Mahfouz mantém o *iltizam* muito vivo e em discussão, mas sempre adiado, esperando o momento em que possa retornar. Esse regresso exigiria uma mudança fundamental: a eliminação da autoridade política, o reengajamento do público no poder da palavra escrita e uma nova geração de escritores ativistas para mover as massas. Esse mundo parecia tão distante na década de 1960 como em 2010, mas *al-adab al-multazim* permaneceu à espera o tempo todo, no modelo invertido de escrita comprometida que Mahfouz ofereceu” (Dimeo, 2016, p. 112, grifos do autor, tradução própria).

Todo o turbilhão político, econômico e bélico ocorrido no mundo árabe durante o período, ademais, resultou em profundos traumas sociais, como marcas deixadas na população que teve de lidar com o que ocorria a sua volta. A guerra civil libanesa, por exemplo, foi uma temática muito presente em diversas obras de autores do país. O trauma, que aqui pode ser definido como eventos que ameaçam a vida e/ou o bem-estar dos indivíduos, está presente tanto como um acontecimento catártico na narrativa quanto como um sentimento recorrente na vida dos personagens (Mostafa, 2009). Dessa forma, geralmente o que provoca esse trauma na literatura são vivências relacionadas à perda, ao deslocamento e à imigração forçados, à guerra e aos distúrbios psicológicos por ela gerados. Essas características da literatura que lida com traumas são inspiradas diretamente naquilo que os provoca na vida real (Mostafa, 2009).

Diversas narrativas que envolvem o trauma não seguem uma cronologia linear, impossibilitando que seus personagens sigam uma vida “normal”, interrompendo sua existência e gerando uma série de intercorrências em sua história (Parr, 2018). Ainda tendo como exemplo a literatura impactada pela guerra civil libanesa, havia um esforço por parte dos autores que dizia respeito a uma tentativa de atrelar a identidade de seus protagonistas à cidade de que se originavam, tratando sua agonia particular como parte de uma experiência coletiva. Sua identidade, então, era social e culturalmente construída, não se separando os personagens principais dessas obras da realidade de que se originavam (Mostafa, 2009, p. 216).

Foi, entretanto, a partir dos anos 2000 que a utilização de eventos traumáticos como forma de contextualizar a literatura se solidificou. Os autores, em seu direito pleno, estabeleceram a necessidade de documentar a realidade sofrida por eles a partir de uma ficcionalização desses momentos históricos. Assim, esses artistas passaram, ao mesmo tempo, a desafiar a imagem ocidental que tinham de seus países e a engajar-se na desconstrução e em ideias modernistas (Milich, 2015). Eles questionavam, à sua maneira, a máxima de que o trauma era apenas um direito das forças militares e políticas que saíam de seus próprios países para os invadir. Assim, seus textos ocupavam-se de críticas ao ocidente e a seus pontos de referência epistemológicos, transformando-se, assim, em argumentos desumanizantes e de invalidação (Milich, 2015).

Foi esse processo, de levar o trauma das sociedades árabes à literatura, que manteve o romance como produto cultural ainda tão relevante nas sociedades árabes (Milich, 2015). As obras que lidam com essa questão, então, são capazes de compreender o trauma como um fenômeno tanto nacional e coletivo quanto individualizado, permeando as diferentes camadas sociais do mundo árabe. Para que isso seja possível, é muito comum a abordagem por meio de metáforas (Milich, 2015). Assim, diversos autores recorrem a novos formatos e padrões

estéticos de escrita para explorar esse conteúdo (Milich, 2015). Além disso, também se compreende que o trauma coletivo tenha sido, em maior escala, precedido ou por guerras ou por conflitos políticos, como é o caso da questão palestina, objeto muito presente na literatura do trauma, assim como o grande volume de pessoas marginalizadas que se tornam refugiadas em meio aos conflitos no mundo árabe (Milich, 2015). Os veículos narrativos para que essa literatura de trauma pudesse ser expressa são variados, percorrendo desde a poesia até o romance dramático tradicional e, até mesmo, as narrativas de terror (Milich, 2015).

O que diferencia essa literatura de trauma das obras produzidas entre o período da década de 1940 até o final da década de 1960, porém, é o fato de que não se ocupa, necessariamente, da representação e da disseminação de uma ideologia, e sim de movimentos de denúncia políticos, levando as raízes dos problemas socioculturais à narrativa, sem inculcar uma visão particular de sociedade (Milich, 2015). Ademais, deve-se considerar algo muito importante quando se fala de trauma no mundo árabe: é uma constante. Tendo esse conceito se originado no ocidente, é difícil que sua definição inicial abarque toda a experiência árabe, dada a repetitividade com a qual ela ocorre na região. Esse processo iniciou-se com a colonização, e segue se fazendo presente nos países árabes¹⁷ (Milich, 2015). Nesse caso, o objetivo da literatura é humanizar os indivíduos árabes, apresentando seu sofrimento por meio de narrativas profundamente ligadas com sua história (Milich, 2015).

Como foi possível observar, o mundo árabe enfrentou uma série de desafios a partir da década de 1970. Essas adversidades transformaram profundamente a região, gerando descontentamento e agitação na população, que se sentia desesperançosa diante da maneira pela qual os países se desenvolviam. Isso se refletiu na literatura, que passou a inserir entre suas temáticas questões pertinentes ao que, na época, estava ocorrendo nos países árabes. Esse descontentamento todo foi crescendo com o passar das décadas, em que pese o fato de que as parcelas marginalizadas da população viviam em situações cada vez mais precárias, enquanto as elites dos países seguiam angariando cada vez mais poder. Em 2011, ocorreu a Primavera Árabe, que pode ser entendida como a forma por meio da qual a pressão que se construiu no mundo árabe por quase quarenta anos encontrou, enfim, uma válvula de escape. É a esse respeito que este estudo passará, agora, a discorrer.

¹⁷ Países que, como já se mencionou, foram criados pela própria colonização.

3.2 “O POVO QUER A QUEDA DO REGIME!”: O SIGNIFICADO DA PRIMAVERA ÁRABE E SUAS DEMANDAS SOCIAIS

Revoluções podem ser definidas como atividades que envolvem a união de um grupo de pessoas, organizadas, formalmente ou informalmente, por meio da mobilização social. Essas coalizões buscam, em suas atividades, enfraquecer o governo vigente, tendo por objetivo final removê-lo do poder por meio da mobilização coletiva em prol de um futuro mais justo. Existe, assim, a esperança de uma troca de regime e da criação de novas instituições políticas e sociais. Por vezes, o próprio grupo que busca eliminar o governo vigente almeja tomar seu lugar, subindo ao poder (Goldstone, 2001; 2014; Grinin; Korotayev, 2020 *apud* Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022a). Observa-se, nesses momentos históricos, que revoluções são mais passíveis de ocorrerem quando há altos níveis de insatisfação popular com um governo, combinados com a perda de controle e poderio por parte de seu(s) líder(es) (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022a).

É interessante pontuar que o fenômeno da perda do temor pela figura autoritária pode ser atrelado a um pressentimento de desastre pendente por parte da população, que pode vir a perceber os processos revolucionários como uma forma de aliviar a pressão que se formou (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022a). Ademais, quando a revolução passa de seu ápice e começa a esmaecer, sua resolução tende a ser aquém daquela esperada (Grinin; Korotayev, 2022), e a alteração do governo vigente, quando ocorre, tende a ser um processo muito desorganizado (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022a). Assim, mesmo que processos revolucionários tenham se provado como um dos principais motrizes das sociedades, sendo movimentos de modernização considerado uma condição necessária para que acontecessem, o caos que geram pode provocar um efeito rebote (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022a). O que ocorre, então, é que os governos podem ser substituídos por sistemas e políticos que são, até mesmo, piores do que os que foram derrubados, e a esperança por uma sociedade mais justa se esvai (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022a).

Chegar a um modelo democrático de governo tem se mostrado o grande objetivo das revoluções modernas (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022a), com o final da Guerra Fria e o abandono do sistema ideológico do comunismo a favor da absorção do capitalismo por parte de quase todos os Estados do mundo. Diversos países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, da China e da Índia, tiveram expansões significativas em suas economias, criando-se a categoria de países com “mercados emergentes” (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022b). Esses mesmos países contemplaram um aumento no consumo de suas comunidades urbanas, particularmente

de grupos que haviam conseguido sair da pobreza. Entretanto, essa “melhoria” não chegou de maneira homogênea a todas as camadas das populações desses países (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022b, p. 1038). Além disso, questões como as campanhas ofensivas estadunidenses, cujo objetivo aparente era de “espalhar ideias democráticas pelo mundo”, fizeram com que se desenvolvessem ressentimentos e sensações de resistência por parte dos grupos étnicos nacionais, estimulando ainda mais uma necessidade revolucionária popular (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022b). Tais ações levaram a arrojadas campanhas interventoras militares, que ficaram conhecidas como a “guerra global ao terror”.

Mudanças socioeconômicas e estruturais observadas no mundo também cumpriram um papel no desenvolvimento dessa onda de revoluções em vários países no mundo, o que pode ser observado a partir do final do século XX, mas que realmente tomou forma no século XXI. Um crescimento populacional considerável foi observado em diversas regiões do globo a partir da ampliação do acesso global à saúde, fato que gerou uma população demograficamente mais jovem e educada. Isso, somado à recessão econômica de 2007, pressionou os governos de diferentes Estados (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022b, p. 1038). Ademais, pouco tempo depois, esses países sofreram também com um expressivo aumento nos preços dos alimentos, agravando o problema (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022b, p. 1038). O Oriente Médio como um todo foi uma região que sofreu com todas essas questões (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022b).

Ao final do século XX e início do século XXI, foi possível observar uma mudança no comportamento das massas que participavam desses processos, uma vez que, cada vez mais, passaram a adotar ideias de não violência (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022a). De acordo com Goldstone, Grinin e Korotayev, (2022a, p. 53), essa ideologia deu origem às “revoluções coloridas”, que tomaram forma no final do século XX e tinham como base sua relação com forças externas. Entretanto, como os próprios autores referidos pontuam, influências externas são capazes de instigar outros movimentos apenas até certo ponto; há sempre a presença de dissabores e problemas internos que alimentam as revoluções (Goldstone; Grinin; Korotayev, 2022a, p. 55).

A Primavera Árabe, ou o Levante de 2011, foi mais uma das diversas revoluções que ocorreram a partir do século XXI. De acordo com Grinin e Korotayev (2022), observam-se, na Primavera Árabe, diversas características identificadas também em outras revoluções. Uma delas, por exemplo, diz respeito a problemas sociopolíticos concebidos a partir de questões estruturais nas comunidades. No caso dos países árabes e de sua sociedade, há um elevado número de crianças e jovens, que representam a maior parcela da população. A elevação dessa

estatística demográfica causa instabilidade política, além de fomentar desproporcionalidades econômicas e educacionais (Grinin; Koratayev, 2022). Ademais, há a insatisfação social e o ressentimento para com os governos – que, no caso do mundo árabe, tinham caráter autoritário, eram corruptos e não prezavam pela liberdade política dos cidadãos (Grinin; Koratayev, 2022). As comunidades, dessa forma, passam a respeitar cada vez menos seus líderes. Uma vez que governos autoritários são essencialmente erguidos sobre a imagem de seus governantes, essa perda de força os enfraquece, tornando-os mais suscetíveis à queda, principalmente quando as elites também se juntam ao grupo dos descontentes (Grinin; Koratayev, 2022).

É importante notar que os processos do estabelecimento de insatisfação popular e da perda de autoridade por parte do governo devem ocorrer paralelamente para que as revoluções também ocorram (Grinin; Koratayev, 2022). Na verdade, revoluções são construídas apenas se houver o sentimento de uma necessidade de mudança, apoiada diretamente nas aspirações por um futuro melhor, mais esperançoso, justo e regido por ideias e expectativas que raramente são atingidas no mesmo grau em que foram imaginadas (Grinin; Koratayev, 2022). No caso da Primavera Árabe, havia o objetivo intrínseco, em um primeiro momento, de uma transição governamental, do autoritarismo para a democracia, considerada como o modo “legítimo” de governo moderno (Grinin; Koratayev, 2022). Entretanto, tratando-se da origem do Levante de 2011, nas ruas da Tunísia, é difícil argumentar que esse tenha sido o objetivo inicial do movimento.

Zemni (2015) pontua que, de todos os Estados árabes, a Tunísia aparentava ser o menos passível de um movimento social revolucionário. A Tunísia do início da década de 2010 era considerada um dos países mais estáveis e prósperos do mundo árabe, desfrutando de um sistema educacional “eficiente” e havendo uma quantidade considerável de habitantes que integravam a “classe média” (Zemni, 2015, p. 77). Contudo, já havia indícios que apontavam para a possibilidade de uma revolução tunisiana. Já na década de 1980, a necessidade da Tunísia de contrair empréstimos do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial fez com que o país precisasse passar por reformas estruturais em seu sistema econômico (Zemni, 2015). Aquela também foi a década em que Zine El Abidine Ben Ali tomou o poder na Tunísia e desenvolveu uma imagem propagandista de que as novas políticas econômicas do país eram bem-sucedidas. Isso, porém, não era verdade, pois havia uma constante mudança no sistema das reformas, que afastava o país cada vez mais de seu objetivo (Zemni, 2015). Devido a uma sequência de eventos e iniciativas tomadas pelo governo, introduziu-se um sistema capitalista agressivo no país, que permitia ao setor privado guiar o desenvolvimento econômico. Ben Ali,

que havia incentivado a criação dessa nova classe empreendedora, era seu maior beneficiário (Zemni, 2015).

Houve, em meio a isso, iniciativas assistencialistas do governo, que tentavam atenuar os problemas sociais oriundos dessas políticas, mas que alcançaram pouco sucesso. Eram resoluções que propunham o desenvolvimento de redes de apoio que servissem para controlar a população (Zemni, 2015, p. 80 – 81). A partir da 1990, a oposição política do país vinha sendo suprimida pelo governo de então, principalmente os grupos políticos islamistas. Diferentes organizações e classes de trabalhadores tunisianos começaram a tentar contestar o governo de Ben Ali, céticos quanto a questões como o nível de poder que o governo vigente mantinha em relação a importantes órgãos judiciários e legislativos. Além disso, havia, por parte de alguns desses grupos originados de diferentes camadas da sociedade tunisiana, a exemplo dos sindicatos de trabalhadores, uma tentativa de mobilizar argumentos sobre a Palestina e o Iraque a fim de fortalecer discursos sobre militância e ativismo (Zemni, 2015, p. 79). Em 2008, todas essas questões confluíram para uma sequência de protestos ocorridos em função de um processo seletivo fraudulento da empresa *Compagnie de Phosphates de Gabes*, que, por um período de 20 anos, havia cortado seu número de funcionários em 75% (Zemni, 2015, p. 79).

Como é possível observar, apesar da suposta surpresa para com o acontecimento da Primavera Árabe, principalmente no que diz respeito a seu país de origem, a verdade é que essa revolução já estava há anos em preparação. A autoimolação de Mohamed Bouazizi representou apenas a primeira fagulha do Levante de 2011, que ocorreu em 16 de dezembro de 2010 (Bayat; 2017). O fato não causou a revolução, nem foi o grande motivo que levou milhares de tunisianos (e milhões de árabes) às ruas (Zemni, 2015). O homem, que era um verdureiro, ateou fogo ao próprio corpo na pequena cidade de *Sidi Bou Zid*, localizada na área central do país (Levs, 2011; Bayat; 2017; Charrad; Reith, 2019; Kuznetsov, 2022). Ele veio a falecer, ainda hospitalizado, menos de um mês depois (Levs, 2011; Bayat, 2017). Seu protesto foi motivado pelo confisco de suas balanças, após falhar em conseguir realizar uma reclamação oficial na sede do governo de sua província. Foi na frente desse prédio que ele realizou o ato (Lageman, 2017).

Essa não era a primeira vez que um ato de autoimolação ocorria na Tunísia, muito menos no restante do mundo árabe; entretanto, o fato de que o momento foi capturado em vídeo e postado nas redes sociais fez com que ganhasse tração e movimentasse um grupo de cidadãos a irem às ruas protestar, dando início, assim, à Primavera Árabe (Kuznetsov, 2022). Há, é claro, um debate acerca do que levou essas pessoas, em sua maioria jovens como Mohamed Bouazizi, às ruas. Presume-se que tenham sido sentimentos de coletividade tribal que movimentaram aquela parte da população. Contudo, há poucos argumentos que realmente apoiam essa

hipótese, sendo mais provável que a motivação para essa onda inicial de protestos tenha sido uma indignação coletiva por parte da população que se identificava com a situação de Bouazizi, provocada pela brutalidade empregada pela força policial nos protestos que aconteceram a partir de 19 de dezembro de 2010 (Kuznetsov, 2022).

Nos meses seguintes, vários cidadãos de países árabes foram influenciados pela atitude de Mohamed Bouazizi e tentaram copiar seu comportamento extremo, de atentar contra a própria vida em protesto, havendo a maioria seguido a fórmula da autoimolação, que se tornou uma prática mais frequente após os acontecimentos do Levante de 2011¹⁸ (Levs, 2011; Kuznetsov, 2022; Hayek *et al.*, 2023). Apenas na Tunísia, registraram-se 107 autoimolações nos seis meses subsequentes à Primavera Árabe¹⁹ (Hayek *et al.*, 2023). Enquanto não é possível saber os motivos exatos da opção por atitude tão drástica, é possível identificar, em declarações feitas por algumas pessoas que tentaram suicidar-se nesse período, a insatisfação com o governo, com a baixa qualidade de vida e com a alta taxa de desemprego, como evidenciado por Levs (2011) e Kuznetsov (2022, p. 631).

Dessa forma, o início da Primavera Árabe deu-se nos últimos dias de 2010, de forma espontânea, sendo difícil de controlar no começo. Entretanto, certos grupos políticos e sociais, já previamente organizados, como sindicatos locais, por exemplo, assumiram o papel de coordenadores dos protestos, permitindo que as ações se estendessem por semanas. Os juízes da Tunísia tiveram um importante papel, sendo responsáveis por mobilizar as classes mais baixas do país e assumindo uma parte considerável da organização dos protestos nas grandes cidades, tendo entrado em greve em dia 06 de janeiro. Por fim, a juventude tunisiana também

¹⁸ Em uma interessante revisão sistemática realizada por Hayek *et al.* (2023), sobre os padrões de autoimolação no mundo árabe, os autores explicam que esse é um método de suicídio mais comum em países de baixa e média-baixa renda. Sua predominância está em parcelas jovens da população, na faixa dos 24 aos 36 anos. Entretanto, diferentemente da demografia observada durante a Primavera Árabe, como um fenômeno, os estudos realizados apontam que a autoimolação é mais comum entre mulheres, especialmente as de baixa escolaridade, casadas, habitantes de zonas rurais (Hayek *et al.*, 2023). Ademais, não ocorre em locais públicos, mas dentro de casa, e motivada por questões financeiras e familiares. Ainda, há indícios de que as pessoas que se autoimolaram também apresentavam histórico de doenças mentais, como depressão (Hayek *et al.*, 2023). Curiosamente, a Tunísia, antes mesmo da Primavera Árabe, é exceção a essa regra, com a autoimolação ocorrendo principalmente entre homens (Khelil *et al.*, 2016; Hayek *et al.*, 2023). Foi apenas a partir da Primavera Árabe que começou a observar-se um aumento no número de casos de autoimolação por parte de pessoas do sexo masculino. Durante a Primavera Árabe, passou a se observar que a autoimolação era mais motivada por questões políticas (Hayek *et al.*, 2023).

¹⁹ Quanto a esse ponto, as bibliografias consultadas divergem. Enquanto Kuznetsov (2022, p. 631) afirma que, aproximadamente, 40 pessoas se autoimolaram por motivos similares ao de Mohamed Bouazizi durante o Levante de 2011, em todo o território árabe, Hayek *et al.* (2023, p. 767) referem-se a 107 autoimolações apenas na Tunísia, nos seis meses que sucederam a Primavera Árabe. Hayek *et al.* (2023), contudo, não revelam qual a porcentagem de autoimolações motivadas por questões sociopolíticas. Assim, optou-se por citar o número indicado por Hayek *et al.* (2023), pois a pesquisa realizada pelos cientistas é uma revisão sistemática que analisa uma série de artigos científicos referentes à autoimolação no mundo árabe. Por isso, imagina-se que Hayek *et al.* (2023) teriam números mais verossímeis, dada a extensão do seu trabalho.

desempenhou importantes atividades durante a organização dos protestos em suas mais variadas posições na sociedade: tanto jovens desempregados e sem qualificação nenhuma quanto estudantes do ensino superior juntaram-se aos protestos (Zemni, 2015).

A tomada de proporções regionais ocorreu apenas a partir de janeiro de 2011²⁰, com o escalonamento de protestos na Tunísia. Esses protestos conseguiram, no dia 14 daquele mês, forçar a derrubada do então presidente, Ben Ali, que ocupava o cargo desde 1987. Entretanto, esse não era o objetivo aparente da rebelião – ao menos não durante seu primeiro momento (Kuznetsov, 2022). Os protestantes tunisianos formavam uma massa que exigia melhorias sociais e econômicas e “dignidade nacional” (Bayat, 2017; Kuznetsov, 2022, p. 631), além de mais empregos e liberdade (Bayat, 2017). No momento inicial do Levante de 2011, os protestantes desenvolveram diferentes sistemas e táticas para construir e sustentar as movimentações, e os protestos começaram a ganhar reconhecimento, angariando cada vez mais participantes (Kuznetsov, 2022).

Em 03 de janeiro, a situação começou a mudar. Os protestantes passaram a ter atitudes mais violentas, atacando estações policiais e alguns prédios públicos. As forças de segurança revidaram apenas alguns dias depois. É interessante notar que, na Tunísia, os protestos não se organizaram de forma simultânea, mas ocorreram de maneira alternada, em cidades diferentes, ao longo dos dias. No dia 10 de janeiro, uma imagem de Ben Ali foi arrancada de um prédio governamental, em Thala, alimentando o espírito social que crescia e desejava a queda do regime. No dia 12, um protesto combinado com uma greve juntou mais de 30 mil pessoas na cidade de Sfax (Kuznetsov, 2022). Foi nesse protesto que nasceu um dos mais famosos *slogans* da Primavera Árabe, que se espalhou por toda a região: *al-sha’ab yurid isqaat al-nidham* (“O povo quer a queda do regime”, em tradução livre) (Zemni, 2015).

Dois dias depois, em 14 de janeiro, chegaram a Túnis, capital do país, milhares de pessoas, que se juntaram em uma caminhada em alguns dos principais pontos da cidade. Os protestantes carregavam consigo pães, pedras, secadores de cabelo, bandeiras da Tunísia, e gritavam diferentes *slogans*, além de entoarem o hino do país (Kuznetsov, 2022). Durante a tarde, após os protestantes terem sido dissipados pela polícia, Ben Ali renunciou à presidência, fugindo do país no mesmo dia (Kuznetsov, 2022). É importante destacar que menos de um mês separa a autoimolação de Mohamed Bouazizi da queda de Ben Ali, significando que a revolução tunisiana progrediu de forma veloz, atestando uma fusão de diferentes organizações políticas, com estilos variados de mobilização e com um objetivo em comum (Zemni, 2015; Bayat, 2017).

²⁰ Por isso, esta dissertação refere-se ao “Levante de 2011”, e não “de 2010”.

Mohamed Ghannouchi, primeiro-ministro, autodeclarou-se presidente ainda em 14 de janeiro, sobre a égide do artigo 56 da constituição tunisiana. Como o primeiro-ministro foi renegado pela população tunisiana, Fouad Mebazaa tomou seu lugar no mesmo dia, amparado, desta vez, pelo artigo 57. Eleições gerais foram anunciadas em 15 de janeiro. O período que se seguiu logo após a saída de Ben Ali do governo foi caótico, com saques, violência nas ruas e ausência da força policial (Kuznetsov, 2022, p. 636). De acordo com Kuznetsov (2022, p. 636), essa configuração se deu em parte pelo fato de que, com a queda do então governo, não havia nenhuma instituição, nem política nem social, organizada para assumir o poder no país. Além disso, uma característica da revolução que acabara de ocorrer na Tunísia era de que não havia apoio em nenhuma ideologia política (Kuznetsov, 2022, p. 636).

Formou-se um governo de coalizão nacional, que incluía muitos membros da época de Ben Ali e que ficaria no poder até as eleições gerais. Esse governo durou pouco tempo, perdendo gradualmente o apoio dos grupos que dele faziam parte. Em 27 de janeiro, houve uma reorganização do governo, posteriormente a uma nova onda de protestos iniciada pouco antes, no dia 23, que ficou conhecida como “protestos de Kasbah” (Kasbah é o nome da praça central de Túnis) (Kuznetsov, 2022). A segunda onda de protestos realizados nesse mesmo local, iniciada em 25 de fevereiro de 2011, desejava a remoção de Mohamed Ghannouchi. Mais de 100 mil pessoas juntaram-se em protesto na Praça de Kasbah nesse episódio. Ghannouchi renunciou em 27 de fevereiro (Biggest..., 2011; Thousands..., 2011), e Beji Caid Essebsi assumiu seu lugar. Em outubro do mesmo ano, ocorreu a eleição para a Assembleia Constituinte Tunisiana. O partido *Ennahda* venceu, pondo Moncef Marzouki na presidência da Tunísia. O país, então, assumiu o sistema parlamentarista (Kuznetsov, 2022).

Em suma, a sociedade tunisiana emergiu como uma massa única e organizada em toda a extensão do território, relevando suas diferenças em prol de seu futuro, que envolvia uma meta comum: a derrubada do líder. O fenômeno que ocorreu foi o aumento da porosidade entre os diferentes desafios enfrentados pela sociedade do país (Zemni, 2015). Como já mencionado, o trabalho das organizações sindicais foi crucial para a manutenção dos protestos na Tunísia, bem como o da parcela jovem da população, que se juntava ao movimento em busca de mudanças. Havia, também, uma grande diferença na forma pela qual esses grupos protestavam: os sindicatos buscavam abordagens pacíficas, enquanto os jovens tomavam as ruas e confrontavam as autoridades diretamente.

Faz-se necessário um mapeamento demográfico do tipo de indivíduo que, majoritariamente, tomou as ruas da Tunísia nesse primeiro momento da Primavera Árabe, para que seja possível a realização de uma comparação com as massas que se juntaram nos espaços

públicos dos demais países a partir de janeiro de 2011. Inicialmente, as movimentações ocorreram com a participação de jovens provenientes de regiões mais empobrecidas do país, que se viam em posição de marginalização. Entretanto, quando o movimento começou a tomar forma e a ampliar sua presença, os protestantes passaram a diversificar-se e a politizar-se. Foi essa transformação que metamorfoseou o que estava ocorrendo na Tunísia, de protestos localizados para uma revolução completa. Os participantes das movimentações do Levante de 2011 estavam unidos, independentemente de suas diferenças, em razão de sofrerem com problemas socioeconômicos semelhantes (Zemni, 2015). Esse grupo de pessoas, que incluía membros da sociedade tunisiana de diferentes idades e classes sociais, contava com uma presença massiva de jovens, muitos dos quais estavam desempregados, mesmo aqueles que tinham diplomas de ensino superior. A juventude estava desacreditada no futuro, em um país que não lhes oferecia oportunidades de crescer e atingir seus objetivos pessoais (Zemni, 2015).

É importante destacar, também, que o desemprego era uma das principais angústias da população, principalmente da população jovem. Quase metade dos jovens tunisianos que tinham ensino superior estavam desempregados; considerando a população jovem em geral, esse número chegava a 30%. Isso foi fruto das políticas econômicas adotadas durante o governo de Ben Ali, que resultaram em aumento do desemprego, diminuição do valor dos salários e instabilidade generalizada no mercado de trabalho. Esse fato também apresenta outro significado, evidenciando as fendas existentes na imagem tunisiana de um país moderno, apontadas no início deste subcapítulo. Ademais, também aponta para os altos níveis de corrupção no país, pois se considerava que apenas por meios ilícitos alguém conseguiria um bom emprego (Zemni, 2015, p. 86).

Os protestos rapidamente se espalharam pelo mundo árabe, dando continuidade ao movimento que havia nascido na Tunísia. A maior parte das demonstrações iniciaram-se entre os meses de janeiro e março, com alguns episódios significativos também em abril, e se espalharam por todo o ano de 2011, avançando alguns anos (Timeline..., 2021). Em alguma medida, o Levante de 2011 afetou, direta ou indiretamente, todos os países do mundo árabe. Entretanto, pontuam-se cinco como os mais afetados pela revolução: Tunísia, Egito, Síria, Iêmen e Líbia. Nesses países, como é possível observar na obra compilada por al-Saleh (2015), verificaram-se protestos de magnitudes e demandas semelhantes (al-Saleh, 2015).

O êxito que a revolução tunisiana aparentava ter obtido, ainda em janeiro, animou em muito a sociedade dos demais Estados árabes, principalmente os grupos já política e socialmente organizados, que se preparavam para realizar protestos que, coincidentemente, ocorreriam em uma data próxima. No Egito, um protesto que estava agendado para o dia 25 de

janeiro de 2011, contra a brutalidade policial sofrida pelo jovem Khaled Said²¹, organizado por grupos politicamente engajados oriundos da juventude egípcia, tornou-se o primeiro movimento da Primavera Árabe naquele país (Smet, 2016; Bayat, 2017). Tendo ficado conhecido como o “dia da revolta”, esse protesto reuniu dezenas de milhares de pessoas, espalhadas por diferentes bairros da cidade do Cairo (Smet, 2016; Bayat, 2017), superando o número de protestantes esperados originalmente pelos organizadores do protesto (Bayat, 2017).

Esse protesto foi, majoritariamente, organizado por jovens (Ghabra, 2015), e a concentração principal de pessoas ocorreu na praça *Tahrir*²², no centro da capital egípcia. A praça tornou-se o ponto de concentração dos manifestantes durante os demais dias de protestos no país, no que tangia aos movimentos no Cairo, podendo-se dizer que a praça foi o centro da ação no Egito, mesmo com as valiosas contribuições feitas por outras cidades, em todo o país (Smet, 2016). Nesse dia, também foram registrados protestos em outras cidades, como em Suez (Ghabra, 2015). A internet e o serviço telefônico foram interrompidos no Egito (Smet, 2016), e o governo Mubarak, em um primeiro momento, desconsiderou grandemente o protesto de 25 de janeiro. Esse fato deu ao movimento oportunidade de obter popularidade, dada a forma com a qual as forças policiais tentaram reprimi-lo, prendendo e matando participantes que se arriscavam nas ruas (Ghabra, 2015).

No dia seguinte, ocorreram protestos espontâneos em diversas cidades egípcias, como Suez, Ismailia, e Alexandria, o que apontava para um processo de disseminação nacional do movimento popular (Ghabra, 2015; Smet, 2016). Nada houve no Cairo nesse dia, pois a cidade preparava-se para a “sexta-feira da raiva” (Smet, 2016). Em 28 de janeiro, apenas três dias depois da manifestação inicial, houve grande movimentação política dos protestantes. No Cairo, manifestantes conseguiram tomar a praça de *Tahrir* para seus fins, montando lá seus acampamentos após a polícia retirar-se. As forças militares declararam-se neutras enquanto preenchem o papel da polícia, de tentar manter um centro controle sob a insurreição nas ruas (Bayat, 2017). Nesses movimentos, concentraram-se pessoas de diversas idades, gêneros e classes sociais, que clamavam, entre diversos *slogans*, por “pão, liberdade, justiça” (Bayat, 2017).

Foi apenas em 28 de janeiro que o grupo Irmandade Muçulmana se juntou oficialmente aos protestos (Ghabra, 2015; Selim, 2015). O apoio da Irmandade Muçulmana foi muito

²¹ Khaled Said foi assassinado na cidade de Alexandria pela polícia local. Ele foi espancado até a morte. O que causou verdadeira indignação quanto ao caso foi que a força policial havia alegado que sua morte tinha se dado em função do uso de drogas. Mais tarde, com o compartilhamento massivos de imagem de seu corpo brutalmente machucado incitou a população (Smet, 2016).

²² A praça de Tahrir é um local icônico para os protestos realizados na cidade do Cairo.

importante para o movimento da Primavera Árabe no Egito, pois, em sua organização, o grupo já mantinha caráter institucional e era capaz de estabelecer instrumentos como centros de primeiros-socorros (Ghabra, 2015), assumindo uma posição de liderança na vertente egípcia da Primavera Árabe (Selim, 2015). Também nesse dia houve protestos simultâneos em diversas cidades egípcias, que contaram com confrontos entre a polícia e os protestantes, a exemplo de Alexandria, Port Said e Beni Suef, (Smet, 2016). Dessa forma,

The uprising started as a demonstration, directing a clear message towards those in power and a rallying call to potential supporters. The accumulation of anger, criticism, and resistance over the past years, the example projected by the Tunisian revolution, and the organization of marches from working-class neighbourhoods allowed activists to draw huge numbers of non-politicized citizens into showing their displeasure with the regime (Smet, 2016, p. 197).²³

A partir dos protestos do dia 28, pode-se dizer que teve início a revolução de fato no Egito, que, rapidamente, passou também a exprimir o desejo de remover o governo de Hosni Mubarak, que estava no poder há pouco menos de 30 anos (Bayat, 2017). Repetiram-se no país diversas frases que haviam sido ditas incessantemente na Tunísia, incluindo “O povo quer a queda do regime”, já mencionada (Ghabra, 2015). Salienta-se que, desde o dia 28, protestos e concentrações populares ocorreram por todo o país, sem parar (Smet, 2016). É importante, ainda, destacar que esse fenômeno de insurreição nacional quase instantânea possibilitou que a revolta não fosse abafada (Smet, 2016). Apenas o dia 01 de fevereiro viu a junção de um milhão de pessoas em *Tahrir*, por exemplo (Smet, 2016).

Os protestantes no Egito, através do movimento “Seis de Abril”, um dos principais organizadores da Primavera Árabe no país, foram pioneiros em definir uma lista assertiva de objetivos que visavam atingir com seus protestos. Eles fizeram uma declaração formal em 06 de fevereiro, onde parabenizavam a força do povo egípcio e exprimiam que a juventude egípcia não seria mais enganada pelas “falas manipuladoras” de Mubarak. Segundo essa declaração, o povo egípcio não teria mais sua “inteligência desdenhada” pelo governo. O grupo, então, toma para si a responsabilidade de representar todos os egípcios em suas demandas em relação ao futuro. Eles refutaram a sugestão de Omar Suleiman, então vice-presidente do Egito, de diálogo até a remoção de Mubarak do poder (Statement [...], 2011).

²³ “O levante começou como uma manifestação, dirigindo uma mensagem clara aos que estavam no poder e um apelo à mobilização de potenciais apoiantes. A acumulação de raiva, crítica e resistência ao longo dos últimos anos, o exemplo projetado pela revolução tunisina e a organização de marchas a partir de bairros da classe trabalhadora permitiram que os ativistas atraíssem um grande número de cidadãos não politizados para mostrarem seu descontentamento com o regime” (Smet, 2016, p. 197, tradução própria).

O Movimento “Seis de Abril” estipulou as seguintes demandas: a renúncia imediata de Hosni Mubarak, a dissolução do senado e da assembleia nacional, o estabelecimento de um “Grupo Nacional de salvação”, a criação de uma nova constituição que garantisse a eles os princípios de liberdade e justiça social, o julgamento de todos os responsáveis pelos assassinatos dos mártires da praça *Tahrir* e a liberação imediata daqueles que foram presos durante os protestos. Segundo eles, era isso que o povo queria, e apenas o atingimento em totalidade dessas metas retiraria os protestantes das ruas. Como forma de visualizar esses objetivos, o movimento pendurou um *banner* com diversos metros de comprimento no alto de um prédio localizado na praça *Tahrir* que detalhava essas demandas. Essa faixa chegava quase até o chão (Statement..., 2011).

Em uma matéria publicada pela revista eletrônica *Jadaliyya*, em fevereiro de 2011, essas demandas são consideradas como “não-negociáveis”, uma vez que são a cristalização de todos os clamores e reivindicações feitas pelos protestantes ao longo dos protestos no Egito (Alessandrini, 2011). Ademais, a complexidade e perspicácia dessas exigências são um indicador de que a sociedade egípcia entendia o longo e árduo processo que precisava percorrer para, em tese, atingir sua tão sonhada liberdade construída sobre preceitos democráticos (Alessandrini, 2011). É por isso, também, que a proposta de Suleiman era inaceitável. Ela representaria apenas uma continuidade do governo de Mubarak, sem a quebra que a população egípcia realmente esperava. Apesar disso, havia um certo apoio da ascensão do vice-presidente do Egito ao poder por parte das grandes potências ocidentais, especialmente os Estados Unidos. Esses países tinham nele um aliado político de alguns anos (Alessandrini, 2011).

É necessário apontar que as declarações feitas pelo Movimento “Seis de Abril”, que representam os objetivos gerais da população egípcia para a Primavera Árabe, muito se assemelham com aquilo que os tunisianos haviam indicado serem as suas metas com os protestos. A Tunísia foi o primeiro país a derrubar seu presidente e a declarar seu desejo de criar uma nova constituição, bem como de clamar por justiça por aqueles penalizados por participarem dos protestos. Entretanto, essas demandas não são exclusivas dos dois países. Como será visto mais a frente, os manifestantes localizados em outros países, como Síria, Líbia e Iêmen, também tinham desejos parecidos e visavam atingir objetivos similares.

Ainda, essencial à ramificação egípcia da Primavera Árabe foi o evento da “Batalha dos Camelos”, que ocorreu em 02 de fevereiro. Nesse episódio, a força popular mostrou-se dominante em relação ao poderio do governo. Hosni Mubarak renunciou à presidência do Egito em 11 de fevereiro (Bayat, 2017), e, diante disso, estabeleceu-se que seria necessário o

desenvolvimento de uma nova constituição, com a formação de uma assembleia constitucional e eleições presidenciais (Ghabra, 2015).

Enquanto a revolução no Egito possuía carácter popular, houve também entidades de carácter sociopolítico internas do país que participaram da organização do movimento. A Irmandade Muçulmana, a esquerda ativista egípcia (constituída majoritariamente por jovens), os ativistas dos direitos humanos e a Associação Nacional pela Mudança (formada basicamente pela classe média liberal, por islamistas progressistas e por democratas) formavam esses quatro grupos (Smet, 2016). Houve também a presença dos *Ultra*, que se comprometeram em garantir a segurança daqueles que protestavam contra o governo. Esses grupos foram alguns dos responsáveis por tornar conhecido o movimento que se organizava para 25 de janeiro. No entanto, ninguém esperava que tomasse as proporções que tomou (Smet, 2016). O sucesso desse protesto foi garantido pela presença da população mais empobrecida e marginal do Cairo, que foi atraída pelo movimento (Smet, 2016).

No período transitório entre a queda de Mubarak e a eleição do presidente seguinte, houve a instituição de um governo provisório para a administração do país (Ghabra, 2015). O Conselho Supremo das Forças Armadas assumiu o poder, governando por pouco mais de um ano (Hassan, 2015; Selim, 2015). Ainda em fevereiro, um pequeno comitê, que contava com intelectuais e juristas, foi formado para adicionar emendas à constituição egípcia, sendo seu líder o islamista Tareq al-Bishrin. Essas emendas estruturaram as eleições presidenciais no Egito, bem como apresentaram definições básicas, como o tempo máximo em que um líder poderia ficar no poder (dois mandatos de quatro anos), a permissão de uma supervisão judicial para as eleições e um plano para a confecção da nova constituição egípcia (o parlamento eleito na eleição seguinte deveria escolher cem membros para ficarem incumbidos dessa atividade). Servindo como uma constituição temporária, em 30 de março, o Conselho Supremo das Forças Armadas emitiu a Declaração Constitucional Interina. Foi também em março que se emendou a lei de permissão de criação de partidos políticos no Egito, estimulando o processo de liberalização política (Selim, 2015).

Um novo sistema eleitoral foi implementado sob a vigência do Conselho Supremo das Forças Armadas, que seria aplicado, pela primeira vez, nas eleições parlamentares. Nesse novo processo, dois terços dos candidatos seriam eleitos internamente pelos partidos; o restante, por um sistema independente de candidaturas individuais (Selim, 2015). A intenção desse método era evitar futuras revoluções, e foi o que permitiu a dissolução da Assembleia Popular, em junho 2012. O que ocorreu foi que, por não haver a obrigatoriedade de que os candidatos filiados a um partido político concorressem aos assentos na assembleia através dessa mesma filiação, tal

brecha permitiu que indivíduos filiados competissem por assentos delegados à candidatos independentes, o que resultou em uma alegação de inconstitucionalidade por parte da Suprema Corte Constitucional (Selim, 2015, p. 181-182).

Havia se constituído uma parceria entre o Conselho Supremo das Forças Armadas e a Irmandade Muçulmana, que tinham objetivos similares quanto ao impedimento de que entidades politicamente liberais prosperassem no país. Por isso, a Irmandade se utilizava de sua influência, a fim de mobilizar a população para pautas favoráveis ao Conselho. A parceria durou até o começo de 2012. Na eleição nacional para a assembleia popular, entre dezembro de 2011 e janeiro de 2012, os grupos islamistas angariaram 70% dos votos (Selim, 2015). Já nas eleições presidenciais de junho de 2012, a vencedora foi a Irmandade Muçulmana, tornando Mohamed Morsi presidente do Egito (Selim, 2015). Entretanto, Morsi foi derrubado no ano seguinte à sua eleição.

Abdul Fatah al-Sisi foi o rosto do golpe de Estado que removeu Mohamed Morsi do cargo de presidente do país ao anunciar a suspensão da constituição egípcia em um programa de televisão. Pouco tempo depois do anúncio, a população egípcia tomou as ruas, dividindo-se em grupos favoráveis e contrários ao então governo, ao mesmo tempo em que grupos militares tomavam pontos estratégicos da capital, com a intenção de incentivar a queda de Morsi. No dia 03 de junho de 2013, as forças militares egípcias anunciaram a deposição de Morsi, e, em novembro, apenas cinco meses depois, já se falava na realização de uma eleição parlamentar. Em 2014, al-Sisi é eleito como presidente do Egito, com 97% dos votos – e reeleito quatro anos depois, com a mesma porcentagem (Entenda [...], 2013a, 2013b; al-Sissi [...], 2018).

Observou-se, no Egito, um movimento similar àquele visto na Tunísia. Smet (2016, p. 186) apresenta um argumento interessante quanto à conversão do protesto pela morte de Khaled Said na contribuição egípcia à Primavera Árabe. Segundo o autor, a morte do jovem configurou um exemplo cotidiano da violência e da corrupção a que a sociedade egípcia era frequentemente submetida. O Estado, que, constantemente, atacava ativistas, grupos de movimentos sociais e diferentes organizações de variadas classes de trabalhadores, fazia com a população exatamente o oposto daquilo a que se comprometia. Ademais, forças locais, como a polícia, ameaçavam as pessoas com subornos e tortura, por exemplo (Smet, 2016). A sociedade egípcia percebeu que sua realidade era nada menos do que o reflexo de seu governo, apenas em menor escala (Smet, 2016). Ghabra (2015, p. 212) define a Primavera Árabe no Egito como “[...] a democratic social explosion that aspired to do more than topple the regime of Hosni Mubarak”.²⁴

²⁴ “[...] uma explosão social democrática com ambições maiores do que derrubar o regime de Hosni Mubarak” (Ghabra, 2015, p. 212, tradução própria).

É possível, entretanto, traçar os problemas político-econômicos do Egito em diversas décadas antes de 2010. Em 1977, a abertura econômica do país, que ficou conhecida como *infitah*, simbolizou uma mudança considerável na forma como o Estado egípcio se estruturava, fazendo com que o país sentisse os efeitos dessas políticas a longo prazo (Bayat, 2017). Ademais, o governo encabeçado por Mubarak, presidente do Egito desde 1981, tinha um longo histórico de corrupção, nepotismo, privilégios políticos e um certo nível de conforto em questões relacionadas a sua habilidade de deter o poder, empregando, por exemplo, táticas opressivas à oposição como forma de assegurar sua posição (Ghabra, 2015).

Assim, não era pouco comum que políticos que serviam ao governo fossem donos de grandes empresas e negócios no país, aproveitando-se tanto dos benefícios de fazerem parte da administração quanto de controlarem empresas cujo papel era fundamental para seu funcionamento (Ghabra, 2015). Desse modo, desde a década de 2000, observavam-se protestos de cunho político no Egito (Ghabra, 2015). Até então, os egípcios acreditavam que, em comparação com outros Estados árabes, suas condições de vida eram aceitáveis e que a saturação popular com o governo Mubarak não era tão grande (Bayat, 2017; Ghabra, 2015). Foi o advento das redes sociais e o contato dos egípcios com as demais partes do mundo que os fizeram indignar-se com suas condições de vida, quando perceberam que poderiam viver em melhores condições (Ghabra, 2015). Entretanto, o dia 25 de janeiro representou um tipo de movimento diferenciado dos protestos que o antecederam, levando às ruas milhares de pessoas que não tinham o hábito de participar de protestos (Ghabra, 2017). Segundo Ghabra (2017, p. 208), aproximadamente mil pessoas morreram, mil desapareceram e 12 mil ficaram feridas, em algum momento, durante a revolução egípcia.

Revelou-se, então, que Hosni Mubarak estava preparando seu filho, Gamal Mubarak, para sucedê-lo como presidente. Em 2004, foi formado um grupo político, cujo nome era *Kifaya* (“chega”, em árabe), cujo objetivo era impedir que isso acontecesse. O coletivo era uma coalizão de diferentes aspirações políticas, unidas de forma pacífica por um objetivo comum (Ghabra, 2017). Foi também no governo Mubarak que se garantiu à força policial do país sua supremacia (Ghabra, 2015), o que possibilitou o abuso do egípcio comum, fato já tratado nesta seção do trabalho.

Dessa forma, a revolta, que foi fomentada pelo assassinato de Khaled Said, deu-se não por sua excepcionalidade, mas pela percepção de que a sociedade egípcia não mais poderia tolerar comportamentos daquele cunho, banalizados pela conduta do Estado (Smet, 2016). Deve-se destacar também que, somando-se à indignação popular com a morte de Said, os egípcios estavam revoltados com os resultados das eleições parlamentares do ano anterior, que

havia garantido a vitória esmagadora do partido de Hosni Mubarak em função de diferentes manobras de coerção política por parte do governo vigente (Smet, 2016; Ghabra, 2017). Tal evento também colaborou com as proporções que o Levante de 2011 tomou no Egito (Smet, 2016; Ghabra, 2017).

Na Líbia, a Primavera Árabe iniciou-se apenas no dia 17 de fevereiro, tendo a primeira ação ocorrido na cidade de Bengazi. A sociedade do país, inspirada pelo que havia acontecido na Tunísia e no Egito, sentiu-se motivada a ir às ruas após a prisão de Fathi Terbel, advogado que estava atuando em favor das vítimas do massacre em Abu Salim²⁵ (Bueras, 2015; Erdağ, 2017). Assim como no Egito, esse dia ficou conhecido como “o dia da raiva” (Erdağ, 2017). Esse movimento, como nos demais países, foi inicialmente organizado por uma parcela de jovens líbios. Porém, vale notar que, ainda em janeiro, cidades do interior da Líbia já haviam organizado protestos próprios, impulsionados pela corrupção resultante do atraso da entrega de residências financiadas pelo governo (Bueras, 2015).

As demandas da revolução na Líbia, como foi observado nos demais países já mencionados, envolviam questões de cunho social e econômico e evoluíram, como em diversos outros países do mundo árabe, para o desejo de derrubada do presidente Moamar Gaddafi, no poder há mais de 40 anos (Bueras, 2015; Erdağ, 2017). Entre as principais reclamações, muito se falava sobre a dificuldade do desenvolvimento de uma política que aumentasse a oferta de empregos no país, além de amplas críticas ao sistema econômico e à resistência do governo em modernizá-lo. Os primeiros dias de protesto na Líbia foram altamente pacíficos (Bueras, 2015; Erdağ, 2017), mas isso se alterou diante de ações policiais instigadas pelo governo. A resposta presidencial contra a população manifestante foi tão violenta, que resultou em embargos do Conselho de Segurança das Nações Unidas e da União Europeia contra o país, no final do mês de fevereiro (Bueras, 2015; Erdağ, 2017), o que indicava uma rápida resposta internacional. A Líbia sofreu também com uma intervenção internacional, liderada pela França, em forma de uma coalisão de Estados que visavam a aplicar as resoluções desenvolvidas pelo Conselho de Segurança. Essa operação foi assumida pela Organização do Tratado do Atlântico Norte no final do mês de março (Erdağ, 2017) e ficou conhecida como Operação Protetor Unificado²⁶ (Erdağ, 2017).

²⁵ Abu Salem era o nome da prisão líbia onde mais de 1.200 prisioneiros foram assassinados a mando de Gaddafi no ano de 1996. A justificativa dada pelo governo é a de que havia ocorrido uma revolta na prisão (ABU [...], 2022).

²⁶ *Operation Unified Protector*, no original em inglês.

Também em março, na Líbia, formou-se uma coalizão de protestantes: o Conselho Nacional de Transição. Seu papel autodeclarado era o de manifestar o desejo de mudança da sociedade Líbia (Erdağ, 2017). De acordo com a visão de Erdağ, (2017, p. 30), a criação desse grupo institucionalizou a rebelião no país. Nesse processo, diversos membros do alto escalão do governo de Moamar Gaddafi renunciaram, com alguns unindo-se à resistência, o que resultou na perda de legitimidade do governo vigente (Erdağ, 2017), que, entretanto, ainda detinha o controle das forças militares. Ademais, o governo também contratou grupos mercenários do continente africano para fortificar-se, porém tal esforço não se mostrou muito frutífero (Erdağ, 2017).

Assim, as forças beligerantes do governo foram ceifadas por parte tanto da Operação Protetor Unificado quanto da oposição. Esta, por exemplo, conseguiu mostrar-se dominante em algumas cidades, como Bengazi e Trípoli. A mobilização da Organização do Tratado do Atlântico Norte, por sua vez, atingiu seus objetivos de forma bem-sucedida, ao embargar o recebimento de armas enviadas ao governo, por meio da sustentação de uma zona de exclusão aérea e prestação de serviço humanitário aos civis líbios (Erdağ, 2017). Dessa forma, Moamar Gaddafi perdeu o governo da maior parte das principais cidades do país, e, além disso, o sistema internacional passou a reconhecer o Conselho Nacional de Transição como o governo oficial da Líbia (Erdağ, 2017). Gaddafi foi assassinado no dia 20 de outubro de 2011, tendo sido o quarto e último chefe de Estado a cair a partir das movimentações da Primavera Árabe (Bueras, 2015; Erdağ, 2017).

Com a morte de seu presidente, a Líbia viu-se em uma situação turbulenta, similar àquela enfrentada pela Tunísia e pelo Egito (Bueras, 2015; Erdağ, 2017). A violência passou a fazer parte do cotidiano da população, uma vez que havia confrontos diários entre grupos que ainda apoiavam o regime de Gaddafi e as forças da resistência, satisfeitas com sua queda. Uma guerra teve, então, início no país (Erdağ, 2017). O Conselho Nacional de Transição era a única força política remotamente organizada, que poderia servir como uma liderança Estatal até que eleições pudessem ocorrer (Bueras, 2015). Bueras (2015, p. 111) aponta que havia interesse por parte da comunidade internacional para que o governo de Gaddafi não liderasse mais a Líbia, explicando o porquê de a comunidade internacional ter aceitado a revolução no país de maneira tão condescendente. Esse fato, entretanto, apenas indicava a existência de um objetivo em comum, considerando-se que o autor citado não aponta indícios de que o descontentamento da população para com o governo tenha sido implantado por forças estrangeiras (Bueras, 2015). Esse acontecimento relaciona-se mais propriamente com a Primavera Árabe do que com qualquer influência externa (Bueras, 2015).

Foi, então, anunciado pelo Conselho Nacional de Transição que haveria eleições na Líbia no menor período possível. O próprio grupo anunciou um membro para servir como primeiro-ministro até as eleições. A União Europeia encerrou seu embargo, liberando fundos e ativos líbios mais uma vez (Erdağ, 2017, p. 33). Em julho de 2012, o partido Aliança e Força Nacional venceu, e a subdivisão política da Irmandade Muçulmana na Líbia, o partido Justiça e Construção, ficou em segundo lugar. Tal resultado faz sentido, uma vez que a base do novo Estado líbio estava se constituindo sob o alicerce do islamismo (Erdağ, 2017). A insegurança, entretanto, seguiu sendo uma característica no país. Menos de um ano após as eleições, as missões diplomáticas do Reino Unido e dos Estados Unidos retiraram-se, alegando falta de segurança como principal motivo. Isso ocorreu alguns meses após o assassinato de um embaixador americano (Erdağ, 2017).

Em 2014, o primeiro-ministro foi demitido pelo governo, iniciando-se, então, uma série de declarações sobre irregularidades na forma como seus sucessores ascendiam ao cargo e dividindo a política líbia entre islamistas e liberais. Uma nova eleição parlamentar ocorreu naquele ano, formando uma Casa de Representantes, mas o processo foi invalidado pelo Conselho Nacional de Transição, por meio da Suprema Corte. A decisão foi rejeitada pela Casa, o que resultou em um país governado por duas forças políticas: a Casa de Representantes, com sede em Tobruk, e o Conselho Nacional de Transição, com sede em Trípoli (Erdağ, 2017). Além disso, havia duas forças militares de caráter miliciano (Erdağ, 2017).

Assim como na Líbia, no Iêmen também houve protestos, que se iniciaram na segunda metade de janeiro de 2011. Na época, o Iêmen podia ser considerado o Estado mais problemático do mundo árabe, tendo de lidar com questões graves, como analfabetismo, aumento populacional, corrupção, diminuição no volume de reservas de óleo e de água, falta de estrutura em diversas frentes diferentes e um considerável aumento populacional (Juneau, 2013). Ainda, o Iêmen apresentava um problema histórico em relação a suas elites, que, no país, são baseadas em formações tribais privilegiadas. Essas elites detinham o poder e, constantemente, manipulavam o tecido social tribal no Iêmen para garantir sua primazia, tomando as medidas necessárias para isso (Manea, 2015).

Motivados pela recente renúncia ao poder do presidente da Tunísia, protestos foram organizados em Sana, majoritariamente por jovens, para demonstrar apoio à luta que aquele país árabe estava travando, com o objetivo da chegada da democracia à região (Manea, 2015). Entretanto, autores que tratam sobre o tema concordam que foi apenas a partir do mês de fevereiro que o Levante de 2011 efetivamente chegou ao Iêmen (Juneau, 2013; Manea, 2015). Assim como nos demais países, a parcela jovem da população foi a que, no início, mais incitou

as movimentações (Manea, 2015). Essa configuração começou a mudar nos primeiros dias de fevereiro, quando um dos principais partidos do Iêmen, o Partido da União Conjunta, tomou a iniciativa de juntar-se aos protestos, embora a presença dos jovens iemenitas, desgostosos com o estado de seu país, tenha seguido pungente (Manea, 2015). O Partido da União Conjunta, uma coalizão entre seis partidos de oposição, nunca representou um verdadeiro contrapeso para o governo vigente; porém, questões relacionadas ao nepotismo presente no governo e ao autoritarismo de seu líder fizeram com que o grupo se posicionasse contra o governo (Juneau, 2013).

De acordo com Juneau (2013, p. 409), a queda de Hosni Mubarak foi muito significativa para os protestantes no Iêmen. Foi a partir desse evento que a população iniciou o processo de organização de protestos de maneira mais diligente (Juneau, 2013). Havia demandas populares por mais empregos, pelo fim do nepotismo e do tribalismo no governo e por um Estado mais justo (Juneau, 2013; Manea, 2015). Em suma, a população do país clamava por um futuro viável, principalmente a população mais jovem (Manea, 2015). Contudo, um dos principais objetivos da Primavera Árabe no país, como nos demais países até agora observados neste estudo, foi o de remover o líder político da chefia do Estado. Esperava-se abrir caminho para a democracia no Iêmen (Manea, 2015), reivindicação que foi reforçada em meados de março, quando a oposição política ao governo efetivamente se uniu aos protestos populares após o assassinato de mais de 50 manifestantes em um único dia. Esse ato brutal por parte do governo de Saleh motivou a renúncia de alguns membros do alto escalão político iemenita (Juneau, 2013).

Além dessa renúncia, o acontecimento gerou uma série de reações, que, por sua vez, asseguraram a continuidade da violência pelo Iêmen. Em junho, um atentado contra membros do alto escalão do governo deixou Saleh gravemente ferido, tendo ele sido retirado do país para receber tratamento. Entretanto, esse não foi o fim do governo de sua família. Alguns membros, incluindo seu filho, realizaram o esforço de manter o governo sob o domínio da família até o retorno de Saleh, em setembro do mesmo ano (Juneau, 2013). Antes mesmo desse acontecimento, ainda no mês de abril, o Conselho de Cooperação do Golfo havia proposto ao governo uma troca: Saleh e sua família ficariam imunes se o presidente renunciasse ao cargo. Quem assumiria seu lugar seria o então vice-presidente, Abd Rabbu Mansur al-Hadi, garantindo um chefe de Estado para o período transitório entre deposição de Saleh e as novas eleições, bem como elaboração da nova constituição (Juneau, 2013). Os manifestantes, obviamente, não concordavam com a imunidade que seria garantida ao presidente. De qualquer maneira, o acordo não gerou frutos imediatos, uma vez que, apesar de o presidente demonstrar apoio ao

documento público, não tomava as medidas necessárias para sua assinatura (Juneau, 2013). Ele foi apenas acatado em novembro pelo presidente, em razão de pressões exercidas pela Arábia Saudita e pelos Estados Unidos e do acordo por meio do qual havia recebido apoio dos Estados-membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas (Juneau, 2013).

Internamente, o governo também sofria pressões internas de grupos de oposição, que se originavam em diferentes frentes. Havia os grupos tribais, em especial a tribo *Hashed*, que, por décadas, foi uma das principais aliadas políticas do presidente até a morte de seu líder, em 2007 (Juneau, 2013), e também a figura de Ali Muhsen al-Ahmar, militar que auxiliou no processo de golpe de Estado aplicado por Saleh para assumir o controle do país, mas que se sentiu traído ao observar o presidente preparar seu filho para assumir a presidência do Iêmen (Juneau, 2013). O Partido da União Conjunta representava a terceira força de pressão institucionalizada, já mencionada. Era liderado pela Congregação Iemenita para a Reforma, uma coalizão entre grupos tribais, islamistas, empresários e o Partido Socialista Iemenita. Seu objetivo era acender ao poder após a queda de Saleh (Juneau, 2013). Somados a esses grupos e indivíduos, havia também os esforços da sociedade civil, que tomava as ruas, e as organizações de movimentos jovens. Centenas de milhares de pessoas participaram dos protestos que ocorreram nas grandes cidades do Iêmen. Entretanto, havia um desgosto por parte desses protestantes, que sentiam que seus esforços para sustentar a revolução no país eram invisibilizados pela oposição institucionalizada, que queria aproveitar-se dos movimentos para atingir suas próprias agendas, e pela repressão brutal (Juneau, 2013).

Dessa forma, em fevereiro de 2012, Abd Rabbu Mansur al-Hadi foi “eleito” presidente do Iêmen; ele era o único candidato. Era previsto que seu mandato duraria dois anos, período considerado transitório entre o governo de Saleh e a instituição de um sistema democrático. É de suma importância destacar, contudo, que, apesar da remoção tanto de Saleh quanto de outras pessoas que ocupavam cargos políticos de importância no país, e da movimentação política que preparava o país para uma nova configuração política, o antigo presidente ainda mantinha uma quantidade considerável de apoiadores, principalmente entre as forças militares do país e as elites tribais, o que pode ser explicado pelos laços étnicos existentes entre Saleh e esses grupos. Tornou-se responsabilidade do novo presidente o ato de conciliar as diferentes frentes de oposição no país (Juneau, 2013), e ele tentou estabelecer sua própria base de poder, aliando-se às forças islamistas e aos apoiadores de Ali Muhsen al-Ahmar (Eleftheriadou, 2021). Entretanto, ainda em 2014, ficou claro que esse esforço não estava surtindo resultados (Eleftheriadou, 2021). Al-Hadi sofreu um motim por parte das forças militares, e, além disso,

no mesmo ano, a proposta de repartição do país em seis regiões federativas aborreceu diversos líderes regionais, principalmente os da tribo Hutis (Eleftheriadou, 2021).

Em 2015, o Iêmen entrou em uma guerra civil (Eleftheriadou, 2021). Atualmente, o país está dividido em cinco partes, consideradas por Eleftheriadou (2021) como proto-Estados, que são governadas por diferentes forças. O mais forte e bem estruturado é o controlado pela tribo Hutis, que dominam o norte do Iêmen e Sana, a capital do país (Eleftheriadou, 2021). Sob o comando de Abd Rabbu Mansur al-Hadi, da tribo Hadi, o governo reconhecido internacionalmente, está parte da região sul (Eleftheriadou, 2021), com a capital provisória localizada na cidade de Aden (Eleftheriadou, 2021) e sendo fortemente apoiado pela Arábia Saudita (Center for Preventive Action, 2023b). Há também os proto-Estados de Hadramawt, Marib e Shabwa (Eleftheriadou, 2021).

Em 2022, Abd Rabbu Mansur al-Hadi renunciou ao cargo de presidente, cedendo a posição ao Conselho de Liderança Presidencial (Ghobari; Tolba, 2022). O conflito ainda não está solucionado, tendo, nos últimos oito anos, provocado uma crise humanitária de dimensões consideráveis, com quase 22 milhões de civis afetados – metade desse número, formado por crianças (Center for Preventive Action, 2023b).

Por fim, na Síria, a Primavera Árabe iniciou-se mais tardiamente, sendo esse um dos últimos Estados a apresentar movimentos de protestos em massa (Fares, 2015). A primeira demonstração ocorreu espontaneamente, em Damasco, no mercado aberto *Souq Al-Hamidiya*, em 17 de fevereiro de 2011. No entanto, por mais que esse tenha sido o primeiro protesto popular a ocorrer na Síria, desde a década de 1970, não é considerado a gênese do Levante de 2011 no país. O marco inicial das movimentações na Síria ocorreu apenas quase um mês depois, em 15 de março, tendo sido também *Souq al-Hamidiya* o ponto de partida. Esse protesto foi motivado pela prisão e pela tortura sofrida por crianças em idade escolar no dia 26 de fevereiro que, oriundas da cidade de Deera, grafitaram nos muros do prédio de sua escola o desejo pela queda do governo de Bashar al-Assad, presidente da Síria desde 2000. Ele havia herdado o cargo de seu pai, Hafez al-Assad²⁷, que deteveo posto desde 1971 até sua morte. Hafez al-Assad foi responsável pelo golpe que derrubara o presidente anterior, Salah Jadid, líder do comitê militar do partido *Ba'ath*²⁸ e, posteriormente, chefe de Estado, após aplicar um golpe na liderança nacional de seu próprio partido (Fares, 2015).

²⁷ Por serem pai e filho, Hafez al-Assad e Bashar al-Assad compartilham o mesmo sobrenome. Toda vez em que esta dissertação referir-se a um deles apenas pelo sobrenome al-Assad, estará fazendo menção a Bashar, uma vez que ele era o presidente sírio durante o Levante de 2011, mantendo-se no cargo até a atualidade.

²⁸ O partido *Ba'ath* era de filosofia nacionalista e foi criado no final da década de 1930, na Síria, em meio a uma ebulição de sentimentos nacionalistas que objetivavam resistir ao colonialismo francês e inglês (Galvani, 1974).

Em 18 de março, três dias depois, foi organizado o protesto, que ficou conhecido como “sexta-feira pela dignidade”. Esse foi o primeiro ato que movimentou um grande volume de pessoas, tendo ocorrido em diferentes cidades, de maneira simultânea (Fares, 2015). Foi também o primeiro dia em que manifestantes vieram a falecer em função dos protestos no país. Essas passeatas, então, passaram a acontecer diariamente (Fares, 2015). Muito se utilizaram os *slogans* de protesto, que ficaram tão famosos durante o Levante de 2011, incluindo frases como “O povo quer a queda do regime” e “O povo sírio não será mais humilhado”. Os dizeres proferidos durante os protestos advogavam majoritariamente pela queda do governo de al-Assad, que, em contrapartida, utilizava-se de violência bruta para tentar terminar com os movimentos que tomavam as ruas do país em grande velocidade (Fares, 2015).

A população civil síria foi capaz de organizar-se em comitês responsáveis por articular e coordenar os protestos, além de realizar a cobertura midiática para veículos internacionais a partir da divulgação daquilo que estava ocorrendo no país (Fares, 2015). Esses diferentes grupos tinham a possibilidade de trocar informações via internet. Os sindicatos também se juntaram ao movimento da sociedade civil, mobilizando os trabalhadores. Entretanto, um fenômeno que ocorreu na Síria e que precisa ser pontuado é que, durante quase todo o primeiro mês de movimentações, não havia a presença de uma organização política bem estruturada nas ruas, atestando a espontaneidade dos protestos ocorridos no país (Fares, 2015) – assim como ocorreu nos demais territórios mencionados neste estudo. No início, não havia muito apoio, tanto de grupos internos quanto de grupos externos, que defendessem a remoção de al-Assad e seu governo do poder. Parte da explicação para isso vinha da falta de crença nos objetivos da Primavera Árabe síria, além do fato de que, no país, não existiam, até então, grupos de oposição verdadeiramente organizados, que pudessem representar uma ameaça ao governo vigente a partir do momento em que se decidisse tomar uma posição mais ostensiva e ativa na revolução (Fares, 2015).

O governo utilizou-se da tática de realizar um cerco à cidade de Deraa. Seu objetivo era sufocar os protestos a partir da falta de itens de necessidade básica, como alimentos e medicamentos. Outras cidades foram invadidas, em alguns casos, com o apoio das forças militares do Estado. Nesse processo, diversas pessoas foram presas e mortas, e o governo de al-Assad passou a também fazer familiares de ativistas proeminentes de reféns – inclusive esposas e filhos pequenos (Fares, 2015). Diversas crianças morreram nesse período, pela falta de insumos básicos para a sobrevivência ou pela tortura perpetrada pelo Estado. Em alguns casos, seus corpos eram entregues de volta às famílias. O mesmo aconteceu com alguns ativistas (Fares, 2015).

Havia uma milícia que trabalhava para o governo, as *Chabbiha*, que faziam parte considerável do trabalho de repressão nas ruas, assassinando protestantes e tentando impedir que as manifestações ocorressem. As *Chabbiha* eram formadas tanto por mercenários (não alauítas) quanto por indivíduos previamente leais a al-Assad (alauítas²⁹) (Fares, 2015). Apenas no mês de agosto, quase 700 pessoas já haviam perdido a vida durante o Levante na Síria, e aproximadamente 20 mil foram detidas (Fares, 2015). Na Síria, até então, os protestos eram majoritariamente pacíficos, fato que fazia com que a agressiva resposta do governo fosse ainda mais ultrajante (Fares, 2015).

Segundo Fares (2015, p. 149), essas questões fizeram com que a população se utilizasse, cada vez mais, da religião como um alento. Isso, entretanto, tornou-se também um problema, pois, com o passar dos meses, a questão religiosa tomou proporções cada vez maiores na Síria, fazendo com que a retórica religiosa por vezes ultrapassasse e suprimisse a de independência e de simples término do governo de al-Assad (Fares, 2015). *Slogans* a favor de uma Síria mais justa transformaram-se em *slogans* de cunho religioso, e a “bandeira da independência” foi substituída por “bandeiras islâmicas”, como pontuado por Fares (2015, p. 149). Tal acontecimento pode ser justificado por um sentimento de negligência por parte dos sírios, que se sentiam vítimas de suas circunstâncias (Fares, 2015). Além disso, houve ativistas que se juntaram a esses grupos, fosse por motivos estratégicos, uma vez que acreditavam na eficiência de grupos religiosos bem-estruturados, fosse por alinhamento e convicção ao apoiarem essas pautas. Criou-se, assim, uma brecha que possibilitou a proliferação de entidades religiosas na Síria, que vinham de outros países do mundo árabe e criavam braços no país, como, por exemplo, a Irmandade Muçulmana e até mesmo grupos filiados à *al-Qaeda* (Fares, 2015).

É importante destacar também que, nas forças militares sírias, houve pessoas que abandonaram o serviço em função das atrocidades que ocorriam no país (Fares, 2015). No mês de junho, após abandonar o exército, o tenente-coronel Hussein Hamoush começou a mobilizar a organização “Movimento dos Oficiais Livres”, que visava a proteger os manifestantes contra as ações do governo. No mês seguinte, Riyadh al-As’ad, um coronel que também havia abandonado o serviço militar, firmou a criação do Exército Livre Sírio. Esse grupo formou o braço armado da revolução síria, constituído por diferentes brigadas, sem a presença de um líder definido (Fares, 2015). Em parte, o desenvolvimento negativo que ocorreu com o passar

²⁹ Alauítas são uma minoria religiosa no islã. Na Síria, sua região de origem é a montanha de *Nusayri*, noroeste do país. Tendo como base de sua filosofia religiosa o xiismo, sofriam discriminação do governo de maioria sunita até a ascensão de Hafez al-Assad, que lhes concedeu muito prestígio (Alawis..., 2018). Por isso, são extremamente fiéis ao governo de Bashar al-Assad, além de também apoiarem a ideologia do presidente (Fares, 2015, p. 151).

dos meses na Síria é também resultado da inércia da comunidade internacional fora dos Estados da região, que se manteve afastada do país e não foi capaz de tomar decisões concretas (Fares, 2015).

A proporção do conflito aumentou, tornando-se uma autêntica guerra entre o governo (e as forças controladas por Bashar al-Assad) e as forças rebeldes que se estruturaram durante os primeiros meses do Levante de 2011, na Síria. Ambos os lados são apoiados por outros países: al-Assad recebe apoio russo e iraniano, enquanto o outro lado recebe apoio estadunidense, europeu e de outros países árabes e do Oriente Médio, a exemplo da Arábia Saudita, da Turquia e da Jordânia. Em 2013, o Estado Islâmico começou a ganhar território na Síria, fator que resultou em uma campanha militar aérea ocidental e no apoio às Forças Democráticas Sírias³⁰ por parte dos Estados Unidos, do Reino Unido e da França (com apoio de alguns Estados da região) (Center for Preventive Action, 2023a).

Ademais, há outra força que precisa ser compreendida para que se tenha um mapa completo, mesmo que panorâmico, da guerra civil da Síria: a mobilização curda. O povo curdo é uma minoria étnica presente na Turquia, no Irã, no Iraque e na Síria, sendo que, nesta última, representa aproximadamente 10% da população do país, encontrando-se geograficamente concentrada ao norte e sofrendo discriminação por parte do governo sírio (Knights; Wilgenburg, 2022). Em função de seu longo histórico de opressão, há grupos políticos e milícias curdas cujo objetivo principal é a criação de um Estado curdo. Assim, há muitos membros dessa etnia que nasceram na Síria, mas que se deslocaram para outros países para lutar em prol de seu propósito. Isso aconteceu principalmente em embates curdos contra o governo da Turquia e justificou a criação de alianças com grupos curdos no Iraque. Em 2004, houve uma revolução curda contra Bashar al-Assad, que foi rapidamente suprimida pelas forças do governo (Knights; Wilgenburg, 2022).

Dessa forma, no Levante de 2011 e na guerra que se iniciou no país, as forças curdas se fizeram presentes. O Partido Unido Democrático, oriundo do Partido dos Trabalhadores do Curdistão³¹, é o principal grupo curdo que dominou o norte da Síria quando al-Assad realocou parte das forças de lá para outras regiões do país, em julho de 2012 (Plakoudas, 2017). Em questão de um mês, as mais proeminentes cidades curdas da região já estavam sob o domínio

³⁰ As Forças Democráticas Sírias são uma coalizão entre milícias étnicas e religiosas (curdos, árabes, cristãos siríacos e turcomenos) que combatem na guerra da Síria. A etnia que predomina e controla o grupo são os curdos (Casagrande, 2016).

³¹ O Partido dos Trabalhadores do Curdistão, popularmente conhecido como PKK, é um grupo separatista curdo fundado em 1978. Sendo uma das principais forças organizadas da minoria étnica, iniciou ações que faziam uso da violência a partir de 1984. Seu principal objetivo é a fundação do Estado curdo (Partido [...], [2023?]).

desse grupo. O fato deixou a Turquia angustiada em função de o governo do país conceber a questão curda como uma ameaça e considerar o Partido dos Trabalhadores Curdos uma entidade terrorista (Plakoudas, 2017).

Assim, há três elementos centrais, que precisam ser interpretados a fim de que se compreenda a complexidade da guerra civil síria: o combate ao domínio do Estado Islâmico, feito majoritariamente por forças militares externas; o embate entre o governo al-Assad e a força de resistência; e a campanha turca contra a independência do povo curdo (Center for Preventive Action, 2023a). Já quanto às forças dos Estados Unidos, estas deixaram o país, em grandes volumes, em 2019, alocando apenas um pequeno contingente de soldados no país (Center for Preventive Action, 2023a).

O conflito representa uma crise humanitária de enormes proporções, piores, até, em relação àquele que vem sendo observado no Iêmen. Quase sete milhões de pessoas foram deslocadas de seu local de origem, sendo que mais de cinco milhões têm o *status* de refugiadas (Center for Preventive Action, 2023a). A maior parte das pessoas obrigadas a sair de seus lares estão em outros países do Oriente Médio, tendo somente a Turquia aceitado mais de três milhões (Center for Preventive Action, 2023a), e o Líbano, um milhão e meio de pessoas³² (Lebanon..., 2023). Ainda, mais de seiscentas mil pessoas morreram desde o início do conflito, em 2011 (Center for Preventive Action, 2023a).

Nos países em que a Primavera Árabe ocorreu sem maior intensidade, também aconteceram mudanças estruturais, como nas monarquias do Golfo (Arábia Saudita, Barém, Catar, Emirados Árabes Unidos, Kuwait e Omã), consideradas Estados mais estáveis no mundo árabe. Desses países, a Arábia Saudita, o Barém e Omã foram os mais afetados, apesar de não ter havido a derrubada de seus governantes (Lucas, 2014). Os Estados empregaram métodos de repressão, como aprisionamento de opositores, censura e tortura mais frequentemente do que antes da insurgência popular árabe (Lucas, 2014). Também é importante destacar que, nos países do Golfo, a população usufrui de um maior conforto e tranquilidade econômica, diferentemente dos países árabes em que o Levante foi mais inflamado (Lucas, 2014).

Em vista disso, havia um desejo por reformas políticas, e não por uma revolução que envolvesse a queda de seus líderes. A população desejava, por exemplo, o aumento do poder

³² É relevante, entretanto, atualizar algumas informações. A organização sem fins lucrativos *Human Rights Watch*, uma das mais conceituadas do mundo no que diz respeito à observação do respeito aos direitos humanos, noticiou, em julho de 2023, que as forças armadas do Líbano estão deportando refugiados sírios ilegalmente. Isso vem acontecendo com sírios que não estão legalizados no país, apesar de já terem solicitado *status* de refugiados às Nações Unidas (Lebanon..., 2023). Esse processo iniciou-se em 2023, e, até julho, quase duas mil pessoas já haviam sido deportadas à Síria, número que inclui crianças (Lebanon..., 2023).

de voto (Lucas, 2014). Salienta-se, quanto a isso, que, diferentemente dos demais Estados árabes, as monarquias não alteraram sua base econômica a partir de uma abertura de mercado e reforma neoliberal, o que resultou em um ambiente menos prejudicial à população (Lucas, 2014). O petróleo, *commodity* abundante nesses Estados, garante segurança econômica para esses países. Isso não se verifica tão amplamente nas demais localidades da região (Lucas, 2014). Como consequência da Primavera Árabe nas monarquias do Golfo, todas elas vêm, desde 2011, implantando medidas econômicas voltadas a apaziguar suas populações³³ (Lucas, 2014, p. 330). Isso tem ocorrido a partir da realocação de dinheiro oriundo do comércio do petróleo; contudo, nenhuma reforma política considerável, incluindo alteração de constituições de cada país, foi realizada (Lucas, 2014).

Na Arábia Saudita, por exemplo, o Levante de 2011 não ocorreu de forma intensa, tendo havido apenas alguns protestos pontuais. Ao primeiro sinal de uma movimentação mais significativa, foi anunciado pelo rei do país na época, Abdullah bin Abdulaziz al-Saud, um forte investimento, de US\$ 130 bilhões, para a criação de novos empregos e moradias, além de um aumento no valor do salário-mínimo e de outros benefícios sociais (Yetiv, 2013; Lucas, 2014). Também, a Primavera Árabe foi o que levou o governo da Arábia Saudita a autorizar a realização das eleições municipais, que vinham sendo postergadas desde 2009 (Lucas, 2014). Pautas feministas, como o direito de mulheres a candidatarem-se a eleições e de conduzirem veículo de uso participar, também emergiram como demandas (Lucas, 2014). Nesse caso, foi permitido, a partir das eleições municipais de 2015, que mulheres pudessem concorrer e votar sem terem de pedir permissão a seus guardiões – um reflexo da Primavera Árabe (Lucas, 2014; Sadiki, 2016). A permissão para a obtenção de uma carteira de habilitação de motorista, porém, veio apenas em 2018. Várias mulheres que protestaram por esse direito acabaram presas (Specia, 2019), fato que corrobora o argumento de Lucas (2014) sobre a maior repreensão por parte dos governos do Golfo no que tange aos protestos.

De modo geral, o monarca não gerava um descontentamento tão grande à população, como ocorria em outros países árabes, por mais que, na época, desagradasse a uma parcela da população. A capilarização da família real saudita nas mais variadas instituições do país garante uma certa segurança quanto à manutenção do poder em suas mãos, o que dificultaria, em muito,

³³ É importantíssimo esclarecer, contudo, que essas medidas são somente válidas para cidadãos das monarquias do Golfo. Cidadãos de outras nacionalidades que residem no país não foram agraciados com essas reformas, o que não representou um problema significativo para os expatriados que lá residem. Entretanto, as minorias religiosas e étnicas, como beduínos, xiitas e emirados menos abastados, que foram quem originalmente provocou as movimentações do Levante de 2011 nos países, continuam sofrendo com a marginalização por parte do governo (Lucas, 2014).

uma derrubada política da monarquia. Para além disso, alguns anos depois, certas reformas sociopolíticas foram feitas em prol de um desenvolvimento social.

Também se deve destacar que era consideravelmente importante manter a Primavera Árabe contida na Arábia Saudita, uma vez que protestos em grande escala e alterações políticas significativas impactariam sobremaneira o preço do petróleo (Yetiv, 2013). Yetiv (2013, p. 99-100) pontua que a existência de grandes reservas dessa *commodity* no país representa um impeditivo para sua democratização. Isso ocorre tanto por um ponto de vista econômico, segundo o qual a falta de investimento em outras fontes de renda para o país congela seu desenvolvimento, quanto social, a partir do momento em que o capital oriundo do petróleo financia iniciativas que ceifam as chances do desenvolvimento de uma democracia, como observado no Levante de 2011 no país (Yetiv, 2013; Lucas, 2014). Frisa-se, ainda, que o país não sofreu pressão por parte das grandes potências ocidentais, como ocorreu em outros Estados árabes, bem como teve a capacidade de intervir em alguns países, durante o processo da Primavera Árabe e suas consequências, como no Barém (Yetiv, 2013), e de envolver-se nos conflitos da Síria e Líbia, como pontuado anteriormente.

No Barém, houve protestos consideráveis, que geraram respostas agressivas por parte do governo. Entretanto, um pouco antes do início das movimentações do Levante de 2011, já haviam sido anunciadas pelo governo iniciativas políticas que envolviam aumentar a participação popular na política e garantir algum grau de liberalização (Lucas, 2014). Os protestos no país iniciaram-se em 14 de fevereiro, concentrando-se na praça Pérola, em Manama. Os protestantes, que, inicialmente, clamavam por melhorias em padrões de governança, passaram a demandar a remoção do primeiro-ministro, o xeique Khalifa Bin Salman, primo do rei, e pela destituição da família real (Lucas, 2014). Forças militares realocadas pelo Conselho de Cooperação do Golfo intervieram no país exatamente um mês após o início dos protestos, em 14 de março. Os protestos foram suprimidos, mas não completamente eliminados (Lucas, 2014).

O Líbano, que não faz parte do Golfo, foi outro Estado em que a Primavera Árabe não tomou proporções tempestuosas, tendo acontecido sem protestos massivos, mesmo que o país enfrentasse problemas similares aos de seus vizinhos árabes (Fakhoury, 2014). Verifica-se, no Líbano, a falta de condições aglutinadoras e de circunstâncias externas favoráveis; porém, o Levante de 2011 gerou consequências ao país. O governo libanês havia se estabelecido a partir de um modelo de compartilhamento de poder entre os grupos católicos maronitas (ocupantes da presidência), muçulmanos sunitas (ocupantes do cargo de primeiro-ministro) e muçulmanos xiitas (ocupantes do cargo de presidência do parlamento), com o objetivo de evitar que o

sectarismo afetasse o país. Esse modelo, no entanto, provou-se prejudicial, o que se evidencia pela Guerra Civil Libanesa, que perdurou de 1975 até 1989. O sistema mostrou-se propenso a coalizões elitizadas, que buscavam apenas atingir seus próprios objetivos (Fakhoury, 2014).

O Levante de 2011 iniciou debates sobre o fim do sectarismo no país, tendo havido protestos em pequena escala, em algumas cidades. Entretanto, acredita-se também que o modelo político libanês é responsável por aliviar tensões referentes ao sectarismo, fazendo com que o país se protegesse de ditaduras (Fakhoury, 2014). Além disso, deve-se destacar que o Líbano absorveu uma quantidade enorme de refugiados da Guerra da Síria, como já mencionado, sendo o país que mais aceitou pessoas nessas condições, em uma média *per capita* (Lebanon [...], 2023).

Protestos relacionados à Primavera Árabe também ocorreram no Iraque, iniciados em 25 de fevereiro de 2011, outra data que se tornou conhecida como “o dia da raiva”. Os iraquianos também protestavam contra o desemprego, a corrupção e a falta de estrutura evidentes no país, assim como houve nos demais Estados árabes. Movimentos ocorreram em cidades como Bagdá, a capital, Basra, Mosul, Faluja, entre outras. Os protestos no país também tiveram um elevado nível de violência, contando com a morte de participantes. Nuri al-Maliki, primeiro-ministro do país, e xiita, não renunciou a seu posto, nem sofreu um golpe de Estado, e o Iraque não passou por nenhuma alteração política e econômica significativa, que fosse justificada pela Primavera Árabe (Alaca, 2021). É importante destacar que, desde o início de seu governo, al-Maliki discriminava sunitas, tendo suprimido a representatividade política sunita e cortado investimento em regiões cuja maioria populacional professasse essa crença (Alaca, 2021).

A partir de 2012, houve a deposição e o assassinato de alguns membros sunitas do governo, o que gerou mais protestos contra a administração vigente. No ano seguinte, as formas sunitas do Iraque declararam *jihad* após um incidente que ocasionou a morte de aproximadamente 200 pessoas. Esse fato, combinado com o sectarismo do governo, resultou em um fortalecimento do Estado Islâmico (Alaca, 2021). Em 2014, o grupo já havia dominado cidades de maioria sunita no país, como Mosul, após terem sido abandonadas pelas forças militares do país (Alaca, 2021).

Há uma correlação interessante entre a Primavera Árabe e a invasão do Iraque, fato que desencadeou uma guerra, iniciada em 2003 e finalizada em 2011, segundo defendem autores como Fawcett (2013). A guerra, que derrubou o presidente Saddam Hussein, foi justificada pela disseminação da crença de que o Iraque mantinha armas de destruição em massa, consequência dos eventos de 11 de setembro de 2001 e da relação entre o país e o grupo terrorista *al-Qaeda*.

Contudo, embora tal fato fosse somente uma crença, e não se provasse uma verdade, serviu como pretexto para que os Estados Unidos invadissem o país (Fawcett, 2013). Essa guerra exauriu o Estado iraquiano, além de depreciar a posição do ocidente, já que a decisão por um ataque contra o país por frentes ocidentais foi uma deliberação controversa, não aceita pela maioria (Fawcett, 2013). Ademais, o objetivo alegado pelos Estados Unidos, de tornar o Iraque um país democrático, não se cumpriu, sendo importante destacar que esse plano foi baseado apenas em ideais e imagens americanas (Fawcett, 2013). A grande diferença entre essa guinada democrática e a guinada democrática que ocorreu em 2011 foi o fato de que, na mais recente, o desejo por democracia partia dos próprios árabes, de forma orgânica e nativa (Fawcett, 2013, p. 331).

A Guerra do Iraque mostrou-se uma frente para a organização de movimentos populares, e a queda de seu líder político abriu precedentes para que, menos de uma década depois, o mesmo viesse a ocorrer em diferentes países árabes. Assim,

Hence one major domestic impact of the Iraq War was to issue a renewed challenge to the authoritarian state, which in the short term yielded a brief period of retrenchment by incumbent regimes but ultimately gave way to a fresh series of demands which would no longer be satisfied by 'authoritarian upgrading'. In doing so it also provided an effective platform for mass social mobilization – an experience which would be built upon and repeated with higher levels of sophistication and efficacy in the Arab Spring. It is no coincidence that Egypt's Tahrir Square, for example, was the scene of major protests against the US invasion of Iraq in 2003, protests which rapidly came to be directed against the regime of President Mubarak – an important prelude to future events. Following the example of the Tunisian and Egyptian uprisings, Baghdad's own Tahrir Square also became the site of a series of popular protests against the government led by Nuri al-Maliki (Fawcett, 2013, p. 331).³⁴

É visível que diversas questões uniam os manifestantes da Primavera Árabe, independentemente do país ao qual se esteja fazendo referência. Há uma concordância por parte da literatura de que os cinco países descritos com mais profundidade nesta subseção (Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen e Síria) foram aqueles que tiveram eventos e movimentações mais robustas durante o Levante de 2011 (Achchar, 2013; al-Saleh, 2015; Bayat, 2017). No entanto, reforça-

³⁴ “Assim, um dos principais impactos internos da Guerra do Iraque foi renovar o desafio feito ao Estado autoritário, que, no curto prazo, rendeu um breve período de contenção dos regimes em exercício, mas acabou por dar lugar a uma nova série de exigências, que já não seriam satisfeitas, por meio da ‘atualização autoritária’. Fazendo isso, também proporcionou uma plataforma eficaz para a mobilização social em massa – uma experiência que seria construída e repetida com níveis mais elevados de sofisticação e eficácia na Primavera Árabe. Não é coincidência que a Praça Tahrir, no Egito, por exemplo, tenha sido palco de grandes protestos contra a invasão do Iraque pelos EUA em 2003, protestos que rapidamente passaram a ser dirigidos contra o regime do Presidente Mubarak – um prelúdio importante para acontecimentos futuros. A seguir, a exemplo das revoltas tunisiana e egípcia, a própria Praça Tahrir de Bagdá também se tornou palco de uma série de protestos populares contra o governo liderado por Nuri al-Maliki” (Fawcett, 2013, p. 331, tradução própria).

se que todos os países passaram por algum tipo de alteração ou observaram alguma movimentação derivadas da Primavera Árabe, havendo um entendimento de que foi um fenômeno presente em toda a região (Achcar, 2013; Bayat, 2017).

Como foi mencionado, em todos os países citados, principalmente nos cinco em que o Levante de 2011 ocorreu com mais intensidade, a movimentação dependeu bastante, em seu início, de uma mobilização maior por parte da juventude, grupo que, em um primeiro momento, mais se sentia compelido a ir às ruas protestar em razão das condições de vida do povo árabe e das atrocidades cometidas pelo governo. É interessante notar que, em que pese que a autoimolação de Mohammed Bouazizi foi o catalizador dos movimentos na Tunísia (e, por consequência, do movimento em todo o mundo árabe), o abuso sofrido por outros jovens árabes pertencentes às demais nacionalidades citadas também serviu como motivador interessante para levar os cidadãos às ruas nos outros países, como foi o caso de Khaled Said, no Egito, e de Fathi Terbel, na Líbia. Ademais, na Síria, a violência sofrida por crianças que ousaram demonstrar descontentamento com o governo, em consonância aos protestos do restante do mundo árabe, também incitou os movimentos no país.

Há um entendimento geral de que o Levante de 2011 foi, em muito, motivado por problemas sociais. Atribuições como a fome gerada pelo aumento no preço do alimento, o desemprego, a pobreza e o marasmo econômico foram os principais estímulos para os movimentos da Primavera Árabe (Grinin; Koratayev, 2022). Quanto a esse argumento, Achcar (2013) apresenta pontos muito interessantes. O autor menciona que “The social situation confronting the Arab region’s population can be summed up in three words – poverty, inequality, precarity [...]”³⁵ (Achcar, 2013, p. 15). Entretanto, é importante destacar que, em comparação com outros países em desenvolvimento, os residentes nos Estados árabes estão, percentualmente, em uma situação menos crítica, no que diz respeito aos níveis de extrema pobreza (Achcar, 2016, p. 16). Esses níveis ainda são consideravelmente altos, com países como o Iêmen chegando a apresentar um índice de pobreza de quase 60% no início da década de 2000; o Egito, 54%; a Síria, 40%; e a Tunísia, 29% (Achcar, 2016, p. 17).

A questão do desemprego também é, reconhecidamente, um problema generalizado nos países do mundo árabe, tendo sido uma motivação bastante frequente para os protestos do Levante de 2011, como já mencionado. Na verdade, a precarização na vida do cidadão árabe residente na região pode ser ilustrada pela questão trabalhista, uma vez que os trabalhadores se veem sem fonte de renda nenhuma ou sem nenhum arcabouço que assegure seus direitos

³⁵ “A situação social que confrontava a população da região árabe pode ser resumida em três palavras - pobreza, desigualdade, precariedade” (Achcar, 2013, p. 15, tradução própria).

enquanto funcionários. Também, o trabalho informal é uma ocorrência comum no mundo árabe (Achcar, 2016); inclusive, como indicado por Bayat (2017, p. 97 – 98), não era raro que pessoas já empregadas realizassem atividades também no setor informal para complementar sua renda.

Isso fez com que duas mudanças relacionadas à população feminina do mundo árabe ocorressem. Primeiramente, mais mulheres precisaram procurar emprego para complementar a renda de seu lar. Num geral, essa situação era observada em famílias de camadas mais desfavorecidas da população. Segundo várias das mulheres que não possuíam empregos tomaram um papel mais ativo em atividades do dia a dia que envolvessem sair de casa, como compras e idas ao banco, por exemplo, uma vez que aqueles que geralmente faziam essas tarefas agora se ocupavam com múltiplas atividades em busca de remuneração. Dessa forma, as circunstâncias femininas, somada ao aumento da presença nas ruas de indivíduos trabalhando informalmente, resultaram em uma utilização mais ampla dos espaços públicos por cidadãos menos afortunados dos países árabes (Bayat, 2017, p. 98). Essas pessoas, por sua vez, passam a dominar as ruas e a fazer parte da paisagem urbana que se deteriorava continuamente (Bayat, 2017).

Nesse debate, é fundamental frisar que o desemprego no mundo árabe é altíssimo entre jovens, como foi anteriormente observado. Essa é uma característica relevante, uma vez que as altas taxas de desemprego entre jovens de 15 a 24 anos é o que diferencia os problemas de desemprego do mundo árabe e os do restante do planeta. Também, deve-se destacar que o número de trabalhadores informais cresce na região, e estes, embora acabem sendo excluídos das taxas de desemprego, ainda sustentam a instabilidade social (Achcar, 2016).

Esse fato justifica o desgosto coletivo sentido pelos jovens para com os governos vigentes na época do Levante de 2011, bem como a presença massiva de pessoas dessa faixa da população nos protestos. Muitos desses jovens tinham curso superior, formando uma categoria de pessoas desempregadas com alto nível de escolarização e, por isso, socialmente esclarecidas. Eles representavam, aproximadamente, 25% de toda a população, o que significou um aumento no nível de emigrações de pessoas dessa demografia desde a década de 1990 (Achcar, 2016). Além disso, o desemprego entre as mulheres também é um fator significativo, sendo altíssimo, duas vezes maior do que o desemprego na população jovem no mundo árabe geral (Achcar, 2016).

Esse alto volume de pessoas descontentes com o governo, atrelado à ocupação de espaços públicos, contribuiu para a presença massiva de protestantes durante a Primavera Árabe (Bayat, 2017). Tal conjuntura foi responsável por desenvolver a ideia de uma identidade coletiva solidária, e esses indivíduos passaram a reconhecer sua posição similar na sociedade.

É o que Bayat (2017, p. 105) chama de “rua política”, em que a união simboliza um sentimento comunitário entre as pessoas comuns. A rua política, segundo o autor, é repleta de “não movimentos”, grupos que compartilham essa realidade e que apenas buscam melhores condições de vida enquanto esforçam-se para sobreviver (Bayat, 2017, p. 106). O grande problema desses grupos, entretanto, fato que veio a se tornar uma motivação para o Levante de 2011 como um todo, é a inexistência de líderes para as pessoas simples. Pode-se concluir, assim, que a Primavera Árabe foi um movimento muito horizontal, sem liderança definida (Bayat, 2017), o que foi devidamente observado quando se descreveram os casos de cada grupo e quando entidades políticas e/ou religiosas se aproveitaram da comoção do Levante de 2011 para tentar implementar suas agendas e atingir seus objetivos.

Dessa forma, a população que formava as massas participantes dos protestos e que se reuniam nas praças centrais de suas cidades, com destaque para as grandes praças³⁶, localizadas nas capitais dos países árabes, eram, em sua maioria, um contingente de indivíduos marginalizados (Bayat, 2017). Essas praças tornaram-se centros de concentração, congregando e representando comunidades inteiras, em que era possível que se observassem altos níveis de solidariedade por parte dos participantes: havia alimento, cuidados médicos, serviços religiosos islâmicos e católicos, bem como locais em que a revolução era debatida e organizada. Além disso, pessoas que residiam proximamente a esses pontos passaram a abrir suas casas aos manifestantes, para que tivessem um local adequado para descanso, higiene e reflexão (Bayat, 2017, p. 115).

De acordo com Bayat (2017, p. 115), essas concentrações operavam internamente, nos moldes do que se sonhava que os Estados árabes se tornariam caso as revoluções viessem a ter os resultados esperados. É a ideia de um agrupamento horizontal de pessoas, ou seja, sem líder autoritário, colaborativo e politicamente engajado (Bayat, 2017, p. 118). Isso possibilitou que pessoas comuns e marginalizadas tivessem a chance de expressar-se, de proclamar aquilo que acreditavam ser um futuro melhor e de serem ouvidas (Bayat, 2017). Na verdade, o tipo de protesto que ocorreu no mundo árabe, centralizado em grandes praças públicas, é uma forma comum de protesto por parte de grupos marginalizados, e a construção desses locais centrais, capazes de acomodar milhares, senão milhões, de pessoas ao mesmo tempo, propicia esse tipo de movimento (Bayat, 2017).

³⁶ Praça de Tahrir, no Cairo, Egito; Praça de Tahir, em Sana, no Iêmen; Praça Verde de Trípoli, na Líbia; e Praça da Pérola, em Manama, no Barém. No Iêmen, a praça utilizada, que ficara conhecida como a Praça dos Mártires, fora destruída pelo regime (Bayat, 2017).

Há outros fatores que colaboraram com o acontecimento da Primavera Árabe. Os níveis de corrupção elevados, por exemplo, são um denominador comum por parte dos países árabes e representam um elemento interessante a ser apontado, uma vez que, como já mencionado, a corrupção faz parte do tecido de governos autoritários e serve como combustível para deixar as massas insatisfeitas com o governo (Grinin; Koratayev, 2022). Entretanto, isso não deve ser considerado como um elemento verdadeiramente significativo, a ponto de poder ser indicado como a problemática central da Primavera Árabe, pois foi observado que Estados árabes com níveis de corrupção abaixo da média, a exemplo do Barém e de Omã, não ficaram livres de movimentações sociais e protestos durante o Levante de 2011 (Grinin; Koratayev, 2022).

Outros argumentos creditados como catalizadores da Primavera Árabe são as demandas política por democracia, autonomia social e responsabilização do governo por suas ações. Havia um clamor da população por liberdade e por eleições livres, além do fim do Estado de emergência (Grinin; Koratayev, 2022). É visível, nos esforços populares, que a Primavera Árabe tinha fortes aspirações relacionadas ao fim dos governos autoritários que dominavam os países. Em todos os países citados (e alguns dos demais países árabes), a Primavera Árabe apresentava forte conotação de reforma política. Os protestos rapidamente evoluíram de demandas sociais gerais para reivindicações políticas de alto nível, em que se imaginava que a democracia teria um importantíssimo papel.

O Levante de 2011 mostrou-se um movimento intenso, capaz de derrubar líderes políticos e enfraquecer governos autoritários, diferentemente de outras movimentações similares que ocorreram em um período próximo, a exemplo do movimento verde, no Irã (Dabashi, 2012, p. 5). É inegável que esses acontecimentos abalaram a região profundamente; porém, do Levante de 2011 não se colheram os frutos que se imaginava. Apesar de diversos governos autoritários terem sido derrubados em função da pressão interna e internacional, a implementação de novas administrações devidamente democráticas não ocorreu (ou, quando ocorreu, esses governos foram depostos em prol de uma nova força autoritária) (Whitehead, 2015). Além disso, guerras civis, que ainda não tiveram seu desfecho, foram iniciadas, e alguns Estados árabes se viram como alvos de intervenções internacionais, como foi o caso da Líbia e da Síria.

Em muito, isso pode ser justificado por uma questão sistêmica. O neoliberalismo, que dá ao mercado expressiva importância e responsabilidade, no que diz respeito à manutenção de uma sociedade, representou ao mundo árabe uma submissão às demandas e aos padrões ocidentais, já que os Estados precisaram adequar-se ao sistema prescrito pelo ocidente para que fosse possível que se enquadrassem em uma realidade internacional, principalmente a partir da

década de 1980 (Bayat, 2017). Por meio de órgãos econômicos de abrangência internacional, como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial, houve uma imposição de medidas, que fazia com que os Estados em desenvolvimento abraçassem parâmetros neoliberais para que recebessem empréstimos e pudessem investir em seu crescimento. Os países árabes, como foi observado, adaptaram-se a esse sistema, fazendo com que suas economias sofressem a longo prazo (Bayat, 2017). Assim, motivações econômicas são tidas como uma das principais propulsoras os protestos (Lucas, 2014). Lucas (2014, p. 326) é preciso ao declarar: “Issues of economic inequality, uneven growth, corruption, crony-capitalism, and unemployment – especially amongst the youth – have all been expressed throughout the protests”.³⁷

Dessa forma, com vários dos países árabes também sofrendo em razão desse processo, houve uma desaceleração no desenvolvimento e no crescimento desses Estados, resultando em altas taxas de desemprego, pobreza e disparidade econômica, que deixaram a população cada vez mais necessitada. Assim, já na década de 2000, estatísticas apontavam que os Estados árabes estavam piores do que a média global no que se referia à possibilidade de jovens obterem empregos (a média árabe para o desemprego nessa faixa etária era a maior do mundo). Ademais, também sofriam com inflação duas vezes mais alta do que no restante do mundo, com muita desigualdade social e acentuada queda de exportação (Bayat, 2017). Um fato fundamental para que a Primavera Árabe tenha tomado as proporções que tomou nos países em que o movimento se fez presente de forma generalizada foi a capacidade e a astúcia que os ativistas políticos tiveram em transformar o sofrimento sociopolítico e econômico da população em pautas centrais, que, assim, moviam milhões (Lucas, 2014).

De acordo com Achcar (2013, p. 10), a região do Oriente Médio vem sofrendo com uma crise em sua capacidade de desenvolvimento desde a abertura econômica dos países, a partir das décadas de 1970 e 1980, quando os processos de privatização passaram a dominar a ordem econômica, como foi possível observar nos países anteriormente abordados. Isso fez com que produto interno bruto desses países parasse seu desenvolvimento, o que atrasou o progresso socioeconômico dos Estados árabes. Essas condições, somadas ao crescimento demográfico acelerado, observado na região, resultaram em uma queda considerável da renda *per capita* dos países árabes (Achcar, 2013).

Uma relevante característica do Levante de 2011, como destacado por Bayat (2017, p. 11), é a de que o movimento não era pautado por nenhuma mobilização intelectual, nem atrelada

³⁷ “Questões de desigualdade econômica, crescimento desigual, corrupção, capitalismo clientelista e desemprego – especialmente entre os jovens – foram todas expressas ao longo dos protestos” (Lucas, 2014, p. 326, tradução própria).

à figura de nenhum indivíduo, como haviam sido as revoluções do passado. Não havia uma ideologia unitária, fosse o islamismo político, o socialismo ou mesmo o nacionalismo, que constituísse a Primavera Árabe (Bayat, 2017). É interessante observar, entretanto, que havia sussurros desses ideais, que motivavam os protestantes. Além disso, o autor também frisa que não havia uma preocupação pungente com agendas “radicais”, que envolvessem uma quebra de sistema. Os protestos tinham suas convicções depositadas em questões de amplo escopo, como “reformas legais” e “direitos humanos”, que, contudo, não resolveriam a raiz dos problemas (Bayat, 2017).

Também, para que seja possível compreender-se integralmente a Primavera Árabe, é importante que se entenda o impacto que a internet e as redes sociais tiveram durante esse fenômeno de escopo tão grande. Por mais que seu verdadeiro impacto seja discutível, com a importância atribuída a essa questão específica variando de acordo com a abordagem de cada autor e de país para país, é importantíssimo reconhecer-se a importância que o uso dessas ferramentas teve para a divulgação do que estava ocorrendo (Khatib, 2016; Robertson, 2013). Muito disso se dá devido à ampliação do acesso à internet nos anos que antecederam o Levante de 2011, tendo sido esse um grande facilitador da comunicação entre os protestantes, que amplamente utilizavam as redes sociais para esse fim (Aday *et al.*, 2013). Assim, as redes sociais desempenharam um papel muito importante durante o Levante de 2011, tendo sido a Primavera Árabe reconhecida por muitos também como a revolução das redes sociais (Khatib, 2016; Ferabolli, 2014).

Dessa forma, as mídias sociais foram amplamente utilizadas para que notícias sobre o Levante fossem divulgadas por meio de registros feitos por pessoas que estavam participando ativamente das movimentações. Foi por esses registros que moradores tanto dos próprios países em que as revoluções estavam acontecendo como de países da região e do restante do mundo tomaram ciência sobre o que estava realmente acontecendo (Aday *et al.*, 2013; Khatib, 2016). Mídias tradicionais, como a televisão, os jornais impressos e o rádio, exerciam o papel de receptoras desses registros e relatos e, então, divulgavam o que ocorria (Steiner-Threlked, 2017). Além disso, como foi observado em alguns países autocráticos árabes, tentava-se, em alguns casos, transmitir uma conotação negativa daquilo que estava acontecendo, com o intuito de abafar os protestos (Pratt, 2020). As redes sociais foram utilizadas, assim, para o alcance de três grandes objetivos:

- a) engajamento das massas;
- b) ativismo;
- c) jornalismo e registros populares (Khatib, 2016, p. 118).

Esses meios de comunicação eram amplamente utilizados como forma de divulgar aquilo que acontecia durante os protestos, por meio do registro constante, realizado pelos próprios participantes (Robertson, 2013; Khatib, 2016; Ferabolli, 2014). Dessa forma, os participantes dos protestos conseguiam manter-se atualizados em relação ao que estava ocorrendo nos demais países (Aday *et al.*, 2013). Esse fenômeno de documentação e difusão também servia como forma de angariar novos participantes: quanto mais se mostravam pessoas se juntando aos protestos, mais indivíduos sentiam-se impelidos a tomar parte no movimento de forma ativa, aumentando a quantidade de participantes (Kim; Lim, 2019).

Um fator importante, que merece comentário sobre a Primavera Árabe, é que o Levante influenciou uma série de movimentos ao redor do mundo. Os “movimentos de ocupação” (*Occupy movements*, em inglês) implicavam a tomada de espaços públicos movimentados, como na Primavera Árabe, para protestar contra resultados nocivos das políticas neoliberais que haviam penetrado no mundo. Tal movimento fez-se presente em grande parte dos países ocidentais desenvolvidos, como Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, e em alguns em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, do México e da Índia. Demandas frequentes, observadas nesses protestos, incluíam, como no Levante de 2011, emprego, segurança, condições estáveis para aqueles que conseguiam trabalho, igualdade. Seu problema central, porém, era a falta de sugestões que pudessem substituir o sistema vigente (Bayat, 2017).

A Primavera Árabe foi um movimento que dominou a política e o cotidiano dos Estados árabes durante os primeiros anos da década de 2010, e suas consequências ainda são sentidas e processadas pelos milhares de pessoas que residem na região. Foi um movimento, ao menos inicialmente, orgânico e estritamente popular, em que a população árabe podia expor suas demandas por um futuro melhor, com mais empregos, estrutura social e condições de vida. Os protestos espalharam-se por diversos países, para exigências referentes à remoção de seus líderes do poder, o que ocorreu no Egito, na Tunísia, na Líbia e no Iêmen. O movimento não tinha, inicialmente, nenhum caráter religioso (Gerges, 2016, p. 203); apenas político, econômico e social. Foi comum, durante a Primavera Árabe, que expressões culturais fossem utilizadas como forma de expor o que estava acontecendo nas ruas e como forma de declamar aquilo que se desejava. É sobre isso que a dissertação versará a partir de agora.

Produções culturais foram muito utilizadas durante e depois da Primavera Árabe como forma de expressar sentimentos e vivências geradas pelo movimento, em um primeiro momento, e, posteriormente, como forma de tentar explicar e fazer sentido desse fenômeno que foi tão significativo para o mundo árabe e para o restante do mundo durante a segunda década do século XXI. O próximo capítulo dessa dissertação busca explorar a importância que essas

produções culturais, com enfoque muito maior na literatura, tiveram para o movimento. Primeiramente, será feita uma sondagem referente a forma que os protestantes durante a Primavera Árabe se apropriavam de diferentes expressões culturais. Seu objetivo é justificar a importância que esse tipo de produção tinha e tem para o Levante de 2011. Em sequência, será feita uma introdução sobre o estado atual da literatura árabe escrita em árabe, sua circulação no ocidente, a importância do papel do trabalho de tradução e uma breve apresentação sobre o *International Prize for Arabic Fiction* (IPAF).

Por fim, será feita a análise três romances vencedores do IPAF: *Correio noturno*, de Hoda Barakar (2020, publicada originalmente em 2019), *The Italian*, de Shukri Mabkhout (2021, publicada originalmente em 2015), e; *Frankenstein in Baghdad*, de Ahmed Saadawi (2018, publicada originalmente em 2014). A escolha desses romances foi baseada ou em declarações feitas por seus autores que apontavam a Primavera Árabe como inspiração para a escrita de suas obras ou pelas semelhanças identificadas nas narrativas com questões pertinentes ao Levante de 2011. Essas semelhanças também precisavam ter sido identificadas por outros acadêmicos. Com isso, se visa preparar os argumentos necessários para responder a seguinte pergunta de pesquisa, proposta no início da dissertação: **De que forma a Primavera Árabe influenciou as obras vencedoras do International Prize for Arabic Fiction e por que isso é relevante para as Relações Internacionais?**

4 A PRIMAVERA ÁRABE COMO INSPIRAÇÃO PARA A LITERATURA CONTEMPORÂNEA E O *INTERNATIONAL PRIZE FOR ARABIC FICTION*: UMA ANÁLISE DE TRÊS ROMANCES

O *International Prize for Arabic Fiction* (IPAF), um dos principais prêmios de literatura árabe no mundo, foi instituído no ano de 2007. Anualmente, o IPAF premia um romance escrito originalmente em árabe com o valor de U\$ 50 mil dólares, além de a cobertura dos custos de tradução da obra vencedora (About..., [2024?]; Rules..., [2024?]). Desde seu advento, quinze obras já foram agraciadas com esse prêmio, tendo nove sido publicadas em inglês e duas em português brasileiro. Porém, levando-se em consideração todos os idiomas que os romances já foram traduzidos e todas as obras que já passaram para as fases semifinais e finais do IPAF, o número ultrapassa sessenta. Um dos principais objetivos da premiação é o aumento na tradução e na circulação de romances árabes pelo mercado literário mundial. É por isso que o prêmio se esforça em incentivar a internacionalização dos romances que são reconhecidos por ele como as principais obras do ano.

Dada a importância que a literatura árabe tem para a cultura e a identidade dos indivíduos oriundos da região, e em função da já reconhecida maneira em que autores árabes se utilizam da literatura como forma de denunciar sua realidade e suas dificuldades, a arte da tradução se torna uma ferramenta essencial para que seja possível a difusão de suas ideias no planeta, além de possibilitar o reconhecimento de sua importância e de suas matrizes políticas. A tradução do árabe vem com uma série de desafios, uma vez que não existe um grande número de tradutores desse idioma, e suas nuances provam-se um desafio maior no que tange a apresentação dessa literatura a um mercado global. Entretanto, a partir de uma perspectiva pós-colonial, é fundamental compreender a forma em que a literatura do sul global se desenvolve e prospera, para que seja possível ter um conhecimento mais aprofundado de sua realidade.

A partir da utilização do método da narratologia, será realizada uma análise de três obras vencedoras do IPAF: *Barīd al-Layl* (Correio noturno, em tradução literal), de Hoda Barakat, *Al-Talyānī* (O italiano, em tradução livre), de Shukri Mabkhout, e *Frankishtayn fi Baghdad* (Frankenstein em Bagdá, em tradução livre), de Ahmed Saadawi. A versão lida de *Barīd al-Layl* foi traduzida para o português brasileiro por Safa Jubran e publicada pela editora Tabla. A versão lida de *Al-Talyānī* foi traduzida para o inglês por Miled Faiza e Karen McNeill e publicada pela editora *Europa Editions*. Por fim, a versão lida de *Frankishtayn fi Baghdad* foi traduzida para o inglês por Jonathan Wright e publicada pela editora *Penguin Books*. Os três livros foram publicados a partir de 2013. Tanto Hoda Barakat quanto Shukri Mabkhout

admitiram em entrevistas concedidas posteriormente à publicação e à vitória de seus livros que seus romances foram inspirados pelos eventos da Primavera Árabe. Ahmed Saadawi não fala sobre o Levante de 2011 como uma das influências para *Frankishtayn fi Baghdad*; o autor é muito mais categórico ao falar sobre a Invasão e Guerra do Iraque de 2003. Entretanto, el-Ariss (2023) vê paralelos entre o romance e os acontecimentos da Primavera Árabe. Isso também foi observado nessa dissertação ao se realizar uma análise minuciosa sobre o enredo e a temática do romance, e por isso essa narrativa foi incluída.

Assim, o objetivo deste capítulo é de explorar a forma a qual a Primavera Árabe e questões tangenciais a esse fenômeno se fazem presente nos três romances escolhidos como amostra para a confecção deste trabalho. *Barīd al-Layl*, um romance epistolar, explora com sensibilidade a questão dos migrantes que saíram de seus países de origem em função dos desdobramentos da Primavera Árabe. *Al-Talyānī* se passa na Tunísia da década de 1980, período politicamente conturbado que viu o crescimento e a organização dos grupos islamistas, além da queda do presidente Habib Bourguiba e a ascensão de Ben Ali. Ben Ali, por sua vez, foi derrubado com a Primavera Árabe, e a transformação do Movimento *Ennahda* em um partido político oficial fez com que Shukri Mabkhout se sentisse inclinado a produzir um romance que abordasse a política tunisiana como algo cíclico. Por fim, *Frankishtayn fi Baghdad*, através de sua narrativa não-linear de natureza fantástica, é uma inteligente analogia ao ciclo do ódio e da violência. Sua relação com a Primavera Árabe se encontra nas denúncias que o romance faz, bem como na transformação de atos de “justiça” em jogos de poder e dominância.

Esse capítulo é dividido em três partes:

- a) “As reverberações culturais da Primavera Árabe” (4.1);
- b) “Há responsabilidade em narrar? Uma reflexão sobre a importância da arte da tradução, o International Prize for Arabic Fiction e a presença de temáticas políticas nas obras vencedoras” (4.2);
- c) “A Primavera Árabe e os vencedores: reflexos desse movimento sociopolítico na literatura” (4.3).

O último subcapítulo é dividido em três partes, uma para cada romance. Busca-se identificar, através de uma análise detalhada, como esses romances interpretam e incorporam a Primavera Árabe em suas narrativas.

4.1 AS REVERBERAÇÕES CULTURAIS DA PRIMAVERA ÁRABE

Durante o Levante de 2011, a população participante encontrou na arte, por meio de produções e expressões culturais variadas, formas de expor seus sentimentos e suas demandas diante dos demais membros das sociedades árabes e do mundo (LeVine, 2015). Dessa forma, “The duty of the revolutionary artist is to help make the revolution irresistible”¹ (LeVine, 2015, p. 360). A produção musical, por exemplo, esteve muito presente durante os protestos (LeVine, 2015). A música foi amplamente utilizada como forma de destacar as temáticas que comoviam os participantes do movimento, amplificando-as. Assim, abriu-se um debate sobre a “música revolucionária”, que se relacionava a melodias que inspiraram os protestantes durante o período das manifestações, a canções que foram desenvolvidas e apresentadas durante o período, e, até mesmo, a composições inspiradas por aquilo que ocorria nas ruas (LeVine, 2015). Importante destacar que algumas músicas podem preencher todas essas categorias (LeVine, 2015).

É claro que esse tipo de música, que visava a protestar e denunciar as mazelas das sociedades árabes, antecede a Primavera Árabe. Inspirados pelas letras subversivas e pela musicalidade dos gêneros do *metal* e do *rap* das décadas de 1980 e 1990, diversos grupos árabes que se identificavam com essas pautas passaram a reproduzir esses estilos. Entre os anos 1990 e 2000, músicos e fãs foram até mesmo presos. Entre um dos motivos para o encarceramento estava o “comportamento não islâmico”, principalmente daqueles envolvidos com o gênero *metal* (LeVine, 2015, p. 357). Sua presença, contudo, era muito forte no Egito, no Líbano e no Marrocos. No Líbano, inclusive, membros de grupos musicais de gêneros como *rap*, *hip-hop*, *rock* e *metal* marcaram forte presença na revolução libanesa de 2006. Ademais, também nas décadas de 1990 e 2000, o *rap* tornou-se um gênero bastante difundido na Palestina. Suas letras apresentavam grande carga política (LeVine, 2015). No Egito, principalmente a partir da Primavera Árabe, o *rap* fazia parte do tecido da resistência cultural do país (Botros, 2015).

Dessa forma, não foi coincidência quando diversos apreciadores de diferentes gêneros musicais revolucionários tomaram parte dos protestos da Primavera Árabe. É relevante reconhecer o impacto que esses gêneros musicais tiveram no mundo árabe, uma vez que serviram como válvula de escape para a insatisfação de toda uma geração (LeVine, 2015, p. 360). Entretanto, não eram o único combustível musical presente no Levante de 2011. Músicas do gênero *folk*, por exemplo, foram muito reproduzidas nas ruas durante a Primavera Árabe. Letras de estilos tradicionais foram transformados em canções revolucionárias, e grupos

¹ “O dever do artista revolucionário é ajudar a tornar a revolução irresistível” (LeVine, 2015, p. 360, tradução própria).

tradicionais ganharam destaque nos espaços públicos na revolução (LeVine, 2015, p. 361). Nesse contexto, fortaleceu-se o *mahraganat*, estilo musical egípcio nascido no final da década de 2000, que mistura música eletrônica com os estilos *rap* e *R&B* e a tradicional *cha'bi*, que, por ter tido seu advento em zonas marginalizadas do Cairo, refletia perfeitamente as dificuldades diárias das parcelas menos favorecidas da população (Pratt, 2020; Youseff, 2021).

Também houve, durante a Primavera Árabe, uma intensa utilização da literatura, principalmente a poesia, como forma de movimentação das massas. Escritores como Tawfiq al-Hakim, por exemplo, ainda na década de 1950, haviam previsto a ocorrência de um levante de grandes proporções, que seria guiado pelo povo, e isso foi utilizado durante o Levante de 2011 (Alshaer, 2015). Também, o próprio Moamar Gadaffi, ao publicar o conto *Firar ila jahannam* (Escapada para o inferno, em tradução livre), antes de tornar-se o presidente Líbio, havia previsto uma tomada de poder popular na forma de protestos similar à da Primavera Árabe (Diana, 2014). Como já mencionado em capítulos anteriores, há, na cultura árabe, uma tradição literária muito profunda, que vem evoluindo há séculos. Com o Levante de 2011, ocorreu um interessante resgate de poetas, poemas, textos e heranças culturais de décadas passadas (Alshaer, 2015).

Era comum que poetas e autores de prosa da segunda metade do século XX se dedicassem a escrever sobre revoluções, utilizando-as como temática de suas obras. O que esses autores esperavam era que a tão sonhada revolução trouxesse como resultado a instituição de paradigmas socialistas, como uma nova onda de justiça social e a diminuição da dos níveis de pobreza nos países árabes (Alshaer, 2015). De maneira geral, é possível dizer que a literatura sempre foi utilizada como um exercício de imaginação do que o futuro poderia trazer (Mohamed, 2019). Essa característica era, necessariamente, sempre exacerbada durante períodos revolucionários da história, representando uma amalgamação daquilo que é social, cultural e político (Mohamed, 2019).

Inseridos na mesma ideologia de denúncia política, mas não atrelados a nenhuma filosofia particular, havia também poetas que apenas denunciavam os governos ditatoriais do mundo árabe e a população que se mantinha inerte frente às injustiças (Alshaer, 2015). Ademais, a partir da década de 1980, poetas tematizavam o poder do islã como unificador das massas e responsável por ditar o futuro do mundo árabe. Em especial, poemas islâmicos ressoavam com a Irmandade Muçulmana e com diversos outros grupos que tinham a religião muçulmana como base de sua filosofia e de sua conduta (Alshaer, 2015). Durante a Primavera Árabe, manifestantes e organizações apropriavam-se de muitos poemas criados em períodos

anteriores, como forma de expressar o que sentiam os cidadãos que viviam aquele momento histórico (Alshaer, 2015).

Isso era feito a partir de um prisma de resistência cultural, em que trabalhos artísticos produzidos no século XX eram acomodados nessa nova realidade (Botros, 2015). Especialmente, a Primavera Árabe utilizou-se de poetas, dramaturgos e musicistas cuja temática era a resistência da década de 1960, como Ahmad Fu'ad Najm, Xeiqie Imam, Amal Danqal e Najib Surur, que criticavam a política repressiva de Gamal al-Nasser em contraposição a sua retórica progressiva e, posteriormente, criticavam também a política de Anwar al-Sadat. Eles faziam parte da segunda geração da resistência artística, chamada de “Geração dos [anos] Sessenta” (Botros, 2015). Durante o Levante de 2011, diversos trechos das obras desses autores eram destacados em diferentes expressões artísticas, como grafites e montagens virtuais compartilhadas nas redes sociais (Botros, 2015).

Naim, Imam e Surur, por exemplo, são tidos como sinônimos de resistência pan-árabe. As músicas de Imam, que utilizavam os poemas de Naim como letra, foram repetidas nas ruas do Cairo, mesmo tendo sido escritas meio século antes do evento (Botros, 2015). Sendo textos muito pouco polidos, foram tidos como altamente representativos das classes subjugadas e empobrecidas da sociedade egípcia (Botros, 2015). Inserida no contexto da Primavera Árabe, algumas das músicas da dupla foram retrabalhadas para refletirem as demandas de um Egito (e, no contexto do Levante de 2011, pode-se falar de um mundo árabe) contemporâneo, que objetivava a democracia (Botros, 2015). Também, Imam interpretou partes e retrabalhou algumas das músicas presentes nos dos dramas de Surur (Botros, 2015).

Trechos da poesia de Danqal foram aproveitadas em grafites e textos on-line, principalmente seu poema *La Tusalih* (“Não se reconciliem”, em tradução de Botros). O poema, que, originalmente, criticava o movimento de conformidade política promovido pelo governo de Anwar al-Sadat com o governo israelense, encontrou novo significado: trechos eram escritos sob desenhos em grafite dos mártires da revolução. Passou a ser, então, um lembrete para que as pessoas “não se reconciassem” com seus governos, principalmente o liderado por Mubarak, independentemente do que lhes fosse prometido (Botros, 2015).

Em relação a essa produção anterior à Primavera Árabe utilizada durante o movimento, Aboubakr (2015) desafia a concepção de comprometimento, o *iltizam*, defendendo a noção de que o autor comprometido não é apenas aquele que se enquadra nos moldes do intelectual homem de letras, que busca, em parte, aceitação ocidental e capitalista, por sua necessidade de circular e de ser consumido. Ele é (ou deveria ser), também, aquele autor que escreve a partir de um dialeto coloquial e se põe em contato direto com o povo que pretende representar

(Aboubakr, 2015). Deve-se destacar que esses indivíduos também podem ser considerados como intelectuais; entretanto, eles se formam como “intelectuais populares” a partir do contato com seu ativismo (Aboubakr, 2015, p. 39). À sua maneira, são capazes de inspirar a sociedade porque estão profundamente conectados a ela. Sua crítica é menos sofisticada do que aquela apresentada pelos intelectuais “tradicionais”; contudo, compensam-na com suas convicções e com a fluidez da sua arte (Aboubakr, 2015). Eles nunca representaram uma alternativa ao *iltizam* formal, mas há claras similaridades entre ambos (Aboubakr, 2015).

No Egito, por exemplo, há um longo histórico de poetas coloquiais/ativistas, muitos tendo sido grandes representantes de suas revoluções, desde o século XIX (Colla, 2011). Aboubakr (2015) cita poetas egípcios que, nas décadas de 1950 e 1960, eram considerados produtores de uma literatura inferior (isto é, não escreviam em árabe padrão), a poesia *'ammiyya*. Entretanto, a realidade é que essas obras atingiam um público maior, exatamente por se despirem da formalidade culta e serem transmitidas majoritariamente de forma oral, aproximando-se muito mais das massas populares (Aboubakr, 2015). Colla (2020, p. 53-54) explica que a verdadeira essência desses poemas é a forma como são declamados, e que sua relação com movimentos sociais e de protesto no mundo árabe é extremamente profunda. Diversos poetas coloquiais eram também verdadeiros ativistas, e, diferentemente do que ocorreu com o *iltizam* após a guerra de 1967, a poesia *'ammiyya* seguiu presente como parte da produção cultural egípcia nas décadas seguintes, com diferentes gerações de poetas formando-se entre 1970, 1980 e 1990 (Aboubakr, 2015; Colla, 2020). Inclusive, não era raro observar-se que alguns dos membros das gerações mais recentes eram filhos, literalmente, da geração anterior. Além disso, a partir dos anos 1980, mulheres também passaram a integrar esse grupo de poetas (Aboubakr, 2015).

Esses poetas egípcios também não limitaram seu trabalho como ativistas apenas ao seu país. Zayn al-‘Abidin Fu’ad, por exemplo, envolveu-se com eventos políticos de outros países árabes, como o Líbano. Também foi um dos fundadores de um dos movimentos culturais da Primavera Árabe, o *al-Fann Maydan*, que, mensalmente, organizava eventos culturais no centro do Cairo (Aboubakr, 2015). Dessa forma, a poesia que levava em consideração o contexto e os acontecimentos que se desenrolavam diariamente nas ruas das cidades árabes também foi produzida durante o Levante de 2011. Tinha, entre suas temáticas principais, a denúncia dos governos autoritários que dominavam a região e a glorificação do povo, que havia decidido tomar as rédeas de seu futuro e ir às ruas, protestar em prol de governos menos corruptos e por uma vida mais digna (Alshaer, 2015).

Essa glorificação dos participantes da Primavera Árabe representou uma grande mudança, uma vez que foi uma das poucas vezes em que indivíduos vivos (ou massas de indivíduos) foram diretamente celebrados, em vez de focarem-se em questões abstratas (Hamamsy; Soliman, 2013). Os textos também tiveram boa circulação durante a Primavera Árabe. O poeta egípcio Abdel Rahman al-Abnudi, por exemplo, teve a oportunidade de ler seu poema *al-Mayadan* (“A praça”, em tradução livre) em uma grande transmissão televisiva (Alshaer, 2015).

Igbaria (2020) aponta que a poesia produzida em linguagem coloquial serviu como forma de documentar e eternizar a Primavera Árabe. Por meio de versos, era possível observar as demandas do movimento, bem como os dissabores populares que levaram as pessoas a protestarem e a desejarem a queda dos líderes. Portanto, com a Primavera Árabe, teve-se um grande volume de produções culturais, que visavam a explorar os temas despertados pelo Levante de 2011 e questões específicas das sociedades árabes, inspiradas por seus antecedentes e pelas vivências da região e do povo (Mohamed, 2020, p. 156). Essas produções, logicamente, eram altamente politizadas, encorajando indivíduos de qualquer camada da sociedade árabe a engajarem-se em questões políticas relacionadas ao Levante e a assim permanecerem (Mohamed, 2019). Porém, não surgiu, durante o Levante de 2011, nenhum poeta que, necessariamente, houvesse se destacado dos demais e tenha quebrado paradigmas literários (Alshaer, 2015).

O intelectual teórico tradicional árabe não pôde acompanhar os desdobramentos do Levante na mesma velocidade em que este ocorria, uma vez que seu trabalho envolvia a capacidade de análise de algo em retrospecto. Nisso, a produção cultural e seus “intelectuais populares”, que baseavam seu trabalho na que ocorria no presente e em suas observações empíricas, tiveram vantagem (Aboubakr, 2015). Também, os intelectuais teóricos não conseguiram traduzir plenamente os desejos da população. Como resultado, surgiu uma nova horda de ativistas e intelectuais populares, que preenchiaram o vácuo deixado e que tinham a habilidade de realizar esse processo de transformar demandas coletivas em textos e condutas que efetivamente conversassem com a comunidade (Mohamed, 2019).

Houve um verdadeiro esforço para que os produtos culturais acompanhassem a velocidade vigorosa com que a Primavera Árabe se desenrolava (Mohamed, 2019). Dessa forma, a geração mais jovem e politicamente ativa de “pensadores da linha de frente”, forma como Mohamed (2019, p. 154) refere-se a esses seres híbridos de artistas e intelectuais que tiveram produção de destaque nos protestos, foi responsável por fomentar a Primavera Árabe. Por meio de sua poesia e da música (e também de artes como o grafite e da gravação e

transmissão de vídeos e imagens de cunho artístico), as mensagens do Levante de 2011 passaram a circular (Aboubakr, 2015; Mohamed, 2019). Esses produtos, assim, tornaram-se parte da cultura popular da Primavera Árabe (Pratt, 2020). Para isso, muito se utilizavam as redes sociais, as quais possibilitavam que músicas, vídeos e poemas produzidos sobre o que estava ocorrendo nas ruas chegassem ao restante da população, movimentando-a. Essa questão pode ser observada com mais ênfase na Tunísia, na Síria e no Egito, e com um pouco menos de intensidade no Iraque (Aboubakr, 2015; Mohamed, 2019). Deve-se destacar, contudo, que, em algumas instâncias, a cultura popular produzida durante o Levante também serviu como forma de apoio aos governos vigentes. Isso pode ser constatado em programas televisivos de canais árabes, que renegavam o Levante e defendiam a presidência (Pratt, 2020).

Hamamsy e Soliman (2013, p. 250) mencionam que, ao menos no caso do Egito, a população demonstrava ter consciência sobre o poder de manipulação que o governo tinha sobre a sociedade e passou a transformar tal questão em produções artísticas de resistência. Dessa forma, a produção cultural contribuiu com a pacificação dos protestos, a partir do fato de que diversos protestantes se manifestaram por meio da arte, e não da violência (Hamamsy; Soliman, 2013). A comunidade que se tornou *Tahrir* era solo fértil para o desenvolvimento de diferentes expressões culturais. Essa arte não se importava com questões estéticas, mas com a mensagem que tentava divulgar. Ademais, era produzida de forma rápida e pouco polida, prezando a espontaneidade. Havia, também, poucos materiais para a produção dessas obras, o que gerava a necessidade de improvisado por parte dos artistas (Hamamsy; Soliman, 2013).

A aglomeração de pessoas em prol do futuro do seu país contribuiu para uma quebra de paradigma muito importante: o conceito de Nação, que, anteriormente, era intangível, passou a representar uma força coletiva palpável, diante da participação popular massiva e comprometida com seus objetivos (Hamamsy; Soliman, 2013). A arte de rua fortificou-se durante o Levante de 2011, quebrando a noção de que havia um artista que criava e uma audiência que consumia. A comunidade que se criou era tão orgânica, que passou a ser possível a todos que ali estavam serem ao mesmo tempo criadores e consumidores, retroalimentando-se (Hamamsy; Soliman, 2013). Esse argumento vai ao encontro da lógica de Botros (2015, p. 61), que afirma que os ativistas culturais da Primavera Árabe preencheram o vácuo deixado pelos acadêmicos tradicionais (Botros, 2015, p. 61). Muitos desses novos artistas, inclusive, nunca haviam exercitado sua veia criativa, tendo sido incentivados pelas agitações populares e sentido necessidade de produzir a partir disso (Hamamsy; Soliman, 2013). Além disso, os protestantes instituíram organizações que visavam a mobilizar as pessoas, levando-as à participação nos protestos e ao engajamento nos eventos das ruas (Hamamsy; Soliman, 2013).

Todavia, apesar de todos os esforços populares e cívicos e da enxurrada de produções culturais criadas durante o Levante de 2011, o movimento não teve o resultado esperado, como já foi observado (Albers; Khalil; Pannewick, 2015). Alguns países encaminharam-se para guerras civis, que duraram mais de uma década, como é o caso da Síria e da Líbia, enquanto outros retornaram a um padrão político-social similar ao anterior aos protestos, como o Egito. Com isso, questões como a repressão política, o sectarismo e a violência praticada pelo Estado, problemas cuja solução se esperava a partir de uma conclusão positiva da Primavera Árabe, não se resolveram. Isso, porém, não fez desaparecer o desejo das populações dos países árabes, de terem governos democráticos e justos (Albers; Khalil; Pannewick, 2015).

Nisso, é claro, desenvolveram-se expressões culturais mais bem estruturadas e organizadas, provenientes de um período posterior aos primeiros meses de 2011, o auge da Primavera Árabe, afetando, por exemplo, a produção de romances. Os eventos do Levante de 2011, que deixaram profundas marcas em diferentes países árabes, tornaram-se temas para as obras publicadas a partir de 2012, pouco mais de um ano depois dos acontecimentos que tomaram as ruas das cidades árabes. Enquanto o enredo de algumas obras se desenvolvia diretamente durante a Primavera Árabe, a exemplo de *Jamhuriyat Ka'anna*², de Alaa al-Aswany, outras se utilizam de metáforas e analogias para argumentar sobre o movimento, como *Sayyidat al-Zamalik*³, de Ashraf el-Ashmawi (Zax, 2021).

Ademais, o fato de que a Primavera Árabe não alcançou os resultados desejados pela população tornou a literatura um terreno fértil para a criação de narrativas com viés em um ativismo sociopolítico (Younas, 2023). Referindo-se à literatura anglo-árabe escrita em inglês por autores que migraram para o ocidente, Younas (2023) indica que ela representou a situação real da região, refletindo o estado de guerra, a repressão e o desmantelamento do tecido social dos países. Em função de a Primavera Árabe ter tido como grande característica o destaque dos grupos marginalizados da sociedade árabe, a literatura posterior a esse fenômeno social também aderiu a isso (Younas, 2023), revelando as experiências de classes e grupos marginalizados que, anteriormente, eram ignorados pelos grupos que detinham maior poder e prestígio (Younas, 2023, p. 10). Dessa forma,

Post-Arab Spring literature partakes in the distribution of the sensible by creating the space where the unseen and silenced subjects, for example refugees, activists, prisoners, writers, and members of the LGBTQ+ community can speak for themselves

² Essa obra não foi traduzida para o português. Entretanto, em 2020, a editora americana Alfred A. Knopf a traduziu para o inglês, sob o título de *The Republic of False Truths*, ou “A República das Falsas Verdades”.

³ Essa obra não foi traduzida para o português. Entretanto, em 2021, a editora americana *Hoopoe* a traduziu para o inglês sob o nome de *The Lady of Zamalek*, ou A Dama de Zamalek.

and can protest against an authoritarian regime. This potentiality of literature, I argue, is political and not just because the author and literary text itself is explicitly involved in politics. Post-Arab Spring literature finds those who have no voices, no names and who remain inaudible and invisible and thereby challenges the prior aesthetic division between the sayable and the unsayable, the visible and the invisible, the audible and the inaudible (Younas, 2023, p. 3).⁴

A literatura árabe, que, no estudo de Younas (2023), tem foco nas obras escritas em inglês originadas depois do Levante de 2011, tem por característica desafiar o sistema vigente (o que, de certa forma, é igual ao momento anterior ao movimento, ou semelhante a ele), mantendo-se firme em sua decisão de posicionar-se contrariamente à ideologia apresentada pelo Estado (Younas, 2023). Dessa forma, a literatura árabe pós-revolução dá continuidade à tradição que antecede o Levante, expondo questões políticas e sociais caras à sociedade do presente. Além disso, os romances escritos depois das revoluções árabes ainda se inspiram nas produções literárias passadas, uma vez que essas eram atravessadas por lógicas também antiautoritárias e pós-coloniais (Younas, 2023, p. 4). Os autores árabes, assim, utilizaram-se de diferentes construções narrativas para a transmissão de suas mensagens contra o sistema vigente, mesmo diante de governos repressivos (Younas, 2023), rebelando-se contra os governos autoritários por meio da sua escrita (Younas, 2023). Interessante destacar que diversos jornalistas se tornaram também autores de ficção após a Primavera Árabe (Younas, 2023).

Ainda, a Primavera Árabe possibilitou a abertura de novos espaços no mercado literário árabe. Algumas editoras, a exemplo de *Dar al-Adab* e *Dar al-Saqi*, passaram a imprimir e publicar edições de livros anteriormente banidos, bem como a publicar novos romances de autores que também haviam sofrido banimento. Essas editoras procuraram autores que representassem uma provocação ao governo vigente (Younas, 2023), apostando, dessa forma, na capacidade da literatura em ser capaz de expressar questões proibidas de diferentes modos, através de metáforas, alegorias ou simbolismo (Younas, 2023, p. 6). Younas (2023, p. 6) defende que a literatura árabe pós-Primavera Árabe escrita em inglês se constitui tematicamente

⁴ "A literatura pós-Primavera Árabe participa da distribuição do sensível ao criar o espaço onde os sujeitos invisíveis e silenciados, por exemplo, refugiados, ativistas, prisioneiros, escritores e membros da comunidade LGBTQ+ podem falar por si próprios e protestar contra um regime autoritário. Esta potencialidade da literatura, eu argumento, é política e não apenas porque o autor e o texto literário em si estão explicitamente envolvidos na política. A literatura pós-Primavera Árabe encontra aqueles que não têm voz, não têm nomes e que permanecem inaudíveis e invisíveis e, assim, desafia a divisão estética anterior entre o dizível e o indizível, o visível e o invisível, o audível e o inaudível" (Younas, 2023, p. 3, tradução própria).

como uma “literatura menor” ao mesmo tempo em que relata as experiências da minoria⁵ (Younas, 2023, p. 6).

Com isso, há um certo foco na literatura pós-Primavera Árabe escrita em inglês em uma produção com linguagem mais simplificada, respeitando, à sua maneira, a tradição literária da região (Younas, 2023, p. 9). Isso, porém, afasta-a do cânone literário árabe e valida seu *status* de literatura menor, tendo por característica a subversão de ontologias e epistemologias criadas anteriormente (Younas, 2023, p. 9). Nisso, em um contexto pós-Levante de 2011, a literatura árabe tem a capacidade de ser muito política, uma vez que, em seu cerne, sustenta a esperança, criada durante os protestos, de uma realidade mais justa a partir da denúncia da manutenção do *status quo* da região, principalmente no que tange aos grupos marginalizados (Younas, 2023).

Alguns romances e contos publicados posteriormente à Primavera Árabe também tinham características autobiográficas, repetindo uma tradição literária comum no mundo árabe. Autores passaram a transformar em narrativa partes de suas experiências durante o Levante (Gibbons, 2019). Com a volta da repressão, após a Primavera Árabe começar a dar frutos adversos, observou-se o retorno do encarceramento por motivações políticas – no caso do Egito, por exemplo, jornalistas voltaram a ser presos quando Abdul al-Sissi assumiu a presidência do país (Gibbons, 2019). Com isso, a literatura pós-Primavera Árabe também produziu exemplares de literatura de cárcere, alguns inspirados nas experiências que seus autores tiveram nas prisões (Gibbons, 2019). É possível, ainda, observar que, após o Levante, houve um aumento na produção de obras do gênero distopia. Para produzir tais narrativas, os autores admitiam inspirarem-se diretamente na realidade à qual são constantemente expostos, denunciando o fato de que a sociedade permanecera igual (ou até mesmo pior) (Gibbons, 2019).

Assim, a revolução no Egito tornou-se uma temática presente na literatura, em especial os acontecimentos de 25 de janeiro, o que se verificou também em países como Tunísia, Síria e Líbia (Jacquette; Youseff, 2016). Há, nessas obras, uma reflexão sobre o retorno do autoritarismo, que permaneceu contínuo no mundo árabe, mesmo com o enfraquecimento do levante – que, como já posto, representava a esperança popular por uma sociedade mais justa e democrática. Com isso, é interessante apontar o contraste entre as obras escritas durante o Levante ou brevemente depois dele, repletas de esperança no futuro, que a Primavera Árabe

⁵ A “Literatura Menor” é uma literatura escrita por membros de uma minoria sócio-racial em um idioma que não é a língua-mãe daquele grupo, geralmente sendo ele um idioma europeu. Segundo Guiles Deluze e Félix Guttari (1983, *apud* JanMohamed, 1984), a literatura de minoria possui três características essenciais para sua definição: a obrigatoriedade de ser de natureza política, a promoção de um pensamento a partir da noção de que ele faz parte de uma reivindicação coletiva e a desterritorialização do idioma do colonizador (Deluze; Guttari, 1983 *apud* JanMohamed, 1984).

traria. A literatura árabe posterior refletiu a frustração sentida pela população, que teve abafado seu clamor por uma realidade mais digna. Enquanto os textos produzidos no calor do Levante eram carregados de emoções positivas, os posteriores a esse momento histórico refletiam a decepção. Em meio a isso, diversos autores foram se fortalecendo, despindo-se de seus medos e encontrando a melhor maneira de se expressar em meio a sua realidade (al-Mousawi, 2016).

Na Líbia, por exemplo, observou-se o impacto que a Primavera Árabe teve na literatura (al-Areqi, 2020). *Fursan al-Ahlam Alqatila*, “O Cavaleiro dos Sonhos Mortos”, em tradução livre, foi uma obra publicada pelo romancista líbio Ibrahim al-Kuni, em 2012 (al-Areqi, 2020). Sua obra enfocou o período anterior à revolução na Líbia e a ocorrência do conflito, em que o narrador-protagonista compara sua vida anterior à Primavera Árabe à sua vida durante o evento, descrevendo diversos fatos relativos aos protestos que levaram à deposição do presidente al-Gaddafi (al-Areqi, 2020). Ao longo da obra, é possível observar a transformação do personagem principal, de um indivíduo preocupado apenas com sua existência particular para alguém com consciência de que integra um coletivo. Ele se vê compelido pela conjuntura de seu país a fazer parte da ação (al-Areqi, 2020). Dessa forma, o personagem torna-se um “cavaleiro de sonhos mortos”, que, em alusão ao título da obra, luta por um ideal que não será atingido em função dos movimentos contrarrevolucionários (al-Areqi, 2020).

Foi uma decisão curiosa por parte do autor a conceber seu protagonista como um leitor assíduo, que tinha na literatura seu maior interesse. Ao tornar-se parte do corpo revolucionário, o personagem deixa seus romances de lado, escolhendo não mais alienar-se e efetivamente tentar lutar por um futuro melhor (al-Areqi, 2020). Ibrahim al-Kuni critica a vida e a forma de relacionamento que a população líbia (e, por extensão, o povo árabe como um todo) tinha anteriormente à Primavera Árabe. Previamente ao Levante de 2011, a existência do protagonista era individual e sem significado; posteriormente, a proximidade e a solidariedade que se criaram na sociedade tingiu sua vida com um novo significado. Dessa forma, apesar de os resultados da Primavera Árabe não terem sido os esperados, segundo a obra de al-Kuni, apenas o desenvolvimento desse sentimento de união popular contra o governo já foi suficiente (al-Areqi, 2020). Além disso, o texto destaca que o cidadão líbio deve lutar por sua liberdade, uma vez que não há dignidade nem em seu país, em função de viver sob um governo corrupto e autoritário, nem fora, por ser considerado um “terrorista” em outras partes do planeta (al-Areqi, 2020).

Assim, é possível compreender o argumento de que a Primavera Árabe, a partir das diferentes ferramentas empregadas pelos artistas que nela se inspiraram, reforça um compromisso referente ao comprometimento político que a cultura produzida pelo mundo árabe

possui (Toukan, 2016). Apesar de a produção cultural tida durante a Primavera Árabe não se enquadrar perfeitamente no conceito de *iltizam*, desenvolvido na década de 1950 (Albers; Khalil; Pannewick, 2015), a noção de comprometimento cultural com a política está enraizada profundamente na cultura árabe, o que revela flexibilidade no conceito. As expressões artísticas durante a Primavera Árabe não seguiram o *iltizam* à risca, mas houve o processo de redefinição da relação entre cultura e política anterior. Com isso, pode-se entender que o *iltizam* talvez não seja um termo específico, mas um processo geral da literatura (Albers; Khalil; Pannewick, 2015). Dessa maneira,

In other words: What commitment is and how it manifests as a counter-hegemonic act depends on how politics is practiced, conceived, understood and resisted in any respective historical era. Accordingly, the political is the medium through which the changing conceptions of commitment and dissent are expressed in cultural production (Toukan, 2026, p. 336).⁶

É muito importante, ainda, destacar-se a importância que as artes visuais tiveram para o mundo árabe. Essa forma de expressão cultural, que por muito tempo foi marginalizada, tendo sido considerada “não islâmica”, começou a tomar força a partir dos anos 2000 (Toukan, 2016), e adentra o mundo árabe como uma nova visão sobre uma criação cultural comprometida, que, ao mesmo tempo, inspira-se nos autores, mas também é contestada por seu apego à literatura e a seu projeto de resistência cultural (Toukan, 2016). Assim, essa arte tornou-se mais acessível, prescindindo do aval da intelectualidade e existindo em espaços independentes. Com isso, passa a ser possível criar-se uma arte que “intervém” naquilo que é político, em vez de ser uma arte política (Toukan, 2016). Nesse contexto, um resultado interessante da Primavera Árabe foi que o evento também levantou o véu de algumas obras que haviam sido banidas antes do movimento, tornando-as acessíveis ao público (Mohamed, 2019). Infelizmente, porém, não há muitas pesquisas que abordam essa questão.

Pratt (2020, p. 531) critica o campo da ciência política e o de áreas diretamente correlatas por terem explorado muito pouco a questão referente à produção cultural durante a Primavera Árabe. Segundo a autora, observar esse fenômeno faz com que seja possível mapear o Levante de 2011 e compreender a forma por meio da qual era interpretado pela população árabe, bem como conceber a forma como o movimento foi tendo seu significado alterado ao longo do tempo (Pratt, 2020). Wedeen (2002), há mais de duas décadas, já havia reforçado a

⁶ “Em outras palavras: o que é o comprometimento e a forma pela qual se manifesta como um ato contra-hegemônico depende de como a política é praticada, concebida, compreendida e como se resiste a ela, em qualquer época histórica. Assim, o político é o meio através do qual as concepções mutáveis de comprometimento e dissidência são expressas na produção cultural” (Toukan, 2026, p. 336, tradução própria).

importância do estudo da cultura como uma criadora de significado para a ciência política. Segundo esta autora, esse tipo de análise permite um entendimento mais integral sobre aquilo que forma um coletivo de pessoas, podendo ser empregado como elementos variáveis em uma análise (Wedeen, 2002). Criou-se, dessa forma, um cenário de resistência cultural contra-hegemônica (Botros, 2015).

4.2 UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ARTE DA TRADUÇÃO, O *INTERNATIONAL PRIZE FOR ARABIC FICTION* E A PRESENÇA DE TEMÁTICAS POLÍTICAS NAS OBRAS VENCEDORAS

A tradução é uma atividade que ocorre há milênios (Tymoczko, 2002). O processo de traduzir uma obra para qualquer idioma vem com uma série de desafios que, há décadas, são debatidos e estudados por diversos acadêmicos. Originalmente, a tradução era considerada como uma ação mediadora entre o texto original e outras audiências, que não dominavam aquela língua (Huang; Valdeón, 2022). Porém, essa noção tornou-se defasada (Huang; Valdeón, 2022), e, a partir disso, foi dado início ao processo de reconhecimento do desafio que a arte da tradução implica. Com o avanço das pesquisas, passou-se a entender que, no trabalho de um tradutor, está implicado, de certa forma, o ato de “reescrever” a obra original, trabalhando-a e adaptando-a para que possa ser compreendida e absorvida da melhor forma por parte da comunidade que a consumirá (Huang; Valdeón, 2022). Ainda, assim como questões sociais evoluem, a arte da tradução também precisa evoluir juntamente com elas, para se adaptar a novas noções e concepções aceitas no corpo social (Huang; Valdeón, 2022).

Dessa forma, é possível afirmar que diversos desafios estão atrelados ao trabalho de um tradutor. A partir de uma ótica pós-colonial, a tradução passa a ser uma questão ainda mais laboriosa. Para que a tradução honre o material original, é necessário que haja uma preocupação grande por parte do tradutor em realizar transposições culturais, para que o sentido e a mensagem da obra se preservem. Isso, por vezes, segundo Tymoczko (2002), pode acontecer às custas da realização de uma tradução literal do texto, que preserve as palavras exatas (ou quase exatas) utilizadas pelo autor ao escrever aquela obra. A autora ainda denomina essa questão como “o fenômeno da fidelidade”, explicando que faz parte do trabalho do tradutor determinar quais elementos culturais de uma obra devem ser transpostos, a fim de que apelem à sensibilidade da nova audiência, sem diminuí-los de forma que percam suas características culturais. É responsabilidade do tradutor escolher as particularidades da cultura original do texto que devem manter-se na tradução (Tymoczko, 2002). De igual maneira, a autora pontua

que, do mesmo modo que uma cultura inteira não pode ser inserida em uma única obra, um tradutor também não consegue traduzir o texto em sua íntegra, sem perder nenhuma de suas peculiaridades (Tymoczko, 2002).

Tymoczko (2002) compara a arte de produzir-se uma literatura pós-colonial e de se traduzir uma literatura pós-colonial, apontando que existem similaridades entre essas duas ações, uma vez que o autor pós-colonial transpõe sua cultura para o texto, enquanto o tradutor transpõe aquela obra (e, por sua vez, uma fatia daquela cultura) para sua própria sociedade, sendo obrigado a adaptar aquele trabalho a uma audiência diferente (Tymoczko, 2002). Porém, é muito importante destacar que a arte da tradução pode ter um lado negativo. Essa atividade pode vir a ser feita de tal maneira que acaba por prejudicar o grupo retratado na obra traduzida. Também, partes desse texto podem ser suavizados ou, até mesmo, excluídos pela tradução, como forma de abrandar ou extrapolar a imagem e as ações do grupo que está sendo representado (Niranjana, 1990; Huang; Valdeón, 2022).

Por décadas, a literatura produzida fora da Europa e da América do Norte penou para conseguir penetrar em círculos culturais além de sua própria região, mantendo-se, assim, relativamente isolada e com baixa circulação em meios ocidentais. Em função disso, essa literatura era privada de maiores reconhecimentos e méritos (Aboul-Ela, 2001). Foi apenas a partir do início dos anos 1980 que isso começou a mudar. Durante essa década, o prêmio Nobel da Literatura foi, em três anos diferentes (1982, 1986 e 1988), concedido a autores provenientes de países não ocidentais⁷. Entre eles, Naguib Mahfouz foi o vencedor em 1988, sendo o segundo autor africano e o primeiro autor árabe, depois de mais de oitenta anos de premiação, a quem foi concedido o mérito. Mahfouz segue sendo o único autor árabe a vencer o Nobel da Literatura. Depois dele, o prêmio foi concedido apenas a mais dois autores oriundos de países localizados no continente Africano (All [...], [2023?]).

Assim, apesar de ter-se iniciado um processo de maior reconhecimento à literatura produzida fora da bolha ocidental, permaneceu um significativo desinteresse na disponibilização e eventual circulação da literatura árabe por parte das editoras do mundo ocidental, pelo menos até o final da década de 1990 (Aboul-Ela, 2001). Claro que, diante do Nobel de Mahfouz, houve um pouco mais de interesse na produção árabe, mas essa tendência não perdurou por muito tempo (Aboul-Ela, 2001; Muharram, 2012). Constata-se, desse modo,

⁷ O primeiro Prêmio Nobel de Literatura foi entregue a Sully Prudhomme, autor francês, em 1901. Foi apenas mais de quarenta anos depois, em 1945, que o prêmio foi concedido pela primeira vez a um autor não ocidental: Gabriela Mistral, chilena. Demorou mais de vinte anos para que outro autor não ocidental fosse reconhecido, em 1966, e mais outros vinte para que essa láurea fosse pela primeira vez a um autor africano, o nigeriano Wole Soyinka, em 1986.

a percepção de um processo de marginalização para com a literatura pós-colonial que não faz parte de países oriundos da *commonwealth*, que é exacerbado no caso da literatura árabe (Muharram, 2012). Muharram (2012, p. 131) defende, de forma veemente, que se devem incluir, na literatura pós-colonial, obras publicadas originalmente em outro idioma, que não o inglês, e que tenham passado pelo processo de tradução (Muharram, 2012). Da mesma forma, o autor argumenta em prol da inclusão da literatura árabe como parte da literatura pós-colonial, que é frequentemente negligenciada por acadêmicos renomados da área (Muharram, 2012).

Essa questão pode ser explicada, em parte, pelo preconceito que se verifica no Mundo Ocidental, em especial quando se fala dos Estados Unidos e da Europa, contra o “oriente”, principalmente no que diz respeito ao Mundo árabe e Árabe-Islâmico (Aboul-Ela, 2001). O grande número de conflitos ocorridos no Oriente Médio a partir da década de 1980, bem como as diferentes atividades terroristas, sendo a mais relevante delas os ataques em 11 de setembro de 2001 e a posterior campanha de “Guerra ao Terror” que esses eventos originaram, resultaram em uma segregação da literatura árabe das demais literaturas pós-coloniais (Muharram, 2012). Essa questão já foi explorada à exaustão por autores como Edward Said (2007), em sua obra de maior reconhecimento, “Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente”.

Tais questões sociopolíticas foram vistas por parte da sociedade ocidental como empecilhos à publicação da literatura produzida por autores árabes, principalmente no que diz respeito às obras traduzidas do árabe para outro idioma, apesar de as duas sofrerem com isso. São dadas algumas justificativas que motivam esse baixo aceite da literatura árabe. Observa-se que

The view of Arabic literature (in Arabic or in English) as unworthy of publication and serious inquiry stems, I argue, from the following three orientalist misconceptions. First, the Arabic language is seen as an oral one and thus primitive as compared to writing (the West’s civilized tool of representing itself and the other). Second, even when Arabs write, their writing is fragmented. Third, Arabic is a dangerous language of internal weaknesses that make the Arab mind — believed to be naturally irrational and illogical — unable to produce any great or worthy literature⁸ (Muharram, 2012, p. 138).

Dessa forma, até a década de 2010, a tradução e a publicação constante de obras ocorriam majoritariamente por meio de pequenas editoras especializadas e de editoras de

⁸ “A visão da literatura árabe (em árabe ou em inglês) como indigna de publicação e investigação séria decorre, eu argumento, dos seguintes três equívocos orientalistas. Primeiro, que a língua árabe é vista como oral e, portanto, primitiva em comparação com a escrita (a ferramenta civilizada do Ocidente para representar a si mesmo e ao outro). Em segundo lugar, mesmo quando os árabes escrevem, sua escrita é fragmentada. Terceiro, que o árabe é uma língua perigosa, com fraquezas internas, que tornam a mente árabe – considerada naturalmente irracional e ilógica – incapaz de produzir qualquer literatura excelente ou digna” (Muharram, 2012, p. 138, tradução própria).

universidades, no que tange à comercialização da literatura árabe em países ocidentais (principalmente nos Estados Unidos) (Aboul-Ela, 2001; Muharram, 2012). Entretanto, lentamente, essa realidade mudou, ao se observar um aumento no interesse em literatura árabe a partir do final dos anos 2010. Em aproximadamente quinze anos, mais de 300 obras de literatura, entre ficção e poesia, foram publicadas pelo mercado editorial estadunidense (Stanton, 2023). Porém, é relevante destacar que permanece a tendência, mesmo no caso dessas novas obras, da publicação em pequenas editoras especializadas ou em editoras universitárias, apesar de grandes nomes do mercado editorial já terem publicado alguns volumes. Esse fato tem um peso próprio, uma vez que o aumento na publicação de obras traduzidas do árabe vem associado, segundo Stanton (2023, p. 2), a um interesse crescente em adquirir conhecimento sobre essa cultura, que representa uma “suposta ameaça ao ocidente” (Stanton, 2023).

A literatura traduzida do árabe é capaz de apresentar aos leitores particularidades sobre a vida nessa região do mundo. Muitos desses leitores se viram interessados na literatura árabe depois dos acontecimentos do início do século XXI (Stanton, 2023, p. 3). Com isso, aponta-se para uma evolução na academia do Ocidente, que passa a reconhecer a contribuição cultural da literatura árabe em um nível mundial a partir da década de 2010 e foge da realização de análises exclusivamente sob a ótica orientalista, cujo objetivo era identificar a forma por meio da qual o mundo árabe estava sendo difamado pelo Ocidente (Mufti *apud* Stanton, 2023). Dessa forma, uma visão mais “ética” do mundo árabe passa a atingir um número maior de pessoas (Stanton, 2023). Para que uma obra possa ser considerada como “literatura mundial” e tenha maior chance de circular em outros meios, há a necessidade de que essa obra seja, primeiramente, traduzida para o inglês, considerado uma língua supranacional (Mufti, 2016). Isso é um reflexo da cultura ocidental dominante, principalmente a anglófona, questão que, inegavelmente, tem suas raízes no colonialismo (Mufti, 2016).

Dessa forma, cada vez mais, passou-se a investir no trabalho de tradução, fundamental para que a literatura árabe escrita em árabe atingisse maiores audiências. Esse, por exemplo, é um dos principais objetivos do *International Prize for Arabic Fiction* (IPAF)⁹. Todos os anos, mais de cem obras publicadas originalmente em árabe são inscritas no prêmio, e esses textos são lidos por cinco juízes. Esses, por sua vez, são alterados todos os anos, e sempre há um membro do júri que não pertence a um país do mundo árabe e que, por vezes, não é nem fluente no idioma árabe (About..., [2024?]). A partir dos inscritos, é formada a “lista longa”, dezesseis

⁹ Prêmio Internacional de Ficção Árabe (tradução própria).

livros selecionados como os semifinalistas. Dessa lista longa, são escolhidas seis obras finalistas, a “lista curta”. Ao fim, o ganhador é escolhido (About [...], [2024?]).

Há um conselho administrativo que coordena o prêmio e que mantém rotatividade de alguns membros, havendo regras especiais para indivíduos que trabalham na indústria literária árabe (Trustees [...], [2024?]). São essas as pessoas responsáveis por selecionar os juízes anualmente (About [...], [2024?]). O IPAF é financiado pelo Centro de Língua Árabe de Abu Dhabi, sob a égide do Departamento de Cultura e Turismo de Abu Dhabi (About [...], [2024?]; Supporters [...], 2024?). Além disso, há outros órgãos, inclusive internacionais, que apoiam o IPAF. Uma delas é a Feira do Livro Internacional de Abu Dhabi, formada por meio de uma *joint venture* entre a Feira do Livro Internacional de Frankfurt, uma das mais importantes feiras literárias do mundo, e a Autoridade de Cultura e Patrimônio de Abu Dhabi. A Feira do Livro Internacional de Abu Dhabi é a maior e mais relevante feira literária do mundo árabe e do norte da África (Supporters [...], [2024?]). Além da Feira de Frankfurt, o IPAF é apoiado também pela *Booker Prize Foundation*. É importante destacar que o IPAF tem por característica sua neutralidade, uma vez que se isenta de questões políticas atinentes a Estados específicos, enfocando mais na produção literária e na marca gerada por ela (McManus, 2016).

Segundo o próprio site da premiação, “Its aim is to reward excellence in contemporary Arabic creative writing and to encourage the readership of high quality Arabic literature internationally through the translation and publication of winning and shortlisted novels in other major languages”¹⁰ (About..., [2024?]). O prêmio concede ao vencedor do ano a garantia de que o IPAF cobrirá os custos de tradução do livro para o inglês. Essa iniciativa é motivada pela ideia de facilitar de maneira efetiva a publicação do livro em outros idiomas. Além disso, o vencedor recebe a quantia de US\$ 50 mil, e os demais finalistas, US\$ 10 mil cada (About [...], [2024?]). No caso de mais vencedores, como ocorreu no ano de 2011, o prêmio é dividido entre eles (Winner [...], [2024a?]).

O IPAF é o principal prêmio de literatura árabe em todo o mundo¹¹, e vem celebrando as principais vozes na literatura árabe contemporânea há mais de quinze anos. Desde sua criação, em 2007, já premiou autores de onze países diferentes. Os países que têm mais de um vencedor são Arábia Saudita (quatro), Egito (duas), Líbano (duas), Jordânia (duas) e Palestina

¹⁰ “Seu objetivo é premiar a excelência na escrita criativa árabe contemporânea e encorajar a leitura de literatura árabe de alta qualidade em nível internacional por meio da tradução e da publicação de romances vencedores e finalistas do prêmio em outras línguas relevantes” (About [...], 2024?), tradução própria.

¹¹ Ele, porém, não é o único. Existe, por exemplo, também a Medalha Naguib Mahfouz. O primeiro vencedor da Medalha Naguib Mahfouz foi anunciado no ano de 1996. Ele é promovido pela *American University of Cairo Press*. O vencedor ganha um prêmio de US\$ 5000 e a tradução de seu romance para inglês pela editora. Desde 2018, o prêmio é concedido bianualmente (The Naguib..., [2024?]).

(duas). Também venceram autores da Argélia, do Iraque, da Líbia, do Marrocos, de Omã e da Tunísia. Várias dessas obras foram traduzidas para o inglês e para outros idiomas. Entre 2008 e 2019, apenas o vencedor de 2018, Ibrahim Nasrallah, filho de palestinos e criado na Jordânia por causa da *Nakba*, não teve sua obra traduzida e lançada em inglês. De 2020 até a atualidade, apenas o jordaniano Jalal Barjas teve seu romance traduzido para o inglês e publicado, sob o título de *The Bookseller's Notebooks*¹². Algumas das narrativas finalistas e semifinalistas também foram traduzidas para o inglês e para outros idiomas (Translations [...], [2024?]).

Há um período para a inscrição das obras no prêmio, que compreende um total de doze meses, de julho a junho do ano seguinte. Isso significa que o ano em que uma obra foi vencedora não reflete seu ano de publicação, já que é possível que o livro tenha sido lançado até mesmo dois anos antes. Os semifinalistas são apresentados entre dezembro e janeiro. Já os finalistas, entre fevereiro e março. O vencedor do prêmio é anunciado em um grande evento, na cidade de Abu Dhabi, no mês de abril. Ademais, o IPAF também se ocupa de outras iniciativas, como por exemplo a *Nadwa*, uma oficina voltada a jovens autores árabes, com a finalidade de desenvolverem suas narrativas com a ajuda de autores já experientes, que se tornam seus “mentores”.

Além disso, há um número de regras e pré-requisitos que precisam ser seguidos para que as obras possam concorrer ao grande prêmio do IPAF (Rules [...], [2024?]). Primeiramente, o romance precisa ser inscrito no prêmio por sua editora. O autor apenas autoriza que seu livro seja enviado ao júri do IPAF e precisa estar vivo para o recebimento do prêmio. O romance deve ter sido publicado originalmente no idioma árabe, e a editora precisa ser considerada uma editora ativa, fundada há mais de dois anos e responsável por publicar novas obras com uma frequência regular (Rules [...], [2024?]). Há, também, um limite para o número de obras que uma editora pode submeter ao prêmio. Esse limite se baseia na quantidade de romances que, publicados por tal editora, já tenham sido semifinalistas do IPAF em anos anteriores. A norma não se aplica a obras de autores que já foram finalistas em outros anos – esses são exceções às regras –, e seu envio não conta para o número máximo de romances que a editora pode enviar. Aceita-se apenas uma submissão por autor, a cada ano (Rules [...], [2024?]). Ainda, a publicação do romance precisa ter respeitado as leis de *copyright* e de publicação de seu país de origem (Rules [...], [2024?]).

Há outras regras que permeiam o prêmio e que envolvem detalhes de menor importância, ou de natureza redundante. Questões como obrigatoriedade de um ISSN para que

¹² Os cadernos do vendedor de livros.

o livro possa concorrer; proibição da submissão de romances autopublicados; impossibilidade de participação de livros publicados apenas virtualmente ou de forma serializada; disponibilidade do autor para sua participação em eventos publicitários, caso faça parte da lista de semifinalistas ou de finalistas; entre outras, são regras estipuladas pelo IPAF (Rules [...], [2024?]).

Assim, é possível observar que o IPAF proporciona grandes oportunidades de destaque e reconhecimento internacional a uma grande quantidade de autores árabes, desde que escrevam suas obras em árabe e consigam ter seus romances publicados por editoras estabelecidas do mundo árabe. Também, dada a considerável variedade de nacionalidade dos vencedores, é possível dizer que as obras laureadas perpassam várias temáticas políticas e sociais que dizem respeito à realidade árabe. Dessa forma, em função de esta dissertação focar-se em obras publicadas a partir de 2013 (e vencedoras do IPAF a partir do ano de 2014), é sobre a temática desses livros que se discutirá brevemente, antes de se realizar sua análise. Entretanto, é importante reconhecer também algumas das obras selecionadas antes de 2013 e a forma pela qual suas temáticas abordam assuntos caros ao mundo árabe.

De 2008 a 2012, seis romances foram premiados¹³: *Sunset Oasis*¹⁴, de Baha Taher (Egito), em 2008; *Azazeel*¹⁵, de Youseff Ziedan (Egito), em 2009; *Throwing Sparks*¹⁶, de Abdo Khal (Arábia Saudita), em 2010; *The Arch and the Butterfly*¹⁷, de Mohammed Achaari (Marrocos), em 2011; *The Dove's Necklace*¹⁸, de Raja Alem (Arábia Saudita), em 2011; e *The Druze of Belgrade*¹⁹, de Rabee Jaber (Líbano), em 2012. Essas obras tocam em uma variedade grande de assuntos, cobrindo também diferentes estilos literários. *Sunset Oasis*, *Azazel*, *The Dove's Necklece* e *The Druzes of Belgrade* são, por exemplo, romances históricos. *Sunset Oasis* toca em assuntos relacionados à revolta Urabi²⁰, uma vez que, conforme o enredo, seu protagonista foi exilado em função de sua participação nesse movimento (McMannus, 2016).

¹³O site oficial do *International Prize for Arabic Fiction* está disponível tanto em árabe quanto em inglês, em uma tradução oficial. Para fins de praticidade, e como a versão traduzida do site apresenta uma tradução literal do título das obras, ao fazer referência aos romances, preferiu-se utilizar a tradução oficial do próprio IPAF para o inglês, em relação aos títulos dos livros, em vez de seus títulos originais em árabe.

¹⁴“O Oásis do Pôr do Sol”, em tradução própria.

¹⁵ *Azazeel* é um nome próprio, uma forma de se referir a Satã. Somente dois livros vencedores do IPAF foram traduzidos para português brasileiro, e “*Azazeel*” é um deles. Sob o título de “*Azazel*”, sem o “e” duplo, foi publicado pela Editora Record, em 2015, e traduzido por Safa Jubran.

¹⁶“Jogando Faíscas”, em tradução própria.

¹⁷“O Arco e a borboleta”, em tradução própria.

¹⁸“O colar da pomba”, em tradução própria.

¹⁹“O Druzo de Belgrado”, em tradução própria.

²⁰A revolução Urabi recebe esse nome em homenagem a seu líder, coronel Ahmad ‘Urabi, que coordenou um grupo de homens em uma tentativa de combater o controle anglo-francês no Egito em meados do século XIX. Sua empreitada não foi bem-sucedida (Reid, 1998).

Assim, o livro aborda questões relacionadas ao sentimento de rebelião e de revolta (Taher, 2010). Também, a obra joga com as noções de vítima e vitimizador, sofredor e causador de sofrimento, vencedor e vencido (Taher, 2010). Taher (2010) pontua que uma das questões que inspiraram o romance foram as ações de invasão que diversos países sofreram, em especial a invasão do Iraque, em 2003, e o modo como isso fortaleceu seu argumento de que a violência é cíclica, já que o agredido se torna agressor (Taher, 2010). De maneira geral, *Sunset Oasis* celebra a literatura desenvolvida durante a *Nahda*, período em que a trama se passa (McMannus, 2016).

Azazeel, por sua vez, opta por abordar questões religiosas ao falar sobre o movimento violento de inserção do cristianismo durante o século V, em Alexandria. A obra causou alvoroço na parcela católica do Egito, que menosprezou o romance (Ziedan, 2010). Mesmo assim, o livro foi um sucesso no país e foi traduzido para diversos idiomas. Segundo o próprio autor, a mensagem central que busca transmitir em seu romance refere-se à necessidade da tolerância religiosa. Ele acredita ferrenhamente que extremismos de cunho religioso são, na verdade, motivados por objetivos que não têm relação com religião, mas que a utilizam como forma de mobilizar as pessoas (Ziedan, 2010). Ademais, o autor também defende a visão de que obras escritas têm o poder de criar fagulhas de pensamento que podem influenciar mudanças sociais, apesar de ter a consciência de que esse tipo de alteração nos tecidos das sociedades demora bastante tempo para ocorrer (Ziedan, 2010).

Throwing Sparks, por sua vez, é um romance sobre um funcionário contratado por um homem muito rico da cidade de Jeddah, na Arábia Saudita. O trabalho do protagonista era o de sodomizar os inimigos de seu empregador em prol do deleite de seu chefe. Tudo isso era gravado e ocorria dentro de um palácio que, construído no meio da cidade, obstruía o acesso ao mar. O livro, que sofrera censura em seu país de origem, explora a corrupção humana, destacando o quanto os indivíduos tornam-se sórdidos ao serem detentores de poder. Também, a obra é repleta de personagens que representam a camada marginalizada da sociedade e que sofrem nas mãos de pessoas que teriam capacidade de ajudá-los, mas não o fazem (Walia, 2015; Throwing [...], [2024?]).

The Arch and the Butterfly é uma obra voltada à relação entre o mundo árabe e o ativismo de esquerda, que, por décadas, construiu uma tradição na região. Narra a história de uma família marroquina que tem sua estrutura abalada quando recebe a notícia de que um de seus filhos, Yassin, criado por um pai que acreditava em valores de liberdade de expressão, de esquerda e seculares, morreu no Afeganistão “como um mártir”. Isso faz com que o pai passe a questionar todos os valores que um dia defendeu (The Arch [...], [2024?]). Já o enredo de *The*

Dove's Necklece, que recebeu o prêmio juntamente com *The Arch and the Butterfly*, desenvolve-se em Meca, e a narração do livro fica ao encargo de um dos becos da cidade, conhecido como *Abu Alroos*, (o de muitas cabeças, em tradução livre), onde uma jovem fora encontrada nua e morta (The Dove's [...], [2024?]). O livro lida com temáticas de corrupção e violência, além das mudanças pelas quais a cidade passou (Alem, 2011a, 2011b).

Por fim, *The Druze of Belgrade* narra a história de um grupo de exilados para o forte de Belgrado. Esses indivíduos são drusos²¹, e junto a eles está Hanna Yacoub, o protagonista do romance, um católico não relacionado aos druzes, que acaba, por questões do destino, por juntar-se a eles (The Druze [...], [2024?]). O autor, libanês, trabalha em seu romance com questões relacionadas ao trauma societário, assunto muito explorado na literatura árabe (em particular, na árabe-libanesa). O próprio autor foi profundamente marcado, durante sua vida, pelas ocorrências da Guerra Civil Libanesa, o que está (como também a questão do trauma) profunda e repetidamente retratado em suas obras (Sallam, 2016).

As obras indicadas para o IPAF de 2013 precisavam, necessariamente, ter sido publicadas a partir de julho de 2011, ano em que ocorreu a Primavera Árabe. A partir dessa data, é possível começar a se imaginar se seria possível observar inspirações claras nos acontecimentos e demandas do Levante de 2011 por parte dos autores nas narrativas, por meio da incorporação desses elementos nos romances. Uma característica interessante, que deve ser destacada, é que, desde 2013, entre os livros traduzidos para o inglês, apenas um romance se caracterizava como histórico: *Ibn Arabi's Small Death*, o vencedor do IPAF no ano de 2017.

Ibn Arabi's Small Death é um relato fictício da vida de seu personagem-título, um filósofo sufista nascido no Principado Muçulmano de Múrcia, atualmente localizado na Espanha, durante o século XII, quando a região ainda era dominada por califados islâmicos. A obra não examina nenhuma questão política profunda, sendo uma narrativa que se ocupa muito mais em explorar questões espirituais (Alwan, 2017). O autor relatou que acredita que sua inspiração para escrever o livro viera da nostalgia que sentia de sua herança cultural enquanto morou em um país muito distante de seu de origem (Alwan, 2017). Ademais, também sempre se sentia muito intrigado ao ler bibliografias sobre Ibn Arabi, uma vez que muito da vida deste não fora documentada em livros, e eram principalmente essas questões que o intrigavam (Alwan; Hutchins, 2022).

²¹ Os drusos são, ao mesmo tempo, uma etnia e uma religião que representam uma minoria dentro do Oriente Médio. Na região, eles se concentram entre o Líbano, a Jordânia, a Síria e Israel. Os drusos fazem parte de um grupo bastante recluso, que dificilmente se relaciona com indivíduos de fora de sua comunidade, e acredita-se que sua religião se originou de uma cisão ocorrida entre eles e o islã entre os séculos X e XI (Zidan *et al.*, 2014).

Não foi encontrado nenhum relato por parte de Mohammed Hasan Alwan que denotasse aspirações políticas para sua obra, muito menos menções à Primavera Árabe. Entretanto, foi possível identificar em todas as outras obras temáticas e questões de cunho sociopolítico. *Bamboo Stalks*, de Saud Alsanousi, venceu o prêmio em 2013. A obra aborda questões relacionadas a noções de pertencimento social e cultural. O protagonista, Isa al-Tarouf, é filho do herdeiro de uma família tradicional kuwaitiana e de uma filipina que trabalhava como empregada na casa dele. Seu pai foi capturado e morto durante a invasão do Kuwait pelo Iraque. Nas Filipinas, Isa era conhecido como “José”, ou como “o Árabe”, apesar de ele não se parecer em nada com um kuwaitiano (Alsanousi, 2016). Dessa forma, o romance lida com questões indenitárias, acompanhando um personagem que apresenta demasiadas características filipinas para ser considerado como kuwaitiano, e um histórico muito próximo do Kuwait, com um avô problemático, que sempre o tratara mal por causa disso, para ser considerado filipino. Também, durante a narrativa, Isa flerta em diferentes momentos com diferentes religiões, como o catolicismo, o islamismo e até mesmo o budismo, como forma de destacar sua confusão em relação à sua própria identidade (Alsanousi, 2016). Ademais, o romance aborda questões sectárias, presentes no Kuwait, como o problema com os *biduns*²², além da diferença de tratamento que imigrantes sofrem no país, quando comparados aos nativos. Pelo fato de Isa, fisicamente, parecer-se muito com um filipino, ele, muitas vezes, é tratado como um imigrante. Em determinado momento, ele é até mesmo levado preso, juntamente com um grupo de imigrantes ilegais que seriam deportados. Isa se esquecera de seus documentos em casa e fora parado em uma *blitz* (Alsanousi, 2016).

Saud Alsanousi (2015) relatou, em uma entrevista, que uma das inspirações para conceber um protagonista que era meio kuwaitiano, meio filipino, era seu interesse pela imagem que seu país de origem tinha do Outro (Alsanousi, 2015). É interessante como, nesse contexto, ele aborda o Outro sob os mesmos argumentos que a teoria pós-colonial apresenta (a visão do estrangeiro sempre atrelada a uma conotação negativa), mas a partir do ponto de vista do Golfo. Ele reconhece que, no Golfo, ocidentais, pessoas oriundas da Ásia e, até mesmo, árabes de fora do Golfo, são vistos como o Outro. O inverso também é verdadeiro: indivíduos desses locais veem kuaitianos como pertencentes à categoria do Outro. Ele menciona que rechaça esse conceito e que escolheu fazer Isa filipino por ele ser suficientemente diferente dos kuwaitianos

²² Os *biduns* são uma parcela da população do Kuait que foi excluída de ser considerada como pertencentes à nacionalidade kuaitiana durante a independência do país, em 1961. Por isso, são tidos como “indivíduos sem Estado”. Os *biduns* enfrentam diversos problemas dentro do Kuait, como dificuldades em empregarem-se e em acessarem serviços garantidos pelo governo àqueles que são nacionais ao país, por exemplo. Há aproximadamente cem mil *biduns* no Kuait atualmente (Bidoon [...], [2024?]).

a ponto de realmente parecer-se com um estrangeiro (Alsanousi, 2015). O romance não tangencia nenhum assunto relevante à Primavera Árabe, porém.

É relevante mencionar, também, que o autor recebeu várias críticas por ter apontado as falhas e inconsistências da sociedade kuwaitiana. Alsanousi (2015) pontua que foi repreendido por aqueles que acreditavam que tais questões não deveriam ser expostas de tal forma, possibilitando, assim, que o restante do mundo tivesse acesso ao conhecimento sobre esses problemas através de uma narrativa. Apesar disso, o livro foi reconhecido no Kuwait, tendo recebido o Prêmio de Apreço e Reconhecimento do Estado (Alsanousi, 2015). Alsanousi (2015) é um autor que acredita no poder da escrita. Segundo ele, quando questionado sobre o motivo pelo qual escreve,

Whenever I'm asked, I give a different response, and every response is true: I write because I don't find anything to do but write; I write because I feel a responsibility; I write because there are people with a cause but without the means to communicate it, so I act as their voice, adopting their cause as my own²³ (Alsanousi, 2015).

Outro romance que também foi vencedor do IPAF e que se distancia das questões da Primavera Árabe é *Fractured Destinies*, de Rabai al-Madhoun, agraciado com o prêmio em 2016 (al-Madhoun, 2018). Todavia, a obra não é menos política por causa disso. O livro se ocupa profundamente com a exploração da questão da *Nakba* e o trauma palestino de abandono dos lares, que, posteriormente, foram ocupados por imigrantes judeus que tomavam posse daquelas casas e lá passavam a residir. Assim, o romance apresenta três protagonistas: Julie Littlehouse, Walid Dahman, esposo de Julie, e Jinin, prima de Walid. O enredo se inicia narrando a história de Julie (al-Madhoun, 2018). Sua mãe, Ivana, está doente, e solicita à filha e ao genro que, quando morrer, levem metade de suas cinzas de volta à cidade de Acre, na Palestina, de onde havia fugido com John Littlehouse, médico das forças armadas britânicas que servira na Palestina, poucos meses antes do início da *Nakba*. John tornara-se seu marido pouco tempo depois. Ainda na Palestina, nascera Julie, e a recém-formada família fora embora definitivamente do país em maio de 1948. Ivana fora deserdada por pais e tivera escassas notícias deles ao longo dos anos. Soubera que, devido à *Nakba*, eles se deslocaram a um campo de refugiados palestinos, no Líbano; que o pai morrera em 1975 e a mãe, em 1976, durante um ataque do partido político dos Falanges Libaneses ao campo de refugiados. Seus pais eram católicos (al-Madhoun, 2018).

²³ “Sempre que me perguntam, dou uma resposta diferente, e cada resposta é verdadeira: escrevo porque não encontro nada para fazer a não ser escrever; escrevo porque sinto uma responsabilidade; escrevo porque há pessoas com uma causa, mas sem meios para a comunicar, por isso atuo como sua voz, adotando sua causa como minha” (Alsanousi, 2015, tradução própria).

Assim, Ivana viveu o resto de sua vida em Londres, e lá criou Julie. Esta conheceu Walid Dahman, filho de um casal palestino que fora expulso do vilarejo de *al-Majdal Asqalan* durante a *Nakba*. Há, no enredo, um trecho que relata o momento em que Walid conseguiu ir ao vilarejo, procurando a casa que fora dos pais. Sua mãe havia pedido que ele visitasse a mesquita local, para que pudesse rezar, uma vez que “[...] going to al-Majdal is like a pilgrimage to Mecca ten-times over”²⁴ (al-Madhhoun, 2018, p. 43), e “One prayer in Palestine is worth a thousand at home, even in the camp mosque”²⁵ (al-Madhhoun, 2018, p. 44). Ele não encontra a mesquita, que fora completamente destruída, juntamente com várias construções. Eles visitam, antes de irem embora, uma casa preservada da época da *Nakba*. Lá estava residindo uma família judia de origem iemenita.

Também venceu o IPAF após 2013 e foi traduzido ao inglês o romance *Notebooks of the Bookseller*, em 2021. Com uma temática similar à de *Fractured Destinies*, também é um romance que aborda a importância de se ter um lar e se caracteriza como literatura do trauma, o que se evidencia no sofrimento de seu protagonista, um homem acometido pela esquizofrenia que, após flertar com a possibilidade de suicidar-se, opta por não fazê-lo (Bazih, 2021). Ele, então, após virar morador de rua, passa a assumir a personalidade dos diferentes protagonistas dos romances que lia. Através da narrativa, o autor explora a psique humana e a forma como o Estado falhou com seus cidadãos (Bazih, 2021).

Como é possível observar nos romances mencionados, há um engajamento político claro nas narrativas dessas obras. O único que não se enquadra nesse padrão é *Ibn Arabi's Small Death*. Ademais, é possível perceber como ainda estão presentes na literatura árabe contemporânea prosas que abordam temáticas referentes ao trauma histórico sofrido pelos povos árabes, seja ele relacionado à *Nakba*, às guerras (invasão do Kuwait pelo Iraque, a invasão do Iraque em 2003) ou aos problemas que os Estados árabes têm, relativos à corrupção e à carência de suporte a seus cidadãos e a demais pessoas que escolhem residir nesses lugares. Também, em consonância com Younas (2023), quanto à tendência dos romances árabes no pós-Levante de 2011, evidencia-se a existência de um enfoque no “subalterno”, na pessoa que é “inferiorizada” em uma sociedade que, fora do mundo árabe, já é considerada como “problemática”, “violenta” e “barbárica”.

Dessa forma, ressalta-se o quanto o sentimento político é uma constante no mundo árabe e, além disso, assim como houve romances influenciados pelos acontecimentos supracitados,

²⁴ “[...] ir a al-Majdal vale dez vezes uma peregrinação a Meca” (al-Madhhoun, 2018, p. 43, tradução própria).

²⁵ “Uma oração na Palestina vale mil em casa, mesmo sendo na mesquita do acampamento” (al-Madhhoun, 2018, p. 43, tradução própria).

também houve outros, que foram influenciados pela Primavera Árabe e agraciados com o IPAF. *Barīd al-Layl*, de Hoda Barakat, *al-Talyānī*, de Shukri Mabkhout, e *Frankishtayn fī Baghdad*, de Ahmed Saadawi, são essas narrativas. Tanto Hoda Barakat quanto Shukri Mabkhout revelaram que seus romances foram influenciados pelo movimento de 2011. Ahmed Saadawi, por sua vez, falou apenas da invasão ao Iraque, em 2003, como um fator inspirador. Entretanto, há muitas questões presentes em sua narrativa que espelham as reclamações e os desejos do povo árabe durante o Levante de 2011 e que, também por isso, justificam sua presença no agrupamento apresentado neste estudo. É a respeito desses três romances que a subseção final desta dissertação se debruçará.

4.3 O INTERNATIONAL PRIZE FOR ARABIC FICTION E SEUS VENCEDORES: REFLEXÕES SOBRE A PRIMAVERA ÁRABE

Nesta seção, será explorado o impacto e a relevância do International Prize for Arabic Fiction (IPAF), um dos prêmios literários mais prestigiosos do mundo árabe, na contextualização e interpretação dos eventos da Primavera Árabe.

4.3.1 *Barīd al-Layl* [“Correio noturno”, em tradução de Safa Jubran], de Hoda Barakat

Hoda Barakat, autora de *Barīd al-Layl* (“Correio noturno”), nasceu na capital Líbanesa, Beirute, no ano de 1952. Em 1989, ao final da Guerra Civil Libanesa, ela se mudou para Paris, onde vive até hoje. Barakat formou-se em Literatura Francesa pela Universidade Libanesa em Beirute. Até a data de sua emigração, exercia as atividades de tradutora, professora e jornalista. Em Paris, trabalhou primeiramente como radialista. Mesmo morando longe de sua terra natal, publicou seu primeiro romance, em árabe, no ano de 1990: *Hajar al-Dahk*²⁶ (Hoda [...], [2024a?]). Desde então, ela é a autora de seis romances, duas peças, um livro de contos e uma autobiografia, todas escritas em árabe. Ademais, ela também pode ser encontrada como coautora e participante de alguns volumes publicados em francês (Hoda [...], [2024b?]).

A carreira de Barakat como autora é permeada por um grande número de prêmios e honrarias. Por *Hajar al-Dahk*, recebeu o prêmio *al-Naqid*, destinado a autores árabes e suas obras de estreia. Em 2000, recebeu a Medalha Naguib Mahfouz em Literatuna, por *Harith al-Miyah*²⁷. Em 2002, foi condecorada pelo ministério da cultura francês com o *Ordre des Arts et*

²⁶ “A pedra do riso” (tradução própria).

²⁷ Traduzido para português por Safa Jubran e publicado pela Editora Tabla sob o título de “O Arador das Águas”.

*des Lettres*²⁸ (Hoda [...], [2024a?]). Em 2008, recebeu, novamente, uma láurea do ministério da cultura francês, dessa vez a *l'Ordre du Mérite National*²⁹ (Hoda [...], [2024c?]). Em 2015, foi finalista do *Man Booker International Prize* (Hoda [...], 2024a?). Para o IPAF, ela foi indicada duas vezes: por *Malakoot hadhahi al-ard* (“Reinos desta terra”, em tradução própria), no ano de 2013, ficando entre os semifinalistas, e por *Barīd al-Layl*, em 2019 (Hoda [...], [2024b?]).

Barīd al-Layl foi originalmente publicado no ano de 2017, pela editora libanesa *Dar al-Adab*. Foi o vencedor do *International Prize for Arabic Fiction* em 2019. Na época em que foi anunciada a escolha do romance como o vencedor do IPAF, seus direitos de tradução e publicação para o inglês já haviam sido vendidos para a editora inglesa *Oneworld Publications*, com previsão de lançamento para 2020. O livro foi lançado sob o título de *Voices of the Lost*³⁰. No Brasil, foi introduzido no mercado editorial pela Editora Tabla e traduzido pela acadêmica Safa Jubran³¹, também libanesa. Sua publicação ocorreu no ano de 2020.³²

Barīd al-Layl é um romance epistolar, cuja narrativa se desenvolve através de seis cartas que se interconectam, de certa forma, uma vez que o autor da carta que se está lendo sempre encontrou a carta anterior escondida em algum local diferente: um quarto de hotel, uma lata de lixo de um aeroporto, um bolsão de assento de um avião, um armário. As únicas exceções são a primeira e a última carta: a primeira não menciona ter encontrado carta alguma; a última, é escrita pelo “carteiro”, preso em uma agência dos correios em função da “guerra”. Uma característica do romance é que nenhum personagem tem nome ou nacionalidade definida, a não ser a autora da segunda carta, pois, pelos lugares que descreve e nomeia como memórias afetivas de sua juventude, pode-se presumir que ela nasceu no Líbano. Sabe-se apenas que os demais personagens provêm de países árabes e que tiveram de emigrar de seu país de origem em direção a outro local. Eles, também, têm diferentes *status* de emigrantes: refugiados, exilados ou expatriados de sua terra natal, tendo saído por vontade própria ou por necessidade (sendo que, às vezes, essas duas possibilidades confundem-se na narrativa). O romance é dividido em três partes, respectivamente: “Na janela”, “No aeroporto” e “Epílogo: a morte do carteiro”.

²⁸ A Ordem da Arte e das Letras (tradução própria). Premiação concedida pelo governo francês através de seu Ministério da Cultura que visa agraciar indivíduos residentes do país que contribuíram significativamente para o campo das artes e/ou da literatura (Ordre [...], [2024?]).

²⁹ A Ordem do Mérito Nacional (tradução própria). Condecoração conferida pelo governo francês a indivíduos que se destacaram realizando atividades variadas de forma “distinta”. Cidadãos franceses de qualquer nacionalidade podem receber a honraria (L’ordre [...], [2024?]).

³⁰ “Vozes dos perdidos” (tradução própria).

³¹ No ano de 2021, Safa Jubran foi uma das juízas do IPAF.

³² Esta foi a edição lida para a realização desta análise. As informações bibliográficas completas sobre essa obra podem ser encontradas nas referências desta dissertação.

A primeira carta é de um homem adulto para a mulher com quem mantinha algum tipo de relação. Ele havia ido embora de seu país de origem e agora trabalhava de forma ilegal em um jornal pertencente a um conterrâneo seu, um militar que também fugira após a queda do regime. A segunda, de uma mulher mais velha, que escreve para sua antiga paixão da adolescência e que relembra o passado com melancolia. A terceira, de um homem que escreve para a mãe. Ele era procurado pela polícia pelo assassinato da mulher que o acolheu em sua casa. Além disso, ele era um torturador no seu país de origem, tendo exercido a atividade como forma de deixar de ser ele próprio torturado. A quarta carta é de uma mulher que escreve para o irmão, contando a ele sobre as amarguras da vida familiar e conjugal, justificando-se por ter pedido divórcio e contando sobre o período em que fora prostituta e faxineira. A quinta, de um jovem homem gay que escreve para o pai em tom de súplica e confissão. A última carta é de autoria “do carteiro”³³ (Barakat, 2020).

É possível concluir, dada a estrutura do romance, que nenhuma das cartas de fato foi enviada. Também, várias delas não têm um final; aquelas que o têm são vagas e estão amparadas em uma esperança de que, ao chegarem ao destinatário, serão compreendidas, de modo que os receptores aceitarão as informações ali contidas e, em certa medida, perdoarão seus emissores pelos erros (e, por vezes, crimes) que cometeram. Todos os narradores estão, à sua maneira, perdidos – não física, mas emocionalmente. Como pontuou o narrador da quinta carta ao explicar o porquê de haver resolvido escrever, “O que me encorajou a escrever para você foi a carta de uma mulher solitária e desolada, como eu” (Barakat, 2020, p. 113).

Essa descrição pode se enquadrar em todos os narradores das cartas, uma vez que estão distantes não só geograficamente, de sua terra natal, mas também de qualquer tipo de apoio humano e de suporte emocional. Eles são perseguidos pelo que deixaram de fazer, como os autores da segunda e da quarta cartas, pelo que fizeram, como os narradores da primeira e da terceira cartas, e pelas escolhas que, por vezes, viram-se forçados a fazer, resultado de uma vida de miséria, desgosto e sofrimento. Interessante, também, é o fato de que nenhum dos narradores julga o próximo. Seus comentários sempre vêm atrelados a um sentimento de empatia, expressando até uma certa solidariedade³⁴ e demonstrando-se capazes de verem a si mesmos na história de vida do outro (Barakat, 2020). Um exemplo disso é o que a narradora da quarta carta afirma sobre as confissões feitas pelo narrador da carta anterior:

³³ Para um resumo completo e detalhado da obra, recomenda-se a leitura do Apêndice A.

³⁴ A partir desse prisma, é possível entender o porquê do título do romance, em inglês, ser *Voices of the Lost*, “As Vozes dos Perdidos”, em tradução livre. São as histórias de pessoas perdidas, solitárias, que não têm mais a quem recorrer com segurança. Dessa forma, o livro pode ser visto como uma longa sequência de súplicas por perdão, por compreensão.

É horrível o que esse homem fez! No entanto, por não ter entregado a carta para a polícia logo, por ter passado um tempo lendo e relendo, já não posso mais entregá-la. [...] talvez as confissões contidas na carta não acrescentem nenhum detalhe importante à sua acusação. [...] São as confissões de um filho para a mãe, a última pessoa que resta na vida de um ser humano, não importa o que cada um tenha feito. [...] Além do medo, tive pena dele. Isso é estranho, claro, porque ele é um assassino cruel. Mas toda pessoa neste mundo tem um lado inocente, principalmente quando está diante da mãe. Na sua presença, o indivíduo volta a ser uma criança, a criança que foi um dia, mas que o abandonou, largando-o no esquecimento (Barakat, 2020, p. 99 – 100).

O romance de Hoda Barakat atraiu atenção internacional. Em 2021, a autora foi convidada para falar sobre sua obra no *Edinburgh International Book Festival*. Ela concedeu uma entrevista de pouco mais de uma hora a David Codling³⁵. Durante a entrevista, vários tópicos diferentes em relação à forma como a obra foi produzida foram abordados, bem como as percepções pessoais de Hoda Barakat quanto à sua terra natal, o Líbano, aos países adjacentes, e ao impacto da Guerra Civil Libanesa sobre a história pessoal da autora sobre aquilo que ela produz culturalmente (Barakat, 2021).

Ela relata que quis escrever seu romance de forma epistolar. Mas, mesmo assim, seu objetivo era que o desenvolvimento do livro ocorresse de forma orgânica, permitindo que o leitor “juntasse as peças do quebra-cabeça” da história que ela estava contando (Barakat, 2021). Dessa forma, o romance se ocupa em explorar os indivíduos que emigram de seus países, tendo de sair de suas casas e ficar longe dos locais em que viviam e das pessoas a quem amam em busca do desconhecido (Barakat, 2021). São pessoas que, em sua maioria, saem de sua terra natal em um frenesi tão grande, que se veem dispostas a pagar o preço que tiver de ser pago e que, ao chegarem ao seu destino, são destratadas e vistas como um coletivo indiferenciável. Por isso, são pessoas que devem continuar se movendo (Barakat, 2021).

Barakat relatou sentir-se responsável em expor o que estava ocorrendo, mostrando que há dicotomia entre esses indivíduos. Seus protagonistas nesse romance não são pessoas ruins, nem, necessariamente, boas. Não são completamente inocentes, nem são as vilãs da história (Barakat, 2021). Foram feitos comentários sobre a violência contida no livro, mas, ao mesmo tempo, destacaram-se as descrições bonitas e poéticas sobre o passado da vida desses personagens. Barakat pontua que “pessoas violentas e consideradas como inumanas também têm mães e têm memórias positivas do passado” (Barakat, 2021, online). Isso é uma clara alusão aos autores da carta três, em maior medida, e quatro, em menor (Barakat, 2020). Ademais, a escritora também revela que muito da visão fragmentada do livro vem dela própria e que muito se discutira “dez anos atrás” sobre o que unia as pessoas, mas não sobre o que as separava, e o

³⁵ Na época, co-diretor do setor de literatura do *British Council*.

quanto a violência é, agora, vista como a resposta, um fenômeno que tomou o lugar da comunicação entre as pessoas (Barakat, 2021). Para ela, seus protagonistas não são “heróis de suas comunidades”; são, na verdade, apenas pessoas “marginalizadas” (Barakat, 2021).

Ao final dessa entrevista, a autora é questionada sobre sua decisão de não revelar a nacionalidade de nenhum de seus protagonistas. À exceção da carta dois, em que é possível perceber que a origem de sua narradora é o Líbano, é possível atribuir os demais personagens a diversos Estados do mundo árabe. Barakat (2021) responde que deixara essas informações de fora por elas não serem, ao fim das contas, relevantes. O que importava mesmo para a história, segundo a autora, é a tragédia que atingira os países de origem dessas pessoas e o fato de, por isso, elas terem sido “obrigadas” a saírem de seu país natal. A única questão que as une, ao fim, é o fato de que se viram nessa posição em função da Primavera Árabe, sendo esse o grande catalizador que motivou esses indivíduos a irem para fora de suas casas (Barakat, 2021). Ela comenta que essa realidade desestabilizou as pessoas que residiam nos países do mundo árabe (Barakat, 2021).

Assim, segundo a própria Hoda Barakat, há uma clara influência do Levante de 2011 no romance que escreveu (Barakat, 2021). Essa relação é evidente na obra, uma vez que há um grande número de menções a questões, acontecimentos e resultados gerados pela Primavera Árabe (Barakat, 2020). Primeiramente, o enredo da obra, claramente, passa-se em um período contemporâneo, já que constam na narrativa menções a aparelhos tecnológicos como *smartphones* e computadores. Também, na última carta, “o carteiro” fala sobre a *internet* e sua acessibilidade no mundo árabe, dando informações vagas, porém bem encaixadas na narrativa, que se assemelham à realidade de conectividade do mundo árabe, ao falar que a *internet* não substituiria seu trabalho em função do elevado valor dos computadores, da volatilidade do sinal de *internet* e da vigilância do governo (Barakat, 2020, p. 154).

Da mesma forma, o romance de Barakat (2020) faz um grande esforço em expor, sempre de forma sutil e a partir de menções pertinentes e certeiras, apesar de vagas, o que ocorria na região e motivara a saída de seus protagonistas de sua terra natal, bem como a realidade desses países antes do Levante. Há uma série de menções feitas aos governos que controlavam os países árabes antes de 2011, as quais levam a entender que seus líderes eram corruptos, agressivos e perversos. Isso pode ser percebido na primeira e na segunda cartas e, principalmente, na terceira. Guerras civis foram efeitos colaterais da Primavera Árabe e aconteceram em mais de um país (Síria, Líbia, Iêmen), questão que já foi explorada no capítulo anterior, nesta dissertação. O já mencionado “carteiro” diz estar preso na central dos correios em função “da guerra”, e que, por causa disso, ninguém vai lá há tempos (Barakat, 2020, p.

151). Também relata que sua comida está prestes a acabar, informação que pode ter sido uma maneira que a autora encontrou de referenciar a escassez alimentar durante a Primavera Árabe, como ocorrera na Síria, segundo os dados apresentados por Fares (2015).

A narradora da segunda carta nascera no Líbano e, pelo que sua carta indica, residia no país até então. Ela frisa o estado lamentável em que seu país se encontrava. Por não ter mais esperança em voltar a vê-lo como era em seus tempos de juventude (presume-se que ela está se referindo ao período anterior à Guerra Civil Libanesa, dada a idade que a narrativa indica que ela tem), nem por ter pessoa alguma a aguardando, declara que não voltará mais para lá. Nas palavras da narradora da segunda carta:

Nada na minha infância ou juventude evoca essa nostalgia parecida com uma prisão. Não estou aqui, neste quarto, para voltar para trás nem para vê-lo ou ver com você como eu era jovem ou o quanto a primavera era bonita e intensa no país. O país que já era, que caiu e quebrou como um grande vaso de vidro. Seria trágico, pura tristeza e grande amargura (Barakat, 2020, p. 53).

Há lógica, no contexto do Levante de 2011, de incluir uma narradora libanesa nas cartas. Apesar de a Primavera Árabe não ter causado no Líbano um alvoroço tão grande quanto em outros países, é fundamental compreender a sequência de fatores que, a partir do movimento, afetaram profundamente o país. A Guerra da Síria, subproduto da Primavera Árabe, gerou uma quantidade catastrófica de refugiados. O Líbano, seu país vizinho, absorveu aproximadamente 1,5 milhões de refugiados vindos de lá, tornando-o o país com o maior número de indivíduos refugiados *per capita* em todo o mundo: um em cada oito cidadãos nacionais (Yasin, 2023).

Da mesma forma, o autor da quinta carta menciona ter saído de seu país de origem em meio a “uma guerra”. Também, ao fazer menção às pessoas com quem ele compartilhava sua vida nas ruas, o narrador dá a entender que também eram indivíduos do mundo árabe que se refugiaram nesse país europeu não revelado. Há um comentário interessante sobre o fato de que tiveram de cruzar oceanos, em viagens muito perigosas, para conseguirem chegar ao seu destino (Barakat, 2020, p. 122-123). O narrador da terceira carta também menciona essa experiência de travessia, pontuando que gastara todo o seu dinheiro para locomover-se por mar e por terra, o que muitos refugiados das diferentes guerras civis do mundo árabe iniciadas na década de 2010 tiveram de enfrentar (Barakat, 2020, p. 76).

Um relatório do *United Nations High Commissariate for Refugees* (UNHCR), produzido em 2015, aponta que, a partir do ano de 2010, a quantidade de migrantes que acessaram o Ocidente (aqui referindo-se especialmente a Europa) através de vias marítimas aumentou substancialmente, indo de pouco mais de nove mil pessoas em 2010 para quase 220 mil em

2014 (UNHCR, 2015). Em 2015, o ano mais expressivo de todos no que diz respeito a esses dados, o número de refugiados que atravessaram o mediterrâneo em direção à Europa ultrapassou o marco de um milhão de indivíduos (Clayton; Holland, 2015). Segundo dados da *International Organization for Migration* (2016, 2017, 2018) e da UNHCR (2015, 2022; Clayton; Holland, 2015), mais de dois milhões de pessoas migraram de seus países de origem para a Europa, pela rota oceânica, com milhares de mortes ocorrendo anualmente³⁶. A Grécia e a Itália foram os países mais utilizados como rotas de entrada na Europa (UNHCR, 2015). À exceção do ano de 2020, dados apontam que, desde 2014, o número de migrantes que chegaram à Europa por vias marítimas não é menor do que 100 mil ao ano (UNHCR, 2015, 2022; Clayton; Holland, 2015; International Organization for Migration, 2016, 2017, 2018). A crise de refugiados síria é, atualmente, a maior do Planeta, com mais de cinco milhões de sírios registrados pelo UNHCR como refugiados no mundo (Syria ..., [2024]).

A partir desses dados, sob o prisma de que o romance de Hoda Barakat explora a vida de refugiados, migrantes e expatriados do mundo árabe em um período posterior ao Levante de 2011, faz total sentido que a autora tenha incluído, ao longo do texto de sua obra, menções claras a essas experiências, no que diz respeito à ida de migrantes do mundo árabe à Europa, principalmente aqueles que fizeram a travessia dramática pelo oceano. No entanto, como nem todos compartilham da mesma experiência, fazendo jus à crítica de Barakat (2021), de que esses migrantes são todos tratados como uma massa humana singular (Barakat, 2021), outros protagonistas do romance saíram de seus países por meios diversos, como foi o caso das narradoras da segunda e da quarta cartas, que chegaram aos países em que se encontravam por via aérea. Na carta do primeiro narrador, não há nenhuma menção à forma pela qual realizou sua mudança.

Outro fato interessante é a ocupação desses personagens. As condições de trabalho desses migrantes, principalmente das mulheres, tendem a ser extremamente precárias, dada a falta de documentação, seu histórico e sua vulnerabilidade social (*United Nations Population Fund for Arab States*, 2020). Na primeira, na terceira, na quarta e na quinta cartas, há menções sobre a forma por meio da qual essas pessoas conseguem sobreviver financeiramente, optando por formas de ganhar dinheiro que podem ser consideradas degradantes: prostituição (cartas

³⁶ Evidentemente, nem todas essas pessoas são oriundas de países em que conflitos causados pela Primavera Árabe geraram esse alto número de refugiados. Etiópia, Somália e Sudão (que é um país árabe que também sofre com uma Guerra Civil, mas cuja guerra não se relaciona ao Levante de 2011), por exemplo, também contabilizam grande número de migrantes que solicitam *status* de refúgio (UNHCR, [2024?]). Porém, refugiados árabes, principalmente sírios, representam uma parcela considerável tanto do número de pessoas que adentram a Europa pelo mar, quanto das que migram para outros países por outras vias.

quatro e cinco), tráfico de drogas (carta um), mendicância (cartas três e cinco). Há também menção à realização de trabalhos com limpeza (carta cinco) (Barakat, 2020), ocupação muito comum assumida por mulheres migrantes e refugiadas (*United Nations Population Fund for Arab States*, 2020).

É possível perceber, nesses protagonistas, a lógica traçada por Younas (2023) ao falar das tendências da literatura árabe no período posterior ao Levante de 2011. O autor havia sido enfático ao afirmar que os romances publicados nesse contexto eram focados especialmente nas comunidades e nos grupos marginalizados, e isso é evidente no romance de Barakat (2020). É uma conversão em narrativa das vidas e experiências que Younas (2023) considera parte dos coletivos invisibilizados pela sociedade. Inclusive, os exemplos dados pelo autor, de participantes desse grupo, prisioneiros, refugiados, membros da comunidade LGBTQIA+, estão representados no romance de Barakat (2020) de maneira mais explícita ou mais singela, dependendo da narrativa.

A estagnação sociopolítica do mundo árabe no período pós-Primavera Árabe foi muito bem exposta por Barakat (2020). Novamente, essa interpretação pode ser observada na comparação do Estado libanês com um “vaso quebrado”, com a violência perpetrada por parte dos governos autoritários, como observado nas cartas um e três, fazendo com que diversas pessoas sofressem agressões e aprisionamentos. Ademais, na segunda carta, a narradora aponta que não há nada, nem ninguém, esperando-a voltar para casa, o que significa que não há mudança real.

Dessa forma, é interessante como o romance explora o conceito de “literatura de cárcere”, apresentada anteriormente, nas descrições de Kadalalah (2014). É minimamente curioso que um gênero tão proeminente na literatura árabe nunca tenha aparecido de forma explícita em nenhum dos vencedores do IPAF. Entretanto, no romance de Barakat (2020), paralelos significativos podem ser traçados entre a literatura de cárcere e a forma como esses protagonistas se sentem em relação a seu *status*, vivendo em outros países que não o seu de origem. Segundo o prisma de que essa literatura explora os abusos sofridos pelas pessoas presas, é possível observar como Barakat (2020) investiga as injustiças que alguns dos narradores sofreram ao longo da vida e o modo como isso os faz tomarem as decisões que tomaram.

Além disso, a situação de vulnerabilidade que pode ser observada nos narradores e sua desesperança para com a vida assemelha-se às características descritas por Kadalalah (2014). Da mesma forma que a literatura de cárcere serve para evidenciar as condições de vida das pessoas nesse contexto e conscientizar o leitor, é possível dizer que o romance de Barakat (2020) propõe-se a fazer o mesmo, atingindo seus objetivos. É um romance com descrições de uma

realidade brutal e agonizante, abordando a vida de protagonistas que se viram lançados em sua realidade devido às circunstâncias da vida anterior à sua emigração para o Ocidente. Assim como foi pontuado pelo entrevistador de Barakat, é um romance sobre “uma realidade despedaçada”, que aborda profundamente os dilemas e a crueldade que os narradores enfrentaram. Ainda, conforme Barakat mencionou nessa entrevista, há uma dualidade entre bem e mal em quase todas as pessoas (Barakat, 2021). Também, assim como o gênero do romance de cárcere se utiliza frequentemente da metaficção, uma vez que muitas dessas obras acabam tornando-se romances sobre a escrita, o livro publicado por Barakat também é uma metaficção (nesse caso, escrevendo cartas para pessoas queridas), apresentando e permitindo a seus narradores, que, àquela altura de suas vidas, já não têm mais nada a perder, a possibilidade de serem completamente francos sobre suas vidas, seus erros e crimes (Taleghani, 2021). Eles, entretanto, não refletem no ato de escrever, como ocorre em outros romances de cárcere que adotam essa abordagem (Taleghani, 2021).

Assim, ao se tomar *Barid al-layl* sob o prisma da narratologia, assumindo que a realidade ali apresentada é a verdadeira forma de se compreender o que está sendo apresentado, é possível observar o romance integralmente (Bal, 1990). Primeiramente, o embasamento segundo o qual o livro foi inspirado pela Primavera Árabe se origina nas palavras de sua própria autora (Barakat, 2021). Com essa informação, as evidências que apontam para esse fato ficam claras ao longo do texto, uma vez que está recheado de menções e comentários referentes à realidade árabe pós-Levante de 2011, além de questões, acontecimentos e consequências que esse fenômeno popular teve.

A partir dessa lógica, faz-se necessário pensar nos três níveis da narrativa: texto, fábula e história. No caso do romance de Barakat (2020), o texto é a vida de cada um dos narradores, revelada pelos protagonistas ao longo de suas cartas. Além disso, essas cartas se entrelaçam, mostrando um senso comunitário por parte dos membros da diáspora árabe, que passaram e passam por experiências parecidas. Isso é o que fomenta a noção narratológica de fábula, uma vez que é esta que dita os acontecimentos da história e também a mensagem transmitida aos leitores. No caso de *Barid al-layl*, essa ideia de conectividade e frustração é percebida por meio dos comentários que quase todos os narradores fazem da carta que encontraram – comentários que sempre são feitos de forma empática. Por fim, a história, nesse contexto, é a escolha de Barakat (2020; 2021) de produzir um romance epistolar, que leva o leitor a “juntar as peças”, como ela mesma disse na entrevista concedida em 2021, para que seja possível montar um mapa de parte das consequências pessoais que a Primavera Árabe teve para esses indivíduos, que, se em seu próprio país já eram marginalizados, fora dele estão ainda mais vulneráveis.

De acordo com a noção permanente de que a narrativa tem características estabelecidas e que devem ser identificadas em todas as obras, uma vez que, conforme White (1980), Prince (1982) e Bal (1990), a narrativa é uma ocorrência que atravessa as mais variadas culturas. Ao se aplicar o método da narratologia na obra de Barakat (2020), pode-se observar os detalhes da realidade de uma parcela de migrantes árabes em período posterior ao Levante de 2011, de que a autora se apropriou para a escrita do livro. Dessa forma, como menciona Bal (1997) ao abordar o significado que a narrativa dá aos eventos, Barakat (2020), ao focar uma realidade sofrida e penosa de seus protagonistas, escolhe emprestar a seu texto uma atmosfera de aflição. Pela narratologia, compreende-se a forma dada ao texto por meio de um significado concedido a partir das interações entre seus agentes, ou seja, os narradores, e seu meio. É uma questão de diálogo entre as partes, muito mais do que uma verdade absoluta.

Assim, diante desse contexto, entende-se tudo aquilo que os personagens descrevem como uma verdade coletiva, tendo eles enfrentado, assim como milhões de outras pessoas, a dura decisão de emigrar após o Levante de 2011. O esforço que Barakat (2020) empreende aqui é o de apresentar uma interpretação à realidade árabe posterior à Primavera Árabe, que aponta para o sofrimento contínuo da população árabe, referenciando também a literatura de trauma, já apresentada, e dissecando essa visão narratológica de maneira primordial. Compreende-se que a estrutura apresentada, que envolve cartas, empresta ao romance um senso de continuidade, de solidariedade e de identificação entre os agentes do romance, o que os transforma não em uma massa única, visão que Barakat (2021) condena, mas em uma realidade contínua.

Por fim, retorna-se à questão do *iltizam*. Entre os três romances que serão analisados nesta dissertação, *Barid al-Layl* é o que melhor se enquadra nos moldes do comprometimento literário tradicional desenvolvido a partir de meados do século XX no mundo árabe. O romance, em primeiro lugar, como apresentado por Dimeo (2016), trata de explorar a voz do homem comum, sem a presença de personagens que representem parcelas da população que fazem parte de uma elite social, intelectual e/ou econômica. Como explorado e exemplificado acima, todos os protagonistas que Barakat (2020) introduz não são apenas pessoas comuns, mas são, também, indivíduos marginalizados. Sua posição na sociedade os torna interessantes objetos no arquétipo do *iltizam* e da *al-adab al-multazim*, uma vez que, de pessoas em posição de vulnerabilidade dentro de seu próprio país – mulheres forçadas a se casar, homens gays, pessoas pobres – tornaram-se indivíduos migrantes em posição até mesmo de maior vulnerabilidade. Assim, pode-se dizer que as experiências ali retratadas, apesar de serem “extremas”, são de pessoas comuns.

Da mesma forma, não há, por parte da autora, uma tentativa de mostrar-se detentora da autoridade. Na entrevista que concedeu em 2021, ela diz ver-se como responsável por apenas apontar àquela realidade. Ela não diz estar em posição de julgamento, nem se vê como parte encarregada de solucionar aquilo que está sendo apresentado no romance. Ela é apenas uma mensageira, que relata aquilo que vê em sua realidade. É a ideia de que o autor deve transmitir ao leitor uma imagem cristalina do que acontece. Entretanto, não mais existe essa relação entre autor e “autoridade política” que deseja que isso chegue ao público a partir de um processo de filtragem. Apesar de o romance de Barakat (2020) não ter sofrido censura, tem ocorrido, nas últimas décadas, um movimento muito forte, que envolve a proibição de romances “politicamente engajados”. Inclusive, um romance analisado nesta dissertação chegou a sofrer censura de um Estado árabe.

Barid al-Layl é um romance que lida explicitamente com temas que se conectam à Primavera Árabe. O romance, em toda a sua complexidade, enfoca especialmente o fato de que um dos efeitos colaterais da Primavera árabe foi a transformação de milhões de indivíduos em migrantes e em refugiados, que saíram de seus países de origem por diversas razões: fuga por motivações políticas, falha e enfraquecimento Estatal, maior desgaste do tecido social. Mesmo sem se ter consciência da declaração feita por Hoda Barakat na entrevista concedida em 2021, é possível identificar, no corpo do texto, descrições que se enquadram nessa realidade. Esses elementos, somados a uma análise narratológica do romance, formam uma figura interessante, de uma exploração da experiência migrante do mundo árabe em um período posterior à Primavera Árabe. Brevemente, o romance também explora o funcionamento de Estados árabes em um período que antecede o Levante, já que aponta para a existência de governos autoritários e ditatoriais.

4.3.2 *Al-Talyānī* [“O italiano”, em tradução de Miled Faiza e Karen McNeill], de Shukri Mabkhout

Shukri Mabkhout³⁷, autor de *al-Talyānī* (“O italiano”, em tradução livre), nasceu na capital da Tunísia, Túnis, em 1962. Foi, até o ano de 2017, o diretor da Universidade de Manouba, instituição em que também conquistou seu Doutorado em Literatura. Como

³⁷ Às vezes, o nome do autor pode ser encontrado transcrito como Choukri Mabkhout, Chokri Mabkhout, Shukri al-Mabkhout, entre outros. A grafia escolhida para esta dissertação é a mesma utilizada pelos tradutores Miled Faiza e Karen McNeill para a versão em inglês de “O Italiano”, publicada pela editora Europa Edition. Essa foi a versão do romance lida para a realização desta análise.

acadêmico, Mabkhout desenvolve sua pesquisa na área da teoria linguística, estudando principalmente a retórica. Ele é, desde a década 1980, professor do Departamento de Literatura, Arte e Humanidades da Universidade de Manouba. Tendo uma longa carreira, já havia publicado vários textos e livros acadêmicos, críticos e teóricos, traduzido algumas obras, além de ter criado e assumido vários cargos (até mesmo como editor-chefe) em diferentes revistas e contribuído com elas (Chokri..., 2018). “O italiano”, porém, foi a primeira obra de ficção que escreveu. O romance foi publicado em 2014, pela editora *Dar al Tanweer*, libanesa, vencendo o IPAF no ano de 2015 (Shukri..., [2024?]). Mabkhout, desde então, já publicou outras obras de ficção: um livro de contos intitulado *al-Sayyida al-Ra'isah* (“Senhora presidente”, em tradução própria), em 2015, e o romance *Baghanda*, em 2016 (Shukri..., 2015). Em 2022, Shukri Mabkhout foi juiz do IPAF (*2022 International...*, 2022).

Assim como Hoda Barakat, além do IPAF, Shukri Mabkhout recebeu uma série de prêmios ao longo de sua carreira acadêmica, como pesquisador, tradutor e autor. Entre eles, o Prêmio Internacional de Tradução Custódio das Duas Mesquitas Sagradas Rei Abdullah bin Abdulaziz, o Prêmio Rei Faisal em Língua Árabe e o Prêmio Abdul Hameed Choman (Shukri..., [2024?]). Por *al-Talyaniī*, o autor recebeu o prêmio Vírgula Dourada, concedido pela empresa tunisiana *Assurances Comar* (Znaidi, 2015). O romance, entretanto, foi banido nos Emirados Árabes Unidos. Foi apenas quando o IPAF ofertou o romance em um estoque limitado durante a Feira do Livro Internacional de Abu Dhabi que sua editora recebeu um comunicado segundo o qual o banimento da obra era retirado (Mabkhout, 2015). “O italiano” foi traduzido para o inglês³⁸ e para o italiano (Translations..., [2024?]).

O romance acompanha a vida de seu protagonista, Abdel Nasser, desde sua infância até pouco tempo depois do falecimento de seu pai. Esse acontecimento, em função de uma sequência de eventos em sua vida, leva Abdel Nasser a uma crise emocional em meio ao velório, fazendo-o agredir o *Iman* que celebrava o momento e, depois, ficar recluso em seu apartamento, com uma aparência doentia. A obra, então, explora essa sequência de eventos, seguindo o personagem desde sua juventude até a vida adulta, os relacionamentos amorosos e sexuais que teve ao longo dos anos, seu período de faculdade e seu emprego em um importante jornal estatal tunisiano. O romance é narrado por um amigo próximo de Abdel Nasser, dos tempos da escola. Sendo vizinhos quando jovens, cresceram brincando e estudando juntos. O narrador não revela seu nome³⁹ (Mabkhout, 2021).

³⁸ Para a produção desta dissertação, realizou-se a leitura do romance em inglês, “The Italian”.

³⁹ Para um resumo completo e detalhado da obra, recomenda-se a leitura do Apêndice B.

O romance *al-Talyani* aborda, além do desenvolvimento da vida de seus personagens, um interessante e conturbado período político tunisiano: a década de 1980. Esse momento da história do país inclui a abertura econômica da Tunísia, uma crise econômica de grandes proporções e um golpe político contra o então presidente, Habib Bourguiba, instituindo Zine El Abidine Ben Ali. Ben Ali ficou no poder até janeiro de 2011, como já foi explicado no capítulo anterior. Contudo, apesar de a narrativa desenvolver-se mais de duas décadas antes dos acontecimentos do Levante de 2011, o autor do romance mencionou, em diferentes oportunidades, que a Primavera Árabe havia sido uma inspiração direta para a produção de seu livro. Segundo ele, algo que une a realidade dos dois períodos assemelha-se a um sentimento generalizado de “desespero” (Mabkhout, 2015b).

Mabkhout (2015b), em uma entrevista, aprofunda-se na descrição desse sentimento, falando sobre a existência de medo e incerteza em relação ao futuro tunisiano. De maneira geral, aquilo que mais inspirou o autor (Mabkhout, 2015b) foi a ascensão de grupos islamistas a partir do Levante de 2011. Para ele, trabalhar na história de *al-Talyani* foi um processo catártico, que o ajudou a processar seus medos pessoais em relação a potenciais mudanças que ocorreriam na sociedade tunisiana caso essa questão realmente se concretizasse (Mabkhout, 2015b). Ele menciona, em uma entrevista, certo medo de que o país “retrocedesse” caso grupos islamistas subissem ao poder (Mabkhout, 2015a). Ele também declarou querer explorar por que e como uma revolução pode atrair esse tipo de transformação “retrógrada” (Mabkhout, 2015a).

Shukri Mabkhout (2015a) explica que o objetivo de seu romance era apontar para o caminho que levou o Estado tunisiano à revolução de dezembro de 2010 e à Primavera Árabe (Mabkhout, 2015a). Também, é interessante notar a forma como o autor vê a evolução do romance árabe, que, para ele, ainda é uma arte nova e em crescimento, uma vez que essa abordagem cultural e o que ela implica – urbanismo e individualidade – ainda seriam novidades para o mundo árabe (Mabkhout, 2015a). Mabkhout (2015c) discorre sobre a evolução do romance árabe e sobre a necessidade de uma produção no idioma árabe em que se aposente a visão arcaica e até mesmo orientalista, segundo a qual a literatura escrita em um idioma europeu é “moderna”, enquanto aquela escrita em árabe falha em expressar uma realidade contemporânea, tendo apenas serventia para questões religiosas. Isso pode ser observado principalmente na literatura originária nos países magrebins (Mabkhout, 2015c). Para o autor, apenas assumindo verdadeiramente o idioma árabe é que a Tunísia poderia considerar-se um país moderno (Mabkhout, 2015c).

Ainda de acordo com Mabkhout (2015c), gênero literário do romance serve como forma de explorar integralmente questões sociológicas, fazendo com que a intrincada e heterogênea

história recente da Tunísia fosse um excelente objeto para esse tipo de observação e, por que não, análise (Mabkhout, 2015c). O autor menciona ter notado “um padrão repetitivo” no desenvolvimento político da Tunísia e sentido grande necessidade de explorar isso por meio da ficção (Mabkhout, 2015c). Assim, o romance, segundo seu autor, explora a liberdade desejada por toda uma geração que sofrera anos sob o regime de um governo tirânico e opressivo, que ceifava diferentes liberdades (Mabkhout, 2015c). Assim, não passa despercebida a ironia de que o romance fora censurado nos Emirados Árabes Unidos, fato já apontado (Mabkhout, 2015c).

Al-Talyani, cujo enredo se passa majoritariamente no ano de 1987, o que se evidencia em comentários e descrições, constrói bem o cenário político e econômico do país. Há várias menções às intervenções e às reformas econômicas que o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional exigiram da Tunísia em troca de apoio financeiro e que resultaram no processo de liberalização econômica do país – fato que, anos depois, fomentou o Levante de 2011. Ressalta, também, que essas mudanças foram responsáveis por empobrecer a população do país a partir do encarecimento do custo de vida na Tunísia (Mabkhout, 2021).

Isso pode ser identificado em diferentes momentos do romance, mas, principalmente, em dois. O primeiro está logo nas primeiras páginas, quando são anunciados cortes financeiros severos, que seriam feitos à universidade frequentada por Abdel Nasser, para que fosse possível a implementação desse capital nas reformas econômicas e políticas exigidas pelas instituições ao governo (Mabkhout, 2021, p. 84). O segundo é durante uma conversa importantíssima entre o protagonista e o editor-chefe do jornal em que ele trabalha, na qual discutem a presença e a integração de grupos islâmicos na construção política da Tunísia. Abdel Nasser responsabiliza diretamente tanto o Banco Mundial quanto o Fundo Monetário Internacional pela situação econômica tunisiana (Mabkhout, 2021, p. 210-211).

A abertura econômica do mundo árabe, que se iniciou ainda na década de 1970, é tida como um dos grandes antecessores e também uma das questões justificadoras do Levante de 2011, uma vez que foi responsável por causar a conjuntura que levou os árabes a se rebelarem década depois, como se observou no capítulo anterior. A partir da liberalização econômica (e, com muitas ressalvas, da liberalização política), os países árabes tornaram-se responsáveis, em grande medida, por prejudicar a distribuição de renda nesses Estados e empobrecer principalmente as classes médias e trabalhadoras, por meio de uma diminuição de seu poder de compra (Bogaert, 2013). Como já visto, isso gerou instabilidade por todo o mundo árabe (Murphy, 1999).

No caso específico da Tunísia, o governo de Habib Bourguiba, responsável por implementar essa liberalização em primeiro lugar, viu o país preso em uma profunda crise econômica e política, que fazia a dívida estatal crescer cada vez mais, diante da forte centralização do partido político, personificado pela figura de seu presidente (Murphy, 1999). Com a derrubada de Bourguiba, em 1987, e a ascensão de Ben Ali, o país seguiu trilhando o caminho da liberalização econômica. Porém, mesmo que as políticas de Ben Ali tenham mitigado inicialmente os problemas vivenciados, não se revelaram soluções de longo prazo, o que reverteu a situação tunisiana à realidade anterior (Murphy, 1999). Apesar disso, a Tunísia foi um dos países em que a implementação de políticas econômicas liberais foi mais bem-sucedida. Tal feito, no entanto, não é sinônimo de sucesso: a Tunísia também sofreu por anos com um aumento expressivo dos níveis de desemprego e pobreza, com o aumento da desigualdade social e com o aumento da pressão exercida por parte do governo sobre empreendimentos e indústrias nacionais (Murphy, 1999). Tais variáveis, que desencadearam a Primavera Árabe, estão presentes no romance de Mabkhout (2021).

A partir desse prisma, é possível estabelecer uma conexão com outro elemento crucial para o desenvolvimento da narrativa do romance, uma vez que representa talvez a principal preocupação dos personagens em relação ao futuro político e, por consequência, social e econômico da Tunísia: a potencial ascensão ao poder de grupos islâmicos. Como pontuado por Shukri Mabkhout (2015a, 2015b, 2015c), essa foi a principal inspiração para a escrita do romance, uma vez que ele menciona as similaridades nos ânimos de uma Tunísia de meados da década de 1980 e daquela do final dos anos 2000 e início dos anos 2010.

No cenário político da Tunísia da década de 1980, havia falta de grupos sociopolíticos que se apresentassem como uma oposição encorpada, com verdadeiro potencial contra Bourguiba, uma vez que o governo do então presidente fora bem-sucedido na destruição das forças dos movimentos operário e sindicalista (Murphy, 1999). Esses movimentos foram reprimidos por uma sucessão de eventos que culminaram em um embate direto entre o governo e o Sindicato Nacional, no início de 1978 (Allani, 2009). Esses grupos condenaram esse levante, de cunho trabalhista, dando-lhe vantagens em meio ao governo tunisiano (Allani, 2009). Isso pode ser justificado pelo fato de que, na década de 1970, o maior inimigo dos islamistas era, de fato, a esquerda tunisiana (Alexander, 2000). Tal aproximação durou apenas até o início da década seguinte. Foi aberta uma tremenda oportunidade para as organizações políticas islamistas, que se ofereciam como um sistema “alternativo” no que dizia respeito ao funcionamento político, civil e econômico da sociedade tunisiana (Murphy, 1999; Allani, 2009). Também, o fim do movimento pan-arabista e a Revolução Iraniana de 1979 contribuíram

para a ascensão dessas forças (Allani, 2009). Assim, os grupos islamistas tunisianos eram influenciados pela Irmandade Muçulmana egípcia e por seus líderes (Waltz, 1986).

A partir do momento em que as diferentes células islâmicas tentaram organizar-se politicamente, para se tornarem oficialmente uma força política na Tunísia sob o nome de “Movimento de Tendência Islâmica”, começaram a ser perseguidas pelo governo de Bourguiba, da mesma forma que ocorreu com seus antecessores, no papel de oposição ao governo (Allani, 2009). Em 1984, a explosão das “Revoltas pelo Pão”, movimentos que se opunham ao aumento do preço dos alimentos na Tunísia, deram novo estímulo aos movimentos islâmistas, uma vez que as repercussões políticas desse movimento (como a demissão e a prisão de diferentes membros do corpo político) abriram espaço ao desenvolvimento de novas conexões entre o governo e as células islâmicas (Allani, 2009). Esse novo relacionamento cresceu a ponto de o Primeiro-Ministro Mohammed Mzali passar a ser visto como um aliado dos grupos islâmistas (Allani, 2009). Porém, quando Mzali foi removido do governo, em 1986, o período de vínculos positivos entre os islamistas e o governo teve seu fim. Além disso, foi também a partir da saída do primeiro-ministro do cargo que a população da Tunísia viu suas condições de vida declinarem acentuadamente, motivando aumento no número de protestos contra o governo. A perseguição contra figuras importantes do movimento islâmico voltou a ocorrer, e o líder principal, Rashid Ghannouchi, foi preso e condenado à morte. Dois meses depois, porém, essa decisão foi revertida, quando Ben Ali assumiu a presidência da Tunísia (Allani, 2009).

Por isso, grupos islamistas aparentaram fazer muito sucesso na Tunísia da década de 1980, tendo o apoio a eles crescido consideravelmente. Seus apoiadores estavam, em um primeiro momento, principalmente entre a juventude secular, participante de uma pequena burguesia, e uma juventude de origem rural e operária, inclusive entre as mulheres, havendo depois se espalhado para outras camadas da sociedade, a partir das Revoltas pelo Pão (Waltz, 1986). Pesquisas também indicam que a dedicação de jovens às demandas de uma política islamizada fez com que pais de vários desses jovens também passassem a professar a fé islâmica de maneira mais incisiva (Waltz, 1986). Na década de 1980, os grupos islâmistas eram os mais bem organizados nas universidades tunisianas (Alexander, 2000).

Ao longo de todo o romance, há diversas menções aos grupos islamistas⁴⁰. É evidente que o “medo” que Shukri Mabkhout declarou sentir de um futuro em que a Tunísia fosse governada por grupos islamistas é bastante aparente. Isso é exposto através do medo e da vigilância que os personagens demonstram ao longo do enredo. Seguindo o preceito

⁴⁰ As mais relevantes estão mencionadas no resumo do romance, no Apêndice B.

narratológico de não questionar o que está exposto no romance, tratando tais situações como “verdades”, há o fato de a polícia política, representada pelo personagem Si Othman, membro do alto escalão da polícia tunisiana, deter uma quantidade muito mais extensa de dados e relatórios sobre os islamistas do que sobre qualquer outro grupo, já que, segundo essa lógica, aqueles eram uma “ameaça maior” do que os outros (Mabkhout, 2021, p. 93-94).

Também, no enredo, no trecho que antecede o primeiro encontro entre Abdel Nasser e Si Othman, o protagonista havia sido preso por engano, uma vez que a ação policial que levava a ele e Zeina à delegacia tinha como alvo os estudantes de convicções islamistas que estavam participando da demonstração na cantina da universidade. Isso ocorrera em um período posterior à proibição governamental de encontros políticos não previamente autorizados pelo partido. Zeina é o principal interesse amoroso do protagonista durante o romance, com quem ele divide um apartamento, casa e, ao final da obra, se divorcia. No romance, descreve-se que essa comoção havia reunido tantas pessoas no local que era muito difícil movimentar-se por entre os participantes. Além disso, muitos dos estudantes que se identificavam com a vertente da “Tendência Islâmica” discursavam, “um atrás do outro” (Mabkhout, 2021, p. 86). Também há menções ao fato de que aqueles estudantes estavam mascarados, para evitar que fossem identificados, já que não tinham autorização para realizarem aquele encontro (Mabkhout, 2021).

O romance elucida que Abdel Nasser estava na universidade para organizar um protesto de seu próprio grupo político, que ocorreria durante as últimas semanas de aula. Embora não fique explícito se a autorização do governo seria solicitada, a narrativa é bem clara ao expressar o porquê de aquele evento ocorrer: protestar contra a opressão do governo de Bourguiba e demonstrar que o movimento estudantil de esquerda continuava ativo (Mabkhout, 2021, p. 85). A narrativa reconhece, como realmente ocorreu durante esse período, que os movimentos políticos de aspiração socialista e comunista estavam sendo extintos, muito por parte da pressão que os islamistas exerciam sobre eles. Entretanto, o enredo não está condizendo exatamente com a realidade tunisiana da época quando explica, segundo a visão de seu protagonista, que os islamistas apenas emergiram a partir da pobreza resultante de ações do governo de Bourguiba, nem quando Zeina diz que o aumento do número de estudantes que se identificavam com as doutrinas islamistas era reflexo do aumento também do número de indivíduos que, não ligados às universidades, mantinham essas convicções (Mabkhout, 2021, p. 131). Dentro da narrativa, essa noção serve o propósito de fomentar a imagem de que os grupos islamistas são levados a seguir essa doutrina por falta de conhecimento, numa lógica similar a da utilizada com a mulher que limpava a casa de Abdel Nasser e que se descobriu que espionava as

atividades dele por ser uma “proletária maltrapilha” (Mabkhout, 2021, p. 105). Essa mesma cena vai ser mencionada novamente em outro momento de análise deste subcapítulo.

Da mesma forma, a crítica exacerbada de Si Abdel Hamid, editor-chefe da revista em que Abdel Nasser trabalhava e seu eventual amigo íntimo, sobre o islamismo como uma força inteiramente importada pela Tunísia (Mabkhout, 2021, p. 211), também não é inteiramente verdade, quando comparada ao histórico dos grupos islamistas na Tunísia. É inegável que há influência de grupos como a Irmandade Muçulmana egípcia e grupos islâmicos de origem iraniana, estabelecidos desde a década de 1940; entretanto, suas raízes como organização vêm da criação de uma revista sem vínculos com essas grandes instituições islâmicas, que se chamava *al-Maarifa* (“Conhecimento”, em tradução própria), cujo tópico central se voltava à pregação da fé islâmica e à transmissão de ensinamentos da religião (Allani, 2009). Foi a partir dela que se formou o Movimento de Tendências Islâmicas, na década de 1980, cujo nome foi, posteriormente, alterado para “Movimento *Ennahda*”, em 1989 (Yildirim, 2017).

Apesar desses fatores, na narrativa, essas declarações servem a um objetivo claro: indicar que um aumento nos índices de pobreza, de desigualdade social e de marginalização populacional está diretamente relacionado a um aumento no número de pessoas que se associam a partir de princípios individuais à crença de que o governo e a política devem seguir um caminho islamificado. Em 2011, após os protestos na Tunísia, que conseguiram causar a derrubada de Ben Ali, o Movimento *Ennahda* tornou-se, enfim, um partido político. Isso ocorreu quando, em meio aos diversos decretos do recém-formado Governo de Coalizão da Tunísia, uma série de partidos políticos autodecretados foram considerados como legalizados – mesmo aqueles que eram considerados pelo governo de Ben Ali como ameaçadores (Yildirim, 2017). Segundo Yildirim (2017), havia, por parte de organizações e parcelas trabalhistas e liberais tunisianas, certo apoio ao governo de Ben Ali, justificado pelo medo da vitória do Movimento *Ennahda*, no caso de uma eleição geral ser convocada. Elas não estavam erradas, visto que o partido político conseguiu a façanha de angariar 40% dos votos para a Assembleia Nacional Constituinte, levando seu líder, Hamadi Jebali, ao posto de Primeiro-Ministro da Tunísia (Yildirim, 2017).

É necessário também destacar que os grupos de tendências islâmicas que já estavam bem-organizados previamente ao Levante de 2011 se fizeram bastante presentes durante e após os protestos, marcando uma interessante relação entre a forma como essas organizações interagiram com as massas que se formaram durante o movimento da Primavera Árabe. Como já pontuado, uma das características mais marcantes do Levante de 2011 é o fato de que os protestos não tinham liderança definida, tendo sido organizados online por algumas pessoas e

angariado, de forma orgânica, milhões de participantes. Esses grupos, então, aproveitaram-se de sua organização e de seu poder de coordenação pré-existentes e, ao juntarem-se aos protestos, instrumentalizaram diferentes questões do movimento, organizando e prestando apoio aos atos e a quem deles participavam. Isso permitiu que, em países como o Egito, por exemplo, eles assumissem certo papel de liderança, mesmo que o movimento em si não seja atrelado a nenhum grupo ou figura específicos, que representem essa função (Ghabra, 2015; Selim, 2015).

A ação do Movimento *Ennahda* foi menor nas ruas, se comparada à maneira como a Irmandade Muçulmana no Egito conseguiu organizar-se para participar e prestar apoio durante os protestos. Entretanto, os integrantes do movimento rapidamente organizaram-se para que se tornassem um partido político, conseguindo coordenar sua participação nas eleições para a Assembleia Constituinte que ocorreram na Tunísia em meados de 2012 (Yildirim, 2017). Durante sua campanha, o *Ennahda* fez esforços para se afastar de discursos baseados em ideologia religiosa, tentando sustentar seu argumento de que, nesse quesito, representava uma força moderada. Em 2016, durante um congresso do partido, passou a trocar a terminologia de “islã político” para “democracia muçulmana”, defendendo que as duas forças não tinham natureza contraditória (Yildirim, 2017).

O romance de Shukri Mabkhout (2015b) foi escrito no segundo semestre de 2012, momento que marca essa participação ativa do Movimento *Ennahda* na política nacional tunisiana e a vitória da maior parte de assentos no parlamento tunisiano por parte do partido (Yildirim, 2017). A presença cíclica de conversas entre os personagens sobre a participação do “Movimento de Tendência Islâmica” na política local, bem como a preponderância desse tópico ao longo de todo o romance, tem o intuito de demonstrar como essa comunidade tinha força na Tunísia e de apontar “os riscos” que representava para o futuro do país. Na grande discussão entre Abdel Nasser e Si Abdel Hamid, é evidente que nenhum dos dois personagens tinha percepções particularmente positivas sobre a força sociopolítica islâmica, apesar de, praticamente, não haver concordância nos argumentos dos dois personagens (Mabkhout, 2021, p. 210-216).

O embate verbal entre ambos ocorre antes da queda do governo de Bourguiba, quando Si Abdel Hamid acreditava fervorosamente que o Estado conseguiria manter a instituição política islamizada que estava se formando sob seu controle (Mabkhout, 2021, p. 215-216). Ele critica os islamistas por não terem noção do que significava um “Estado”, em um julgamento de caráter que, em parte, pode ser lido como uma crença de que os islamistas são inocentes e, ao mesmo tempo, ignorantes:

We need a few years of conflict and bloodshed before the Islamists learn the meaning of the State and what it means do defy it. A lot of men will die because of this “game”. There is no heart and soul to it; all the players want is power. And the State is stronger than any doctrine: the Constitutional Party freed the country, and it’s embedded in every town and village, and inside the mind of every Tunisian. We need time for the fruit to ripen, or rot and fall on its own accord. But the state will be here; the party has at least fifty years left in it⁴¹ (Mabkhout, 2021, p. 210)

Quando Si Abdel Hamid faz essa crítica, é possível que o leitor também se questione: desde o final dos anos 1980 até meados da década de 2010, será que os islamistas já “aprenderam” a essência do que é o Estado e o que implica verdadeiramente controlá-lo? Afinal, é um grupo que vem se estruturando há mais de quarenta anos e que, rapidamente, aproveitou a oportunidade de tornar-se oficialmente uma força política institucionalizada em forma de um partido político aceito pelo Estado tunisiano. Pelo medo dos islamistas que a narrativa revela e pelas entrevistas concedidas por Shukri Mabkhout (2015a, 2015b, 2015c), é possível perceber que o autor é muito cético em relação a isso, provavelmente fazendo parte da parcela da sociedade tunisiana referida por Yildirim (2017), que tinha medo de um resultado eleitoral favorável ao *Ennahda*.

Também é necessário ressaltar que *al-Talyani* foi escrito por um autor cujo país de origem, Tunísia, foi não apenas um dos epicentros da Primavera Árabe, mas também o Estado onde esse movimento se iniciou. É o único romance vencedor do IPAF a apresentar um enredo que se passa em um dos países onde o Levante de 2011 teve mais intensidade, apesar de alguns participantes, finalistas e semifinalistas, também serem provenientes desses países e incorporarem questões e eventos da Primavera Árabe em suas obras. Isso pode indicar que a premiação não tem uma vertente tendenciosa em relação à Primavera Árabe e que a escolha do vencedor realmente se relaciona muito mais ao mérito da narrativa do que a um apoio inquestionável a esse evento tão significativo para o mundo árabe. Assim, a concessão do prêmio a Shukri Mabkhout é muito significativa, no que diz respeito a seu talento como autor e contador de histórias. Tal fator também permite que algumas das escolhas feitas pelo autor ao longo da história sejam interessantes e mereçam ser pontuadas agora, ao final desta análise.

⁴¹ “Precisamos de alguns anos de conflito e derramamento de sangue antes que os islamistas aprendam o significado do Estado e o que ele significa para o desafiarem. Muitos homens vão morrer por causa desse ‘jogo’. Não há coração e alma para isso; tudo o que os jogadores querem é poder. E o Estado é mais forte do que qualquer doutrina: o Partido Constitucional libertou o país e está incorporado em todas as cidades e aldeias, e na mente de cada tunisiano. Precisamos de tempo para que a fruta amadureça ou apodreça e caia sozinha. Mas o estado estará aqui; o partido ainda tem pelo menos cinquenta anos” (tradução própria).

A narrativa do romance em questão, constantemente, considera seu protagonista, Abdel Nasser, como uma inspiração e um herói aos olhos daquele que narra a história, seu amigo de longa data. Por isso, constantemente Abdel Nasser é tratado e descrito de forma reverente, com destaque para suas “boas intenções”, para a justificativa ou o perdão por seus erros, pouca resistência por parte do narrador às escolhas do protagonista e aceitação de suas opiniões e conselhos, mesmo quando apenas parcialmente certos. Assim, abre-se espaço para imaginar o que Shukri Mabkhout quis implicar com essa escolha de narração e de protagonista, um jovem revolucionário de uma esquerda marxista-leninista, oriundo de uma “pequena burguesia”. Ao observar-se aquilo que está exposto na narrativa, as opiniões de Abdel Nasser são vistas como “certas”, inclusive pelo fato de ele ser um indivíduo culto, inteligente, muito carismático e até mesmo “moderado”, de acordo com a concepção que Si Abdel Hamid e Si Othman têm dele, as duas figuras por quem o protagonista demonstra ter mais respeito ao longo do enredo. Sua caracterização, de certa forma, “justifica” o “medo” dos islamistas, uma vez que ele acredita que, quando a crise que assola o país de fato se concretizar, eles conseguirão assumir o poder.

O ápice político que Abdel Nasser imaginava ocorreu, e de modo semelhante à revolução que ele fantasiava; a Primavera Árabe foi um levante que se iniciou na Tunísia e angariou milhões de participantes. Os argumentos de Si Abdel Hamid e de Zeina, que faziam menção a uma inércia “natural” da população tunisiana, provaram-se errôneas; tais declarações eram contestadas e desconsideradas por Abdel Nasser (Mabkhout, 2021, p. 131, 210). É como se a análise do Italiano fosse mais “evoluída” do que isso, uma vez que até mesmo acadêmicos renomados não viam na Tunísia um potencial revolucionário. Isso é válido também para outras afirmações feitas por esses personagens e que foram rebatidas pelo protagonista. Zeina, em determinado momento, por exemplo, afirma a impossibilidade de grupos estudantis fazerem parte de uma força revolucionária transformadora (Mabkhout, 2021, p. 131). É um fato sabido e já discutido nesta dissertação que estudantes participaram da Primavera Árabe. Ademais, Abdel Nasser, ao sair da faculdade, ainda se preocupava com quem iria liderar seu grupo político, mesmo dizendo que eles apenas “brincavam de fazer política” – fato que faz referência à participação de jovens e universitários nos movimentos políticos (Mabkhout, 2021, p. 96).

Os vários comentários, ao longo do enredo, sobre revolução, atividade estudantil, potencial prevalência de um governo majoritariamente islâmico e as condições socioeconômicas da Tunísia no final da década de 1980 enquadram-se perfeitamente nos comentários feitos por Shukri Mabkhout em relação àquilo que o inspirou a escrever o romance. Além disso, é possível observar suas intenções com o romance, pois uma parcela muito grande da história é focada, na verdade, em âmbitos e questões sociopolíticas e governamentais, já que,

por vezes, a vida pessoal do protagonista e daqueles que o cercam fica em segundo plano ao longo da narrativa. Assim, há indícios de que os objetivos de Mabkhout eram, por um lado, explicar o que ocorrera na Tunísia em décadas anteriores e que levou o país à combustão em dezembro de 2010 e à vitória oficial de um partido islamista, evolução do Movimento *Ennahda*, em 2012; por outro, demonstrar, de forma sutil, os riscos que grupos políticos de vertentes islâmicas representavam e representam para a sociedade tunisiana, que, em tese, já vinha há anos “modernizando-se”.

Assim, é inegável que *al-Talyani*, publicado originalmente em 2014, é um romance político em sua essência. A partir disso, torna-se possível olhar para essa obra a partir do prisma do *iltizam*. De maneira geral, o romance não se enquadra nas características originais da definição dessa filosofia literária que caracterizou a produção de romances árabes até meados da década de 1960. Em primeiro lugar, o romance não tem seu foco voltado para a massa populacional árabe. Abdel Nasser, como fora acusado diversas vezes ao longo da narrativa, faz parte de uma “pequena burguesia”, vindo de uma família tradicional, afortunada e influente na sociedade tunisiana. Os demais personagens de destaque no romance, com a exceção de Zeina, também aparentam vir de classes sociais e terem tido experiências semelhantes à do protagonista, o que indica poucos pontos de contato entre aqueles que são o enfoque do livro e a população geral da Tunísia. Zeina, em determinado momento, inclusive, vê-se em um dilema entre a pessoa que se tornara a partir da educação superior que completara e suas origens humildes e camponesas (Mabkhout, 2021, p. 196). Há, também, o momento em que Abdel Nasser descobre que quem estava fornecendo informações sobre seu paradeiro é a funcionária que limpa seu apartamento. Nesse trecho, ele tem uma opinião condescendente sobre a mulher, uma vez que seu grupo marxista da faculdade tenta “defender pessoas como ela” (Mabkhout, 2021, p. 102-105).

Ademais, ao longo do romance, evidenciam-se opiniões e visões do autor da história, descritas a partir dos diálogos entre os personagens e alguns dos pensamentos de Abdel Nasser. Esse fato também é o oposto à definição tradicional de *iltizam*, segundo a qual é preciso que o autor mantenha sua voz neutra ao longo do romance, enfocando apenas a vida e as dificuldades enfrentadas pelos protagonistas. Shukri Mabkhout transformou suas preocupações relacionadas à ascensão de grupos islamistas à esfera política do Estado tunisiano em um dos principais contextualizadores de sua obra, enfocando uma época passada que explica o presente tanto quanto o prenuncia. Por fim, em meio a esse contexto, *al-Talyani* indica, ao longo da narrativa, o que seriam “os verdadeiros inimigos” de sua obra, no caso, o Movimento de Tendência

Islâmica, futuro Movimento *Ennahda*, e o Estado, que se enfraquece para permitir a chegada deste ao poder.

Entretanto, como já pontuado, há uma compreensão de que o *iltizam* como conceito e fenômeno literário tem o direito de evoluir e se adaptar ao que é pertinente à sociedade árabe em cada período. Dessa forma, volta-se à noção de um *iltizam* mais flexibilizado, que revela o comprometimento do autor para com questões políticas relevantes àquele momento. Faz sentido, a partir dessa lógica, que, com o Levante de 2011 e a vitória dos partidos do Movimento *Ennahda*, na Tunísia e da Irmandade Muçulmana no Egito, temáticas referentes a uma oficialização de grupos islamistas nos Estados árabes aparecesse em narrativas, principalmente em textos produzidos por autores desses países, que, de certa forma, veem-se como “responsáveis” por revelar essas nuances da história. Na Síria, a questão islamista também foi proeminente, bem como na Líbia, em menor proporção.

Da mesma forma que “Correio noturno”, de Hoda Barakat, *al-Talyani* também se enquadra na definição de uma literatura árabe pós-Levante de 2011, como apresentada por Younas (2023). Apesar de os personagens de Barakat (2021) fazerem parte, de fato, de uma parcela marginalizada da população (no caso de seu romance, tanto dentro de seus países de origem quando fora deles), fazer de Abdel Nasser um jornalista por opção, que sofre com a censura de suas matérias, foi uma escolha interessante por parte de Mabkhout (2021). O livro tocou, dessa forma, na censura. Também apresentou, por meio da ficção, uma forma de desafiar o Estado e o constante movimento de seus líderes de controlar a narrativa midiática, fazendo com que pendesse para o seu lado. O que é silenciado aqui não é exatamente Abdel Nasser, mas a verdade que ele tem a intenção de revelar sobre seu país e que é barrada por indivíduos apontados pelo governo para realizar esse exato movimento de filtragem. Dessa forma, o romance consegue levar à luz esse assunto tão caro para a política e o jornalismo do mundo árabe.

Por fim, por meio da narratologia, fica clara a mensagem transmitida pelo livro, pela forma que o romance toma. A fábula do livro, ou seja, a história de Abdel Nasser, conta também a história de uma Tunísia turbulenta e em vias de um colapso econômico e social, que foi adiado, mas não evitado. O texto do romance, contado pelo amigo de infância do protagonista, demonstra isso muito bem, por meio de uma parcial veneração ao protagonista, indicando sua potencialidade e sua inteligência ao ver que seu país natal estava fadado à crise, independente de um golpe ou não – do mesmo jeito que o próprio Italiano entrara em crise ao ver seu mundo colapsando com o fim do relacionamento com Zeina, seu afastamento do jornal do Estado, a morte do seu pai e a celebração do velório do homem por aquele que havia lhe abusado. Isso

tudo, em uma história que amarra os elementos da vida pessoal e profissional do Italiano com os da história da Tunísia. O sistema que organiza o romance é exatamente essa relação entre Abdel Nasser e seu país de origem. São as escolhas de Shukri Mabkhout que formaram a história, transmitindo essa mensagem e estabelecendo relações tão profundas entre seus diferentes objetos.

4.3.3 Frankishtayn fi Baghdad [“Frankenstein em Bagdá”, em tradução de Jonathan Wright], de Ahmed Saadawi

Por fim, *Frankishtayn fi Baghdad* (“Frankenstein em Bagdá”, em tradução livre) foi publicado em 2013 pela editora árabe *al-Kamel*, localizada no Líbano. Seu autor, Ahmed Saadawi, nasceu na cidade de Bagdá, no Iraque, em 1973. Ao longo de sua carreira como autor, Saadawi já publicou contos, coletâneas de poesia e cinco romances. *Frankishtayn fi Baghdad* foi seu terceiro livro e o mais amplamente reconhecido e premiado. Com ele, o autor recebeu, além do *Intenational Prize for Arabic Fiction*, o prêmio francês *Le Grand Prix de L’Imaginaire* e fez parte da lista curta do *The Man Booker International Prize*. Ademais, alguns anos antes, o autor foi selecionado para uma seleta lista dos 39 melhores autores árabes abaixo dos 40 anos, a *Beirut39*. Essa foi uma iniciativa compartilhada entre a UNESCO, ao selecionar Beirute como a Capital Mundial da Literatura, em 2010, a revista de literatura árabe *Banipal* e o Festival Literário de Hay, um dos maiores do mundo. Além disso, Ahmed Saadawi também é roteirista e documentarista.

Frankishtayn fi Baghdad teve seus direitos de tradução vendidos para mais de 20 países, sendo um dos vencedores do IPAF a receber mais notoriedade internacional. O romance foi traduzido para diversos dos idiomas mais falados do mundo, como inglês, português, espanhol, francês, russo, italiano e turco, por exemplo⁴². O livro também teve seus direitos de adaptação para o cinema vendidos a uma produtora inglesa cujo nome foi mantido em confidencialidade (al-Jaffal, 2017; Saadawi, 2018b). Saadawi (2018b) critica a forma pela qual grandes produtoras ocidentais representam o Iraque. Ele acredita que a futura adaptação do seu romance, que será fiel à narrativa original em virtude de ele ter controle criativo sobre o projeto, poderá ser uma

⁴² O romance foi traduzido ao inglês por Jonathan Wright e publicado pela tradicional editora *Penguin Books*, edição lida para a realização desta dissertação. A editora portuguesa Gradiva traduziu o romance para o português europeu sob o título de “Frankenstein em Bagdade”. No Brasil, os direitos foram adquiridos pela editora Aleph; até o momento da finalização deste trabalho, entretanto, nenhuma versão do romance havia chegado ao mercado editorial brasileiro.

forma de contornar esse problema por meio da criação de uma conexão entre a cultura iraquiana e um público mais amplo (Saadawi, 2018b).

O romance narra a história de um número significativo de personagens, cujas vidas se entrelaçam no bairro de *Bataween*, uma localidade na cidade de Bagdá que ainda preserva muito de uma arquitetura tradicional judaico-iraquiana, já que, em períodos anteriores, era conhecido como um bairro que concentrava uma grande quantidade de indivíduos judeus na cidade⁴³. Assim, os principais personagens que são acompanhados ao longo da narrativa são: Hadi al-Attag, um vendedor de sucata que cria o “Frankenstein”, tornando-se seu “pai”; Elishava, uma mulher idosa que perdera o filho, Daniel, durante a Primeira Guerra do Golfo, que ainda acreditava em seu retorno e que passa a acreditar que o “Frankenstein” é seu perdido “Daniel”, tornando-se sua “mãe” ao chamá-lo pelo nome de seu antigo filho; Mahmoud al-Sawadi, um jornalista jovem; e o próprio “Frankenstein”, chamado ao longo da narrativa por uma variedade de nomes, sendo a mais frequente “Qualéonomedisso”⁴⁴. Também, há o personagem “do autor”, em tese aquele que escreveu o livro e que narra, em primeira pessoa, sobre como conseguiu as informações sobre o monstro de uma forma que faz com que seu relato parece não-ficcional.

Frankishtayn fi Baghdad é um romance contado em temporalidade não inteiramente cronológica, com a história avançando e retroagindo de acordo com o personagem que detém o ponto de vista da narrativa naquele momento. Seu formato não ortodoxo foi a principal justificativa dada pelo IPAF para premiar o livro no ano de 2014, construindo uma relação entre a estrutura desconstruída do romance e a maneira como essa escolha poética se relaciona ao fato de que o monstro retratado é uma amalgamação de diferentes indivíduos literalmente costurados juntos (Albazeis *apud* Abrams, 2014). Ademais, o IPAF também destaca a forma como o romance lida com a violência, com um olhar voltado ao Iraque e ao mundo árabe (Albazeis *apud* Abrams, 2014).

Ahmed Saadawi concedeu diversas entrevistas relacionadas à publicação do livro, principalmente depois de sua vitória no IPAF e da tradução do romance para o inglês. Ele falou extensivamente sobre aquilo que o inspirou a escrever *Frankishtayn fi Baghdad*, sobre o papel que ele acreditava que o autor deveria assumir e sobre suas experiências como iraquiano em um país que por anos sofreu com a persistente presença americana em seu território. Saadawi (2018a) descreveu a experiência sórdida e tenebrosa que lhe deu a ideia do romance: no ano de

⁴³ Para um resumo completo e detalhado da obra, recomenda-se a leitura do Apêndice C.

⁴⁴ Na versão do livro lida para a realização desta análise, o personagem é referido majoritariamente como “*Whatisitsname*”. No original, o personagem é chamado de *shesme*, que é a junção das palavras *shinu* (qual) e *ismu* (seu nome) no árabe iraquiano (Saadawi, 2018a).

2006, durante o período em que trabalhava como jornalista para a BBC no mundo árabe, viu um diálogo entre um funcionário de um necrotério local e um homem que perguntava sobre os restos mortais do seu irmão. O funcionário mostrou-lhe um único membro. Quando o homem perguntou onde estava o restante do corpo, o funcionário apenas respondeu que, se ele quisesse, podia selecionar diferentes partes do corpo que estavam ali para que ele pudesse “construir um corpo”, se quisesse (Saadawi, 2018a).

Essa experiência foi resultado da cobertura que o autor havia feito, da invasão estadunidense ao Iraque. Por isso, ele mesmo descreve seu romance como um “manifesto contra guerra”, além de criticar a participação de todos os lados envolvidos na manutenção daquele embate, sejam eles a *al-Qaeda*, as forças militares estadunidenses, os membros corruptos do governo iraquiano (Saadawi, 2018a). O romance tece comentários sobre todas as frentes de poder no Iraque e, além disso, explora questões identitárias de um país que lida com diversos problemas sectários (Saadawi, 2018a).

Segundo o autor, há uma tendência por todos os lados em verem-se sempre como “salvadores”, ao mesmo tempo em que veem os outros contribuintes do conflito como antagonistas. Para ele, não existe essa divisão (Saadawi, 2018a). É por isso que “Qualéonomedisso” é visto por um dos personagens do romance como um “exemplo de um iraquiano perfeito”, já que é construído por diferentes partes de corpos de indivíduos que vêm de diferentes crenças e etnias (Saadawi, 2014). É por isso que ele está fadado a autodestruição, uma vez que esses diferentes grupos veem a si mesmos como virtuosos, enquanto veem os demais como seus inimigos e responsáveis pela devastação do país (Saadawi, 2014). A partir disso, Saadawi (2018a) revela que observa na literatura a importância de explorar diversas questões de maneira profunda e a partir de uma narrativa que impacte o leitor. Para ele, é a comoção que o romance causa que o diferencia do jornalismo, atividade que exerceu por vários anos (Saadawi, 2018a). Além disso, ele frisa a importância de destacar indivíduos “desconhecidos” (Saadawi, 2018a).

Apesar de o autor apenas mencionar a Guerra do Iraque e a presença estadunidense no país como inspirações para seu romance, é impossível não observar *Frankishtayn fi Baghdad* a partir de um prisma que leva em consideração a Primavera Árabe e tudo aquilo que a motivou. El-Ariss (2023) ilumina a hipótese, inclusive, de que o romance busca imaginar um futuro distópico pós-Levante de 2011, em que a violência presente no mundo árabe contemporâneo, somada à falta de um governo estabilizado, possibilita a criação de um monstro que busca “vingar” a população inocente.

Dessa forma, torna-se necessário compreender a possibilidade de interpretação da mensagem que o romance tenta expressar por meio das diferentes ferramentas utilizadas. Considerando-se um dos três níveis da narratologia, segundo Bal (1997), a fábula permite que se compreenda o conjunto de “regras” pelos quais a existência de “Qualéonomedisso” é pautada. A vida do monstro faz clara alusão à persistência de um ciclo de ódio e de violência. Ao ser criado, o ser apenas assassina indivíduos responsáveis pela morte daqueles que compõem seu corpo e sua alma. Ele mata, por exemplo, o principal culpado pela morte de Daniel, pessoa que lhe “concedera” um dos nomes pelos quais é chamado ao longo do enredo (Saadawi, 2018c, p. 53). Assim, no início, o monstro não tem intenções maliciosas, servindo apenas como fonte de “vingança” e “justiça” aos inocentes, que tiveram suas vidas ceifadas, e a suas famílias, que sofrem com sua morte (Saadawi, 2018c, p. 127).

Entretanto, ao passo que o romance vai progredindo, “Qualéonomedisso” percebe que, ao fazer justiça por uma morte (ou depois que um certo tempo transcorre), o membro que pertencia ao vingado se solta de seu corpo, fazendo com que haja necessidade de substituí-lo por outro, que seja novo e funcional (Saadawi, 2018c, p. 153). No romance, a situação do Iraque é tamanha caótica que os seguidores conquistados por “Qualéonomedisso” se tornam incapazes de filtrar quais membros do corpo provêm de vítimas, e quais são de perpetradores (terroristas, bandidos, criminosos), passando a reconstituir o corpo do ser com partes de indivíduos que ele, em tese, deveria eliminar da sociedade iraquiana, pois essa era a sua “missão”, como ele mesmo descreve (Saadawi, 2018c, p. 157-158). Com o passar do tempo e com o aumento do seu desespero por atingir seu objetivo, o próprio “Qualéonomedisso” passa a matar pessoas inocentes, para que possa utilizar seus membros. Isso pode ser observado em diferentes trechos do romance, como quando “Qualéonomedisso” assassina um de seus seguidores, a fim de utilizar seus olhos, ou quando mata o personagem do astrólogo sênior, para que possa pegar as mãos do homem para si (Saadawi, 2018c, p. 161).

Da mesma forma, é possível traçar uma interessante relação entre a progressão do personagem de “Qualéonomedisso” e a progressão dos eventos da Primavera Árabe. O Levante de 2011 envolveu diversos protestos que foram, em sua maioria, pacíficos. Os participantes buscavam “justiça”, estabilidade, democracia e melhores condições de vida. Entretanto, assim como a evolução do ser que aterroriza Bagdá no romance, a Primavera Árabe também se desenvolveu de forma negativa em alguns países. Na Síria, a Guerra Civil iniciou-se ainda no ano de 2011, tendo como consequência a morte de milhares de pessoas, além da destruição de diversas partes do país. O romance de Saadawi (2018c), publicado em 2013, estava ainda sendo produzido nesse período. Essa evolução da Primavera Árabe em guerras civis diversas não era

um objetivo dos manifestantes, da mesma forma que não era um objetivo de “Qualéonomedisso” passar a ferir indivíduos a quem ele deveria proteger. Ademais, os países árabes em que o Levante de 2011 mais tomou força também passaram por um turbulento período de jogos políticos e trocas de liderança, que representaram certa falta de estabilidade interna.

Também, outro tópico diversas vezes mencionado no romance refere-se a questões relacionadas à violência policial e à corrupção de funcionários públicos, que deveriam ter como objetivo a proteção da população. Quando Hadi é interrogado, dada a natureza de sua relação com “Qualéonomedisso”, ele é severamente agredido por parte de policiais que diziam, originalmente, fazerem parte da divisão de segurança que cuidava do trânsito. Esses mesmos indivíduos também lhe roubam dinheiro, objetos e quebram a estátua da Virgem Maria, que ele tinha (Saadawi, 2018c, p. 188-193). Em outro momento, quando o personagem Mahmoud é levado para questionamento por um painel formado por agentes do governo iraquiano e militares americanos, a narrativa relata que houve uma certa surpresa no fato de que não foi utilizada violência para interrogá-lo (Saadawi, 2018c, p. 262). A mesma surpresa também é demonstrada pelo personagem “O autor”. Durante seu primeiro questionamento, foi tratado com cordialidade, porém, ao saber que queriam levá-lo novamente para interrogatório, foge rapidamente do hotel em que estava hospedado, pois sabe que não o tratarão da mesma forma. “O autor” também revela ter usado uma identidade falsa durante seu primeiro contato com seus interrogadores (Saadawi, 2018c, p. 270-271).

Outro tópico presente no romance de Saadawi (2018c) que representou uma variável importante para a Primavera Árabe foi o sectarismo da sociedade. Como já explicado, a questão sectária representou, em alguns países do mundo árabe, uma variável importante durante o Levante de 2011 e seus desdobramentos. Era esperado, a partir do movimento, que questões sectárias fossem resolvidas e que a convivência entre diferentes comunidades da região viesse a ser mais pacífica (Albers; Khalil; Pannewick, 2015). Isso, porém, não ocorreu. Assim, a construção de “Qualéonomedisso” como um monstro feito de diferentes partes da população iraquiana, cujo objetivo de existência era “vingar” e “salvar” essas pessoas das mazelas presentes em seu meio, representa uma esperança por uma realidade melhor, que acaba sendo frustrada em função da ganância e da manutenção de um ciclo constante de violência.

Interessante observar-se também a forma como Saadawi (2018c) apresenta as forças militares americanas ao longo do enredo. Sua presença é sentida nas margens do romance, sempre lá, mas com pouco protagonismo. As forças se evidenciam pelo barulho dos helicópteros estadunidenses, pela patrulha nas ruas durante momentos de calamidade e durante

dois dos três interrogatórios relatados no enredo. A intenção de Saadawi (2018a) era dar destaque aos iraquianos no romance, tornando-os o centro da história. Tal presença é indicativa da constante interferência ocidental no mundo árabe, que, assim como no romance, pode ser observada marginalmente na Primavera Árabe a partir do apoio concedido pelos Estados ocidentais a alguns candidatos à presidência em países que derrubaram seus antigos líderes em função da Primavera Árabe, como já explorado no capítulo anterior.

Em *Frankishtayn fi Baghdad*, é possível observar essa continuidade, uma vez que o romance já havia começado a ser escrito antes da Primavera Árabe, como indicou o autor (Saadawi, 2014). Entretanto, a publicação da obra apenas após o Levante e a prevalência de tópicos relevantes para o movimento ao longo do texto indicam a possibilidade de observar o romance a partir de um prisma que leva a Primavera Árabe em consideração, como previsto pela narratologia (Prince, 1982).

Uma vez explorado o conceito narratológico de fábula (Bal, 1997) nesse romance, retomam-se os outros dois: o texto e a história. O texto é apresentado por um agente neutro, em terceira pessoa, que, no penúltimo capítulo, apresenta-se como “o autor”. “O autor” descreve a forma por meio da qual acessou as informações contidas em seu romance e enfatiza, em seu primeiro interrogatório e diante da possibilidade de ser levado para questionamento uma segunda vez, a confidencialidade das informações que recebeu de, principalmente, duas pessoas: Mahmoud e um indivíduo anônimo chamado de “o segundo assistente”. As escolhas por parte do autor, de enfatizar os elementos místicos do romance e de não ter o narrador negado a existência de “Qualéonomedisso”, apenas instigam o leitor a acreditar, conforme as regras que a narrativa impõe, que realmente existiu um ser em Bagdá cuja criação foi de natureza mística e que tinha uma missão muito específica a cumprir, que fora confiada a ele por Deus. Inclusive, o romance apresenta personagens que não acreditam na sobrenaturalidade de “Qualéonomedisso”, como, por exemplo, o personagem do Brigadeiro Majid, ou no campo de atuação verdadeiro do Departamento de Rastreamento e Perseguição, como Ali al-Saidi. Entretanto, a existência de relatórios governamentais e de personagens que confrontam “Qualéonomedisso” põem essa noção à prova.

Por sua vez, a história é apresentada, como pontuado pelos próprios juizes do IPAF (Albazeis *apud* Abrams, 2014), de forma desencontrada e não linear, refletindo a própria criação e a vida de “Qualéonomedisso”. A decisão de narrar o romance desse jeito não apenas foi inovadora e inteligente, mas também permitiu o desenvolvimento de uma atmosfera rica no romance, caracterizando tanto os personagens que povoam a narrativa quanto o

desmoronamento da instituição estatal e o raciocínio de “Qualéonomedisso”, em uma narrativa que regride e avança temporalmente, de acordo com o ponto de vista de seus personagens.

Frankishtayn fi Baghdad é fiel à ideia de Saadawi (2018c) em relação àquilo que ele acredita ser o objetivo da literatura. O romance se ocupa, em sua maior parte, na exploração da existência de personagens “desconhecidos”, que representariam a massa de pessoas “comuns” que, se fossem indivíduos reais, não teriam importância no quadro geral do Estado iraquiano. Todos os moradores de *Bataween*, região onde o enredo majoritariamente se passa, são pessoas simples e pobres, como o próprio “Qualéonomedisso” menciona (Saadawi, 2018, p. 143). Hadi, por exemplo, é um vendedor de sucata; Elisahva, uma viúva que ainda sofre com a perda do filho.

O trabalho informal de Hadi é um exemplo das milhares de pessoas que, no mundo árabe, viram-se forçadas a ocupar certos tipos de posição no mercado de trabalho em razão da escassez de empregos formais na economia da região. Elishava, por sua vez, representa aqueles que perderam entes queridos, principalmente durante conflitos. É, inclusive, mencionando no romance, quando “Qualéonomedisso” mata o responsável pela morte do filho de Elishava (e de diversas outras vizinhas), que muitas mulheres de *Bataween* sentiram um alívio tremendo ao saber que o barbeiro local, que cooptava jovens para lutar, havia sido assassinado. Aqui também é possível aplicar a observação de Younas (2023, p. 3), que enfatiza o enfoque da literatura pós-Levante de 2011 sobre grupos invisíveis e marginalizados.

Entretanto, pelo fato de o romance desenvolver-se a partir do ponto de vista de diferentes personagens, há exceções a isso, o que já problematizaria uma possível categorização do romance como *iltizam* tradicional. Brigadeiro Majid e Mahmoud são dois personagens que não podem ser considerados como parte dessa massa, uma vez que ambos têm empregos que envolvem um exercício de poder considerável. O Brigadeiro Majid trabalhava para o governo de Saddam Hussein e, depois, conseguiu um emprego no Departamento de Rastreamento e Perseguição. Mahmoud, por sua vez, era jornalista, uma profissão de prestígio.

No que diz respeito às outras duas características básicas de *iltizam*, autor como “voz da autoridade” e “não aparição dos verdadeiros inimigos”, Ahmad Saadawi (2018c), de forma similar a Hoda Barakat (2020), apenas expõe os fatos que compõem a narrativa, sem realmente fazer um julgamento deles. Ele não tenta transmitir a imagem de que é algum tipo de “autoridade” em meio às verdades que apresenta no texto. Ao relatar os “horrores da guerra”, como ele mesmo diz ser a intenção do romance, busca atingir esse objetivo de maneira não condenatória: ele expõe as consequências (as pessoas desaparecidas e mortas, as partes de corpos humanos encontradas nas ruas, o sentimento de abandono e impotência da população),

mas não atrela esses fatos a um valor específico. Depende da análise e da interpretação do leitor julgar tal questão como algo condenatório ou não. O próprio romance apresenta a hipótese da criação e destruição causada por “Qualéonomedele” como um “mal necessário”, um problema que a cidade precisa enfrentar para, enfim, livrar-se das mazelas, por meio das três justificativas dos loucos para a criação do monstro.

Por fim, assumindo-se que o “verdadeiro inimigo” do romance é o conflito, pode-se dizer que *Frankishtayn fi Baghdad* tem uma abordagem parcial em relação a seu inimigo. Como já mencionado, a presença da força militar estadunidense no romance é bastante tangencial, mesmo que constante. Ademais, “Qualéonomedisso” vinga a morte de pessoas comuns por meio do assassinato de outras pessoas comuns, não dos líderes políticos e militares que colocaram aqueles indivíduos na posição em que se mantinham. Além disso, o romance, ao apresentar um ciclo de violência e de ódio em seu enredo, enfatiza a necessidade de responsabilizar um grande número de pessoas pelo que estava acontecendo no país. Aliás, esse é outro ponto em que o romance se aproxima muito da visão de Hoda Barakat, possibilitando que essa visão se relacione à Primavera Árabe por meio do escalonamento do protesto em guerras civis e a partir da noção de que diversos grupos se aproveitaram do evento como forma de obterem espaço e poder.

Em relação a outros elementos que compõem a visão de Younas (2023), *Frankishtayn fi Baghdad* apresenta uma firme crítica ao Estado, tanto ao governo anterior, de Saddam Hussein, quanto ao vigente, durante o período em que o enredo transcorre. Ademais, a inovação narrativa evidente no romance é mais um elemento relevante, já que o Levante de 2011 inspirou novas formas de se apresentar um enredo fictício para a transmissão de mensagens por meio da literatura, como afirma Younas (2023).

Dessa forma, como os outros romances aqui apresentados, *Frankishtayn fi Baghdad* não se enquadra na noção tradicional de *iltizam*, tanto por não seguir seus preceitos básicos à risca, como também por não respeitar a triangulação apresentada por Dimeo (2016), entre compromisso do autor, público leitor e Estado. Nenhuma autoridade política interferiu na publicação de *Frankishtayn fi Baghdad*. Inclusive, o romance foi publicado por uma editora libanesa, e não iraquiana. Entretanto, Ahmad Saadawi é, claramente, um autor politicamente engajado e capaz de atingir o público leitor, uma vez que seu romance se utiliza de uma linguagem que mistura o árabe clássico com o árabe iraquiano, preenchido por gírias locais (Saadawi, 2014, 2018a, 2018c).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação, que agora se conclui, teve por objetivo averiguar a extensa e imponente relação existente entre a literatura árabe e a política regional, propondo para isso um estudo de caso que visava identificar em romances que venceram o IPAF a partir de 2013 a presença de temas que ou foram presentes durante a Primavera Árabe ou foram claramente considerados como desdobramentos do mesmo fenômeno, na literatura árabe. Para isso, ela explorou, ao longo de três capítulos, questões pertinentes ao desenvolvimento do romance árabe, à presença de temáticas políticas na literatura árabe, à filosofia do existencialismo árabe e do seu fruto, o *iltizam* e a *al-adab al-multazim*, ao Levante de 2011 e à forma a qual diferentes produções culturais tomaram espaço e criaram raízes durante esse momento tão emblemático na história árabe contemporânea para, ao final, explorar na amostra de romances selecionada, três vencedores do *International Prize for Arabic Fiction*, a presença de temas ou de desdobramentos da Primavera Árabe.

Esse esforço foi realizado com o objetivo de responder a seguinte pergunta de pesquisa: **de que forma a Primavera Árabe influenciou as obras vencedoras do International Prize for Arabic Fiction e por que isso é relevante para as Relações Internacionais?** A partir desses questionamentos, se construiu a hipótese de que, **com base no conhecimento de que a literatura árabe historicamente tem por característica expressar questões políticas em seu cerne, como é possível observar no fenômeno do *iltizam* e da *al-adab al-multazim*, pode-se dizer que o levante árabe de 2011 influenciou as obras vencedoras do International Prize for Arabic Fiction através da incorporação nas narrativas de questões que foram presentes durante e após o Levante de 2011, tais como a brutalidade das forças policiais contra a população, o empoderamento de grupos islamistas, guerras civis, crises migratórias e o impacto direto que esses acontecimentos tiveram sobre as populações árabes.**

Como foi demonstrado ao longo desta pesquisa, efetivamente existe uma relação entre a literatura árabe e os diferentes acontecimentos de caráter sóciopolítico ocorridos no mundo árabe. Pode-se dizer que até mesmo o surgimento do gênero narrativo do romance foi uma consequência de questões sociopolíticas, uma vez que o desenvolvimento do romance no mundo árabe no modelo em que se conhece foi uma consequência da *nahda*, o renascimento cultural árabe, cujo acontecimento se deu muito em decorrência do contato tido entre os países do mundo árabe com as forças coloniais do ocidente a partir do final do século XVIII (Allen, 1982).

Levou quase um século para o amadurecimento da *nahda*. Porém, quando ele ocorreu, promoveu um abalamento significativo nas estruturas do mundo árabe, possibilitando o início de uma produção cultural expressiva e o começo de gerações de acadêmicos e homens de letras que passavam a explorar modelos e sistemas europeus de ciência e filosofia, se afastando de uma academia focada no estudo exclusivo de preceitos islâmicos e se aproximando de um secularismo (al-Raziq, 1922; Allen, 1982; Hafez, 2001; al-Musawi, 2012; Di-Capua, 2015; Dimeo, 2016). Com isso, teve origem a primeira geração de acadêmicos pós-*nahda*, onde vários de seus maiores nomes eram egípcios de nascença. Essa geração escreveu e produziu obras que criticavam questões pertinentes à sua época, iluminando problemas sociais encontrados na região e dando início a esse padrão nos romances produzidos na região. A primeira obra de literatura árabe estruturada verdadeiramente como um romance foi publicada neste contexto. *Zaynab*, publicada em 1911, refletia questões pertinentes à sociedade árabe do início do século XX (Allen, 1982).

Apesar de sua grande capacidade intelectual, a primeira geração pós-*nahda* eventualmente perdeu sua supremacia (Allen, 1982; Di-Capua, 2018a). Essa geração chegou ao fim muito devido ao fortalecimento do Pan-arabismo e de ideias pós-coloniais, aliado à resistência desses pensadores e autores em abandonar as raízes científicas e filosóficas que absorveram da Europa (Di-Capua, 2018a). Eles deram espaço a uma nova geração de pensadores, que por sua vez também absorveram uma filosofia europeia, o existencialismo, mas foram bem-sucedidos em transformar isso em um pensamento próprio, evoluindo essa concepção e a territorializando ao adaptá-la a realidade árabe (Klemm, 2000; Dimeo, 2016; Di-Capua, 2018b).

O existencialismo árabe se estruturou como um movimento político e cultural que visava encontrar o que fazia da comunidade árabe um grupo autêntico, com suas próprias características e predeterminações. A filosofia tinha como objetivo, também, contribuir com a criação do indivíduo árabe pós-colonial, que em tese seria independente, autoconfiante e politicamente ativo, para citar algumas de suas características (Di-capua, 2012, 2018b; Dimeo, 2016). Dentro desse novo pensamento nasceu o *iltizam*, que defendia a importância da relação entre autores e a sociedade em que estavam inseridos, se inspirando pesadamente nos escritos do filósofo francês Jean Paul Sartre. Tal filosofia, para os existencialistas árabes, seria fundamental para construir esse novo indivíduo árabe moderno. É por isso que teve origem a *al-adab al-multazim*, ou literatura comprometida, que eram romances publicados com a intenção de transmitir uma mensagem que podia ser considerada como socialmente engajada

para uma maior quantidade de pessoas de diferentes camadas da sociedade árabe (Klemm, 2000; Dimeo, 2016; Di-capua, 2018b).

O *iltizam* e a *al-adab al-multazim* representaram o ápice da instituição de uma “obrigatoriedade”, por parte daqueles que acreditavam nessa filosofia, de que a literatura precisava ser responsável em transmitir uma mensagem socialmente perspicaz e zelosa, que se atentava aos principais problemas enfrentados pela comunidade árabe, que passava agora a lidar com a perspectiva de liberdade das forças coloniais e, por consequência, precisava aprender sobre a realidade de sua natureza pós-colonial (Klemm, 2000; Dimeo, 2016; Di-capua, 2018b). Havia quase uma cartilha que ditava o que dizia a filosofia do *iltizam* e o que fazia um romance ser parte da *al-adab al-multazim*, e diversos autores e pensadores árabes estavam dispostos a seguir isso, se significava contribuir para a construção de uma conjuntura árabe pós-colonial melhor e com um desenvolvimento positivo (Klemm, 2000; Dimeo, 2016). Entretanto, a Guerra de 1967 e o fim, pelo menos em termos tradicionais, do Pan-arabismo como ideologia esposada publicamente por lideranças políticas geraram também o enfraquecimento da filosofia do *iltizam*, que em muito se baseava na ideia de um futuro idealista e brilhante para o mundo árabe (Klemm, 2000; Di-capua, 2018b). O *iltizam* caiu no esquecimento, e o existencialismo árabe, que foi por anos uma bandeira de esperança para a intelectualidade árabe entre as décadas de 1940 a 1960, tornou-se uma passagem desconsiderada na história da filosofia árabe pós-colonial (Klemm, 2000; Dimeo, 2016; Di-capua, 2012, 2018b).

Mas o fim do *iltizam* não significou que a literatura árabe deixou de representar os percalços sofridos pelas sociedades árabes. Nos anos seguintes, eventos importantes que estremeciam a região do mundo árabe seguiram sendo utilizados como pano de fundo para a literatura da região, com por exemplo o impacto das reformas econômicas financiadas pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional, iniciadas ao final da década de 1970, bem como os diferentes conflitos e problemas sociais enfrentados pela sociedade árabe. Tais questões seguiram influenciando a produção de romances, sendo mencionadas em diferentes obras produzidas por autores dos mais variados países árabes.

Klemm (2000) relembra que, ao longo das décadas, *iltizam* foi definido de diversas maneiras. Até a década de 1970, quando o movimento já havia sido abandonado, mas ainda não esquecido, ainda se utilizava o termo *iltizam* para representar a responsabilidade do autor, mesmo que ele tenha sido esvaziado das regras que o autor e a obra precisavam seguir para serem considerados como parte do movimento (Klemm, 2000). A partir disso, nada impede que o conceito seja revitalizado em algum momento. Dessa forma,

[...] as can be seen in the case of the literature of the October War, as well as the literature of resistance in the Occupied Territories, *iltizam* in its unbroken revolutionary sense can be re-awoken. If the step to divorce literature from actual politics is not—or cannot—be taken, *iltizam* is given whatever definition may suit the prevailing political endeavours¹ (Klemm, 2000, p. 58).

A filosofia do *iltizam*, ainda que não seja mais viável em seu sentido tradicional, dada a conjuntura da região que impossibilita o seguimento das diretrizes originalmente apresentadas, seguiu existindo, quando se leva em consideração o seu princípio de que os romances precisam ser politicamente conscientes e engajados. Ao mesmo tempo em que muitos dos romances publicados a partir da década de 1970 caçavam do otimismo de contribuir para a construção do indivíduo árabe moderno e pós-colonial (Klemm, 2000; Mostafa, 2009; Guth, 2015; Halabi, 2015; Mejcher-Atassi, 2015; Dimeo, 2016; Parr, 2018), durante essa mesma época a frustração social passou a fazer parte dos temas cobertos por esses autores. Também, diferentes acontecimentos no mundo árabe, tanto aqueles concretos (como guerras) quanto conceitos mais abstratos (como relações individuais de migração), eram transformados em contextos para a literatura – tanto romance quanto poesia (Mostafa, 2009; Parr, 2018). Esse fenômeno foi observado por diferentes autores, como Allen (2001), al-Musawi (2012), Moore (2018) e Cooke (2020), que insistem na manutenção de um estado de pós-colonialidade perene no mundo árabe e que acreditam na persistência da pós-colonialidade de sua literatura.

Assim, fica evidente a longa relação existente entre literatura e política no mundo árabe, uma vez que é possível observar todos os grandes acontecimentos em sua história moderna e contemporânea através de sua literatura. A Primavera Árabe foi o último grande evento regional que englobou praticamente todos os Estados Árabes, em maior ou menor grau. Tendo iniciado em dezembro de 2010, com a autoimolação de Mohamed Bouazizi, escalonou para um movimento que contou com meses de protestos nas ruas de algumas das principais cidades árabes, com a mobilização de milhões de pessoas e com a queda de quatro líderes árabes que se encontravam no poder há décadas (Lynch, 2012; Charrad; Reith, 2016; Sadiki, 2016; Bayat, 2017). Tendo tomado proporções nunca antes vistas na região (e nem no restante do mundo), sua importância é incalculável. Nos últimos anos, têm sido feitas diversas pesquisas que tentam compreender o que foi, de fato, esse evento, como assumiu tamanhas dimensões e o que o motivou verdadeiramente. Vários autores discordam entre si no que diz respeito às respostas a essas perguntas, uma vez que cada pesquisador adiciona pesos diferentes às variáveis presentes

¹ “[...] como pode ser visto no caso da literatura da Guerra de Outubro, bem como na literatura de resistência nos Territórios Ocupados, o *iltizam* no seu sentido revolucionário ininterrupto pode ser despertado novamente. Se o passo para divorciar a literatura da política real não for — ou não puder — ser dado, ao *iltizam* será dada qualquer definição que possa se adequar aos esforços políticos prevalecentes” (tradução própria).

na Primavera Árabe. Por isso, apesar de todos os argumentos presentes nessa dissertação serem de consciência e concordância de sua autora, certamente não representam uma resposta definitiva a essas questões latentes e ainda deixadas em aberto.

Era de se esperar, dessa forma, que a Primavera Árabe, assim como todos os grandes eventos que a antecederam, também impactaria a literatura árabe contemporânea publicada posteriormente a ela. A literatura árabe, também, enfrenta um longo processo de aceitação no ocidente, que por décadas viu essa região do mundo como povoada por grupos violentos e extremistas incapazes de sentimentos humanizadores, o que impediu a tradução e a circulação de muitas dessas obras por muito tempo (Muharram, 2012). Muito com base nisso que, desde meados da década de 1990, tem sido feito um esforço maior no que tange aumentar a acessibilidade de romances árabes escritos em seu idioma original. Ademais, também se prova necessário um empenho maior em conseguir se incluir a literatura árabe escrita em árabe no cânone de uma literatura pós-colonial mundial. Inclusive, um dos livros que realizam uma pesquisa mais extensiva de uma literatura pós-colonial árabe foca apenas em romances publicados no idioma em inglês (Younas, 2023), desconsiderando obras escritas em árabe e traduzidas posteriormente.

Em meio a esse contexto nasce o *International Prize for Arabic Fiction* (IPAF), que tem como objetivo premiar o melhor romance árabe publicado em uma determinada janela de tempo com um prêmio em dinheiro, além do custeamento de tradução dessa obra ao inglês, fato que visa facilitar a circulação dos romances árabes contemporâneos escritos por autores que escrevem em árabe. O próprio IPAF admite que esse é uma das principais motivações para a sua existência (Translations...[2024?]). Dessa forma, baseando-se nas regras de seleção do vencedor e levando em consideração a necessidade de um breve distanciamento entre a Primavera Árabe e a escolha de um vencedor, para que se pudesse ver um impacto relativo do movimento na literatura, passou a se observar os vencedores a partir do ano de 2013.

Foram lidos um total de cinco romances. Foram identificados em três obras, *Barīd al-Layl*, *al-Talyānī* e *Frankishtayn fi Baghdad*, similaridades entre questões relacionadas à Primavera Árabe e suas narrativas. Em duas delas, *Barīd al-Layl* e *al-Talyānī*, os próprios autores admitiram se sentirem influenciados pelos acontecimentos da Primavera Árabe para escreverem seus romances (Mabkhout, 2015a; 2015b; Barakat, 2021). Hoda Barakat (2021) explicitou que o fato que une os diferentes protagonistas de seu romance são consequências do Levante de 2011, uma vez que todos eles saíram de seu país de origem durante e em decorrência do que havia acontecido na região, durante os protestos, mas principalmente depois, fazendo assim menção às guerras civis iniciadas por causa dos eventos da Primavera Árabe.

Shukri Mabkhout, por sua vez, declarou se sentir particularmente preocupado com a ascensão de grupos políticos islamistas à esfera político-partidária tunisiana, além de mencionar ter observado a repetição do ciclo caótico que se iniciou no seu país na década de 1980 (Mabkhout, 2015a; 2015b). Por isso, a questão dos grupos islamistas foi um tema proeminente em seu romance, bem como os problemas econômicos enfrentados pela população da Tunísia. Ahmad Saadawi foge um pouco desse retrato. Ao analisar-se sua obra, pode-se observar fragmentos da vida árabe que denunciam as mazelas da realidade árabe anteriormente ao Levante de 2011. Também, com o “ciclo do ódio e da violência”, demonstrado pelo autor através da constante necessidade de “Qualéonomedisso” de repor as partes de seu corpo, o autor demonstra como ocorreu a apropriação do Levante de 2011 por grupos bem organizados, que viram durante a Primavera Árabe uma oportunidade ímpar para ganharem poder e assumirem o controle.

Com esses fatores rerepresentados, essa dissertação agora irá responder de sua pergunta de pesquisa: **de que forma a Primavera Árabe influenciou as obras vencedoras do International Prize for Arabic Fiction e por que isso é relevante para as Relações Internacionais?** Respondendo a primeira metade da pergunta, a Primavera Árabe influenciou as obras vencedoras do *International Prize for Arabic Fiction* principalmente no que diz respeito à transformação de eventos e fenômenos que foram observados nos países árabes após o ápice do movimento em contextualização para os romances.

A autora de *Barīd al-Layl* se inspira nas questões migratórias e na crise fruto da Primavera Árabe. O autor de *al-Talyānī*, nas vitórias eleitorais por partidos políticos que tiveram sua criação autorizada em virtude da Primavera Árabe, mas que já existiam como organizações sociais de caráter islâmico há muitas décadas. Por fim, o autor de *Frankishtayn fi Baghdad* é o único dessa seleção que não fez nenhuma declaração onde ele menciona ter sido inspirado pelo Levante de 2011 para escrever sua obra, tendo ele feito algumas menções à Guerra do Iraque ao invés da Primavera Árabe. Porém, os paralelos que podem ser traçados entre sua obra de fantasia urbana e a Primavera Árabe são visíveis, tendo sido notados também por el-Ariss (2023).

Agora parte-se para responder a segunda metade da pergunta, referente ao porque de a forma que a Primavera Árabe é representada em obras vencedoras do IPAF ser um fato importante para as Relações Internacionais. Desde sua concepção como disciplina, nas primeiras décadas do século XX, as Relações Internacionais focam, em grande medida, no Estado e na forma a qual essa instituição se insere no mundo. Conflitos (armados ou não), problemas econômicos, organizações internacionais, entre outros, são alguns dos principais

tópicos discutidos e observados dentro dos círculos que exploram essa disciplina. Entretanto, apesar de ser uma ciência de escopo amplo, seu foco no Estado acaba por limitar a exploração de questões que também são pertinentes para a compreensão do desenvolvimento do Estado, mas que, por serem de teor mais abstrato, são por muito ignoradas dentro da academia. A cultura, em especial as diferentes produções culturais, definitivamente fazem parte desse recorte de temas ignorados.

Existem, porém, abordagens dentro das Relações Internacionais que possuem uma visão menos rígida dessa relação entre a disciplina e sua necessidade de estudar diretamente o Estado. A maioria delas teve seu advento e seu desenvolvimento a partir da década de 1980, no marco teórico que ficou conhecido dentro da disciplina como Terceiro (ou, às vezes, Quarto) Grande Debate (Lapid, 1989). Dentre as diversas teorias que foram inseridas e adaptadas para dentro das Relações Internacionais, a que mais se destaca para essa dissertação é a do pós-colonialismo. O pós-colonialismo tem um entendimento particularmente legitimizador de diferentes expressões culturais como objetos de estudo válidos e que buscam contribuir para o entendimento de um povo e de uma cultura (Krishna, 2013; Boehmer, 2005).

Esses grupos, com suas diferentes expressões culturais, impactam o Estado que vivem, fazendo com que esse tipo de pesquisa tenha sua validade. Também, entende-se no pós-colonialismo que produções culturais, principalmente a literatura, foram amplamente utilizadas como forma desses indivíduos de encontrarem sua identidade e autenticidade, se firmando e se afirmando em uma realidade onde agora não são mais controlados por uma força política colonial (Ashcroft; Griffiths; Tiffin, 2002), sendo possível ser observado empiricamente que a arte é uma válvula de escape para suas frustrações e problemas. Isso permite que pessoas de outras regiões do mundo consigam aprender mais sobre as regiões que sofreram com o pós-colonialismo através de vozes autênticas oriundas dessa região. Dessa forma, se olharmos para a pesquisa apresentada aqui sob um ponto de vista apenas teórico e epistemológico, essa dissertação serve o objetivo de propor análises holísticas e não-ortodoxas às Relações Internacionais. Por isso, ela visa ampliar o campo, afastando-o de uma análise cristalizada do Estado e aproximando-o de uma visão política integrativa, que entende o impacto que peculiaridades culturais tem para a construção de um povo e de sua nação e assimila a importância que o estudo cultural tem. Porém, não é apenas nisso que essa pesquisa é relevante às Relações Internacionais.

Ao se aplicar essa noção cultural à área, uma nova faceta do campo se abre, permitindo que análises culturais complexas possam ser feitas ao se apoiarem em alguns dos preceitos básicos das Relações Internacionais, ampliando o escopo do entendimento sociocultural de

diversas partes do mundo. O esforço feito nessa dissertação foi o de aplicar essa lógica à cultura árabe, logo, foram constatados apontamentos referentes a ela. Entendeu-se que o mundo árabe preza por suas expressões culturais, principalmente sua literatura, desde o século V, e que essa é uma tendência que se repete há mais de um milênio.

Dessa forma, deveria ser entendido como uma questão essencial entender, no mínimo, preceitos básicos da literatura árabe, para que seja possível se ter uma compreensão integral da região, da sua história e dos indivíduos que partilham dessa cultura. Reconhecer a forma em que os povos árabes expressam seus anseios sociopolíticos através da literatura representa uma grande contribuição para as Relações Internacionais, uma vez que, ao se ter noção desse fato, se torna possível compreender a forma a qual esse grupo se vê no mundo, bem como entender sua relação com as demais regiões do planeta. É importante identificar como a produção cultural árabe é essencial para a sua identidade sociocultural.

Ademais, como já mencionado e explorado exaustivamente, a Primavera Árabe foi um acontecimento que ainda se tenta compreender e que foi muito marcante na história do século XXI. Estudar a literatura produzida a partir dela, principalmente os romances (dada sua natureza mais extensa e descritiva), permite encarar o fenômeno por outros ângulos, aproximando o leitor e o pesquisador dessas obras das angústias e sentimentos que são essenciais para compreender o que fez da Primavera Árabe um evento tão grande e significativo. Assim, dentro das Relações Internacionais, partindo-se do que se concluiu sobre a literatura árabe, examinar a literatura através de suas lentes é, também, examinar esse fenômeno por meio da voz ativa daqueles que comungam daquela cultura e que observaram em primeira mão os desdobramentos do Levante de 2011. Os autores são, afinal, indivíduos que compartilham parte das observações que fizeram a partir da sua vivência e do impacto que o fenômeno teve em seus países de origem.

Com isso, agora volta-se à hipótese. Essa dissertação trabalhou com a seguinte hipótese: **com base no conhecimento de que a literatura árabe historicamente tem por característica expressar questões políticas em seu cerne, como é possível observar no fenômeno do *iltizam* e da *al-adab al-multazim*, pode-se dizer que o levante árabe de 2011 influenciou as obras vencedoras do International Prize for Arabic Fiction através da incorporação nas narrativas de questões que foram presentes durante e após o Levante de 2011, tais como a brutalidade das forças policiais contra a população, o empoderamento de grupos islamistas, guerras civis, crises migratórias e o impacto direto que esses acontecimentos tiveram sobre as populações árabes.**

Após a análise realizada, é possível observar que a hipótese de fato é corroborada. A literatura árabe historicamente possui uma relação muito próxima com a expressão de questões políticas na região. Essa conexão é forte a ponto de ela ter sido conceptualizada e institucionalizada por meio do *iltizam* e da *al-adab al-multazim*, nas décadas de 1940 e, principalmente, 1950. Essa tendência não se enfraqueceu com a perda de relevância do *iltizam* a partir do final dos anos de 1960; ela apenas se transformou, com os autores se utilizando de alguns das demandas do *iltizam* como forma de caçoar e implicar com os padrões idealizados das décadas anteriores. Mas a literatura não deixou de ser comprometida com questões sociopolíticas em momento nenhum. Ela adaptou-se aos novos tempos e contextos, preocupada em expor os acontecimentos no mundo árabe e em denunciar seus problemas sociopolíticos. Isso é observado na forma em que Hoda Barakat se utiliza das questões migratórias e do contexto das guerras civis para contextualizar o seu romance, em como Shukri Mabkhout se preocupa com a ascensão dos grupos islamistas ou faz menções à violência policial e em como Ahmad Saadawi critica essa mesma brutalidade policial e ilustra o ciclo de uma apropriação de boas causas por grupos poderosos através do seu ciclo do ódio, onde seu “Frankenstein” precisa continuar matando para se manter vivo.

Há algumas opções quanto as diferentes formas que essa pesquisa pode se expandir e se aprimorar. Primeiramente, é possível realizar essa mesma análise com diferentes amostras, em uma tentativa de se observar se há, também, esse aparecimento de questões remententes à Primavera Árabe em seus textos. É possível fazer o recorte de outras premiações existentes no mundo árabe, como, por exemplo, a Medália Naguib Mahfouz de Literatura, que no caso dessa dissertação foi descartada em função de o prêmio ter se tornado bianual a partir de 2017 e pelo fato de a publicação dos romances vencedores ser feita pela própria editora que concede a láurea à obra, não significando, necessariamente, a existência de um real interesse de sua publicação por editoras internacionais e, por consequência, uma maior circulação dessas obras. Também, seria interessante realizar essa mesma análise com obras *best-sellers* no mundo árabe, para observar o que é dito sobre a Primavera Árabe em romances de grande circulação na região, tarefa que possivelmente geraria resultados interessantes, mas difícil de aplicar nessa dissertação uma vez que sua autora não fala o idioma árabe. Também, essa mesma pesquisa pode ser repetida, com algumas perdas, focando sua análise em um único país, preferencialmente aqueles em que o Levante de 2011 tomou maiores proporções, com a intenção de observar a retórica sobre os acontecimentos da Primavera Árabe em um único país. Por fim, ainda se pensando na realização de um estudo de caso de teor similar, pode-se pensar em examinar outros grandes eventos sociopolíticos do mundo árabe através de uma análise

literária, como os Protestos do Pão tunisianos, a Guerra Civil Libanesa e a Guerra do Iraque de 2003, apenas para mencionar alguns dos acontecimentos citados nessa dissertação.

Fora do escopo de um estudo de caso e pensando a partir de um ponto de vista mais abrangente, essa dissertação representou um esforço em retomar o debate sobre o existencialismo árabe e o *iltizam*, além de introduzir estes tópicos na academia brasileira. Frente a isso, uma grande variedade de assuntos pode surgir. É possível se pensar em uma comparação entre filosofias existencialistas árabe e latina, e na forma que elas influenciaram o desenvolvimento da região durante as décadas de 1940 e 1950. Também, pode-se desenvolver uma pesquisa que envolva indagar se, no mundo árabe existe o desenvolvimento recente de alguma filosofia que se espelhe no existencialismo árabe. Ademais, há também a prospecção de se fazer uma comparação entre a visão existencialista pós-colonial e a questão islamista, que foi, em termos, o movimento sociopolítico de grande impacto que substituiu o existencialismo a partir da década de 1970.

No que tange a literatura, a partir da crítica feita por Muharram (2012) referente à tendenciosa exclusão da literatura árabe escrita em árabe do cânone da literatura pós-colonial, é possível focalizar nas características mais pós-coloniais dessas obras, buscando atestar favoravelmente à inclusão da literatura árabe dentro dessa definição. Também, a partir da contextualização introduzida nessa pesquisa sobre a importância da arte da tradução, é possível se realizar uma nova pesquisa referente a aceitação de obras traduzidas diretamente do árabe por leitores ocidentais e brasileiros, visando questionar se a literatura potencialmente altera a percepção desses leitores do mundo árabe, seu povo e sua cultura.

Inserido nas Relações Internacionais, se faz necessário indicar e apontar a importância desse tipo de pesquisa não-ortodoxa, uma vez que ela perturba as raízes estadocêntricas e ocidentais da disciplina. Essa dissertação buscou contribuir para os debates que questionam essas origens, e aponta para a necessidade de uma expansão, dentro do campo, que se force a reconhecer as formas pelas quais os países que sofreram com a colonização conseguem expressar seus desejos e suas inquietações como objetos de estudo válidos. Estudar sobre variáveis culturais também deve ser considerado uma questão estratégica, uma vez que tais observações são fundamentais para que se possa verdadeiramente entender um povo, e, a partir disso, as nações e países que ele faz parte.

REFERÊNCIAS

- 2022 INTERNATIONAL Prize for Arabic Fiction announces longlist and judges. **International Prize for Arabic Fiction**, Abu Dhabi, 26 jan. 2022. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/node/1926> . Acesso em: 16 fev. 2024.
- ABOUBAKR, Randa. The Egyptian Colloquial Poet as Popular Intellectual: A Differentiated Manifestation of Commitment. *In*: PANNEWICK, Friederike; KHALIL, Georges; ALBERS, Yvonne. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the Political in Arabic Literature since the 1940s**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015. p. 29 – 44.
- ABOUL-ELA, Hosam. Challenging the Embargo: Arabic Literature in the US Market. **Middle East Report**, n. 219, p. 42 – 44, jun. – ago. 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1559255?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- ABOUT the prize. **International Prize for Arabic Fiction**, Abu Dhabi, [2024?]. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/about-the-prize>. Acesso em: 1 jan. 2024.
- ABRAMS, Dennis. “Frankenstein in Baghdad” Wins the 2014 International Prize for Arabic Literature. **Publishing Perspectives**, New York, 30 abr. 2014. Disponível em: <https://publishingperspectives.com/2014/04/frankenstein-in-baghdad-wins-the-2014-arabic-booker-prize/#:~:text=Frankenstein%20in%20Baghdad%20by%20Ahmed,a%20ceremony%20in%20Abu%20Dhabi>. Acesso em: 9 mar. 2024.
- ABU Saleem massacre, largest mass-killing operation in Libyan prison. **The Libya Observer**, Tripoli, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://libyaobserver.ly/news/abu-saleem-massacre-largest-mass-killing-operation-libyan-prison>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- ABU-LUGHOD. Ibrahim. **Arab rediscovery of Europe: a study in cultural encounters**. Princeton: Princeton University Press, 1963.
- ABU-REMAILEH, Refqa. The Afterlife of Iltizam: Emile Habibi through a Kanafaniesque Lens of resistance literature. *In*: ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges; PANNEWICK, Friederike. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the political in Arabic literature since the 1940’s**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 171 - 184.
- ACHCAR, Gilbert. **The people want: a radical exploration of the Arab Uprising**. Traduzido do francês por G. M. Goshgarian. Berkeley: University of California Press, 2013. Disponível em: <https://saqibooks.com/books/saqi/the-people-want/>. Acesso em: 27 out. 2023.
- ADAY, SEAN; FARRELL, Henry; FREELON, Deen; LYNCH, Marc; SIDES, Jonh; DEWAR, Michael. Watching From Afar: Media Consumption Patterns Around the Arab Spring. **American Behavioral Scientist**, [s.l.], v. 57, n. 7, p. 899–919, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00027642134793>. Acesso em: 31 out. 2023.
- AHMED, Manzooruddin. Umma: the idea of a universal community. **Islamic Studies**, Islamabad, v. 14, n. 1, p. 27-54, Mar./Jun. 1975. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20846935>. Acesso em: 29 nov. 2023.

ALACA, Mehmet. The Never-Ending “Arab Spring” of Iraq. **Center for Middle Eastern Studies (ORSAM)**, Ankara, 12 de fev. 2021. Disponível em: <https://www.orsam.org.tr/en/the-never-ending-arab-spring-of-iraq/>. Acesso em: 1 nov. 2023.

AL-AREQI, Rashad Mohammed Moqbel. Arab Spring in Arabic fiction and paradise lost. **International Journal of English and Literature**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 27–38, abr. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342880978_ARAB_SPRING_IN_ARABIC_FICTION_AND_PARADISE_LOST. Acesso em: 25 nov. 2023.

ALAWIS. *In*: MINORITY rights group international. 2018. Disponível em: <https://minorityrights.org/minorities/alawis/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges; PANNEWICK, Friederike. Introduction: Tracks and Traces of Literary Commitment—On Iltizām as an Ongoing Intellectual Project. *In*: PANNEWICK, Friederike; KHALIL, Georges; ALBERS, Yvonne. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the Political in Arabic Literature since the 1940s**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 9 – 25.

ALEM, Raja. Arabic Booker has done its job, says 2011 winner Raja Alem. [Entrevista concedida a] Ben East. *The National*, [Abu Dhabi], 25 out. 2011a. Disponível em: <https://www.thenationalnews.com/arts/arabic-booker-has-done-its-job-says-2011-winner-raja-alem-1.479517>. Acesso em: 31 jan. 2024.

ALEM, Raja. Home and belonging: Interview with Raja Alem. [Entrevista concedida a] Sheyma Buali. **Arab News**, [Jeddah], 10 out. 2011b. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/387237>. Acesso em: 31 jan. 2024.

ALESSANDRINI, Anthony. Non-Negotiable. **Jadaliyya**, Egito, 8 fev. 2011. Disponível em: <https://www.jadaliyya.com/Details/23672>. Acesso em: 28 mar. 2024.

ALEXANDER, Christopher. Opportunities, Organizations, and Ideas: Islamists and Workers in Tunisia and Algeria. **International Journal of Middle East Studies**, [s.l.], v. 32, n. 4, p. 465-490, nov. 2000. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/259421>. Acesso em: 29 fev. 2024.

AL-JAFFAL, Omar. 'Frankenstein in Baghdad' to come to life in film. **Al-Monitor**, Bagdá, 4 ago. 2017. Disponível em: <https://www.al-monitor.com/originals/2017/08/frankenstein-in-baghdad-made-to-movie.html#ixzz8TdjEpO>. Acesso em: 05 mar. 2024.

ALL Nobel Prizes in Literature. **The Nobel Prize**, [Estocolmo, 2023?]. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/lists/all-nobel-prizes-in-literature/1989-1980/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

ALLANI, Alaya. The Islamists in Tunisia between confrontation and participation: 1980–2008. **Journal of North African Studies**, United Kingdom, v. 14, n. 2, p. 257 – 272, 05 jun. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13629380902727510>. Acesso em: 29 fev. 2024.

ALLEN, Roger. **An Introduction to Arabic Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

ALLEN, Roger. Literary History and the Arabic Novel. **World Literature Today**, Norman, v. 75, n. 2, p. 205 – 213, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/40156519>. Acesso em: 10 ago. 2023.

ALLEN, Roger. **The Arabic Novel: An Historical and Critical Introduction**. Manchester: University of Manchester Press, 1982.

ALLEN, Roger; RICHARDS, D. S. **Arabic literature in the Post-Classical Period**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

AL-MADHOUN, Rabai. **Fractured Destinies**. Tradução do árabe por Paul Starkey. Cairo/New York: Hoope, 2018.

AL-MOUSAWI, Nahrain. Literature after the Arab Spring. *In*: MIDDLE East Institute. Washington D.C., 5 fev. 2016. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/literature-after-arab-spring>. Acesso em: 27 nov. 2023.

AL-MUSAWI, Muhsin Jassim. Postcolonialism and Arab literature. *In*: QUAYSON, Ato (ed.). **The Cambridge History of Postcolonial literature**. Vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

AL-MUSAWI, Muhsin Jassim. **The Postcolonial Arabic Novel: Debating Ambivalence**. Leiden: Brill, 2003.

AL-RAZIQ, M. H. Abd'. Arabic Literature Since the Beginning of the Nineteenth Century. **Bulletin of the School of Oriental Studies, University of London**, Cambridge, v. 2, n. 2, p. 249 – 265, 1922. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/607761>. Acesso em: 10 jun. 2023.

AL-SALEH, Asaad. Introduction. *In*: AL-SALEH, Asaad (ed.). **Voices of the Arab Spring: personal stories from the Arab revolutions**. New York: Columbia University Press, 2015.

ALSANOUSI, Saud. Book **Club author interview**: Saud Alsanousi discusses his controversial novel *The Bamboo Stalk*. [Entrevista concedida a Robin Yassin Kassab]. **The National**, Abu Dhabi, 14 out. 2015. Disponível em: <https://www.thenationalnews.com/arts/book-club-author-interview-saud-alsanousi-discusses-his-controversial-novel-the-bamboo-stalk-1.48912>. Acesso em: 17 jan. 2024.

ALSANOUSI, Saud. **The Bamboo Stalk**. Tradução do árabe por Jonathan Wright. London: Bloomsbury, 2016.

ALSHAER, Atef. Poetry and the Arab Spring: A historical perspective. *In*: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring: rethinking democratization**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 392 – 407.

AL-SISSI é reeleito presidente do Egito. **G1**, [São Paulo], 2 abr. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/al-sissi-e-reeleito-presidente-do-egito.ghml>. Acesso em: 19 out. 2023.

ALWAN, Mohammed Hassan. **Ibn Arabi's Small Death**. Tradução do árabe por William M. Hutchins. Austin: Center for Middle Eastern Studies at the University of Austin Texas, 2022.

ALWAN, Mohammed Hassan. Ipaf winner Mohammed Hasan Alwan's A Small Death set to be a life-changer. [Entrevista concedida a] Saeed Saeed. **The National**, [Abu Dhabi], 25 abr., 2017. Disponível em: <https://www.thenationalnews.com/arts/ipaf-winner-mohammed-hasan-alwans-a-small-death-set-to-be-a-life-changer-1.69985>. Acesso em: 16 jan. 2024.

ALWAN, Mohammed Hassan; HUTCHINS, William M. The National Book Award Interviews: Mohammed Hasan Alwan & William M. Hutchins. [Entrevista concedida ao] **The National Book Awards. Words Without Borders**, [S.l.], 4 out. 2022. Disponível em: <https://wordswithoutborders.org/read/article/2022-10/the-national-book-award-interviews-mohammed-hasan-alwan-william-m-hutchins/#>. Acesso em: 16 jan. 2024.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures**. 2nd ed. London: Routledge, 2004. Disponível em: <https://www.routledge.com/The-Empire-Writes-Back-Theory-and-Practice-in-Post-Colonial-Literatures/Ashcroft-Griffiths-Tiffin/p/book/9780415280204>. Acesso em: 28 mar. 2024.

AYUBI, Nazih N. **Overstating the Arab State: Politics and Society in the Middle East**. London: I. B Taurius, 2009.

AYUBI, Nazih. Etatism versus privatization: the changing economic role of the state in nine Arab countries. In: HANDOUSSA, Heba. **Economic transition in the Middle East: global challenges and adjustment strategies**. Cairo: University of Cairo Press, 1997. p. 125 – 166.

BAL, Mieke. **Narratology: Introduction to the theory of narrative**. 2nd ed. Toronto: University of Toronto Press, 1997.

BAL, Mieke. The Point of Narratology. **Poetics Today**, [S.l.], v. 11, n. 4, p. 727 – 753, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1773075>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BARAKAT, Hoda. **Correio noturno**. Tradução do árabe por Safa Jubran. Rio de Janeiro: Tabla, 2020.

BARAKAT, Hoda. **Hoda Barakat: Lost Voices of the Arab Spring**. [Entrevista concedida a] David Codling. Edimburgo: Edinburgh International Book Festival, 2021. Disponível em: <https://www.edbookfest.co.uk/media-gallery/item/hoda-barakat-lost-voices-of-the-arab-spring>. Acesso em: 15 jan. 2024.

BARTHES, Roland; DUISIT, Lionel. An Introduction to the Structural Analysis of Narratives. **New Literary History**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 237 – 272, 1975. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/468419>. Acesso em: 25 abr. 2023.

BAYAT, Asef. **Revolution without revolutionaries: making sense of the Arab Spring**. Stanford: Stanford University Press, 2017. Disponível em: <https://www.sup.org/books/title/?id=26257>. Acesso em: 02 maio 2023.

BAZIH, Chawki. Foreword: Daring Narrative Adventures. The Shortlist 2021. **International Prize for Arabic Fiction**, Abu Dhabi, 2021. Disponível em:

https://arabicfiction.org/sites/default/files/2021%20IPAF%20SL%20English%20Booklet_upload.pdf. Acesso em: 2 fev. 2024.

BEESTON, A. F. L. Background Topics. *In*: BEESTON, A. F. L.; JOHNSTONE, T. M. SERJEANT, R. B.; SMITH, G. R. (ed.). **Arabic Literature to the End of the Umayyad Period**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 1 - 26.

BELCASTRO, Francesco. Conflict in the Middle East. *In*: HINNEBUSH, Raymond; GANI, Jasmine (ed.). **The Routledge handbook to the Middle East and North African State and States systems**. Abingdon: Routledge, 2020. p. 287 – 296. Disponível em: <https://www.routledge.com/The-Routledge-Handbook-to-the-Middle-East-and-North-African-State-and-States/Hinnebusch-Gani/p/book/9781032239767>. Acesso em: 13 nov. 2023.

BIDOON in Kuwait. *In*: MINORITY rights group. [2024?]. Disponível em: <https://minorityrights.org/communities/bidoon/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

BIGGEST protest since Ben Ali's fall demands Ghannouchi go. **RFI**, Paris, 25 fev. 2011. Disponível em: <https://www.rfi.fr/en/africa/20110225-biggest-protest-ben-alis-fall-demands-ghannouchi-go>. Acesso em: 11 out. 2023.

BOEHMER, Elleke. **Postcolonial Literature: Migrant Metaphors**. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BOGAERT, Koenraad. Contextualizing the Arab Revolts: the politics behind three decades of neoliberalism in the Arab World. **Middle East Critique**, [S.l.], v. 22, n. 3, 22, p. 213-234, out. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19436149.2013.814945>. Acesso em: 5 nov. 2023.

BOKHARI, Kamran; SENZAI, Farid. **Political islam in the age of democratization**. New York: Palgrave Macmillan, 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1057/9781137313492>. Acesso em: 02 abr. 2024.

BOTROS, Atef. Rewriting Resistance: The Revival of Poetry of Dissent in Egypt after January 2011 (Surūr, Najm and Dunqul). *In*: PANNEWICK, Friederike; KHALIL, Georges; ALBERS, Yvonne. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the Political in Arabic Literature since the 1940s**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 45 – 62.

BUERAS, Anas Abubakr. Libya's Arab Spring: revolution against a 42-year dictatorship. *In*: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring: rethinking democratization**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 105 – 117.

CACHIA, Pierre. **Arabic literature: an overview**. London: Routledge, 2002.

CASAGRANDE, Genevieve. The road to ar-Raqqah: background on the Syrian Democratic Forces. **Institute for the study of war**, [Washington], 22 nov. 2016. Disponível em: <https://understandingwar.org/sites/default/files/The%20Road%20to%20ar-Raqqah%20ID.pdf>. Acesso em: 26 out. 2023.

CENTER FOR PREVENTIVE ACTION. Conflict in Syria. **Council on Foreign Relations**, [Washington], 17 out. 2023b. Disponível em: <https://www.cfr.org/global-conflict-tracker/conflict/conflict-syria>. Acesso em: 25 de out. 2023.

CENTER FOR PREVENTIVE ACTION. War in Yemen. **Council on Foreign Relations**, [Washington], 17 out. 2023c. Disponível em: <https://www.cfr.org/global-conflict-tracker/conflict/war-yemen>. Acesso em: 24 de out. 2023.

CHAICHIAN, Mohammed A. The Effects of World Capitalist Economy on Urbanization in Egypt, 1800–1970. **International Journal of Middle East Studies**, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 23 – 43, fev. 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0020743800057494>. Acesso em: 1 out. 2023.

CHARRAD, Mounira M.; REITH, Nicholas E. Local Solidarities: how the Arab Spring protests Started. **Sociological Forum**, [S.l.], v. 34, n. 1, p. 1174-1196, 2019. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/48558597>. Acesso em: 18 set. 2023.

CHAUDHRY, Kiren Aziz. Economic Liberalization and the Lineages of the Rentier State. **Comparative Politics**, [S.l.], v. 27, n. 1, p. 1-25, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/422215>. Acesso em: 9 nov. 2023.

CHOKRI Al Mabkhout. **Arab Fund for Arts and Culture**, [Beiture, 2018]. Disponível em: <https://www.arabculturefund.org/Programs/Jurors/136>. Acesso em: 16 fev. 2024.

CLAYTON, Jonathan; HOLLAND, Hereward. **Over one million sea arrivals reach Europe in 2015**. Lesvos: United Nations High Commissariat for Refugees – UNHCR, 2015. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/stories/over-one-million-sea-arrivals-reach-europe-2015>. Acesso em: 10 fev. 2024.

COLE, Juan. **Napoleon's Egypt: Invading The Middle East**. New York: Pallgrave Mcmillian, 2007.

COLLA, Elliot. Egyptian Movement Poetry. **Journal of Arabic Literature**, [S.l.], v. 51, n. 01 – 02, p. 53-82, 06 abr. 2020. Disponível em: https://brill.com/view/journals/jal/51/1-2/article-p53_3.xml?language=en. Acesso em: 22 nov. 2023.

COLLA, Elliot. The Poetry of Revolt. **Jadaliyya**, Cairo, 31 jan. 2011. Disponível em: <https://www.jadaliyya.com/Details/23638/The-Poetry-of-Revolt>. Acesso em: 22 nov. 2023.

COOKE, Miriam. Ghassan al-Jaba'i: Prison Literature in Syria after 1980. **World Literature Today**, [S.l.], v. 75, n. 2, p. 237-245, 2001. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40156523>. Acesso em: 17 nov. 2023.

COOKE, Miriam. Literature in the Arab postcolony. *In*: SADIKI, Larbi (ed.). **Routledge Handbook of Middle East Politics**. Abington: Routledge, 2020, p. 88 - 101.

DABASHI, Hamid. **The Arab Spring: The End of Postcolonialism**. London: Zed Books, 2012.

DAKHLI, Leyla. The Fair Value of Bread: Tunisia, 28 December 1983-86 January 1984. **International Review of Social History**, [S.l.], v. 66, n. 29, p. 41 – 68, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0020859021000110>. Acesso em: 04 abr. 2024.

DARBY, Phillip. **The fiction of Imperialism: Reading Between International Relations and Postcolonialism**. London: Cassewell, 1998. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/us/fiction-of-imperialism-9780826420596/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

DARBY, Phillip; PAOLINI, A. J. Bridging International Relations and Postcolonialism. **Alternatives: Global, Local, Political**, v. 19, n. 3, p. 371 – 397, 1994. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4399867/mod_folder/content/0/C10%20-%20Darby%20e%20Paolini%20%281994%29.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 23 mar. 2024.

DAVE, Arpit. Social Realism in English Literature. **Research Review: an International Multidisciplinary Journal**, [S.l.], n. 3, v. 39, p. 11 – 14, jul. 2019. Disponível em: <https://www.researchreviewonline.com/upload/articles/paper/RRJ000046.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

DAVIES, Dominic; BOEHMER, Elleke. Postcolonialism and South–South relations. In: FIDDIAN-QASMIYEH, Elena; DALEY, Patricia (ed.). **Routledge handbook of South-South relations**. Abington: Routledge, 2019. p. 48 – 59. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781315624495>. Acesso em: 02 maio 2023.

DAWISHA, Adeed. **Arab Nationalism in the twentieth century: from triumph do despair**. 2nd ed. Publicado originalmente em 2003. Princeton: Princeton University Press, 2016. Disponível em: <https://press.princeton.edu/books/paperback/9780691169156/arab-nationalism-in-the-twentieth-century>. Acesso em: 2 maio 2023.

DAWN, C. Ernest. The origins of Arab nationalism. In: KHALID, Rashid; ANDERSON, Lisa; MUSLIH, Muhammad; SIMON, Reeva S. **The origins of Arab nationalism**. New York: Columbia University Press, 1991.

DEUCHAR, Hanna Scott. "Nahḍa": Mapping a Keyword in Cultural Discourse. **Alif: Journal of Comparative Poetics**, [s.l.], n. 37, p. 50-84, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26191814>. Acesso em: 10 abr. 2023.

DIANA, Elvira. ‘Literary Springs’ in Libyan Literature: Contributions of Writers to the Country’s Emancipation. **Middle East Critique**, [s.l.], v. 23, n. 4, p. 439–451, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/19436149.2014.971550>. Acesso em: 25 nov. 2023.

DI-CAPUA, Yacoub. Arab Existentialism: An Invisible Chapter in the Intellectual History of Decolonization. **The American Historical Review**, v. 117, n. 4, p. 1061–1091, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23427880>. Acesso em: 02 maio 2023.

DI-CAPUA, Yoav. Changing the Arab Intellectual Guard: On the Fall of the udaba’, 1940–1960. In: HANSEN, Jens; WEISS, Max (ed.). **Arabic Thought against the Authoritarian Age: Towards an Intellectual History of the Present**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

Press, 2018a. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/9781108147781.005>. Acesso em: 03 abr. 2024.

DI-CAPUA, Yoav. Nahda: the Arab project of enlightenment. *In*: REYNOLDS, Dwight F. **The Cambridge Companion to Modern Arab Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 54 – 74. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/cambridge-companion-to-modern-arab-culture/nahdathe-arab-project-of-enlightenment/39C44E5F0BBA0DB033BD61468568EAA2>. Acesso em: 16 mar. 2024.

DI-CAPUA, Yoav. **No Exit: Arab Existencialism, Jean-Paul Sartre and Decolonization**. Chicago: University of Chicago Press, 2018b. Disponível em: <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/N/bo27527421.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.

DI-CAPUA, Yoav. The Intellectual Revolt of the 1950s and the “Fall of the Udaba”. *In*: ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges; PANNEWICK, Friederike. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the political in Arabic literature since the 1940’s**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 89 - 104.

DIMEO, David. **Committed to Disillusion: Activist Writers in Egypt from the 1950s to the 1980s**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctv2ks71c6>. Acesso em: 2 maio 2023.

DIWAN, Ishac; GALAL, Ahmed. Puzzles and clues – an overview. *In*: DIWAN, Ishac; GALAL, Ahmed (ed.). **The Middle East Economies in Times of Transition**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016. p. 1 – 23. Acesso em: 07 nov. 2023.

DOEMELAND, Doerte; SCHIFFBAUER, Marc. Structural Transformation. *In*: DIWAN, Ishac; GALAL, Ahmed (ed.). **The Middle East Economies in Times of Transition**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016. p. 27 – 62. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-1-137-52977-0>. Acesso em: 07 nov. 2023.

DURAKOVIĆ, Esad. **The Poetics of Ancient and Classical Arabic Literature: Orientology**. Translated by Amila Karahasanović. Abington: Routledge, 2015. Disponível em: <https://www.routledge.com/The-Poetics-of-Ancient-and-Classical-Arabic-Literature-Orientology/Durakovic/p/book/9780367872069>. Acesso em: 02 maio 2023.

EL-ARISS, Tarek. The world of Arabic literature. *In*: D’HAEN, Theo; DAMROSCH, David; KADIR, Djelal (ed.). **The Routledge companion to world literature**. 2nd ed. Abingdon: Routledge, 2023. p. 407 – 415. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781003230663-50/world-arabic-literature-tarek-el-ariss>. Acesso em: 12 mar. 2024.

ELEFThERIADOU, Marina. Non-state armed actors and contested sovereignties in internationalized civil wars: the case of yemen’s civil war (2015-). **International Politics**, [S.l.], v. 60, n. 1, p. 134-153, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41311-021-00279-3>. Acesso em: 24 out. 2023.

ELYACHAR, Julia. Rethinking anthropology of neoliberalism in the Middle East. *In*: ALTORKI, Soraya (ed.). **A companion to the anthropology of the Middle East**. Chichester: Wiley Blackwell, 2015. p. 411 – 433. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781118475683.ch21>. Acesso em: 5 nov. 2023.

ENTENDA a crise política no Egito. **G1**, [São Paulo], 2 jul. 2013a. Disponível em: <https://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/07/entenda-crise-politica-no-egito.html>. Acesso em: 19 out. 2023.

ENTENDA: o golpe no Egito. **BBC News**, London, 4 jul. 2013b. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130704_egito_perguntas_respostas_bg. Acesso em: 19 out. 2023.

ERDAĞ, Ramazan. **Libya in the Arab Spring: from revolution to insecurity**. New York: Palgrave Macmillian, 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1057/978-1-137-58772-5>. Acesso em: 20 out. 2023.

FAKHOURY, Tamirace. Do power-sharing systems behave differently amid regional uprisings? Lebanon in the Arab protest wave. **Middle East Journal**, [S.l.], v. 68, n. 4, p. 505 – 520, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43698180>. Acesso em: 01 nov. 2023.

FARES, Obaida. The Arab Spring Comes to Syria: Internal Mobilization for Democratic Change, Militarization and Internationalization. *In*: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring: rethinking democratization**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 145 – 159.

FAWCETT, Louise. The Iraq War the years on: assessing the fallout. **International Affairs**, [S.l.], v. 89, n. 2, p. 325 – 343, mar. 2013. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23473539>. Acesso em: 01 nov. 2023.

FERABOLLI, S. Reflexões sobre o papel da mídia transnacional nos levantes árabes contemporâneos. **Conjuntura Internacional**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 58-71, 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/7576>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FERABOLLI, Silvia. **Arab Regionalism: A Post-Structural Perspective**. Abingdon, Routledge, 2014.

FIELDHOUSE, D. K. **Colonialism, 1870 – 1947: an Introduction**. London: Mcmillian, 1983.

GALVANI, John. Syria and the Baath Party. **MERIP Reports**, [Chicago], n. 25, p. 3-16, 1974. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3011567>. Acesso em: 29 nov. 2023.

GANDHI, Leela. **Postcolonial Theory: a Critical Introduction**. Crown's Nest: Allen & Unwin, 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/10220416/_Leela_Gandhi_Postcolonial_Theory_A_Critical_Int_B ook_ZZ_org_. Acesso em: 06 jun. 2024.

GERGES, Fawaz A. **The History of ISIS**. Princeton: Princeton University Press, 2016. Disponível em: <https://press.princeton.edu/books/paperback/9780691211916/isis>. Acesso em: 1 nov. 2023.

GHABRA, Shafeeq. The Egyptian Revolution: causes and dynamics. *In*: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring: rethinking democratization**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 199 – 214.

GHOBARI, Mohamed; TOLBA, Ahmed. Yemen president cedes powers to council as Saudi Arabia pushes to end war. **Reuters**, Aden, 7 abr. 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/yemen-president-relieves-deputy-his-post-2022-04-07/>. Acesso em: 24 out. 2023.

GIBBONS, Allison. Nurturing Life Writing in Egypt after the Arab Spring: Fiction as “Survival Mechanism”. **a/b: Auto/Biography Studies**, [s.l.], v. 34, n. 2, p. 316 – 324, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08989575.2019.1592376>. Acesso em: 25 nov. 2023.

GOIS, Cléa. Sartre: da consciência do ser e o nada ao existencialismo humano. **Reflexão**, Campinas, v. 32, n. 97, p. 11 – 17, 2007. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/10921/8362>. Acesso em: 28 mar. 2024.

GOLDSTONE, Jack A.; GRININ, Leonid; KOROTAYEV, Andrey. The Phenomenon and theories of revolutions. *In*: GOLDSTONE, Jack A.; GRININ, Leonid; KOROTAYEV, Andrey (ed.). **Handbook of revolutions in the 21st century: the new wave of revolutions, and the cause and effects of disruptive political change**. Cham: Springer, 2022a. p.37 – 68. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-86468-2>. Acesso em: 09 out. 2023.

GRININ, Leonid. Revolutions of the Twenty-First Century as a Factor in the World System Reconfiguration. *In*: GOLDSTONE, Jack A.; GRININ, Leonid; KOROTAYEV, Andrey (ed.). **Handbook of revolutions in the 21st century: the new wave of revolutions, and the cause and effects of disruptive political change**. Cham: Springer, 2022. p. 975 – 1000. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-86468-2>. Acesso em: 09 out. 2023.

GRININ, Leonid; KOROTAYEV, Andrey. The Arab Spring: Causes, Conditions, and Driving Forces. *In*: GOLDSTONE, Jack A.; GRININ, Leonid; KOROTAYEV, Andrey (ed.). **Handbook of revolutions in the 21st century: the new wave of revolutions, and the cause and effects of disruptive political change**. Cham: Springer, 2022. p. 595 – 624. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-86468-2>. Acesso em: 09 out. 2023.

GUTH, Stephan. Between commitment and marginalization: the “generation of the sixties” in the Sadat era. *In*: ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges; PANNEWICK, Friederike. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the political in Arabic literature since the 1940’s**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 125 - 142.

HAFEZ, Sabry. **The Genesis of Arabic Narrative Discourse**. London: Saqi Books, 2001.
HALABI, Zeina G. The day the wandering dreamer became a Fida’i: Jabra Ibrahim Jabra and the fashioning of political commitment. *In*: ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges;

PANNEWICK, Friederike. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the political in Arabic literature since the 1940's**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 157 - 170.

HAMAMSY, Walid El; SOLIMAN, Mounira. The Aesthetics of Revolution: Popular Creativity and the Egyptian Spring. *In: HAMAMSY, Walid El; SOLIMAN, Mounira. **Popular Culture in the Middle East and North Africa: A Postcolonial Outlook***. New York: Routledge, 2013. p. 246 – 260.

HANDOUSSA, Heba. Adjustment and Beyond: The Middle East in transition. *In: HANDOUSSA, Heba. **Economic transition in the Middle East: global challenges and adjustment strategies***. Cairo: University of Cairo Press, 1997. p. 3 – 16.

HASSAN, Wail S. Postcolonial Theory and Modern Arabic Literature: Horizons of Application. **Journal of Arabic Literature**, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 45-64, 2002. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4183446>. Acesso em: 11 set. 2023.

HAYEK, Samer El; CHERRO, Michele; HARAKE, Nadia El; GHOSSOUB, Elias. Self-immolation in the Arab world: a systematic review. **Burns**, [S.l.], v. 49, n. 4, p. 757-769, jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.burns.2022.10.001>. Acesso em: 10 out. 2023.

HESHMAT, Dina. Egyptian Narratives of the 2011 Revolution: Diary as a Medium of Reconciliation with the Political. *In: ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges; PANNEWICK, Friederike. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the political in Arabic literature since the 1940's***. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 63-75.

HINNEBUSCH, Raymond. Towards a Historical Sociology of the Arab Uprising: Beyond Democratization and Post-Democratization. *In: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring: rethinking democratization***. Abingdon: Routledge, 2015. p. 39 - 50.

HODA Barakat. **Banipal**, [London, 2024a?]. Disponível em: https://www.banipal.co.uk/contributors/contributor.cfm?contributor_id=221. Acesso em: 05 fev. 2024.

HODA Barakat. **International Prize For Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?b]. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/node/263>. Acesso em: 05 fev. 2024.

HODA Barakat. **Tabla**, [Rio de Janeiro, 2024?c]. Disponível em: <https://editoratabla.com.br/autores/hoda-barakat/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

HOURACE, Bernard. The demography of cities and the expansion of urban space. *In: SLUGLETT, Peter (ed.). **The urban social history of the middle east***. Syracuse: Syracuse University Presss, 2008. p. 154 – 181.

HOURANI, Albert. **Arabic Thought in the Liberal Age 1798 - 1939**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HUANG, Qin; VALDEÓN, Roberto A. Perspectives on translation and world literature. **Studies in Translation Theory and Practice**, v. 30, n. 6, p. 899–910, dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0907676X.2022.2132062>. Acesso em: 23 jan. 2023.

IGBARIA, Khaled. Arab Spring Revolutions throughout Modern Arabic Poetry. **Asian Journal of Humanities and Social Studies**, [S.l.], v. 8, n. 4, ago. 2020. Disponível em: <https://www.ajouronline.com/index.php/AJHSS/article/view/6214>. Acesso em: 22 nov. 2023.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION – IOM. **Mediterranean Migrant Arrivals Top 363,348 in 2016; Deaths at Sea: 5,079**. [Genebra]: United Nations, 2017. Disponível em: <https://www.iom.int/news/mediterranean-migrant-arrivals-top-363348-2016-deaths-sea-5079#:~:text=Global-,Mediterranean%20Migrant%20Arrivals%20Top%20363%2C348%20in%202016%3B%20Deaths%20at%20Sea,as%20well%20as%20estimated%20fatalities>. Acesso em: 10 fev. 2024.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION – IOM. **Mediterranean Migrant Arrivals Reached 171,635 in 2017; Deaths Reach 3,116**. Genebra: United Nations, 2018. Disponível em: <https://www.iom.int/news/mediterranean-migrant-arrivals-reached-171635-2017-deaths-reach-3116#:~:text=Global-,Mediterranean%20Migrant%20Arrivals%20Reached%20171%2C635%20in%202017%3B%20Deaths%20Reach%203%2C116,between%20Greece%2C%20Cyprus%20and%20Spain>. Acesso em: 10 fev. 2024.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION – IOM. **Mediterranean Migrant Arrivals Reach 345,440; Deaths at Sea: 4,655**. [Genebra]: United Nations, 2016. Disponível em: <https://www.iom.int/news/mediterranean-migrant-arrivals-reach-345440-deaths-sea-4655>. Acesso em: 10 fev. 2024.

JANMOHAMED, Abdul R. Humanism and Minority Literature: Toward a Definition of Counter-Hegemonic Discourse. **Boundary 2**, [S.l.] v. 12, n. 3, p. 281 – 299, 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/302818>. Acesso em: 02 abr. 2024.

JAQUETTE, Elisabeth; YOUSSEF, Nariman. The “Arab Spring,” Five Years On. **Words Without Borders**, [New York], 1 jan. 2016. Disponível em: <https://wordswithoutborders.org/read/article/2016-01/january-2016-captivity-the-arab-spring-five-years-on/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

JUNEAU, Thomas. Yemen and the Arab Spring: elite struggles, state collapse and regional security. **Orbis**, [S.l.], v. 57, n. 3, p. 408-423, jun. 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0030438713000276>. Acesso em: 23 out. 2023.

KADALAH, Mohammed. the impact of arabic literature on the pre-Arab Springtime period. **International Journal of Arts & Sciences**, [S.l.], v. 7, n. 5, p. 439–448, jan, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323305618_THE_IMPACT_OF_ARABIC_LITERATURE_ON_THE_PRE-ARAB_SPRING_TIME_PERIOD. Acesso em: 17 nov. 2023.

KETCHLEY, Neil; WENIG, Gilad. Purging to Transform the Post-Colonial State: evidence from the 1952 Egyptian revolution. **Comparative Political Studies**, [S.l.], p. 1-40, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00104140231209966>. Acesso em: 02 abr. 2014.

KHATIB, Lina. Social media and Mobilization in the Arab Spring. In: ZOUBHIR, Yahia H.; WHITE, Gregory. **North African Politics**. London: Routledge, 2015. p. 114 - 128. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315685410-13/social-media-mobilization-arab-spring-beyond-lina-khatib>. Acesso em: 27 out. 2023.

KHELIL, Mehdi Ben; ZGARNI, Amine; MOHAMED, Mounir Ben; ALLOUCHE, Mohamed; BENZARTI, Anis; BANASR, Ahmed; HAMDOUN, Moncef. A comparison of suicidal behavior by burns five years before and five years after the 2011 Tunisian Revolution. **Burns**, [S.l.], v. 43, n. 4, p. 858-865, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.burns.2016.10.014>. Acesso em: 10 out. 2023.

KHOURY, Elias. Beyond Commitment. In: ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges; PANNEWICK, Friederike. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the political in Arabic literature since the 1940's**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 79 - 88.

KHOURY, Elias. The Unfolding of Modern Fiction and Arab Memory. **The Journal of the Midwes Language Association**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 1 – 8, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1315033>. Acesso em: 23 abr. 2023.

KIM, Harris Hyun-soo; LIM, Chaeyoon. From virtual space to public space: The role of online political activism in protest participation during the Arab Spring. **International Journal of Comparative Sociology**, [S.l.], v. 60, n. 6, p. 409 – 434, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/002071521989472>. Acesso em: 31 out. 2023.

KLEMM, V. Different Notions of commitment (iltizam) and committed literature (al-adab al-multazim) in the literary circles of the mashriq. **Arabic & Middle Eastern Literature**, v. 3, n. 1, p. 51 – 62, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13666160008718229>. Acesso em: 23 abr. 2023.

KNIGHTS, Michael; WILGENBURG, Wladimir van. **Accidental allies: the U.S.–Syrian democratic forces**. London: I. B. Taurus, 2022.

KRISHNA, Sankaran. IR and the postcolonial novel: nation and subjectivity in India. In: SETH, Sanjay. **Post-Colonial Theory and International Relations: A Critical Introduction**. Abington: Routledge, 2013. p. 124 – 143. Disponível em: <https://www.routledge.com/Postcolonial-Theory-and-International-Relations-A-Critical-Introduction/Seth/p/book/9780415582889>. Acesso em: 2 maio 2023.

KRISHNA, Sankaran. Race, Amnesia, and the Education of International Relations. **Alternatives**, [S.l.], v. 26, n. 4, p. 401-424, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/030437540102600403>. Acesso em: 28 mar. 2024.

KUMAR, V. Biju. Postcolonial State: an overview. **The Indian Journal of Political Science**, Meerut, v. 66, n. 4, p. 935 – 954, Oct.-Dec., 2005. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41856176>. Acesso em: 13 set. 2023.

KUSNETSOV, Vasily. The Jasmine Revolution in Tunisia and the Birth of the Arab Spring Uprisings. GOLDSTONE, Jack A.; GRININ, Leonid; KOROTAYEV, Andrey (ed.).

Handbook of revolutions in the 21st century: the new wave of revolutions, and the cause and effects of disruptive political change. Cham: Springer, 2022. p. 625 – 649. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-030-86468-2>. Acesso em: 09 out. 2023.

L'ORDRE national du Mérite. Grande Chancellerie de La Légion D'honneur, [S.l., 2024?]. Disponível em: <https://www.legiondhonneur.fr/fr/page/lordre-national-du-merite/85>. Acesso em: 4 abr. 2024.

LAGEMAN, Thessa. Remembering Mohamed Bouazizi: The man who sparked the Arab Spring. **Al-Jazeera**, [Doha], 17 dez. 2020. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/features/2020/12/17/remembering-mohamed-bouazizi-his-death-triggered-the-arab>. Acesso em: 10 out. 2023.

LAPID, Yosef. The Third Debate: On the Prospects of International Theory in a Post-Positivist Era. **International Studies Quarterly**, vl. 33, n. 3, p. 235-254, set. 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2600457>. Acesso em: 9 abr. 2024.

LAPIDUS, Ira M. Islamic Revival and Modernity: The Contemporary Movements and the Historical Paradigms. **Journal of the Economic and Social History of the Orient**, [S.l.], v. 40, n. 4, p. 444 – 460, 1997.

LEBANON: Armed Forces Summarily Deporting Syrians. **Human Rights Watch**, Beirute, 5 jul. 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2023/07/05/lebanon-armed-forces-summarily-deporting-syrians#:~:text=Lebanon%20hosts%20more%20than%20an,Lebanon%20live%20in%20extreme%20poverty>. Acesso em: 26 out. 2023.

LEVANT. [Washington D.C: ARAB center Washington DC, 2024?]. Disponível em: <https://arabcenterdc.org/levant/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

LEVINE, Mark. The Revolution Never Ends: Music, Protest and Rebirth in the Arab World. In: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring: rethinking democratization.** Abingdon: Routledge, 2015. p. 354 – 365.

LEVS, Josh. Self-immolation reports spread through north Africa. **CNN**, [s.l.], 11 jan. 2011. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2011/WORLD/africa/01/17/tunisia.self.immolation/>. Acesso em: 10 out. 2023.

LUCAS, Russell E. The Persian Gulf monarchies and the Arab spring. In: KAMRAVA, Mehran (ed.). **Beyond the Arab Spring: the evolving ruling bargain in the Middle East.** New York: Oxford University Press, 2014. p. 313 – 340. Disponível em: <https://academic.oup.com/book/26107>. Acesso em: 31 out. 2023.

MABKHOUT, Shukri. How the ‘Arab Booker’ Prize Opened Doors for the Region’s Novelists. [Entrevista concedida a Karen Leigh]. **The Wall Street Journal**, Nova York, 15 maio 2015a. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/BL-SEB-88762>. Acesso em: 17 jan. 2024.

MABKHOUT, Shukri. IPAF 2015 winner Shukri Mabkhout on his novel, the Tunisian Revolution and writing as a form of catharsis. [Entrevista concedida a Saeed Saeed]. **The National**, Abu Dhabi, 6 maio 2015b. Disponível em: <https://www.thenationalnews.com/arts/ipaf-2015-winner-shukri-mabkhout-on-his-novel-the-tunisian-revolution-and-writing-as-a-form-of-catharsis-1.118112>. Acesso em: 17 jan. 2024.

MABKHOUT, Shukri. IPAF-winner Shukri Mabkhout: Defending Freedom and Arabic. [Entrevista concedida a Olivia Snaije]. **Publishing Perspectives**, Abu Dhabi, 8 maio 2015c. Disponível em: <https://publishingperspectives.com/2015/05/ipaf-winner-shukri-mabkhout-defending-freedom-and-arabic/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

MABKHOUT, Shukri. **The Italian**. Tradução do Árabe por Miled Faiza e Karen Mcneil. New York: Europa Editions, 2021.

MALMVIG, Helle; LASSEN, Christina Markus. **The Arab Uprisings: Regional Implications and International Responses**. [Barcelona: European Institute for the Mediterranean], 2013. Disponível em: <https://www.iemed.org/wp-content/uploads/2021/02/The-Arab-Uprisings-Regional-Implications-and-International-Responses.pdf>. Acesso em: 31 out. 2023.

MAMBROL, Nasrullah. Analysis of Abdelrahman Munif's Cities of Salt. **Literary Theory and Criticism**, [S.l.], 10 out. 2022. Disponível em: <https://literariness.org/2022/10/10/analysis-of-abdelrahman-munifs-cities-of-salt/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

MANDUCHI, Patrizia. Arab Nationalism(s). **Oriente Moderno**, [s.l.], v. 97, n. 1, p. 4 – 35, 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.2307/48572289>. Acesso em: 03 out. 2023.

MANEA, Elham. Yemen's Arab Spring: outsmarting the Cunning State? *In*: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring: rethinking democratization**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 160 – 172.

MCLEOD, John. Postcolonialism and Literature. *In*: HUGGAN, Graham (ed.). **The Oxford Handbook of Postcolonial Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2013. E-book. Disponível em: <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199588251.001.0001/oxfordhb-9780199588251-e-019>. Acesso em: 28 mar. 2024.

MCMANUS, Anne-Marie. Scale in the balance: reading with the International prize for arabic fiction (“the arabic booker”). **International Journal of Middle East Studies**, [S.l.], v. 48, n. 2, p. 217 – 241, 07 abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0020743816000039>. Acesso em: 2 abr. 2024.

MEJCHER-ATASSI, Sonja. The Arabic novel between aesthetic concerns and the causes of man: commitment in Jabra Ibrahim Jabra and ‘Abd al-Rahman Munif. *In*: ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges; PANNEWICK, Friederike. **Commitment and Beyond: Reflections on/of the political in Arabic literature since the 1940's**. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 143 – 156.

MILICH, Stephan. Narrating, Metaphorizing or Performing the Unforgettable? The Politics of Trauma in Contemporary Arabic Literature. *In*: PANNEWICK, Friederike; KHALIL, Georges; ALBERS, Yvonne. **Commitment and Beyond**: Reflections on/of the Political in Arabic Literature since the 1940s. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 285 – 302.

MOHAMED, Eid. Culture and society during revolutionary transformation: rereading Matthew Arnold and Antonio Gramsci in the context of the Arab Spring's cultural production. **International Journal of Cultural Studies**, [S.l.], v. 23, n. 2, 20 set. 2017. p 150 – 168. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/13678779198425>. Acesso em: 22 nov. 2023.

MOORE, Lindsey. **Narrating Postcolonial Arab Nations**: Egypt, Algeria, Lebanon, and Palestine. Abington: Routledge, 2018. Disponível em: <https://www.routledge.com/Narrating-Postcolonial-Arab-Nations-Egypt-Algeria-Lebanon-Palestine/Moore/p/book/9780367667405>. Acesso em: 02 maio 2023.

MOSTAFA, Dalia Said. Literary Representations of Trauma, Memory, and Identity in the Novels of Elias Khoury and Rabī Jābir. **Journal of Arabic Literature**, [S.l.], v. 40, n. 2, 2009. p. 208-236. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25598005>. Acesso em: 17 nov. 2023.

MUFTI, Aamir R. **Forget English!** Orientalisms and world literatures. Cambridge: Harvard University Press, 2016. Disponível em: <https://www.hup.harvard.edu/books/9780674986893>. Acesso em: 28 jan. 2024.

MUHARRAM, The marginalization of Arabic fiction in the postcolonial and world English curriculum: slips? or orientalism and racism? **Minnesota Review**, [Durham], n. 78, 14 jun. 2012, p. 130-145. Disponível em: https://muse.jhu.edu/article/478955#info_wrap. Acesso em: 23 jan. 2024.

MURPHY, Emma C. **Economic and political change in Tunisia**: from Bourguiba to Ben Ali. London: Macmillan, 1999. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1057/9780333983584>. Acesso em: 03 nov. 2023.

NASER-NAJJAB, Nadia. Palestinian leadership and the contemporary significance of the First Intifada. **Race & Class**, [S.l.], v. 62, n. 2, p. 61–79, 6 ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0306396820946294>. Acesso em: 20 nov. 2023.

NIRANJANA, Tejaswini. Translation, Colonialism and Rise of English. **Economic and Political Weekly**, v. 25, n. 15, p. 773 – 779, 14 abr. 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4396163>. Acesso em: 23 jan. 2024.

O'LEARY, Zina. *The essential guide to doing research*. Sage Publications: Londres, 2004.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de; FERABOLLI, Silvia Regina; SANTOS JÚNIOR, Luís Haroldo Pereira dos. A questão das fronteiras no Sul Global: um estudo comparado entre América Latina, África e Mundo Árabe. **Geopolítica(s)**: Revista de estudos sobre espacio y poder, v. 13, n. 2, p. 311 – 330, 2022. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/GEOP/article/view/78370>. Acesso em: 29 set. 2023.

OMAR, Abdullah (org.). **Mahmoud Darwish**: the Poet of Palestine. London: Middle East Monitor, 2022. Disponível em: <https://www.editoramemo.com/publicacoes/mahmoud-darwish/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

ORDRE des Arts et des Lettres. **Les Services de l'État dans le Rhône**, [S.l., 2024?]. Disponível em: <https://www.rhone.gouv.fr/Actions-de-l-Etat/Elections-et-citoyennete/Distinctions-honorifiques/Les-ordres-nationaux-et-ministeriels/Ordre-des-Arts-et-des-Lettres#:~:text=L'ordre%20des%20Arts%20et,France%20et%20dans%20le%20monde>. Acesso em: 04 abr. 2024.

OUAISSA, Rachid. On the trail of Frantz Fanon. *In*: ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges; PANNEWICK, Friederike. **Commitment and Beyond**: Reflections on/of the political in Arabic literature since the 1940's. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 105 - 122.

PARR, Nora. No more “eloquent silence”: Narratives of Occupation, Civil War, and Intifada Write Everyday Violence and Challenge Trauma Theory. **Middle East: Topics & Arguments**, Birmingham, v. 11, p. 58 - 68, 13 nov. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17192/meta.2018.11.7792>. Acesso em: 19 nov. 2023.

PARTIDO dos Trabalhadores do Curdistão (PKK). **Rewards for Justice**, Washington D.C, [2023?]. Disponível em: <https://rewardsforjustice.net/pt-br/rewards/partido-dos-trabalhadores-do-curdistao-pkk/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

PLAKOUDAS, Spyridon. The Syrian Kurds and the Democratic Union Party: The Outsider in the Syrian War. **Mediterranean Quarterly**, Durham, v. 28, n. 1, p. 99-116, mar. 2017. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/4/article/659173/pdf>. Acesso em 27 out. 2013.

PORMANN, Peter E. The Arab 'Cultural Awakening (Nahda)', 1870-1950, and the Classical Tradition. **International Journal of the Classical Tradition**, v. 13, n. 1, p. 3-20, 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30222102>. Acesso em: 10 abr. 2023.

PRATT, Nicola. Making Sense of the Politics of the Egyptian Revolution in and through Popular Culture. **International Journal of Middle East Studies**, Cambridge, v. 52, n. 3, p. 531–535, 07 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0020743820000690>. Acesso em: 23 nov. 2023.

PRINCE, Gerald. Narrative Analysis and Narratology. **New Literary History**, v. 12, n. 2, p. 179 – 188, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/468908>. Acesso em: 23 abr. 2023.

PRINCE, Gerald; NOBLE, Arlene. Narratology, Narrative and Meaning. **Poetics Today**, Durham, v. 12, n. 3, p. 543 – 552, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1772650>, Acesso em: 25 set. 2023.

REID, Donald. The ‘Urabi revolution and the British conquest, 1879–1882. *In*: DALY, M. W. (ed.). **Modern Egypt, from 1517 to the End of the Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 217 – 238. (Cambridge History of Egypt, v. 2). Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CHOL9780521472111.010>. Acesso em: 04 abr. 2024.

ROBERTSON, Alexa. Connecting in Crisis: “Old” and “New” Media and the Arab Spring. **The International Journal of Press/Politics**, [S./I], v. 18, n. 3, p. 325 – 341, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/194016121348497>. Acesso em: 31 out. 2023.

ROSENBERG, Charles. Bandung Conference. *In*: Chatterjee, D.K. (ed.). **Encyclopedia of Global Justice**. Dordrecht: Springer, 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-1-4020-9160-5_575. Acesso em: 03 abr. 2024.

RULES of Entry. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?]. Disponível em: <https://arabicfiction.org/en/rules-of-submission>. Acesso em: 29 jan. 2024.

SAADAWI, Ahmed. Ahmed Saadawi Wants to Tell a New Story About the War in Iraq. [Entrevista concedida a Zahra Hankir]. **Literary Hub**, [S./I], 19 jun. 2018a. Disponível em: <https://lithub.com/ahmed-saadawi-wants-to-tell-a-new-story-about-the-war-in-iraq/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SAADAWI, Ahmed. 'Frankenstein in Baghdad' sparks Hollywood elite into life. **The New Arab**, [S./I], 19 jan. 2018b. [Entrevista concedida a Quentin Müller]. Disponível em: <https://www.newarab.com/features/frankenstein-baghdad-sparks-hollywood-elite-life>. Acesso em: 05 mar. 2024.

SAADAWI, Ahmed. **Frankstein in Baghdad**. Tradução do árabe por Jonathan Wright. New York: Penguin, 2018c.

SAADAWI, Ahmed. Iraqi Author Ahmad Saadawi: ‘The Novel Implicitly Questions This Concept of Salvation’. [Entrevista concedida a Al-Mustafa Najjar]. **Arab Lit & Arab Quarterly**, [S./I], 26 mar. 2014. Disponível em: <https://arablit.org/2014/03/26/iraqi-author-ahmad-saadawi-the-novel-implicitly-questions-this-concept-of-salvation/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SADIKI, Larbi. The Arab Spring: The ‘People’ in International Relations. *In*: FAWCETT, Louise (ed.). **International Relations of the Middle East**. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 324 - 355. Disponível em: <https://www.oxfordpoliticstrove.com/display/10.1093/hepl/9780198809425.001.0001/hepl-9780198809425-chapter-15>. Acesso em: 31 out. 2023.

SADIKI, Larbi. The Arab Spring: the “people” in international relations. *In*: FAWCETT, Louise (ed.). **International Relations of the Middle East**. 4th ed. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 324 – 355.

SADIKI, Larbi. Unruliness through Space and Time Reconstructing ‘Peoplehood’ in the Arab Spring. *In*: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring: rethinking democratization**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 1 – 14.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como Construção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALEM, Paul. Middle East civil wars: definitions, drivers, and the record of the recent past. *In*: SALEM, Paul; HARRISSON, Ross (ed.). **Escaping the conflict trap: toward ending civil war in the Middle East**. 2nd ed. London: I.B Tauris, 2023. p. 1 – 40. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/us/escaping-the-conflict-trap-9780755646951/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SALLAM, Maha. Trauma, Narrative, and History in Rabee Jaber's Yusef the Englishman and The Druze of Belgrade. **Annals of the Faculty of Arts, Ain Shams University**, [Cairo], v. 44, 2016. p. 593 – 632. Disponível em: https://aafu.journals.ekb.eg/article_9617_838f89a0a35a3ffcbe3906ba9f5e3954.pdf. Acesso em: 31 jan. 2024.

SELIM, Gamal M. Egypt Under SCAF and the Muslim Brotherhood: The Triangle of counter-Revolution. **Arab Studies Quarterly**, [S.l.], v. 37, n. 2, p. 177 – 199, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.13169/arabstudquar.37.2.0177>. Acesso em: 18 de out. 2023.

SETH, Sanjay. Postcolonial theory and the critique of International Relations. *In*: SETH, Sanjay (ed.). **Postcolonial Theory and International Relations: A critical introduction**. Abington: Routledge, 2013. p. 15 – 31. Disponível em: <https://www.routledge.com/Postcolonial-Theory-and-International-Relations-A-Critical-Introduction/Seth/p/book/9780415582889>. Acesso em: 2 maio 2023.

SHUKRI Al-Mabkhout. **The Short Story Project**, Tel-Aviv, [2024?]. Disponível em: <https://shortstoryproject.com/writers/shukri-al-mabkhout/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SHUKRI Mabkhout. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?]. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/shukri-al-mabkhout>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SHUKRI Mabkhout. **Internationales Literaturfestival Berlin**, Berlim, 2015. Disponível em: <https://literaturfestival.com/en/authors/shukri-mabkhout/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SILVA, Jovânia Marques de Oliveira e; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. **Reflexão: Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], n. 61, v. 2, p. 254 – 257, abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000200018>. Acesso em: 02 abr. 2024.

SMET, Bretch de. **Gramsci on Tahrir: Revolution and Counter-Revolution in Egypt**. London: Pluto Press, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt19b9jz2?typeAccessWorkflow=login>. Acesso em: 16 out. 2023.

SPECIA, Megan. Saudi Arabia Granted Women the Right to Drive. A Year on, It's Still Complicated. **The New York Times**, [New York?], 24 jun. 2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/06/24/world/middleeast/saudi-driving-ban-anniversary.html>. Acesso em: 1 nov. 2023.

STANTON, Anna Ziajka. **The worlding of Arabic literature: language, affect, and the ethics of translatability**. New York: Fordham University Press, 2023. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/jj.1176747>. Acesso em: 16 jan. 2024.

STATEMENT of the April 6 Movement Regarding the Demands of the Youth and the Refusal to Negotiate with any Side. **Jadaliyya**, Egito, 08 fev. 2011. Disponível em: <https://www.jadaliyya.com/Details/23666/Statement-of-the-April-6-Movement-Regarding-the-Demands-of-the-Youth-and-the-Refusal-to-Negotiate-with-any-Side>. Acesso em: 28 mar. 2024.

STEINERT-THRELKELD, Zachary C. Spontaneous Collective Action: Peripheral Mobilization During the Arab Spring. **American Political Science Review**, [S.l.], v. 111, n. 3, p. 379 – 403, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0003055416000769>. Acesso em: 31 out. 2023.

STETKEVYCH, Suzanne Pinckney. Abbasid Panegyric: badī‘ poetry and the invention of the arab golden age. **British Journal of Middle Eastern Studies**, London, v. 44, n. 1, p. 48-72, 4 maio 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13530194.2016.1180236>. Acesso em: 05 jun. 2023.

SULEIMAN, Yasir. Introduction: Literature and Nation in the Middle East: An Overview. *In*: SULEIMAN, Yasir; MUHAWI, Ibrahim (ed.). **Literature and Nation in the Middle East**. Edimburgh: Edimburgh University Press, 2006a, p. 1 – 16.

SULEIMAN, Yasir. The Nation Speaks: On the Poetics of Nationalist Literature. *In*: SULEIMAN, Yasir; MUHAWI, Ibrahim (ed.). **Literature and Nation in the Middle East**. Edimburgh: Edimburgh University Press, 2006b, p. 208 – 231.

SUPPORTERS. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?]. Disponível em: <https://arabicfiction.org/en/rules-of-submission>. Acesso em: 29 jan. 2024.

SYRIA Regional Refugee Response: Durable Solutions. **Operational Data Portal**, [S.l., 2024]. Disponível em: https://data.unhcr.org/en/situations/syria_durable_solutions. Acesso em: 10 fev. 2024.

TAHER, Baha. Bahaa Taher: Edinburgh Taster. [Entrevista concedida a Maya Jaggi]. **Prague’s Writers Festival**, Praga, 25 jan. 2010. Disponível em: https://www.pwf.cz/archivy/texts/interviews/bahaa-taher-edinburgh-taster_2936.html. Acesso em: 30 jan. 2024.

TALEGHANI, R. SHAREAH. Writing Against the Regime: Metafiction in the Arabic Prison Novel. *In*: KELLY, Michelle; WESTALL, Claire. **Prison Writing and the Literary World: Imprisonment, Institutionality and Questions of Literary Practice**. New York: Routledge, 2021. p. 173 – 188. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781003105787-16/writing-regime-shareah-taleghani>. Acesso em: 17 nov. 2023.

TAN, Kim Hua; PERUDIN, Alirupendi. The “Geopolitical” Factor in the Syrian Civil War: a corpus-based thematic analysis. **Sage Open**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 1 - 15, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2158244019856729>. Acesso em: 26 out. 2023.

TAYIEB, Abdulla El. Pre-Islamic poetry. In: BEESTON, A. F. L.; JOHNSTONE, T. M. SERJEANT, R. B.; SMITH, G. R. (ed.). **Arabic Literature to the End of the Umayyad Period**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 27 - 113.

THE ARCH and the Butterfly. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?]. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/node/561>. Acesso em: 29 jan. 2024.

THE DOVE'S necklace. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?]. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/node/580>. Acesso em: 29 jan. 2024.

THE DRUZE of Belgrade. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?]. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/The-Druze-of-Belgrade>. Acesso em: 29 jan. 2024.

THE NAGUIB Mahfouz Medal for Literature. [Cairo: Cairo University Press, 2024?]. Disponível em: <https://aucpress.com/mahfouz-medal/>. Acesso em: 03 abr. 2024.

THOUSANDS of Tunisians protest against caretaker government. 2011. Disponível em: <https://www.france24.com/en/20110225-tunisians-rally-against-new-government-ben-ali>. Acesso em: 11 out. 2023.

THROWING Sparks. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?]. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/node/589>. Acesso em: 29 jan. 2024.

TIBI, Bassam. **Arab Nationalism**: a critical enquire. London: The Macmillian Press, 1981. **TIMELINE**: How the Arab Spring unfolded. **Al-Jazeera**, Doha, 14 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/1/14/arab-spring-ten-years-on>. Acesso em: 13 de out. 2023.

TOUKAN, Hanan. Whatever Happened to Iltizam? Words in Arab art after the cold war. In: ALBERS, Yvonne; KHALIL, Georges; PANNEWICK, Friederike. **Commitment and Beyond**: Reflections on/of the political in Arabic literature since the 1940's. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2015, p. 333 – 347.

TRANSLATIONS. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?]. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/translations>. Acesso em: 04 abr. 2024.

TRUSTEES. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024?]. Disponível em: <https://arabicfiction.org/en/rules-of-submission>. Acesso em: 29 jan. 2024.

TUCKER, Spencer C. Introduction. In: TUCKER, Spencer C. (ed.). **Modern conflict in the Greater Middle East**. Santa Barbara: Abc-Clio, 2017. p. X - XVII Disponível em: <https://publisher.abc-clio.com/9781440843617/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

TYMOCZKO, Maria. Post-colonial writing and literary translation. In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. **Post-colonial translation**: theory and practice. London: Routledge, 2002. Originalmente publicado em 1999. Disponível em: <https://www.routledge.com/Postcolonial-Translation-Theory-and-Practice/Bassnett-Editor-Trivedi/p/book/9780415147453>. Acesso em: 23 jan. 2024.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSARIAT FOR REFUGEES – UNHCR. **No end in sight:** Refugees and migrants moving irregularly to North Africa and Europe face unspeakable horrors along Mediterranean routes. [S.l.: United Nations, 2024?]. Disponível em: <https://storymaps.arcgis.com/stories/07502a24ce0646bb9703ce96630b15fa>. Acesso em: 10 fev. 2024.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSARIAT FOR REFUGEES – UNHCR. **The sea route to Europe:** The Mediterranean passage in the age of refugees. [Genebra]: United Nations, 2015. Disponível em: <https://www.unhcr.org/media/sea-route-europe-mediterranean-passage-age-refugees>. Acesso em: 10 fev. 2024.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSARIAT FOR REFUGEES – UNHCR. **UNHCR data visualization on Mediterranean crossings charts rising death toll and tragedy at sea.** Genebra: United Nations, 2022. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/briefing-notes/unhcr-data-visualization-mediterranean-crossings-charts-rising-death-toll-and> Acesso em: 10 fev. 2024.

UNITED NATIONS POPULATION FUND FOR ARAB STATES. Migration. [Genebra]: United Nations, 2020. Disponível em: <https://arabstates.unfpa.org/en/topics/migration-1>. Acesso em: 11 fev. 2024.

WALIA, Shelley. A depraved Paradise: A satirical depiction of a dark, terrifying world of opulence and perversion. **The Hindu**, [Chennai], 03 jan. 2015. Disponível em: <https://www.thehindu.com/books/literary-review/review-of-throwing-sparks-by-abdo-khal/article6748640.ece>. Acesso em: 30 jan. 2024.

WALTZ, Susan. Islamist Appeal in Tunisia. **Middle East Journal**, [S.l.], v. 40, n. 4, p. 651-670, 1986. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4327425>. Acesso em: 29 fev. 2024.

WEDEEN, Lisa. Conceptualizing Culture: Possibilities for Political Science. **The American Political Science Review**, [S.l.], v. 96, n. 4, p. 713-728, dez. 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3117506>. Acesso em: 27 nov. 2023.

WHITE, Hayden. The Value of Narrativity in the Representation of Reality. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 7, n. 1, p. 05 – 27, 1980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1343174>. Acesso em: 26 set. 2023.

WHITEHEAD, Laurance. On the ‘Arab Spring’: Democratization and Related Political Seasons. In: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring: rethinking democratization**. Abingdon: Routledge, 2015. p. 17 – 27.

WIEMANN, Dirk; MAZUMDAR, Shaswati; RAJA, Ira. Postcolonial world literature: Narration, translation, imagination. **Thesis Eleven**, v. 162, n. 1, p. 3 – 17, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/072551362199470>. Acesso em: 28 mar. 2024.

WINNER 2011. **International Prize for Arabic Fiction**, [Abu Dhabi, 2024a?]. Disponível em: <https://www.arabicfiction.org/en/2011>. Acesso em: 04 abr. 2024.

YASIN, Ibrahim. **The Syrian Refugee Crisis in Lebanon: Between Political Incitement and International Law**. [S.l.]: Arab Center Washington, 2023. Originalmente publicado em árabe

pelo Arab Center for Research and Policy Studies em Doha, no dia 27 de setembro de 2023. Disponível em: <https://arabcenterdc.org/resource/the-syrian-refugee-crisis-in-lebanon-between-political-incitement-and-international-law/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

YETIV, Steve A. Oil, Saudi Arabia, and the spring that has not come. *In*: HAAS, Mark L.; LESCH, David W. **The Arab Spring**: change and resistance in the Middle East. Boulder: Westview Press, 2013.

YILDIRIM, Ramazan. Transformation of the Ennahda Movement from Islamic Jama'ah to Political Party. **Insight Turkey**, [s.l.] v. 19, n. 2, . p. 189-214, abr. – jun. 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26300510>. Acesso em: 29 fev. 2024.

YOUNAS, Abida. **Post-Arab Spring Narratives: A Minor Literature in the Making**. Cham: Palgrave Macmillan, 2023.

YOUNG, Robert J. C. **Postcolonial literature**: a historical introduction. Chichester: Wiley Blackwell, 2016. Disponível em: <https://www.wiley.com/en-us/Postcolonialism%3A+An+Historical+Introduction-p-9781119288954>. Acesso em: 02 maio 2023.

YOUNG, Robert J. C. What is the Postcolonial? **Ariel**: A review of international English literature, v. 40, n. 1, p. 14 – 25, jan. 2009. Disponível em: <https://journalhosting.ucalgary.ca/index.php/ariel/article/view/33560/27604>. Acesso em: 28 mar. 2024.

YOUSSEF, Adham. The controversial street music that won't be silenced. *In*: BBC, [s.l.], 13 de jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20210608-the-controversial-street-music-that-wont-be-silenced>. Acesso em: 23 nov. 2023.

ZAX, Talya. How Did the Arab Spring Change Fiction? **Literary Hub**, [S.l.], 2021. Disponível em: <https://lithub.com/how-did-the-arab-spring-change-fiction/>. Acesso em: 24 nov. 2023.

ZEMNI, Sami. The roots of the Tunisian Revolution: elements of a political sociology. *In*: LARBI, Sadiki (ed.). **Routledge handbook of the Arab Spring**: rethinking democratization. Abingdon: Routledge, 2015. p. 77 – 88.

ZIDAN, Jamal *et al.* Genotyping of geographically diverse Druze trios reveals substructure and a recent bottleneck. **European Journal of Human Genetics**, [S.l.], n. 23, v. 8, p. 1093 – 1099, 05 nov. 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4795119/>. Acesso em: 04 abr. 2024.

ZIEDAN, Youssef. Youssef Ziedan interview. [Entrevista concedida a] Laura Chubb. **Time Out**, Dubai, 22 fev. 2010. Disponível em: <https://www.timeoutdubai.com/knowledge/13488-youssef-ziedan-interview>. Acesso em: 30 jan. 2024.

ZNAIDI, Ali. The Golden Comar Prize 2015: A Report by Ali Znaidi. **Tunisian Literature**, [S.l.], 30 abr. 2015. Disponível em: <https://tunisianlit.wordpress.com/2015/04/30/the-golden-comar-prize-2015-a-report-by-ali-znaidi/#like-633>. Acesso em: 16 fev. 2024.

ANEXO A – Resumo de Barīd al-Layl [“Correio noturno”, em tradução de Safa Jubran], de Hoda Barakat

A primeira carta é escrita por um imigrante ilegal que a endereça à sua amada. Ele diz que aquela é a primeira carta que escreve na vida, pois a única outra pessoa para quem poderia escrever era sua mãe, e ela era analfabeta, o que implicaria que alguém lesse os conteúdos da carta a ela (Barakat, 2020). Ele diz não ter notícias da mãe há muitos anos, já que, quando uma barragem se rompeu, todo o vilarejo em que ela residia foi inundado, e, por conta disso, abandonado. Ele se ressentia profundamente da mãe, que o abandonou ao larga-lo em um trem para que pudesse ir estudar na capital, ficando aos cuidados do tio. A mãe fez isso por que ele “[...] deveria estudar por ser o mais inteligente da família [...]” (Barakat, 2020, p. 12).

O narrador descreve o relacionamento entre ele e sua amada, sobre como ela é “gostosa” (Barakat, 2020, p. 16) e “invasiva” (Barakar, 2020, p. 21). Sua amada, de certa forma, tomou o lugar de sua mãe ao “cozinhar para ele” e “lavar suas roupas” (Barakat, 2020, p. 25). Mesmo assim, ele diz que ela desprezou a “paixão” e a “obsessão” que ele sentia por ela (Barakar, 2020, p. 26). Mas ela estragou isso com suas “perguntas” (p. 26). Ele justifica ter voltado a olhar para outras mulheres como algo que eventualmente aconteceria, já que o caso deles “acabaria em rotina”, e o fato de ele ter voltado a olhar para outras mulheres apenas havia sido adiantado. “Mas ela aceita isso!” (Barakat, 2020, p. 27). Ele admite, na mesma página, que a verdade é que ele a afastou antes que ela o afastasse (Barakat, 2020, p. 27), que sente raiva quando percebe outro homem dando atenção a ela (Barakat, 2020, p.30). Ele inclusive já agrediu ela. Da primeira vez, ela o abraçou (Barakat, 2020, p. 30).

Ele trabalhava de forma ilegal. Primeiro em um jornal de um militar que fugira de seu país, sozinho ou com a ajuda do “líder histórico” do Estado (Barakat, 2020, p. 33). Seu chefe era um “amante da democracia”, mas a maior parte dos funcionários do jornal eram ilegais, e por isso fugiam toda a vez que havia uma inspeção do ministério do trabalho (Barakar, 2020, p. 33). Por meio de contatos de seu chefe em um escritório de investigação do Estado em que se encontrava residindo. O narrador aponta que seus colegas e ele acreditavam que havia uma cumplicidade entre seu chefe e esse escritório, que ignorava deliberadamente a presença deles ali. Eles acreditavam que “[...] o dinheiro calava a boca [...]” (Barakat, 2020, p. 34). Com uma visão penosa da vida, ele e os colegas sentiam-se “Amargos, repetíamos uns para os outros que essas eram as condições de sobrevivência na diáspora... e que éramos órfãos em nosso país e nossa família era pobre. Depois, prometíamos uns aos outros nos encontrarmos, procurarmos juntos por emprego” (Barakat, 2020, p. 34).

Um dia, simplesmente não deixaram nem o narrador, nem seus colegas entrarem no escritório. Nenhum deles se chateou por saber que é assim o mercado para os trabalhadores ilegais (Barakat, 2020, p. 35). Sem encontrar emprego parecido, se viu forçado a seguir para onde conseguia emprego. Era participando da cadeia de tráfico de cocaína ou com “os islâmicos”. Ele disse ter escolhido a cocaína por ser “covarde”. Falhou com os traficantes e, mesmo tentando conseguir algum trabalho formal, não conseguia (Barakat, 2020, p. 35 - 36). Queria renovar sua permanência onde estava, ou talvez se mudar para uma cidade árabe. Não conseguiu, porém, pois descobriu ser considerado *persona non grata* pelo seu país de origem. Fora considerado “opositor do regime”. Tudo por ter traduzido um artigo para um jornal francês. Ao tentar contatar opositores “de verdade”, foi considerado por eles como um oportunista e mandado para longe (Barakat, 2020, p. 36). Ficava viciado em cocaína.

Durante toda a extensão da carta, o texto se alterna entre o narrador falando sobre sua vida e entre ele comentando sobre um homem que estava do outro lado da rua, observando-o, segundo ele. Até mesmo pensa que o homem que o está vigiando é gay, e que ele quer algum tipo de relação com o narrador. O narrador fala não ter nada contra homossexuais, mas ele gosta de mulheres (Barakat, 2020, p. 25). Depois, o identifica como o “bigodudo” que trabalhava no serviço de inteligência. Ele acredita que aquilo não tem nada a ver com o seu trabalho e atividades ilegais, já que, em meio ao tráfico, não é importante a ponto de aspirar aquele tipo de vigia por dias. O narrador acredita que foi mandado pela recusa de renovação de seu passaporte. Diz a amada que vai descobrir quem ele é o que ele quer. A avisa na carta que logo mais volta. Ele, é claro, não retorna (Barakat, 2020, p. 39).

A segunda carta é narrada por uma mulher, que a endereça para o homem quem era apaixonada na época de infância. Eles se encontraram através do *facebook* anos depois, quando ela o procurou. A narradora encontrou a carta passada em seu quarto de hotel e sabe que o homem que a escreveu não estava hospedado ali, e sim em algum “quarto mobiliado barato” em uma rua ali perto (Barakat, 2020, p. 39). Ela teoriza sobre quem a escondeu ou a esqueceu ali, imaginando que ou foi esquecida pelo agente de segurança, ou escondida pela mulher a qual a carta se endereçava (Barakat, 2020, p. 41 – 42). De qualquer forma, imagina que seu autor esteja preso agora (Barakat, 2020, p. 42). A narradora acusa sua antiga paixão de estar mais de um dia atrasado para o encontro que haviam marcado. Ele está morando no Canadá; os dois são originalmente do Líbano (Barakat, 2020, p. 47, 53).

Ela fala muito de suas memórias passadas, dos tempos de juventude, de locais e frutas. Essa é a única carta que menciona pontos específicos de uma cidade, no caso Beirute, e faz isso

como revelações de uma memória afetiva da narradora (Barakat, 2020, p. 53). Sobre toda essa nostalgia que sente, a autora da carta descreve que

Nada na minha infância ou juventude evoca essa nostalgia parecida com uma prisão. Não estou aqui, neste quarto, para voltar para trás nem para vê-lo ou ver com você como eu era jovem ou o quanto a primavera era bonita e intensa no país. O país que já era, que caiu e quebrou como um grande vaso de vidro. Seria trágico, pura tristeza e grande amargura (Barakat, 2020, p. 53).

Fala também das memórias que compartilhou com o homem com quem estava com planos de encontrar – dizendo que ele menciona coisas que ela não lembra de terem ocorrido, e se pergunta se talvez ele não está confundindo com histórias que viveu com outra moça que veio a conhecer depois dela. Se lembra de uma história muito específica, de uma vez que ela achou que ele ia beijá-la, mas não o fez. A narradora diz que “As garotas de nosso país não oferecem os lábios [...]” (Barakat, 2020, p. 55).

Ela tece mais comentários sobre o seu país. Diz que viajar geralmente a decepciona, “[...] não porque meu país fosse mais bonito, principalmente como está, ardendo no fogo da guerra [...]” (Barakar, 2020, p. 56). Mas ela fala que agora não há nada nem ninguém a esperando em casa, e por isso não irá voltar. Decide que quer ir para Paris, e imagina se irá conhecer o autor da carta que encontrou lá. Devaneia que “Talvez o encontre em Paris, em algum café onde os jovens árabes, errantes e sempre fugindo de alguma coisa, costumam se reunir” (Barakat, 2020, p. 62). Ela parece fixada na ideia de encontrar o jovem e tentar descobrir se ele conseguiu renovar o passaporte e voltar para seu país natal. Menciona a revolução que ocorreu no país dele (Barakar, 2020, p. 63).

A terceira carta, a mais brutal e que faz as confissões mais atroz, é destinada a mãe de seu autor. Ele a escreve de um aeroporto, e diz ter que a produzir de uma vez pois a segurança está muito atenta para potenciais terroristas, e por isso deve termina-la antes de passar pela segurança (Barakat, 2020, p. 64). Ele se inspirou em escrever ao tirar do lixo uma carta que havia sido descartada ali por uma mulher de meia idade. Ele tinha certeza que ela não voltaria para casa, pois seu país de origem era o Líbano, e dali não saiam voos para lá (Barakat, 2020, p. 68 - 69). O autor relata ter esperança de que a mãe o perdoe, mesmo sabendo que a probabilidade é muito baixa, já que ela não o perdoou pela primeira vez que foi preso. Ele havia mentido que estava sendo preso por causa do uso de haxixe, mas ela sabia que era mentira (Barakat, 2020, p. 66). Ela cuspiu no rosto dele; mesmo assim, ele diz essa ser a melhor memória que tem desde então (Barakat, 2020, p. 66).

O autor da carta diz que deveria ter dado ouvidos a ela, que ele simplesmente deveria ter baixado a cabeça e trabalhado (Barakat, 2020, p. 66). Ele relata que apanhava muito do pai

e que não sabia se isso havia permitido que um forte sentimento de raiva e de humilhação inexplicável se criasse dentro dele, ou se isso havia feito algum tipo de bem a ele (Barakat, 2020, p. 66). Ele diz que a mãe nunca tentou protegê-lo porque ela também teria sido agredida. Entretanto, ele também fala que não existe mais tempo de mágoa (Barakat, 2020, p. 67). Ele fala que o pai sempre o bateu com gosto, como se o preparasse para “os golpes que estariam por vir” (Barakat, 2020, p. 67). Ele fala que, no fim, foi bom que ele havia se endurecido e aumentado sua habilidade de aguentar dor (Barakat, 2020, p. 67).

Ele sente muita falta da mãe. Sente, também, que precisa pedir o perdão dela, mesmo que ela não conceda isso ao narrador. Que quem será responsável por puni-lo pelo que fez será a mãe, se o destino assim desejar (Barakat, 2020, p. 70). A verdade é que ele não sabe onde ela está e não sabe para qual endereço deve enviar a carta. O narrador diz que “[...] [eu] espero que [a mãe] esteja viva e tenha conseguido fugir na hora certa, por terra ou por mar [...]” (Barakat, 2020, p. 70). Ele diz ter recebido muitas notícias de morte nos últimos tempos, e que, se tiver sorte, vai pessoalmente procurar pela mãe e vai levar a carta com ele, para entregá-la em mãos (Barakat, 2020, p. 70).

Ao explicar sobre como havia parado nessa situação, diz não saber porque ele havia sido levado pelos soldados, que diziam que os “amigos” dele já haviam confessado por um crime ao qual ele nem sabia qual era (Barakat, 2020, p. 71). Na prisão, fora agredido, estuprado e humilhado. Passou a ter muito medo, principalmente quando estava sozinho, chegando ao ponto de que seus sonhos eram apenas uma repetição daquilo que ocorria com ele quando estava acordado. Perdera, com isso, a noção de tempo e de espaço, e não sabia mais distinguir sonho de realidade (Barakat, 2020, p. 72). Ele, enfim, “confessou” ter feito o que os soldados o acusaram, e, com isso, foi posto em uma série de testes para provar sua submissão e arrependimento (Barakat, 2020, p. 72). Ele não queria voltar para a prisão, então se esforçou para mostrar sua obediência, ao fim convencendo os homens de que estava do lado deles. Com isso, passou a ter poder dentro da prisão, tornando-se o torturador, ao invés de torturado (Barakat, 2020, p. 72 - 73).

Conseguiu voltar para casa, “como um homem, [...] orgulho para o pai que não precisava mais me corrigir, pois estava muito claro que o Estado já o tinha substituído nesse papel e fizera um bom trabalho [...]” (Barakat, 2020, p. 73). Porém, se espalhou o rumor de que ele agora trabalhava na prisão, prendendo os filhos dos vizinhos e os torturando, e seu pai o expulsou de casa definitivamente. Ele, porém, parou o pai quando este foi agredir o narrador, agora cuspidando na cara do homem mais velho (Barakat, 2020, p. 73).

Os trabalhadores da prisão, inclusive do narrador, não confiavam em ninguém que odiasse o país ou o líder. O narrador relata que eles torturavam os demais, pois sabia que, se não o fizessem, eram eles que seriam torturados (Barakat, 2020, p. 74). Ele sabia, dessa forma, que Deus os havia abandonado (Barakat, 2020, p. 75). Porém, isso não durou para sempre. O narrador relata que

Os figurões desapareceram e a população caiu sobre nós em nossos postos. Os protestos dos ateus depravados e dos patifes se transformaram em rios humanos. Ainda não sei como consegui escapar das mãos que caíam sobre mim por todos os lados, com golpes de punhos, paus e pedras. Eu fugi (Barakat, 2020, p. 75).

Ele escapou da prisão e fingiu que era parte da resistência, se passando assim apenas como um preso. Descreveu as torturas que sofreu na época em que era torturado e conseguiu abandonar o país por via marítima, com a ajuda de dois contrabandistas, a quem deu todo o seu dinheiro, e chegou em um país estrangeiro cujo idioma não sabia falar, aprendendo o básico (Barakat, 2020, p. 76). Começou o processo de conseguir a documentação correta para que pudesse residir no país como exilado. Porém, alguém o denunciou como funcionário da inteligência do governo que caíra, e isso foi apontado para ele em uma de suas entrevistas para que conseguisse pedir asilo político. Ele negou, mas foi informado de que a investigação começaria. Saiu de lá e nunca mais voltou (Barakat, 2020, p. 76). Virou morador de rua, se alimentando com a ajuda da cruz vermelha ou de grupos islâmicos. Foi expulso desses grupos por ter desenvolvido um vício por álcool. Fez amizade com um albaniano, também muçulmano (Barakat, 2020, p. 78). Conheceu também uma mulher, que em pouco tempo o acolheu para dentro de sua casa (Barakat, 2020, p. 80).

Ele fazia tudo o que ela pedia e também limpava sua casa. Sempre que ela lhe perguntava sobre seu passado, a dizia que não gostava de lembrar do que havia ocorrido e que preferia esquecer de seu passado (Barakat, 2020, p. 81). Ela queria que ele conseguisse a documentação adequada, já que naquele país era proibido abrigar imigrantes. Ele se recusava a iniciar o processo da emissão de documentos. Ela o fez prometer que não sairia do apartamento (Barakat, 2020, p. 81).

Ela trabalhava, andava quase nua pela casa e não removia seus pelos. O narrador fala que estrangeiros não tem vergonha da nudez “como nós temos” (Barakat, 2020, p. 83). A mulher estava em um relacionamento antes, e esse homem ainda tinha as chaves do apartamento, bem como havia deixado roupas lá. O narrador passou a ficar paranoico que ele poderia retornar (Barakat, 2020, p. 84). Foi rude com a mulher, quando ela o informou que havia descoberto uma instituição que ajudava migrantes a conseguirem seus documentos. Eles

brigaram. No dia seguinte, com medo de que ela o expulsasse, a convenceu de que estava apaixonado por ela, que tinha muito ciúmes do homem com quem ela havia se relacionado antes e que o acolhimento dela e sua esperança de que ela reciprocasse seus sentimentos “ [...]seria inaceitável, principalmente para um árabe“ (Barakat, 2020, p. 84). Com essa confissão mentirosa, eles passaram a ter contato íntimo, e ele começou a sentir repulsa da mulher. Mentia a ela que estava escrevendo um livro, focado em reviver o seu passado, e assim evitava “os avanços” dela (Barakat, 2020, p. 88). Começou a sentir muito medo novamente e, em meio a isso, assassinou a mulher que o havia acolhido em sua casa (Barakat, 2020, p. 92).

Agora, tentaria comprar uma passagem para voltar ao seu país de origem. Diria que negaram a ele o refúgio e que perdera seus documentos, ou que descobrira que a autora da carta que encontrara, na verdade, havia assassinado o marido e tinha a intenção de fugir para o Canadá com o amante (Barakat, 2020, p. 91). Deixara o corpo da mulher no apartamento, pois durante seu tempo como torturador, não o ensinaram como se descartava um corpo. Resolve voltar ao apartamento no dia seguinte para trocar as fechaduras, esperando assim ganhar mais tempo para fugir (Barakat, 2020, p. 94, 97). Conclui a carta desejando boa noite à mãe, onde quer que ela esteja (Barakat, 2020, p. 97). Entretanto, antes disso, se pergunta: “Quando o Senhor me chamar para prestar contas, vou questionar: “o que eu poderia ter feito? O que eu poderia ter feito depois que o senhor me lançou nessa fomalha, nas chamas do inferno? O que eu poderia fazer depois que me abandonou?” (Barakat, 2020, p. 97).

A quarta carta é escrita por uma mulher, que a endereça a seu irmão mais novo. Ela conta a ele que encontrou uma carta entre a poltrona e o vão de um avião que fora forçado a retornar, para que um de seus passageiros pudesse ser preso. A narradora não sabe o que fazer com aquela carta, se deve a entregar à polícia ou não. Ela ressalta que o homem não é um terrorista, e que estava sendo preso pelo crime de assassinar uma mulher, e que por isso não haviam inspecionado seu assento em busca de explosivos (Barakat, 2020, p. 98 - 99). Sobre isso, ela comenta

É horrível o que esse homem fez! No entanto, por não ter entregado a carta para a polícia logo, por ter passado um tempo lendo e relendo, já não posso mais entregá-la. [...] talvez as confissões contidas na carta não acrescentem nenhum detalhe importante à sua acusação. [...] São as confissões de um filho para a mãe, a última pessoa que resta na vida de um ser humano, não importa o que cada um tenha feito. [...] Além do medo, tive pena dele. Isso é estranho, claro, porque ele é um assassino cruel. Mas toda pessoa neste mundo tem um lado inocente, principalmente quando está diante da mãe. Na sua presença, o indivíduo volta a ser uma criança, a criança que foi um dia, mas que o abandonou, largando-o no esquecimento (Barakat, 2020, p. 99 – 100).

Ela diz que o autor da carta que encontrou irá passar o resto da vida na prisão, e que ele não será perdoado nem por Deus, nem pelos homens. Ele fora, segundo ela “[...] sacrificado pelo destino” (Barakat, 2020, p. 100). Ela relata que também perdera a mãe, assim como quem escreveu a carta que encontrou, mas que, na verdade, a perdera há muito tempo, antes mesmo de a mulher morrer. Sua mãe vivia reclamando que ela mandava pouco dinheiro, que as outras mulheres do vilarejo com idade aproximada a da narradora estavam conseguindo dar vidas muito melhores às suas famílias e que ela gastava muito para sustentar “a pequena” [filha da narradora]. Quando a narradora ofereceu para ir buscar a filha depois que se estabelecesse melhor, porém, a mãe a xinga e corta contato com ela (Barakat, 2020, p. 101).

A mulher que escreve a carta relata que sua mãe “a vendeu” em troca do dote, que garantiria conforto aos homens da família dela (Barakat, 2020, p. 101). Ela tinha apenas quatorze anos. Se divorciou após um casamento infeliz, fato que “envergonhou” sua mãe e irmão. A mãe comprara para ela uma passagem para a Europa, para que “desaparecesse” (Barakat, 2020, p. 101). Ela primeiro virou faxineira e, depois, prostituta (Barakat, 2020, p. 102). Se perguntava, resignada, “[...] qual a diferença entre uma humilhação e outra? Só o dinheiro me afastaria um pouco do cheiro dos banheiros e da sujeira deste mundo, já que minha mãe, minha própria mãe, começava a me oprimir. Você [o irmão] já estava na prisão” (Barakat, 2020, p. 102). Seguiu trabalhando meio turno em hotéis, como forma de esconder sua verdadeira fonte de renda (Barakat, 2020, p. 102). A narradora relata que era muito mais fácil ter relações sexuais com seus clientes, já que eles eram muito mais gentis do que seu ex-marido fora (Barakat, 2020, p. 102). Ela dizia que o ex-marido devia ser um “homossexual enrustido”, declarando que sua única condição com seus clientes era que “não me penetrassem por trás, como fazia aquele jumento à força [...]” (Barakat, 2020, p. 102).

Ela tinha uma boa relação com seus clientes e com o fato de que era uma profissional do sexo, uma vez que não trabalhava para ninguém. Tinha certa liberdade em “escolher seus clientes”. Assim, não vivera a humilhação que muitas mulheres relatavam. Porém, deixou de ser prostituta quando foi estuprada por um homem, também árabe, no hotel no qual trabalhava. Quando prestou queixa, foi demitida, pois o segurança sabia que era prostituta e achava que ela estava tentando “[...] extorquir um homem árabe que teme escândalos [...]” (Barakat, 2020, p. 104). Conseguiu um emprego de limpeza no aeroporto (Barakat, 2020, p. 104).

Foi visitar a mãe, que estava acamada, e soube por ela que a filha havia fugido. Descobriu depois que a mãe, na verdade, forçara a filha dela a se casar, assim como fizera ela. A menina agora morava em algum país do Golfo Pérsico (Barakat, 2020, p. 105). A filha casara com uma mulher transexual, “um homem que se vestia como mulher”, segundo a narradora.

Sua filha trabalhava como dançarina e faxineira em um local que parecia um prostíbulo (Barakat, 2020, p. 105). Ela tirou a menina de lá, que, desde então, se recusava a falar com a mãe. A narradora também descobriu que todo o dinheiro que mandava para a mãe havia sido entregue a um falso advogado que prometera tirar seu irmão da cadeia, mas que havia desaparecido com o dinheiro. Quando voltou ao seu país natal, vendeu a casa da família, bem como as joias que sua mãe tinha, e a abandonou para morrer. Mas afirma para o irmão que, apesar do que ele acredita, ela não matara a mulher com as próprias mãos – apenas não chamou a assistência de saúde (Barakat, 2020, p. 106).

Voltaram à Europa e ela começou a trabalhar como faxineira na casa de uma mulher que a destratava. Num dia, a encontrou caída, envolta em seu próprio sangue. Assim como fez com a mãe, roubou suas joias e foi embora. Voltou horas depois, avisou a polícia e fingiu que havia acabado de a encontrar assim. Suspeitaram primeiro do marido de sua chefe; depois, da narradora. Ela chorou durante o interrogatório; a desconsideraram como suspeita (Barakat, 2020, p. 107). Ela acredita ser apenas uma vítima, e isso não faz dela uma assassina (Barakat, 2020, p. 108). Sobre sua situação, discorre que

Servir me quebrou. Me tornei serva de tudo e de todos. Me tornei serva de tudo e de todos. Se houvesse um hino para os servos da terra, eu o aprenderia de cor e cantaria sem parar. E quanto aqueles que deus criou para que nós os servíssemos? Eles se deleitam mordendo o fruto da vida como seus fortes dentes. [...] Nós, quando a vida se torna injusta conosco, nós nos tornamos cervos dóceis e agradecemos a Deus por termos a oportunidade de servi-los” (Barakat, 2020, p. 109 – 110).

Apesar dos pesares, admite sentir falta da mãe. Diz que sabe que a mãe a amava e que a vida havia a tornado amargurada. Ela aponta que, se a própria mãe não a ama, quem mais vai (Barakat, 2020, p. 109). Ela conclui a carta contando ao irmão que a filha ainda não fala com ela e que acredita que a jovem a odeia. Por isso, está tentando puni-la. Além disso, a menina usa o *hijab* o tempo todo. Revela ao irmão que, quando ele sair da prisão, vão ter que confiar e colaborar um com o outro. Ele precisará ajudá-la a vender as joias roubadas. Revela que não enviará a carta pelo correio, mas que tentará fazer com que a carta chegue a ele (Barakat, 2020, p. 111).

A quinta carta é escrita por um homem, que a endereça a seu pai. O filho diz que eles sempre tiveram um relacionamento conturbado, mas sabe que o pai o ama muito, já que ele é o filho que o pai tanto sonhou. Ele diz que se preocupa com o homem mais velho, já que recebera notícias de que estava doente (Barakat, 2020, p. 112 – 113). Ele tem tido pesadelos recorrentes de que precisa abraçar o pai, protegendo-o com seu corpo, já que no sonho ele está muito enfraquecido (Barakat, 2020, p. 113). Ele diz que não entrará em muitos detalhes sobre isso,

porém, uma vez que não quer voltar a conversar com o pai sobre sua “fraca personalidade” (Barakat, 2020, p. 113) – descobre-se, mais a frente, que isso se relaciona ao fato de que o narrador desta carta é gay.

Assim como nas cartas anteriores, ele resolvera escrever ao pai depois de ler a carta escrita pela mulher ao seu irmão preso. Ele há encontrara dois anos atrás, dentro do seu armário no bar em que trabalhava (Barakat, 2020, p. 113). Ele diz que tem a sensação de conhecer a mulher da carta, pois se identifica com necessidade de ser ouvido e perdoado que ela também tem (Barakat, 2020, p. 114). Ele fala que “[...] essa mulher perdeu a voz quando nasceu” (Barakat, 2020, p. 115). Ele diz sentir muito orgulho do pai e da forma com a qual ele os criou e os protegeu durante épocas complicadas (Barakat, 2020, p. 115). Ele diz que tenta se imaginar na posição do pai, mesmo sabendo que é impossível fazer esse exercício de forma fidedigna. Fala que nunca seria um combatente, já que não acredita nas mesmas coisas que o pai, nem tem os mesmos princípios que ele (Barakat, 2020, p. 115 - 116). Mas isso em nada se relaciona com o fato de ser “bicha”, como o pai dizia, pois há vários como ele que tem a capacidade de matar e de brigar, também (Barakat, 2020, p. 116).

O pai acreditava que sua homossexualidade era uma doença, e que, com o tempo, isso passaria. O narrador, percebendo a aflição que isso causava no pai, orava a Deus que o “curasse”. Começou a ter medo do pai, de como ele era tirano para protege-los e de como perseguia a mãe dele (Barakat, 2020, p. 116 - 117). Mesmo que preocupado, apenas descansava quando o pai saía de casa e ia “[...] voltar às batalhas [...]” (Barakat, 2020, p. 117). Ele precisava que o pai o amasse, mas

[...] essa “doença” se tornou uma falha, uma depravação, enfim, uma punição para a qual você ficou procurando motivos, uma maldição do céu, uma patologia que deus infligiu a você por meu intermédio. [...] Mas eu cresci. E deixei de ser uma doença ou uma maldição. Agora sou quem sou. Porque houve outros que me amaram além de você. Voltei a ser belo e desejável e vi Deus em Sua ternura e autoindulgência. Eu, a quem você expulsou de sua casa, supostamente por causa de um cigarro de haxixe. Eu, a quem você cuspiu na cara, culpando-a por meu desvio. Quantos anos eu tinha na época? O “desvio”, sua assombração, que você passava a ver em todo mundo e em tudo que acontecia a seu redor. Você o defensor dos fracos, dos oprimidos e dos explorados, você que lutou contra a injustiça – como sempre repetia – quantos “desviados” você matou? Quantos traidores você assassinou “preventivamente”? (Barakat, 2020, p. 117, p. 116 – 117).

O narrador saiu do seu país de origem, mas fala que o fez não para se afastar do pai, nem da guerra que estava ocorrendo. Foi para se aproximar mais de quem era. Também não foi motivado por perspectivas de uma vida melhor. Dizia que “não é anjo nem demônio”, mas que se sua sexualidade é uma forma de punição, então deve ser a segunda opção (Barakat, 2020, p. 118). Conta ao pai que teve um namorado que foi acometido “pela doença” (Barakat, 2020, p.

118). Em função da saúde do namorado, que se deteriorava cada vez mais, e do fato de que estavam precisando de dinheiro, uma vez que o namorado fora demitido e não conseguia mais trabalhar, começou a se prostituir em bares localizados em bairros “de judeus e gays” (Barakat, 2020, p. 119). Ele nunca se tornou soropositivo (Barakat, 2020, p. 121).

O tratamento que tentaram com o companheiro dele não funcionou. Ele foi ficando cada vez mais doente e fraco. O narrador cuidava dele incansavelmente, até o dia em que seu companheiro pediu a ele que parasse com os cuidados. Passou a recusar alimento, também. Com isso, o narrador não voltou mais para casa, tornando-se assim um morador de rua. Apesar disso, sentia culpa de tê-lo deixado, mesmo que isso tenha apenas ocorrido a pedido do companheiro. Passou a procurar consolo em outros corpos saudáveis, descrevendo que isso ajudava (Barakat, 2020, p. 120). Ele se sentia atraído aos renegados da sociedade, e, durante seu período morando nas ruas, furtava e pedia esmolas para sobreviver (Barakat, 2020, p. 121).

Um jovem, que se dizia “evangelista”, às vezes se juntava a eles e seus companheiros de rua para pregar os ensinamentos de Jesus Cristo. Esse jovem levou-os para um centro de imigrantes. Nesse centro, sendo atendido por um médico, o narrador descobriu que ficaria cego de um olho. O jovem dizia que nem sempre a voz do povo está correta, prova disso é o fato de que pediram a soltura de Barrabás ao invés da de Cristo. Explicava que parábolas eram, na verdade, histórias que necessitavam de interpretação (Barakat, 2020, p. 121 - 122). Quando fala ao narrador que a parábola do andar sobre as águas de Jesus Cristo, na verdade, transmite a mensagem para que se tente o impossível, o narrador faz o seguinte comentário

Gostei da ideia de andar sobre as águas. Olhei para os membros do grupo e percebi que eram sobreviventes, retirados do mar, que tinham perdido seus familiares e amigos nos barcos que afundaram. Talvez eles devessem ter tentado andar sobre as águas. [...] Se fossemos realmente crentes, nós caminharíamos, sem os barcos, sem seus perigos e seus custos, e eu mesmo eria colocado sapatos confortáveis e teria caminhado na superfície da água até a Europa e talvez até mais longe [...] (Barakat, 2020, p. 122 - 123).

Eventualmente expulsaram o evangelista do grupo. O narrador passou conhecer mais gente do centro de refugiados, ficando lá até chegar um grande volume de mulheres e crianças e viu pessoas atirando a eles garrafas d’água e roupas. Viu também que tinha carros de imprensa. Foi embora. Finaliza a carta dizendo ao pai que agora era um andarilho cego e que gostaria de ir para casa. Não tem mais dinheiro, e que, se o pai o aceitar, mande o dinheiro para uma passagem para ele. Diz que ainda tem seus documentos e pede que o pai não demore muito (Barakat, 2020, p. 125).

Antes da última carta, há uma interrupção. Brevemente, se vê o ponto de vista das pessoas as quais as cartas estavam sendo endereçada. A primeira, a amante do homem, descreve como seu relacionamento era abusivo, mas como ela sempre retornava para ele. Se pergunta como ele pode abandoná-la do jeito que fez (Barakat, 2020). O segundo, o amante dos tempos de adolescência da senhora. Ele fala que havia se apaixonado por ela em uma viagem e que não sabia ao certo porque havia ido ao encontro dela. Resolve pegar o próximo voo de volta para casa, sem antes vê-la. Diz estar com saudades da esposa (Barakat, 2020). A terceira pessoa é o albanês mencionado na terceira carta (e não a mãe de seu autor). Acontece que, durante a confissão do assassinato da mulher que o acolhera, ele dissera que o albanês era seu cúmplice e que havia sido dele a ideia de assassiná-la, para que roubassem seus bens. Ele fala ser por isso que as pessoas têm medo de refugiados, e se pergunta se estaria recebendo o mesmo tratamento se fosse “inglês, australiano ou sueco” (Barakat, 2020, p. 144). O quarto é o irmão da narradora, que diz que mulheres são uma maldição. Ele fala que, depois que seu pai morreu, sua mãe disse que ele precisava se tornar “o homem da casa”. Entrou para o tráfico de drogas quando a irmã se divorciou, e por isso fora preso. Diz que a irmã é uma ladra e assassina, e que vai matá-la quando a encontrar (Barakat, 2020). Nem o pai do quinto narrador, nem nenhuma pessoa que entra em contato com ele, fala sobre a carta (Barakat, 2020).

Por fim, a sexta e última carta é a mais curta de todas. Quem a escreve é o “carteiro”, que está preso na central dos correios. Ela não é endereçada a ninguém em particular. Ele apenas espera que um dia alguém encontre sua carta. Ele reconta suas experiências em seu trabalho, dizendo que trazia alegria e tristeza para as pessoas, dependendo dos conteúdos das cartas que levava. Que era sempre bem recebido, até o começo da guerra, quando parou de conseguir distribuir suas cartas. Conta que muitos abandonaram suas casas e vilarejos e que havia um grande medo do “Estado Islâmico” (Barakat, 2020). Ele acredita que a internet não vai substituir seu trabalho, já que o governo controla a internet e que computadores são muito caros. Ele leu e catalogou todas as cartas e as separou por ordem de prioridade. Comenta que a comida está ficando escassa e que é possível que morra antes que outra pessoa consiga voltar aos correios (Barakat, 2020).

ANEXO B – Resumo de Al-Talyānī [“O italiano”, em tradução de Miled Faiza e Karen McNeill], de Shukri Mabkhout

Abdel Nasser é apelidado de “O italiano” em função de sua aparência física. Desde criança, sempre foi muito bonito, se assemelhando a um homem de características italianas, traços esses que só se acentuavam com a idade. Ele era o mais novo de quatro irmãos. Seu pai sempre fora um funcionário do Ministério das Finanças, homem afluente e com ideias bastante progressistas. Por causa dele, Abdel Nasser descendia de uma família turca de longa tradição. O protagonista do romance sempre admirou muito seu irmão mais velho, Sallah Eddine, que, aos dezoito anos, ganhou uma bolsa de estudos para fazer sua graduação em economia na França e nunca mais voltou a morar na Tunísia. Sallah Eddine, antes de sua partida, havia se envolvido com a vizinha, Lella Jnayna, de idade próxima a dele. A deixara ao emigrar para a Europa. Na época, Abdel Nasser tinha apenas seis anos (Mabkhout, 2021).

Sua família tinha bastante dinheiro, e a casa possuía um empregado, Baba Ali. Acreditavam que Baba Ali fora mais um dos milhares de camponeses atraídos a Tunis pelo Partido Constitucional para recepcionar o presidente Bourguiba e fazer córum nos encontros do governo. Um dia, Baba Ali se despediu deles e foi embora. Além dele, uma mulher que eles chamavam de Amina, cujo nome verdadeiro na verdade era Ghzala, também trabalhava como empregada na casa da família. Durante as faxinas de Amina, Abdel Nasser pegava a chave do quarto de Sallah Eddine e visitava o quarto do irmão frequentemente, para mexer em suas coisas, ler seus livros e ouvir seus discos. Quando se tornou adolescente, Abdel Nasser mudou-se para o antigo quarto do irmão, que agora era seu. Mais ou menos na mesma época, começou a se envolver com mulheres (Mabkhout, 2021).

Também nessa mesma idade, o protagonista começou a se interessar por política e por literatura, formando assim um “clube de leitura e filosofia” com seus amigos, onde liam obras de ficção, poesia e filosofia árabes e francesas, originalmente, e depois de outras partes do mundo. O narrador do romance é um participante ativo desse grupo. Abdel Nasser preenchia o papel de “líder” deles, ditando que eles todos deveriam virar filósofos (Mabkhout, 2021, p. 46). O protagonista era muito instigado por um professor da escola, responsável por o emprestar esses livros e o convidar para encontros em sua casa, onde debatiam política, cultura e literatura. Esse professor, identificado como Ustad Fath K., inclusive, fora preso depois, em função do que ocorrera na Tunísia em 26 de janeiro de 1978 (Mabkhout, 2021, p. 46). A amizade entre o clube encabeçado por Abdel Nasser se enfraqueceu quando o Italiano passou a dar mais importância para as relações conquistadas através de Ustad Fath K. (Mabkhout, 2021, p. 46).

O protagonista entra na faculdade, escolhendo se graduar em Direito. Isso foi contra as recomendações de seu pai, que queria que ele fosse para o caminho da Medicina, e seu irmão, que o recomendou cursar administração. O narrador do romance escolheu cursar filosofia (Mabkhout, 2021, p. 47). O Italiano passou a participar de um grupo político “secreto”, um sindicato dos estudantes, em que ele fazia parte dos cinco homens que formavam a cúpula central da organização. Por causa disso, Abdel Nasser havia decidido que estenderia sua permanência na universidade ao máximo, uma vez que seu papel como mobilizador e organizador era quase fundamental para o funcionamento do grupo. Ele também era ótimo recrutando novos participantes a partir de sua retórica convincente (Mabkhout, 2021, p. 57).

Eles se consideravam comunistas e defendiam a implementação do sistema na Tunísia. Havia, também, um membro do grupo que era de fora da universidade, um advogado que cuidava das questões jurídicas das atividades do grupo e que tinha um papel de liderança. A ele, se referiam como “camarada advogado” (Mabkhout, 2021, p. 48). O camarada advogado havia sido um exilado político no sul do Líbano em função de sua participação nos “protestos pelo pão”¹ (Mabkhout, 2021, p. 63). Em função disso, havia combatido sionistas ao sul do Líbano (Mabkhout, 2021, p. 69). Uma das demandas feitas por ele era que a cúpula organizasse o assassinato de uma das estudantes do curso de filosofia considerada por ele como um problema e uma ameaça: Zeina (Mabkhout, 2021, p. 48). Os jovens decidem desconsiderar a “recomendação” do camarada advogado, por acreditarem que ela também “luta” por objetivo parecido ao deles. Por isso, Zeina não deve ser considerada como uma “inimiga”, apesar de suas duras críticas criarem alguns problemas ao grupo. Abdel Nasser acredita que a cúpula deve cortar relações com o camarada advogado (Mabkhout, 2021, p. 54).

Zeina era uma jovem de personalidade altamente confrontadora e que abertamente criticava o movimento estudantil de que Abdel Nasser fazia parte. Ela vinha de um vilarejo Berber no nordeste da Tunísia. Seu nome verdadeiro era Anrouz, utilizado apenas pela família, já que o presidente forçara berberes a registrar seus filhos com nomes árabes (Mabkhout, 2021, p. 54). Na faculdade, Zeina dava sua opinião honesta quando bem queria, se identificando como parte do grupo de estudantes que se identificavam com a esquerda. Por causa disso, seu apelido por parte de grupos opositores era “puta da revolução proletária” (Mabkhout, 2021, p. 55). Esse apelido era comum tanto entre os islamistas quanto os *baathistas* (Mabkhout, 2021, p. 55).

¹ “Protestos pelo Pão” foi como ficou conhecido o movimento que tinha por objetivo protestar contra o aumento do preço do pão imposto pelo governo como forma de acomodar as reformas implementadas pelo Banco Mundial. Mais de cem pessoas morreram em virtude dos protestos durante os aproximadamente dez dias que duraram o movimento (Dakhli, 2021).

Ela era considerada como uma jovem brilhante, perspicaz e afrontosa desde os tempos da escola, tendo a sua inteligência a protegido diversas vezes de ser expulsa do colégio. Além disso, também era querida por parte dos professores. Ela era responsável por organizar protestos e coordenar os alunos dentro da escola, sendo muito comunicativa (Mabkhout, 2021, p. 49). Até mesmo seu pai já desistira de discipliná-la, declarando uma vez que ela era “filha de Bourguiba, que permitia mulheres a enfrentar seus pais e irmãos”, e que ele não dava a menor importância para o que acontecia com ela (Mabkhout, 2021, p. 52). Na universidade, Zeina era uma das poucas pessoas capazes de debater com os islâmicos dentro do campo da identidade islâmica (Mabkhout, 2021, p. 63)

Foi a partir desse contato que se iniciou a relação entre Abdel Nasser e Zeina. Zeina discordava dos argumentos do sindicato. Em contrapartida, também era contra a estrutura burocrática dos grupos de esquerda e sua centralidade em lideranças (Mabkhout, 2021, p. 60). Para ela, o problema central da esquerda era a falta de intelectuais que permeassem os grupos de forma profunda, uma vez que ela acreditava que o papel dessas pessoas era fundamental (Mabkhout, 2021, p. 60). Para Zeina, tanto as organizações de esquerda da faculdade quanto as islâmicas defendiam sua própria visão de fascismo (Mabkhout, 2021, p. 60). Abdel Nasser se viu obrigado a conversar com Zeina, para pedir que ela parasse com suas críticas contra o marxismo-leninismo, a fim de impedir que o movimento de esquerda fosse enfraquecido a partir de divisões internas. Ela fala que reservará seu direito de criticar quem bem entender. Diz, também, que o que o Italiano estava tentando fazer era privá-la de sua liberdade de expressão, como fazia Bourguiba (Mabkhout, 2021, p. 65 - 66).

Ao relatar ao camarada advogado que havia conversado com Zeina, mas que o grupo não iria atentar contra a vida dela, o homem diz a Abdel Nasser que, às vezes, a revolução requer um pouco de violência. Pontua também que ele era um combatente e que o Italiano não entende isso por ser de uma “pequena burguesia” (Mabkhout, 2021, p. 65). O grupo termina sua relação com o camarada advogado, que logo depois formou outra facção – que tinha o mesmo nome, apenas com a palavra “radical” adicionada (Mabkhout, 2021, p. 70). Eles tinham objetivos parecidos com o do grupo original, com a atividade adicional de remover a “pequena burguesia” e os “oportunistas políticos” do poder (Mabkhout, 2021, p. 72).

Por causa disso, o Italiano organizou outro encontro com Zeina, no qual avisou a ela que ela estava correndo risco de vida, assim como ele. Eles saíram para jantar. Ele se desculpa pelo rumo que seu primeiro encontro tomou (Mabkhout, 2021, p. 80). Ele diz que seu grupo estará empenhado em protegê-los e que isso só está acontecendo com eles porque pessoas motivadas por “regionalismos e clanismos, não valores e princípios” querem machucá-los.

Abdel Nasser pede que Zeina não se exponha desnecessariamente, até porque faltava poucos meses para sua graduação (Mabkhout, 2021, p. 80). Pouco tempo depois, eles confessam estarem apaixonados (Mabkhout, 2021, p. 83). Eles voltam para casa juntos, com um taxista fazendo comentários sobre as notícias no rádio, que falava sobre protestos e atividades do governo que envolviam proteger seus cidadãos (Mabkhout, 2021, p. 82). As tensões políticas entre o governo e os grupos islamistas estava ficando cada vez pior (Mabkhout, 2021, p. 82).

Esse aumento de tensões culmina em um ataque feito à universidade por parte de grupos islamistas alguns dias depois. Os esquerdistas estavam perdendo cada vez mais apoio. Eles se viam, por um lado, pressionados pelos islamistas, por outro, pelo governo (Mabkhout, 2021, p. 84). A Universidade *de la Manouba*, instituição a qual o Italiano e Zeina estudavam, havia tido seus fundos governamentais cortados em razão das reformas econômicas impostas pelo FMI e pelo Banco Mundial (Mabkhout, 2021, p. 84). Ao mesmo tempo, uma lei que proibia assembleias sem autorização governamental prévia havia voltado a valer (Mabkhout, 2021, p. 84). Com isso, os estudantes que simpatizavam com o movimento islamista estavam em constante embate com o governo. Agora, os campi estavam sendo fiscalizado com mais frequência, e mais pessoas estavam sendo presas (Mabkhout, 2021, p. 84). O Italiano acreditava que esse seria o terreno fértil perfeito para a revolução proletária (Mabkhout, 2021, p. 85).

Abdel Nasser e Zeina estavam juntos na faculdade, casualmente, no dia do ataque. Ele estava lá por fazer parte da organização de um protesto que ocorreria em algumas semanas; ela, para encontrar um professor. O Italiano usava um *kaffiyeh* palestino. Havia um encontro de islamistas sem a aprovação do governo na cafeteria da universidade. Quando a força policial chegou, ambos foram confundidos com membros do grupo islamista e foram levados para uma delegacia de polícia (Mabkhout, 2014, p. 88 - 89). Por não serem islamistas, Zeina foi solta rapidamente. Abdel Nasser, porém, ficou retido por um pouco mais de tempo, sendo interrogado por um policial que conhecia Si Mahmoud, pai do Italiano (Mabkhout, 2021, p. 91). O homem perguntou se ele havia se tornado parte da irmandade muçulmana ou se estava lá por acaso. Abdel Nasser afirmou que tinha seus princípios e que eles não mudariam.

Ele fez vários questionamentos para o protagonista do romance, o que o fez suspeitar que esse policial, na verdade, fazia parte da “polícia política”, não da polícia comum (Mabkhout, 2021, p. 92). Essa pessoa sabia tudo sobre ele. Ao fim da interrogação, o policial deixou Abdel Nasser sozinho em sua sala, trancado. O Italiano passou a bisbilhotar as gavetas, descobrindo que nem todas estavam trancadas. Encontrou uma pasta contendo relatórios e documentos que mencionavam o grupo político que ele comandava. Havia menções do nome de várias pessoas que ele conhecia, bem como resumos do que era debatido nos círculos de

conversa e encontros públicos. Pelo conteúdo de uma das declarações, ele imaginou que o “camarada advogado” ou estava em contato com a polícia política ou que havia um infiltrado no grupo (Mabkhout, 2021, p. 93 - 94). Havia também uma pasta sobre a “esquerda radical” e diversas pastas sobre os diferentes grupos islamistas; na verdade, era sobre eles que mais se tinham diferentes relatórios e documentos (Mabkhout, 2021, p. 93).

Quando Abdel Nasser se preparava para ir embora, o homem o falou que precisava discutir com ele um assunto que o dizia respeito. Abdel Nasser falou não imaginar o que uma pessoa que trabalhava para o Partido Constitucional teria em comum com ele para que eles precisassem debater. O funcionário simplesmente respondeu que trabalhava para proteger o país e que o problema do Italiano era com o partido, não ele (Mabkhout, 2021, p. 95). O homem diz que preferiria que Abdel Nasser escolhesse o local e a hora do encontro deles, mas, se fosse preciso, ele seria sequestrado pelas forças policiais. Se chegasse a isso, ele recomendava ao Italiano que não resistisse (Mabkhout, 2021, p. 95).

O policial era Si Othman, vizinho da família do protagonista (Mabkhout, 2014, p. 96). A curiosidade do Italiano o venceu, pois queria saber o que queriam com ele. Não conseguia imaginar o porque do interesse nele agora. Seu único “crime” era participar de uma organização ilegal, já que nunca havia cometido nenhum delito verdadeiro. Até poderia ser acusado de estar armando algum tipo de golpe, mas “[...] they all knew that the so-called secret organization was no more than a group of students playing politics at the university, passing out statements and hanging their ideas on the wall [...]”² (Mabkhout, 2021, p. 96). Não havia mais futuro para o sindicato. Antes de seu encontro com o policial, porém, encontrou seus colegas de sindicato, que estavam se movimentando para condenar a violência por parte da polícia e o sequestro dele. Abdel Nasser deu um pequeno discurso sobre o ocorrido e se retirou (Mabkhout, 2021, p. 101).

Ele marcou a reunião com Si Othman. Descobre que quem quer ferir ele e Zeina é um antigo membro do grupo político da faculdade. Si Othman diz que quem delatou esse conhecimento era um informante influente; não valia a pena que Abdel Nasser tentasse descobrir quem era. O policial recomenda a ele que demita a empregada que limpa o apartamento que divide com um amigo, já que ela era uma informante para o indivíduo que quer fazer mal a eles. O Italiano conclui que não pode se esperar muito do proletariado pobre (Mabkhout, 2021, p. 102 - 105). Si Othman critica o Italiano e seu grupo ao dizer que tanto os islamistas quanto eles são muito soberbos. Que “querem derrubar o regime, mas não conhecem o Estado” (Mabkhout, 2021, p. 101).

² “[...] todos sabiam que a chamada organização secreta não passava de um grupo de estudantes fazendo política na universidade, distribuindo declarações e pendurando suas ideias na parede [...]” (tradução própria).

Abdel Nasser resolveu que estava na hora de se graduar. Ele tinha medo do que aconteceria com o movimento com sua saída, mas observava todos aqueles que vieram antes dele seguindo com suas carreiras. Sabia que havia chegado sua hora (Mabkhout, 2021, p. 96). Ele se encontrou com Zeina depois da reunião com Si Othman. Eles fazem uma refeição juntos. Zeina conta a Abdel Nasser sobre seu passado: ela fora estuprada quando bem por um homem desconhecido. Ela imagina ser ou o pai ou o irmão (Mabkhout, 2021, p. 113 - 116). O protagonista do romance a conforta (Mabkhout, 2021, p. 117 - 118).

Na política tunisiana, as tensões internas do governo escalonavam cada vez mais. Havia conversas que Bourguiba, presidente do país desde 1957, deveria ser substituído (Mabkhout, 2021, p. 120). Frequentemente havia protestos organizados nas ruas por parte dos grupos islamistas, o que resultava em diversas pessoas sendo presas (Mabkhout, 2021, p. 120). Na vida pessoal de Abdel Nasser, Zeina, que havia se graduado e se preparava para começar a lecionar, estava com problemas com a documentação que a permitiria dar aulas. Nem seus contatos na faculdade conseguiram ajudá-la, já que o ministro de interiores estava sendo cercado por islamistas que declaravam que Bourguiba era “o inimigo” e que ele deveria servir “a Deus”, não “ao governo” (Mabkhout, 2021, p. 122).

Quem resolveu seu problema, por intervenção de Abdel Nasser, foi Si Othman (Mabkhout, 2021, p. 123). Ela, porém, fora mandada para lecionar em um local muito afastado de Tunis, o que prejudicaria sua pesquisa. Não querendo perdê-la, o Italiano foi atrás de uma solução. A encontrou através do irmão Saleh Eddine: se eles se casassem, ela seria alocada para algum local próximo à capital. Zeina teve dúvidas, mas cedeu sob as condições de que o casamento não afetaria seus planos profissionais e deveria ser mantido em segredo até ela ser aprovada nos exames que a tornariam professora universitária, chamado de *Agrégation*, pelo menos. Abdel Nasser concordou, mas eles discutiram, uma vez que ele a acusou de estar o “subjulgando” por ele ainda ser estudante e ela, uma professora. Ela falou que isso não era verdade, uma vez que, socialmente falando, ela era uma “pobre camponesa”; ele, um “jovem urbano de classe alta e oriundo de famílias distinta” (Mabkhout, 2021, p. 126). Com o casamento, Abdel Nasser sentira o “homem árabe dentro dele” acordando. Achava que agora era responsável em proteger Zeina (Mabkhout, 2021, p. 134). Uma vez que ele comentou sobre isso, ela o tratou com esgarçamento, dizendo que a certidão de casamento não significava nada para ela (Mabkhout, 2021, p. 135).

O Italiano, enfim, se formou, mas já havia desistido de ser advogado. Estava preocupado com a dúvida de quem lideraria seu movimento estudantil em direção à revolução de Esquerda. Zeina era muito cética em relação ao impacto verdadeiro que os estudantes faziam em uma

revolução (Mabkhout, 2021, p. 131). Segundo ela, “Revolution will happen because the people need it, not because theory has been implanted in their minds” (Mabkhout, 2021, p. 131). Da mesma forma, para ela, o aumento de islamistas nas universidades era um reflexo do crescimento desses grupos fora delas (Mabkhout, 2021, p. 131).

Zeina agora era responsável por cuidar do dinheiro deles. Ela dava a Abdel Nasser o suficiente para seus gastos diários. Também, pela primeira vez, os altos preços dos produtos de que ele falava sobre durante seus discursos na faculdade o estavam afetando (Mabkhout, 2021, p. 134). O irmão de Abdel Nasser pagou para que ele e Zeina fossem visitá-lo na Suíça, onde morava com a esposa. Lá, enquanto Zeina passava grande parte de seus dias focada em realizar sua pesquisa de mestrado, o Italiano a traía com Angelika, irmã de sua cunhada. Há alguns meses, o noivo de Angelika, jornalista, fora sequestrado e desaparecera no Líbano (Mabkhout, 2021, p. 142 - 144).

Depois da viagem, o Italiano pensa em contar a Zeina sobre o caso que teve e sobre eventos que aconteceram com ele quando era criança (Mabkhout, 2021, p. 146). Eles discutem um dia, quando ele a pergunta qual seria sua reação se ele tivesse a traísse. Ela responde que, para homens, a poligamia é mais “natural” que a monogamia e adiciona que, na jurisprudência islâmica, casamentos são regidos pelas leis de transação financeira (Mabkhout, 2021, p. 147). Ela diz, porém, que quando forem casados, não vai aceitar que ele tenha uma segunda esposa. Abdel Nasser lembra a Zeina que já são casados. A volta desse debate gera novas tensões entre os dois (Mabkhout, 2021, p. 147). Zeina fez amizade com Najla, uma professora de educação física de seu colégio (Mabkhout, 2021, p. 150). Quando Zeina não quis comemorar o recebimento de seu salário com Abdel Nasser, ele passou a acreditar que ela não o amava da mesma forma que ele a amava, caíndo nos preconceitos que sua família sempre repetiu sobre camponeses: que eram “mal-educados” e “grosseiros” (Mabkhout, 2021, p. 151).

O Italiano consegue um emprego como revisor de gramática francesa em um jornal estatal. Se destacando por ser o detalhista dos revisores (Mabkhout, 2021, p. 154), chamou a atenção do editor chefe, Si Abdel Hamid, que logo virou amigo próximo do protagonista (Mabkhout, 2021, p. 156 - 157). Abdel Nasser começou a escrever os editoriais (Mabkhout, 2021, p. 157 - 158). No jornal, o Italiano pode ver de perto como era feita a censura da imprensa do Estado. Havia um indivíduo que lia o jornal inteiro e que tinha “[...] the country’s best interest and the most qualified to protect it³”. Os jornalistas não opinavam sobre versão final de seus textos (Mabkhout, 2021, p. 155).

³ “[...] as melhores intenções para o país e era o mais qualificado para protegelo” (tradução própria).

O Italiano passou a subir nos *rankings* do jornal, escrevendo sobre esportes, e depois sobre problemas socioeconômicos da Tunísia sob um pseudônimo. Após sofrer censura, mudou seu foco para escrever sobre cultura (Mabkhout, 2021, p. 158). A situação política na Tunísia ficava cada vez mais grave, e a economia ia de mal a pior (Mabkhout, 2021, p. 159). A relação entre Abdel Nasser e Si Abdel Hamid foi se intensificando. O diretor do jornal também fazia parte do Partido Constitucional de Bourguiba, apesar de se enquadrar mais com uma ala democrática dentro do governo. Não tinha uma crença cega no presidente (Mabkhout, 2021, p. 160). Ele tinha aversão os islamistas e gostava dos “esquerdistas inteligentes” (Mabkhout, 2021, p. 159). Os dois discutiam sobre política e sobre o posicionamento político do Italiano, determinação que Si Abdel Hamid admirava. O presidente do jornal era apaixonado por literatura e acreditava no poder do romance. Segundo ele, [...] *the novel is the mother of deep truths*⁴ (Mabkhout, 2021, p. 161). Ele não gostava de poesia. Os dois homens ficaram tão próximos que Si Abdel Hamid confiava a Abdel Nasser tudo aquilo que acontecia dentro do palácio presidencial (Mabkhout, 2021, p. 161).

Abdel Nasser e Zeina se afastavam cada vez mais (Mabkhout, 2021, p. 163). Ele se dedicava ao trabalho, fazendo amizade com o designer do jornal, Hammadi, e aprendendo também este ofício (Mabkhout, 2021, p. 167). O Italiano fez um bom trabalho como designer, e Hammadi desejou a ele que ele um dia consiga abrir seu próprio jornal, que “mantenha a arte viva, apesar dos filisteus” (Mabkhout, 2021, p. 170). Com o desenvolvimento das habilidades de Abdel Nasser, Si Abdel Hamid viu nele a oportunidade de realizar um desejo antigo: dar início a um caderno cultural semanal dentro do jornal (Mabkhout, 2021, p. 171 - 172).

Ele convenceu o Italiano a assumir essa empreitada através do argumento que “[...] *the conflict with the reactionaries was not only at a security level but also on the level of enlightenment openness to international thought and literature*”⁵ (Mabkhout, 2021, p. 171). Ele falava sobre os islamistas. Também seria um espaço onde os acadêmicos poderiam se expressar mais livremente. É claro que esse novo caderno seria voltado para públicos intelectualizados, falando sobre produções de alta cultura (Mabkhout, 2021, p. 172). Si Abdel Hamid dizia que o governo não se importaria com a adição desse novo editorial, já que apenas se importavam com o Editorial, que era uma transcrição das crenças do governo, e a capa (Mabkhout, 2021, p. 172). O novo suplemento de chamava “Cadernos Literários” (Mabkhout, 2021, p. 172).

⁴ “[...] o romance é a mãe de verdades profundas” (tradução própria).

⁵ “[...] o conflito com os reacionários não foi apenas a nível securitário, mas também a nível de um esclarecimento aberto ao pensamento internacional e a literaturas (tradução própria).

O suplemento foi um sucesso, resultando em um aumento de vendas do jornal (Mabkhout, 2021, p. 177). O Italiano precisou lidar com vários comentários maldosos que insinuavam que só estava coordenando um suplemento por ter contatos dentro do governo (Mabkhout, 2021, p. 176). Em uma reunião com o conselho do jornal, Abdel Nasser sugeriu criarem um suplemento para cada dia da semana. A ideia foi desconsiderada. Si Abdel Hamid riui da ideia dele já que, segundo o editor chefe, os diretores se importam apenas com o dinheiro (Mabkhout, 2021, p. 179). Si Abdel Hamid relembra o Italiano que aquilo é um jornal do Estado: os “problemas” que Abdel Nasser quer discutir nos novos cadernos “não existem” (Mabkhout, 2021, p. 179). Ele goza especificamente de uma das sugestões de Abdel Nasser: “questões regionais”. Que questões são essas, uma vez que o governo “livrou o interior de seu tribalismo” e “levou o desenvolvimento para lá” (Mabkhout, 2021, p. 179). O protagonista fica profundamente irritado com isso.

Assim, Si Abdel Hamid faz algo como um acordo com Abdel Nasser: se ele permanecer no jornal por mais algum tempo, sugerirá o nome dele para assumir o escritório tunisiano do jornal da *Agence France-Presse* (Mabkhout, 2021, p. 180). Nessa conversa, ele descobre também que só havia conseguido assumir o cargo de jornalista em função da intervenção de Si Othman, que era amigo de Si Abdel Hamid (Mabkhout, 2021, p. 181). Na vida pessoal de Abdel Nasser, Zeina terminou sua dissertação. Ela estava prestes a defendê-la (Mabkhout, 2021, p. 174). Enquanto Zeina ensaiava, com a ajuda de Abdel Nasser e Najla, o Italiano passou a ver a amiga da esposa com outros olhos. Eles passam a flertar (Mabkhout, 2021, p. 183; 185). Abdel Nasser acreditava que Zeina estava “interpretando o papel de filósofa individualmente responsável por salvar a intelectualidade tunisiana” (Mabkhout, 2021, p. 183). Zeina fora aprovada com muitos elogios e exaltações (Mabkhout, 2021, p. 187).

O protagonista começou a trair Zeina com Najla (Mabkhout, 2021, p. 190). Najla era um pouco mais velha do que a amiga e era uma mulher divorciada. Ela não desejava casar de novo pois acreditava que o casamento, ao mesmo tempo que libertava as mulheres do seu lar paternal, as tornava escravas de outra pessoa (Mabkhout, 2021, p. 194). Mesmo assim, Najla tinha crenças e hábitos antiquados. Enquanto isso, Zeina descobriu que sua mãe estava doente (Mabkhout, 2021, p. 196). Ela visitou sua família no interior depois de muito tempo e, quando voltou, estava chocada com as condições de vida deles. Passou a acreditar que o quanto havia conseguido crescer na vida era uma forma de “violência contra sua família” (Mabkhout, 2021, p. 196). Zeina falava que aqueles que moravam na cidade não faziam ideia do sofrimento do interior (Mabkhout, 2021, p. 196). Quando ela voltou, Zeina e Abdel Nasser brigaram mais uma vez sobre o *status* de seu relacionamento (Mabkhout, 2021, p. 197). Ela chama Abdel Nasser

de alguém da “pequena burguesia privilegiada”, alegando que seu espírito revolucionário era apenas uma faixa feita para esconder esse fato (Mabkhout, 2021, p. 198).

O relacionamento deles piorou ainda mais. Quando Zeina iniciou o curso preparatório para a prova que a tornaria professora universitária, a casa entrou em crise. Eles mal de viam durante os dias (Mabkhout, 2021, p. 198). No seu aniversário, Abdel Nasser presenteara Zeina com uma joia cara, escolhida por Najla. Ela não demonstrou apreço (Mabkhout, 2021, p. 200). O caso entre Najla e Abdel Nasser ficava cada vez mais sério. Ela, porém, já havia o informado que não se casaria com ele, nem se ele se separasse de sua amiga (Mabkhout, 2021, p. 202).

No trabalho, Abdel Nasser havia marcado um encontro particular com Si Abdel Hamid em um restaurante que eles não frequentavam, por privacidade. Abdel Nasser havia escrito uma matéria sobre uma conspiração contra o governo que estava sendo armada. Ele descobrira isso por meio de um informante (Mabkhout, 2021, p. 202 - 203). Si Abdel Hamid disse que não podiam publicar aquilo e que se o protagonista tentasse enviar esse texto para outro jornal, ele correria sérios riscos de vida. Falou que era melhor que ele destruísse o texto e não falasse nada para ninguém. O editor-chefe disse, também, que ninguém irá proteger o Italiano e que ele será acusado de ser espião para um país estrangeiro, caso alguém descubra sobre a matéria (Mabkhout, 2021, p. 204). Ele só deve ir a frente com isso se quiser “se tornar um mártir da imprensa livre” (Mabkhout, 2021, p. 206). “Ele não está em um país ocidental, afinal” (Mabkhout, 2021, p. 204). Si Abdel Hamid o lembra que, na Tunísia, apenas o Estado detém a verdade e que, no momento, o Ministro de Interiores, Ben Ali, é a personificação desse Estado (Mabkhout, 2021, p. 205). Quando o Italiano insiste que sua notícia é verdadeira, Si Abdel Hamid diz que não é sobre a verdade; é sobre quem tem o poder para revelá-la (Mabkhout, 2021, p. 205).

A reportagem que Abdel Nasser havia escrito era sobre a prisão de um líder do Movimento de Tendências Islâmicas. Ninguém sabia sobre a prisão. Esse indivíduo tinha um interesse na irmandade muçulmana que vinha desde sua adolescência. Ele tinha bastante poder dentro da organização, sendo um dos projetistas de atentados feitos em cidades tunisianas e ocidentais (Mabkhout, 2021, p. 206 - 207). Na reportagem, Abdel Nasser acusava que explosões que haviam ocorrido nas cidades de Sousse e Monastir faziam parte da “Operação Preparando o Terreno”, ou projeto “Alternativas” (Mabkhout, 2021, p. 207). Essa prisão era parte de um plano do governo para dismantelar as células do movimento. O problema foi que Abdel Nasser havia descoberto, também, o envolvimento do filho de um líder político proeminente do Sahel (Mabkhout, 2021, p. 208). Isso indicava a probabilidade de uma infiltração Islamista no governo, que agora começavam a dismantelá-lo por dentro (Mabkhout, 2021, p. 208).

Em meio a isso, Abdel Nasser perguntou a Si Abdel Hamid se ele acreditava que os Islamistas deveriam ser incluídos no “jogo político”. O editor-chefe responde que agora “já era tarde”, mas que era inegável que eles estavam na “era dos islamistas”, pelo menos desde a Revolução Iraniana. Porém, eles não conseguiriam subir ao poder de forma totalitária. Segundo Si Abdel Hamid, “Change will come from within; Tunisians are not revolutionary people”⁶ (Mabkhout, 2021, p. 210). Abdel Nasser é contra esse posicionamento. O Italiano lembra que o país está em vias de uma crise econômica e que os acordos do governo com o Banco Mundial e com o Fundo Monetário Internacional tornam esses órgãos responsáveis. Que chegará um ponto onde até os trabalhadores em melhores condições de vida irão ser “sufocados”. O sistema da Tunísia está a ponto de combustão; quando isso ocorrer, os islamistas assumirão o poder (Mabkhout, 2021, p. 210 - 211). Para Abdel-Nasser, os islamistas são, na verdade, um resultado direto da constante pobreza do país e da ineficiência do governo. Eles são “[...] an expression of rural impoverishment and the ruralification of cities during the Bourguiba era”⁷ (Mabkhout, 2021, p. 212). Abdel Nasser também fala sobre como existe um incentivo por parte do próprio governo que põe islamistas contra a esquerda (Mabkhout, 2021, p. 212).

Si Abdel Hamid aconselha o Italiano a se lembrar que os Islamistas não são vítimas; eles são uma organização internacional bem coordenada. Eles “odeiam o modernismo de Bourguiba” e por isso se esforçam para destruí-lo. Fala que os islâmistas vieram de fora da Tunísia e não tem conexão verdadeira com os pensadores tunisianos (Mabkhout, 2021, p. 211). Segundo o personagem do editor-chefe

We need a few years of conflict and bloodshed before the Islamists learn the meaning of the State and what it means to defy it. A lot of men will die because of this “game”. There is no heart and soul to it; all the players want is power. And the State is stronger than any doctrine: the Constitutional Party freed the country, and it’s embedded in every town and village, and inside the mind of every Tunisian. We need time for the fruit to ripen, or rot and fall on its own accord. But the state will be here; the party has at least fifty years left in it⁸ (Mabkhout, 2021, p. 210)

A discussão dos dois não vai muito além. Si Abdel Hamid apenas informa Abdel Nasser que precisa deletar algumas partes do próximo caderno de literatura, que não foram aprovadas

⁶ “Mudança virá de dentro. Tunisianos não são pessoas revolucionárias” (tradução livre).

⁷ “[...] uma expressão do empobrecimento rural e da ruralização das cidades durante a era Bourguiba” (tradução própria).

⁸ “Precisamos de alguns anos de conflito e derramamento de sangue antes que os islamistas aprendam o significado do Estado e o que ele significa para o desafiarem. Muitos homens vão morrer por causa desse “jogo”. Não há coração e alma para isso; tudo o que os jogadores querem é poder. E o Estado é mais forte do que qualquer doutrina: o Partido Constitucional libertou o país e está incorporado em todas as cidades e aldeias, e na mente de cada tunisino. Precisamos de tempo para que a fruta amadureça ou apodreça e caia sozinha. Mas o estado estará aqui; o partido ainda tem pelo menos cinquenta anos” (tradução própria).

pelos censores (Mabkhout, 2021, p. 214). A coluna era sobre a história do pensamento filosófico iluminista árabe, agora traduzido ao francês (Mabkhout, 2021, p. 214). O Editor-chefe reforça com Abdel Nasser que ele precisa tomar muito cuidado com o que fala. O Italiano menciona que o novo censor é um antigo membro de grupos ativistas de esquerda da faculdade. Esse indivíduo sempre fora um informante da polícia (Mabkhout, 2021, p. 215). Si Abdel Hamid fala que todos os grupos, de qualquer área, já foram infiltrados pela polícia e que não tem muito que possa ser feito em relação a isso, afinal, “o Estado é o Estado” (Mabkhout, 2021, p. 215). Ele uma vez já havia falado sobre como o Estado representa, na verdade, o poder intrínseco, como um “Deus invisível”. Ademais, também acredita que o Estado é uma “mentira criada pela humanidade” (Mabkhout, 2021, p. 216). Sobre a Tunísia e seus cidadãos, o Editor-chefe tem isso a dizer: “A people terrorized by their own shadow, who applaud every newcomer and agree with him no matter who he is, who not only accept their own oppression but actively participate in it, gossiping and informing on each other with relish”⁹ (Mabkhout, 2021, p. 216).

Um sentimento de angústia e amargura acompanharam Abdel Nasser quando foi para casa depois da reunião com Si Abdel Hamid. Em casa, Zeina havia deixado um recado o avisando que, no dia seguinte, iria viajar para seu vilarejo no interior, pois sua mãe estava muito doente (Mabkhout, 2021, p. 217). No mesmo dia, para piorar, encontrou cartas trocadas entre Zeina e um homem misterioso, Eric S. Seu endereço de envio era francês. Em uma carta, ele parabenizava Zeina pelo sucesso na sua defesa de dissertação. Em outra, se declarava para ela através de um poema (Mabkhout, 2021, p. 219). Abdel Nasser se ressentiu com a correspondência, mas decidiu que essas cartas sinalizavam que ele não mais precisava sentir “culpa” por manter um relacionamento escondido com Najla (Mabkhout, 2021, p. 220).

No período em que Zeina estava fora da cidade, Abdel Nasser e Najla ficam quase o tempo todo juntos. Eles estão juntos, inclusive, quando Ben Ali, até então ministro de interiores do Partido Constitucional, anuncia o golpe político aplicado em Bourguiba, derrubando o antigo líder da Tunísia e tornando-se o novo presidente (Mabkhout, 2021, p. 234 - 235). Abdel Nasser imediatamente vai à redação do jornal. Os poucos que se encontram lá, Si Abdel Hamid entre eles, estão em estado de choque, aguardando mais notícias para que possam fazer alguma coisa. O rádio estava ligado, e o programa matinal apenas tocava músicas nacionalistas e mensagens que prometiam uma “nova era” (Mabkhout, 2021, p. 236).

⁹ “Um povo aterrorizado pela sua própria sombra, que aplaude cada recém-chegado e concorda com ele, não importa quem ele seja, que não apenas aceita a sua própria opressão, mas também participa activamente nela, fofocando e informando-se uns aos outros com prazer” (tradução própria).

Si Abdel Hamid, conversando Abdel Nasser com comenta que “[...] what Bourguiba has always feared has happened. He appointed Ben Ali to get rid of the Islamists – but instead he got rid of him?”¹⁰ (Mabkhout, 2021, p. 237). O Italiano fala que foi um golpe bem-sucedido e que certamente ele recebeu apoio de outros países. Que o controle que ele tinha nos serviços de inteligência e seus anos de experiência no meio militar o ajudaram a conseguir esse feito. Abdel Nasser declarou que não gostava de Ben Ali, uma vez que ele “reprimia protestos” e “fazia uso de violência”. Mas, ele já “reconhecera as demandas da oposição”. Não havia muito o que ser feito, Abdel Nasser acredita que o melhor era o jornal reconhecer o novo presidente e aguardar os próximos passos (Mabkhout, 2021, p. 237 - 238).

No mesmo dia, a mãe de Zeina morreu. Abdel Nasser, acompanhado de Najla, foram ao vilarejo dela para prestar condolências. Najla comentava sobre ter pena de Bourguiba. Abdel Nasser “ficou com raiva” dos comentários dela e desejou que mulheres fossem “lindas e silenciosas” (Mabkhout, 2021, p. 243). Quando Zeina voltou para Tunis, ela era uma mulher transformada. Dizia que nunca mais voltaria para o vilarejo – a morte de sua mãe foi sua emancipação (Mabkhout, 2021, p. 246). Ela passou a cuidar mais da própria aparência e passou a dar mais atenção e a flertar com Abdel Nasser (Mabkhout, 2021, p. 247 - 248). Najla que a havia aconselhado a fazer tal coisa. Para Abdel Nasser, ela confidenciou que “precisava de uma competidora” (Mabkhout, 2021, p. 252).

A bolha de tensão que havia se formado entre os dois havia se dissipado, bem como a que cercava a Tunísia. O país parecia “respirar aliviado” (Mabkhout, 2021, p. 246). Essencialmente, o país permanecia o mesmo que fora antes do golpe, que era chamado de “mudança abençoada” (Mabkhout, 2021, p. 254 - 256). O governo não interferia mais no trabalho do jornal; as diretrizes de publicação permaneceram as mesmas (Mabkhout, 2021, p. 254). O clima era de esperança e positividade. Estava se falando em uma “identidade árabe-islâmica” no país (Mabkhout, 2021, p. 254). Ao mesmo tempo, ele havia “instituído a democracia” no país, que faltava na noção pan-árabe (Mabkhout, 2021, p. 254 - 255). A Tunísia “se recuperaria economicamente”. Segundo a crença que se espalhava no país, “[...] the slogans of Pan-Arabism had done nothing but destroy and divide them”¹¹ (Mabkhout, 2021, p. 255). Havia um grande apoio aos islamistas, que tinham espaço (Mabkhout, 2021, p. 255). No jornal, somente o Italiano, o editor-chefe e o censor tinham suas dúvidas (Mabkhout, 2021, p. 255). No que tangia o público geral, esse sentimento se espalhava para a esquerda (Mabkhout, 2021,

¹⁰ “[...] aconteceu o que Bourguiba sempre temeu. Ele nomeou Ben Ali para se livrar dos islamitas – mas em vez disso livrou-se dele?” (tradução própria).

¹¹ “[...] os slogans do pan-arabismo haviam feito nada além de destruí-los e dividi-los” (tradução própria).

p. 255). Si Abdel Hamid considerava os discursos do presidente sobre “legitimidade, democracia e estratégias de desenvolvimento” propaganda política (Mabkhout, 2021, p. 257).

Na vida pessoal de Abdel Nasser, Zeina engravidara – e fizera um aborto (Mabkhout, 2021, p. 267). Esse foi oficialmente o final do relacionamento deles, uma vez que começaram o processo do divórcio. Ela se mudou, depois de ser reprovada no seu exame para tornar-se professora universitária, para a França, ficando junto de Eric S. (Mabkhout, 2021, p. 268; 291). Assim, Abdel Nasser passou a ter hábitos “hedonísticos” que envolviam álcool e diferentes mulheres (Mabkhout, 2021, p. 271). Terminara o relacionamento com Najla (Mabkhout, 2021, p. 296). Eventualmente, em função de algumas influências, Najla virou acompanhante de luxo (Mabkhout, 2021, p. 299) Tunis passou a se tornar uma cidade mais perigosa, com gangues dominando bairros de alto padrão (Mabkhout, 2021, p. 275). Si Abdel Hamid ainda suspeitava de Ben Ali, acreditando que “a verdadeira ditadura” ainda estava por vir (Mabkhout, 2021, p. 279). Para o editor chefe, o novo presidente assumiria qualquer partidarismo político necessário, “islamismo, marxismo-leninismo, Pan-Arabismo”, se isso significasse sua permanência no governo (Mabkhout, 2021, p. 279). Houve eleições em 1989, e os candidatos centrais entre o partido de Ben Ali e o partido islamista “Movimento *Ennahda*” (Mabkhout, 2021, p. 304). Muitos viam no candidato islamista um “profeta” (Mabkhout, 2021, p. 305). Ben Ali venceu.

Ofertaram ao Italiano que se juntasse a *Agence France-Presse*, o que ele fez (Mabkhout, 2021, p. 280; 300). Ele passou a trabalhar no escritório tunisiano da agência. Agora, o Italiano estava determinado a produzir um filme virar um artista (Mabkhout, 2021, p. 314). Abdel Nasser se mudou de apartamento e lá conheceu Reem, uma jovem ainda na faculdade. Ficou determinado a conquistá-la. Porém, quando eles vão ter relações sexuais, Reem, que ainda era virgem, oferece a Abdel Nasser apenas sexo anal. Ele entra em pânico e a jovem vai embora. Nas páginas seguintes, é explicado o porquê: ele foi molestado quando jovem pelo Sheik Iman Allala, marido de Lella Jnayna. O Italiano tinha oito ou dez anos na época (Mabkhout, 2021, p. 335). Quando ficou um pouco mais velho, já pré-adolescente, ele se envolveu sexualmente com Lella Jnayna. Ele acredita que ela o usava como um substituto para seu irmão, por quem sempre fora apaixonada. Fora Lella Jnayna que tirou sua virgindade (Mabkhout, 2021, p. 347). No mesmo dia do incidente com Reem, seu pai morrerá. Ao ver o Sheik que abusou dele celebrando o velório, após o que havia acontecido recentemente e do apanhado de viradas erradas que sua vida tivera, ele surtou durante o enterro, agredindo e xingando o Sheik. Foi por isso que causara seu surto no começo do romance (Mabkhout, 2021).

**ANEXO C – Resumo de Frankishtayn fi Baghdad [“Frankenstein em Bagdá”, em
tradução de Jonathan Wright], de Ahmed Saadawi**

O romance se inicia com um prologo intitulado “Relatório Secreto”, que anuncia que o “Departamento de Rastreo e Perseguição” será parcialmente encerrado. Esse relatório fora produzido no ano de 2005. O chefe do departamento, Brigadeiro Souror Mohamed Majid, havia trabalhado anteriormente no governo de Saddam Hussein. Ele coordenava um grupo de astrólogos e videntes dentro do departamento, que estava sendo acusado de atuar fora do seu escopo de burocrático e voltado a organização de arquivos. O Departamento de Rastreo e Perseguição não tinha nenhuma ligação ao governo estadunidense, presente dentro do país desde 2003. Ele era inteiramente financiado pelo governo iraquiano (Saadawi, 2018).

No capítulo seguinte, Elishava sai de sua casa em Bataween na manhã de domingo, como fazia sempre, para ir à igreja de Santo Odisho, em outro bairro. O romance a apresenta, falando que ela teve um filho, Daniel, que fora cooptado pelo partido do Ba’ath e que fora dado como morto durante a Primeira Guerra do Golfo, uma vez que ele nunca retornara e seus restos mortais nunca foram encontrados. Elishava nunca aceitou esse fato e sempre aguardou seu retorno. O filho perdido era o único assunto que Elishava conversava sobre e, atualmente, pouquíssimas pessoas ainda a ouviam. Suas outras duas filhas, Matilda e Hilda, haviam se mudado para a cidade australiana de Melbourne (Saadawi, 2018).

Pouco tempo depois de Elishava sair do bairro, uma grande explosão ocorreu ali, na praça *Tayaran*, fazendo visíveis estragos. A casa de Elishava não fora danificada, o que fortalecia a crença que uma das vizinhas tinha, Umm Salim, de que o único motivo que o local ainda não havia sucumbido era a presença da idosa (Saadawi, 2018, p. 9). A casa de Elishava era um prédio muito bonito e bem conservado, considerado um belo exemplo da arquitetura judaico-iraquiana e com valor de mercado alto. Faraj, “o corretor de imóveis”, sabia disso e já havia tentado comprar a casa de Elishava diversas vezes. Hadi, por sua vez, tinha interesse nas antiguidades que eram de propriedade da mulher, para que pudesse as revender. Elishava odiava os dois homens. Ela também odiava o barbeiro do bairro, Abu Zaidoun, responsável por fazer Daniel e outros jovens de idade parecida a se juntarem a causa do Ba’ath (Saadawi, 2018, p. 11). Hadi também morava em Bataween, sendo considerado uma pessoa pouco amigável e não muito apreciada por seus vizinhos – com exceção de Aziz, “o Egípcio”, dono do café local. Hadi também era um alcoólatra (Saadawi, 2018, p. 11).

Outras construções de Bataween foram danificadas, entretanto. O hotel Ourouba teve suas janelas estilhaçadas. O dono era Abu Anmar, que há anos via seu negócio minguar, já que

desde 2003 muitos haviam deixado o país e o hotel não recebia mais o número de visitantes que costumava receber (Saadawi, 2018, p. 12). Além disso, Faraj também prejudicou muito o negócio do vizinho, já que ele se apossava de casas abandonadas e as botava no mercado para serem alugadas a preços baixos. Quem morava nesses locais agora eram principalmente trabalhadores e famílias que deixaram suas regiões dentro do Iraque em função do sectarismo ou de problemas relacionados com o fim do regime de Saddam Hussein (Saadawi, 2018, p. 12). De maneira geral, Faraj se aproveitara da queda do regime para transformar-se em um respeitado homem de negócios (Saadawi, 2018, p. 12).

Elishava, de volta a sua casa, conversava com um quadro de São Jorge, que ela acreditava conversar com ela. Esse santo havia prometido a ela que, no tempo certo, Daniel retornaria a ela (Saadawi, 2018, p. 14 - 17). Do bairro de Bataween, era possível ouvir os helicópteros americanos sobrevoando a região (Saadawi, 2018, p. 17). Na mesma hora, Hadi, famoso por contar histórias mirabolantes que o envolviam, conversava sobre suas “façanhas” com Mahmoud al-Sawadi (Saadawi, 2018, p. 41).

Mahmoud estava hospedado do Hotel Ourouba e trabalhava como jornalista na revista *al-Haqiqah* (Saadawi, 2018, p. 46). Ele tinha essa profissão desde 2003, tendo nascido em Amara e ido para Bagdá no ano da queda de Saddam Hussein (Saadawi, 2018, p. 46). A pedido do dono e editor chefe da revista onde trabalhava, Ali Baher al-Saidi, foi cobrir a explosão que ocorrera na praça *Tayaran* (Saadawi, 2018, p. 41). Ele entrevistou e fotografou pessoas que haviam sido levadas para um hospital próximo depois da explosão (Saadawi, 2018, p. 41). Ele admirava profundamente Ali Baher al-Saidi e acreditava que o homem via potencial nele e o estava guiando para uma carreira de sucesso (Saadawi, 2018, p. 46). Mahmoud era apaixonado por Nawal al-Azir, uma jornalista de meia idade que dizia estar trabalhando em um filme documental sobre Saddam Hussein (Saadawi, 2018, p. 43 - 45). Muitos acreditavam que a mulher era amante de Ali Baher al-Saidi (Saadawi, 2018, p. 44 - 45). Além disso, ele tinha um amigo no jornal, Farid Shawwaf, que estava trabalhando em um livro de anedotas vindas da população iraquiana (Saadawi, 2018, p. 50).

Hadi contava a história do que fizera no dia da explosão na praça *Tayaran*. Ele comenta ser a primeira de duas que ocorreram em sua anedota (Saadawi, 2018, p. 20). O homem relata que várias pessoas morreram nesse ataque. Hadi estava na cafeteria de Aziz quando o ataque ocorrera; ele correu para a praça para tentar encontrar algo específico que estava procurando, um nariz humano. Quando o encontrou, pôs em seu saco de lona e se retirou do local (Saadawi, 2018, p. 21; 25).

Em sua casa, Hadi estava costurando as partes de um corpo humano feito de pedaços de pessoas que haviam morrido nos diferentes atentados que vinham ocorrendo por Bagdá (Saadawi, 2018, p. 26). O homem conta que sua intenção era entregar o corpo às autoridades forenses e que havia feito isso para que aquelas pessoas fossem tratadas como seres humanos (Saadawi, 2018, p. 27). É a primeira vez que a narrativa, através daquele que construíra “o monstro”, se referia a ele como “Qualéonomedisso”. Hadi morava em uma casa parcialmente destruída conhecida como “a ruína judaica” (Saadawi, 2018, p. 23). Hadi originalmente dividia o local com seu parceiro de negócios, Nahem Abdaki, que morreria alguns meses antes na explosão de um carro bomba (Saadawi, 2018, p. 24). Hadi virou uma pessoa muito mais amarga e malculada depois de perder o amigo (Saadawi, 2018, p. 25).

Quando Hadi termina de montar o corpo de “Qualéonomedisso”, sai de sua casa para resolver um assunto de negócios. Viu na televisão um anúncio do governo que dizia que a *al-Qaeda* e as células que ainda restavam do governo de Saddam Hussein haviam programado diversas explosões pela cidade ao longo do dia. Apenas quinze não haviam sido impedidos (Saadawi, 2018, p. 30). Enquanto estava na rua, foi testemunha ocular da segunda explosão, naquele mesmo dia, quando um caminhão de lixo explodira pouco antes de se chocar com os portões do *Sadeer Novotel*, localizado na praça *Andaluz* (Saadawi, 2018, p. 32). Hadi voou pelos ares. Algumas pessoas tentaram acudi-lo, mas ele, em pânico, foi embora assim que conseguiu se manter em pé (Saadawi, 2018, p. 31). Quando Hadi chegou em casa, desmaiou na cama; quando acordou no dia seguinte, o corpo havia sumido (Saadawi, 2018, p. 33).

O que aconteceu é que ainda faltava algo no corpo do “Qualéonomedele” além do nariz: uma alma. A explosão do caminhão de lixo provocou a morte do guarda do hotel, Hasib Muhamed Jaafar. Sua alma, ao não encontrar seu corpo (que havia sido dilacerado), passou a habitar o corpo reconstituído de “Qualéonomedele” (Saadawi, 2018, p. 40). Ao sair da casa de Hadi, o corpo foi parar na casa de Elishava, que agora acreditava que aquele era seu filho. Ela chamava “Qualéonomedisso” de “meu garoto” e de “Daniel” (Saadawi, 2018, p. 53). Mesmo que ele fosse fisicamente muito diferente de seu filho, Elishava encontrava justificativas para si mesma que explicavam o porquê de sua aparência ter mudado tanto (Saadawi, 2018, p. 54). Em meio a essa situação, a imagem de São Jorge conversou com “Qualéonomedisso”, avisando-o que ele enfrentaria consequências se fizesse algum mal a Elishava (Saadawi, 2018, p. 56).

Enquanto isso, Hadi procurava o monstro que havia criado. Nenhum vizinho havia visto nada fora do normal e apenas noticiavam o que estava ocorrendo no bairro, como uma procura da polícia por um grupo de pessoas que estavam traficando mulheres e a procura por “terroristas” escondidos nos hotéis próximos pela polícia local e pelos “americanos” (Saadawi,

2018, p. 57). Logo depois disso, Hadi começara a contar às pessoas a história de “Qualéonomele” (Saadawi, 2018, p. 60). Elishava contava ao monstro o que havia acontecido com a família enquanto Daniel estava distante: descreveu a ele como havia sido “seu” enterro, falou da morte de seu pai e do casamento de suas irmãs (Saadawi, 2018, p. 62). Ela acreditava que, se aquele não era seu filho, então aquele corpo carregava o “espírito do seu filho” (Saadawi, 2018, p. 61). O corpo tinha muita dificuldade em falar (Saadawi, 2018, p. 66).

Elishava relata a “Qualéonomele” que, na década de 1990, devido às “sanções econômicas impostas ao Iraque”, as filhas, juntamente de suas famílias, decidiram deixar o país. Elishava insistira em ficar, pois várias pessoas dadas como mortas em função da Guerra do Golfo começaram a retornar para casa e ela acreditava que seu Daniel poderia voltar (Saadawi, 2018, p. 63). Elishava morava, na época, na mesma casa, com os sogros de uma das filhas. Pouco antes da invasão americana ao Iraque, eles também foram embora, acusando Elishava de “bruxaria”. A idosa ficou sozinha (Saadawi, 2018, p. 64). Ela se recusava a deixar o Iraque. O padre da Igreja de São Osho incentivava sua decisão; para ele, assírios demais haviam sofrido naquela terra para que eles simplesmente a abandonassem (Saadawi, 2018, p. 64). Ao final da refeição (“Qualéonomele” não consumiu nada), ele saiu da casa. Prometeu a Elishava que voltava logo (Saadawi, 2018, p. 67).

No dia seguinte, quatro moradores de rua foram encontrados mortos, posicionados no chão de modo que parecesse que estrangulava o pescoço um do outro (Saadawi, 2018, p. 70). Faraj foi questionado por militares estadunidenses e pela polícia em função do crime. Segundo ele, a missão americana opera com certa independência (Saadawi, 2018, p. 70). Um outro morador de rua, que viu a cena toda, disse que, na verdade, havia cinco deles, e que aquele que não estava ali era o responsável pela morte dos outros. Ele era um “homem mau” (Saadawi, 2018, p. 71). Faraj se revela um muçulmano bastante religioso, que gostaria que a lei da *chari’a* fosse aplicada no país, caso os estadunidenses não estivessem no Iraque. Ele declara que o homem que testemunhou era um “bêbado”, e que ele os odiava e sabia que a *chari’a* seria capaz de acabar com eles (Saadawi, 2018, p. 71).

O romance descreve que chegou para o Brigadeiro Souror Mohamed Majid um relatório que descrevia o caso da morte misteriosa dos quatro mendigos (Saadawi, 2018, p. 71). Nesse mesmo dia, Ali Baher al-Saidi foi e Mahmoud foram visitar o Brigadeiro, já que o editor-chefe era seu amigo próximo. Mahmoud não entende qual a função do Departamento de Rastreamento e Perseguição, apenas descobre que eles investigam crimes incomuns e que são financiados pelo governo estadunidense, de acordo com o próprio Brigadeiro. O departamento emprega astrólogos, principalmente (Saadawi, 2018, p. 75; 77). Ao longo da conversa entre os homens,

Souror Mohamed Majid afirma que no país “há duas frentes lutando: a do governo e dos americanos, e a dos terroristas”. Na sua definição, “terrorista” é todo aquele que é contra o governo e a presença estadunidense (Saadawi, 2018, p. 80).

No mesmo dia do assassinato dos quatro mendigos, outra pessoa havia sido morta de forma igualmente misteriosa: o barbeiro Abu Zaidoun (Saadawi, 2018, p. 82). O homem fora muito envolvido com o Ba’ath (Saadawi, 2018, p. 82). A morte dele trouxe paz a várias das mulheres do bairro que perderam seus filhos por influência do homem, assim como Elishava (Saadawi, 2018, p. 82 - 83). Com esses acontecimentos, a história de Hadi sobre “Qualéonmedele” se espalhava cada vez mais (Saadawi, 2018, p. 85). Paralelamente, Elishava contava a todos sobre o retorno de seu filho. Muitos duvidavam (Saadawi, 2018, p. 92). A mulher passou a peregrinar em templos de diferentes religiões em Bagdá, como mesquitas, igrejas e até mesmo uma sinagoga abandonada, para agradecer o retorno do filho (Saadawi, 2018, p. 94).

Enquanto isso, Hadi é informado que um potencial cliente havia vendido seus bens a outra pessoa. Isso abalou Hadi, que precisava do dinheiro. Ele se perguntava como tantas pessoas morriam diariamente e ele continuava vivo (Saadawi, 2018, p. 105). Entretanto, o dia não foi perdido, já que ele negociou a compra de alguns móveis do hotel Ouruba (Saadawi, 2018, p. 106). Dentro do hotel, conversou com Mahmoud, que fez um trato com ele: Hadi o contaria em detalhes a história de “Qualéonmedele”, e Mahmoud em troca lhe pagaria o jantar, uma garrafa de bebida alcoólica e lhe contaria um segredo conturbado (Saadawi, 2018, p.108).

Mahmoud estava trabalhando cada vez mais próximo de Ali Baher al-Saidi. Seu amigo, Farid, já o havia avisado de que ele deveria tomar cuidado para não se tornar um “servo” de Ali (Saadawi, 2018, p. 102 - 103). Ele vê que há ligações perdidas de um número 666 em seu telefone, que sabe ser de Nawal. Ao retornar a ligação, quem atende é Ali, que havia saído do país em uma suposta viagem de negócios (Saadawi, 2018, p. 117). Houve um acidente na Ponte do Imã, que Mahmoud cobriu. Isso fez com que se esquecesse da história de “Qualéonmedele” (Saadawi, 2018, p. 117).

No Departamento de Rastreamento e Perseguição, um relatório sobre o acontecimento é apresentado. Brigadeiro Sourur já sabia sobre o que iria acontecer, mas não tinha conseguido fazer nada para evitá-lo (Saadawi, 2018, p. 112). O amigo de Mahmoud, Farid, é entrevistado na televisão sobre o ocorrido e fala que tudo isso é culpa do governo. Há uma outra pessoa participando do programa de televisão, que culpa a *al-Qaeda* pela situação. Farid, então, comenta que existe um grande medo na população de morrer, dada a insegurança, e é isso que faz com que os ataques sejam cada vez mais letais. Segundo ele, quem se alia à *al-Qaeda*, faz

isso por medo; quem luta contra ela, também (Saadawi, 2018, p. 123). Após essa crise, o Brigadeiro Sourur decide fazer de seu objetivo eliminar “Qualéonomedele” (Saadawi, 2018, p. 124 - 125).

Posteriormente, Hadi e Mahmoud se encontram novamente. Hadi reconta a história do “Qualéonomedele”. Em troca, Mahmoud conta a ele que sua família não é verdadeiramente árabe e que seu sobrenome havia sido uma invenção de seu pai (Saadawi, 2018, p. 118). Mahmoud pede uma prova da existência de “Qualéonomedele”. Entrega seu gravador a Hadi, pedindo que o vendedor de sucata entreviste o monstro (Saadawi, 2018, p. 121). Por incentivo de Ali, Mahmoud saiu do Hotel Ourouba, indo para um melhor (Saadawi, 2018, p. 127).

Hadi e “Qualéonomedisso”, desde a criação do monstro, já haviam se encontrado algumas vezes. No dia do assassinato dos mendigos, Hadi foi visitado por ele, que o informou que ele também irá morrer por suas mãos. A verdade é que “Qualéonomedele” era um ser que buscava se vingar das pessoas que haviam assassinado os indivíduos que compunham as diferentes partes de seu corpo; Hadi havia contribuído com a morte daquele que lhe doara sua alma. Por isso, deveria morrer (Saadawi, 2018, p. 127). Se Hadi não estivesse passando ali, o guarda do hotel não teria morrido. Teria voltado para a sua família e provavelmente saído do seu emprego, optando por virar um vendedor nas ruas de Bagdá (Saadawi, 2018, p. 128). Isso tudo é revelado a Mahmoud enquanto ele conversa com Hadi. O jornalista conclui que “He [Whatsitname] was a composition of victims seeking to avenge their deaths so they could rest in peace. He was created to obtain revenge on their behalf”¹² (Saadawi, 2018, p. 130). Dessa forma, a única missão que “Qualéonomedisso” tinha na terra era a de vingar-se, em algo que virara um ciclo vicioso e eterno. Ele acreditava que havia “honra” em seu objetivo de existência. Dessa forma, não acreditava na imagem que tinha de ser uma criatura ruim. Ele não sabe o que acontecerá quando matar a última pessoa. Hadi então pede que seja a última vítima de sua criatura (Saadawi, 2018, p. 132 - 133). Ademais, “Qualéonomedisso” não pode ser morto como outro ser vivo. Tiros não o afetam (Saadawi, 2018, p. 134).

O próximo encontro dos dois foi quando Hadi o entregou o gravador de voz de Mahmoud (Saadawi, 2018, p. 133). O ser havia procurado abrigo na casa de Hadi, pois estava sendo procurado e perseguido pelas forças do Departamento de Rastreo e Perseguição; havia um tiroteio ocorrendo nas ruas de Bataween por causa disso. A procura pelo ser em Bataween causou um alvoroço no bairro, com as forças militares estadunidense monitorando a região no dia seguinte (Saadawi, 2018, p. 136). Casas foram invadidas, algumas pessoas “suspeitas”

¹² “Ele [Qualéonomedisso] era uma composição de vítimas que buscavam vingar suas mortes para que pudessem descansar em paz. Ele foi criado para se vingar em nome deles” (tradução própria).

foram presas, mas a criatura a qual estavam procurando não foi encontrada (Saadawi, 2018, p. 136).

Foi durante esse momento que “Qualéonomedisso” o informou que descobriu que suas partes caíam no momento em que conseguia vingar a morte daquela pessoa, significando que aquele indivíduo enfim conseguia descansar em paz. Por isso, começou a precisar encontrar novos pedaços que substituíssem os perdidos, dando continuidade ao seu ciclo de assassinato (Saadawi, 2018, p. 135). O ser reclama novamente sobre ser visto com maus olhos, como se ele fosse o inimigo. Declara que “They are accusing me of committing crimes, but what they don’t understand is that I’m the only justice there is in this country”¹³ (Saadawi, 2018, p. 135). Hadi, então, o convence a entrevistar a si mesmo, dizendo que, assim, “Qualéonomedisso” poderá contar o seu lado da história (Saadawi, 2018, p. 135). “Qualéonomedisso” o devolve o gravador dez dias depois (Saadawi, 2018, p. 133). Nesse meio tempo, Mahmoud fez uma reportagem sobre sua conversa com Hadi, que Ali publicara como “O Frankenstein em Bagdá” (Saadawi, 2018, p. 139).

A gravação tinha horas de extensão. Nela, o ser se referia a Hadi como seu pai, e dizia que ele foi um “condutor da vontade divina” ao criá-lo (Saadawi, 2018, p. 142). Ele considera, também, Elishava como sua mãe. Fala que são todos pobres e que ele é um tipo de “resposta” que todos estavam aguardando (Saadawi, 2018, p. 143). Novamente refere-se a si mesmo como o “salvador”, falando que vai “vingar-se de todos os criminosos”, acelerando o processo de “justiça”, já que não será mais necessário esperar a morte para enfim obtê-la (Saadawi, 2018, p. 143). Ele diz fazer isso pelos inocentes, que não tem nada nem ninguém para protegê-los além da oração (Saadawi, 2018, p. 143). Ele se refere a algumas das pessoas que morrem como vítimas (Saadawi, 2018, p. 150).

O ser tem se escondido ao sul de Bagdá, em uma construção abandonada. Ele foi para lá por ser um trecho da cidade que está praticamente inabitado de civis, apenas com as milícias sunitas e xiitas brigando umas com as outras e contra as forças militares estadunidense e a guarda nacional do Iraque (Saadawi, 2018, p. 144). Ele conseguiu angariar uma série de seguidores, a quem ele se refere como “o mago”, que lida com o Oculto, “o sofista”, um estrategista, e “o inimigo”, um informante (Saadawi, 2018, p. 145 - 146). Há outros, também, como os três loucos (o jovem, o velho e o ancião), que tem interpretações diferentes do papel de “Qualéonomedisso” na terra. O jovem louco acredita que o ser é o Iraquiano perfeito, uma vez que é construído de partes de pessoas de diferentes classes sociais, etnias e religiões. O

¹³ “Eles estão me acusando de cometer crimes, mas o que não entendem é que eu sou a única justiça que existe nesse país” (tradução própria).

velho louco pensa que veio a terra para eliminar aqueles que são indignos como forma de preparar a vinda do messias. O louco ancião acredita que “Qualéonomedisso” é o messias. São indivíduos de menor importância, mas são eles os responsáveis a trazer seguidores ao ser (Saadawi, 2018, p. 147; 154).

Algo que ele também revela na gravação é que sua necessidade por constantemente ter suas partes substituídas só faz aumentar o número de pessoas que ele precisa matar, uma vez que seu novo membro significa a morte de outra pessoa que agora passa a ser sua responsabilidade vingar (Saadawi, 2018, p. 153). Outro agravante é que ele descobre que seus assistentes estavam utilizando partes de criminosos para completar o seu corpo, até mesmo de “terrorista” (Saadawi, 2018, p. 157 - 158). Com o tempo, o próprio ser passou a matar pessoas para pegar partes do seu corpo, em algo descrito pelo Mago como “ele estando cedendo às partes de criminosos que agora formavam seu corpo” (Saadawi, 2018, p. 161). Seus seguidores começaram a discordar um do outro e a discutir. Ouve uma grande briga entre os assistentes de “Qualéonomedisso” e os seguidores dos assistentes e dos três loucos. O Mago morreu, provavelmente assassinado pelo Sofista, que fugiu logo depois (Saadawi, 2018, p. 163). De seus assistentes e seguidores, apenas restou o Jovem Louco. O restante morreu ou fugiu (Saadawi, 2018, p. 163).

Mahmoud teve acesso a gravação, mas não teve oportunidade de fazer nada com ela. O Brigadeiro Sourour Mohamed Majid o buscou em seu hotel para um interrogatório referente a como ele conseguiu as informações sobre “Aquele que não tem nome” para seu artigo. Mesmo com todas as credenciais do homem e do veículo que o transportava, ele sabia que podia estar sendo sequestrado pelo Estado, já que coisas assim aconteciam no Iraque. Não deixaram que Mahmoud levasse seus documentos consigo. Ele entendia que o Brigadeiro não era seu amigo, “e sim um seguidor fiel do Estado” (Saadawi, 2018, p. 168). Sabia, também, que o funcionário do governo usaria dos meios que fosse para conseguir as informações que precisava, inclusive violência. Ele mente para Mahmoud que o chá que ele está consumindo contém uma substância que o impede de mentir (Saadawi, 2018, p. 168).

Mahmoud foi interrogado. O Brigadeiro tinha uma série de informações sobre ele, inclusive coisas sobre o seu passado e o motivo por que deixara sua cidade natal (Saadawi, 2018, p. 169). Mahmoud insiste que a história publicada no jornal é pura invenção da cabeça de um vendedor de sucata da cidade. Ele dá ao outro homem todas as informações que têm sobre Hadi (Saadawi, 2018, p. 170). Brigadeiro Sourour Mohammed Majid sabe que aquela história é verdadeira, mas não informa isso a Mahmoud, nem que é seu objetivo capturar esse

indivíduo “baixo” (Saadawi, 2018, p. 170). Mahmoud dá ao Brigadeiro o gravador com as confissões de “Qualéonomedisso” (Saadawi, 2018, p. 171).

Mahmoud fica preocupado que seu interrogatório pode ter reascendido o problema que o fez sair de sua cidade natal. O que ocorreu é que ele fizera uma reportagem falando sobre a prisão de um criminoso local, que fora julgado inocente e depois assassinado por uma gangue rival. Com sua morte, Mahmoud escrevera um texto falando sobre “os três tipos de justiça” (divina, legal e das ruas), e que a morte do homem era um exemplo da “justiça das ruas” (Saadawi, 2018, p. 173 - 174). Sua reportagem fora vetada. Mahmoud fora acusado de instigar a morte do criminoso e de ser do Ba’ath, em função dos textos que escrevera, e por isso ele saía da cidade. O embate se estendera para os clãs de cada grupo (Saadawi, 2018, p. 175 - 176).

Ao procurar Ali Baher al-Saidi, Mahmoud contou a ele o que ocorreu. O editor-chefe da revista ri dele e fala que, na verdade, o Brigadeiro trabalha na Autoridade de Coalisão Provisional Americana e que seu emprego envolve comandar assassinos contratados pelo governo americano para controlar as milícias xiitas e sunitas. De acordo com ele, “The American army is unable or unwilling to stop the violence, so at least a balance or an equivalence of force has to be created. Without it, there won’t be a successful political process”¹⁴ (Saadawi, 2018, p. 178). Com essa situação, Mahmoud passou a ter dúvidas em relação a Ali al-Saidi (Saadawi, 2018, p. 178 - 179).

No outro núcleo do romance, o dono do hotel Ouroubas vende seu negócio para o agente de imóveis Faraj (Saadawi, 2018, p. 195). Simultaneamente, Hadi volta a ter os mesmos hábitos e os mesmos comportamentos de antes de se iniciarem os problemas com “Qualéonomedisso”. Ele conta uma história mirabolante sobre uma conversa que teve com o presidente, em que o chefe de Estado falou a ele que suas histórias começariam uma revolução. Hadi, em sua anedota, mandou o homem fazer seu trabalho direito, para que ele não precise mais narrar seus acontecimentos (Saadawi, 2018, p. 184). Mostram a ele a reportagem de Mahmoud, e Hadi se sente explorado, uma vez que, de acordo com a matéria na revista, “Qualéonomedisso” é apenas uma invenção da mente fértil de Hadi (Saadawi, 2018, p. 184 - 185). Poucos dias depois, o ser a visita, o informando sobre a perseguição que estava sofrendo e sobre o que havia ocorrido com seus seguidores. “Qualéonomedele” também avisa Hadi que, desde a reportagem, estava sendo constantemente vigiado (Saadawi, 2018, p. 184 - 185).

Com isso, dois oficiais foram à casa de Hadi. Eles mentiram serem do “Departamento de Trânsito”; Hadi não tem carro. Na verdade, foram de verdade enviados pelo Brigadeiro

¹⁴ “O exército americano é incapaz ou relutante em parar a violência, então pelo menos um equilíbrio ou uma força equivalente teve que ser criada. Sem isso, não haverá um processo político de sucesso” (tradução própria).

Majid (Saadawi, 2018, p. 188). Ele foi interrogado, torturado, agredido e roubado pelos homens. Eles verificaram se Hadi tinha as mesmas características físicas que a criatura que estavam procurando. Esses oficiais o acusaram de estar tentando “resistir” às forças Estadunidenses e a estar “brincando de herói” (Saadawi, 2018, p. 189). Eles questionam Hadi sobre porque ele ter uma estátua da Virgem Maria em seu quarto. Eles o interrogam e o humilham ao questioná-lo sobre crimes que Hadi não possui informações sobre. O vendedor de sucata finge não saber nada sobre “Qualéonomedisso”. Segundo o romance: “The interrogation had taken a new turn – one that was commonplace in all Iraqi police stations. Hadi has heard many stories about it from other people”¹⁵ (Saadawi, 2018, p. 189 - 190).

Eles o agrediram e torturaram por mais de uma hora (Saadawi, 2018, p. 190). Hadi mal conseguia levantar-se. Eles ordenaram que ele quebrasse a estátua de Maria, pois era pecado (*haram*). Ele não conseguia se mover. Com isso, deram-se quase como satisfeitos. Tiraram a roupa de Hadi e fizeram três pequenos cortes no seu corpo. Quando ele sangrou normalmente, acionaram o carro que os tiraria dali e foram embora, levando itens e dinheiro que pertencia a Hadi. O deixaram nu e sangrando no chão (Saadawi, 2018, p. 191 - 193).

Pouco depois deles irem embora, Hadi sentiu braços fortes o levantando e o pondo na cama. O limpavam e o vestiram. Hadi acreditava que ia morrer, mas esse indivíduo o assegurou que não. Era “Qualonomedisso”, que acreditava que o que ocorreu com Hadi foi uma “punição adequada”. Decidiu, pela segurança do vendedor de sucata, que não iria mais o visitar. O ser sentia-se cada vez mais confuso em relação a quem matar, já que seu corpo era formado por criminosos e pelas pessoas que ele mesmo havia matado. Ele acreditava, porém, que deveria ficar vivo em prol dos inocentes e seguir “servindo a justiça” (Saadawi, 2018, p. 200 - 201). O ser foi embora, e nos minutos seguintes uma grande comoção se iniciou quando os vizinhos de Hadi entraram em sua casa para acudi-lo (Saadawi, 2018, p. 197 – 198).

Hadi passou o dia deitado em casa. Ouvia helicópteros das forças militares estadunidenses sobrevoando sua casa e em algum momento ouviu a explosão de um carro bomba ali próximo, no distrito de *Sadriya*. Recebeu uma visita de seu amigo Aziz, e com a ajuda dele descobriu que seu dinheiro havia sido roubado, juntamente de alguns itens. Viu também que quebraram a estátua de Maria. Se perguntou por que fariam isso. Notou que haviam escritas em hebraico na estátua. Então, pediu ao assistente que comprasse materiais para que ele pudesse reformar os móveis que restaram, para que pudesse os vender logo e recuperar parte do seu dinheiro (Saadawi, 2018, p. 204 - 205).

¹⁵ “A interrogação havia tomado um novo rumo – um que era comum nas delegacias de polícia iraquianas. Hadi já havia ouvido muitas histórias de outras pessoas” (tradução própria).

“Qualonomedisso” resolveu visitar Elishava. O ser contou a ela o breve encontro que teve com alguns de seus seguidores que conseguiram fugir depois da briga e que matou um dos homens que havia se oferecido para que o monstro pudesse repor alguns de seus membros apodrecidos (Saadawi, 2018, p. 202). Elishava o ouvia, mas não entendia nada do que ele falava. Ele falava muito sobre morte, e ela não o aconselharia a tirar a própria vida. Quando “Qualonomedisso” foi embora, ela conversou com a pintura de São Jorge, que a informou que se a mulher tiver paciência, tudo irá se resolver (Saadawi, 2018, p. 203).

Um diácono da igreja, Nader Shamouni, foi visitá-la naquele mesmo dia. Ele havia tido dificuldade em acessar a casa de Elishava em função do bloqueio que os soldados estadunidenses estavam fazendo devido à explosão do carro bomba em *Sadriya* (Saadawi, 2018, p. 204). O homem trazia notícias de que sua filha Matilda estava vindo a Bagdá visitá-la, pois estava muito preocupada. Elishava falou que era mentira, já que sua filha era uma “covarde”. Afirmou que não ia sair de casa. Ele perguntou a Elishava de que adiantava ficar, se estava tão difícil morar em Bagdá. Não obteve resposta (Saadawi, 2018, p. 207). O próprio Nader estava se preparando para ir embora com a família, preocupado com a segurança deles. Não havia nenhuma entidade do Estado nem da cidade a qual pudessem recorrer mais em caso de necessidade. Conhecia vários casos que envolviam sequestro e a necessidade do pagamento de um alto valor para a soltura de pessoas conhecidas na congregação (Saadawi, 2018, p. 204).

Os veículos de mídia do Iraque passaram a chamar “Qualonomedisso” de “Criminoso X”. Brigadeiro Majid via que seu alvo ganhava cada vez mais atenção dentro do país. Ele sabia que, caso fosse o responsável por parar o sujeito, ganharia diversas honrarias. Dinheiro estava sendo oferecido para quem cedesse pistas que levassem à criatura (Saadawi, 2018, p. 209). O astrólogo sênior do Departamento de Rastreamento e Perseguição sabia que o ser estava fugindo deles, mas não conseguia entender por que ele não os atacava (Saadawi, 2018, p. 211). O astrólogo júnior tinha outro plano. Ele estava tentando controlar a mente de “Qualonomedisso” com um feitiço que utilizava uma areia especial vinda “de um recanto da arábia” (Saadawi, 2018, p. 211 - 212).

O astrólogo sênior avisa ao Brigadeiro que um carro irá explodir ao lado do ministério das finanças às onze horas. O Brigadeiro transmite a informação sem se importar muito com ela. Ele pensa que, em anos anteriores, se frustraria ao perceber que o evento não fora impedido, apenas a região evacuada (Saadawi, 2018, p. 215 – 216). O astrólogo sênior acredita que o Departamento inspirou a criação de “Qualonomedisso” de alguma forma, já que ele foi criado para “impedir crimes antes que ocorressem” (Saadawi, 2018, p. 216). Brigadeiro Majid acredita

que ele é uma pessoa; o astrólogo sênior afirma que é um ser e que ele verá quando conseguirem o capturar.

“Qualéonomedisso” continuou com sua missão de matar as pessoas. O ser começou a acreditar “There are no innocents that are completely innocent or criminals that are complete criminals”¹⁶ (Saadawi, 2018, p. 214). Segundo seu raciocínio,

This was the realization that would undermine his mission – because every criminal he had killed was also a victim. The victim proportion in some of them might even be higher than the criminal proportion, so he might inadvertently be made up of the most innocent parts of the criminal’s body¹⁷ (Saadawi, 2018, p. 215).

Mahmoud perguntou a Aziz sobre Hadi, que o contou o que havia ocorrido. Aziz pediu que ele não o visitasse e explicou que Hadi contava suas histórias mirabolantes como forma de extravasar tudo que passara na vida. Falou sobre o que ocorrera com o parceiro de negócios de Hadi e que o vendedor de sucata fora o responsável por retirar o que sobrara do amigo do necrotério. Ele ficara muito abalado por serem apenas pedaços e pelo fato de que o corpo de todas as vítimas se misturava (Saadawi, 2018, p. 221 - 222). Pouco depois, trabalhando na revista, vários homens foram ao local atrás de Ali al-Saidi, que estava há dias viajando, sem dar notícias. Eles fizeram várias perguntas a Mahmoud. Foram embora quando não obtiveram as informações que queriam (Saadawi, 2018, p. 223). Nawal ligou para ele, através do número 666, mas desligou assim que atenderam (Saadawi, 2018, p. 224). Todos que trabalhavam na revista viam Mahmoud como o substituto de Ali al-Saidi (Saadawi, 2018, p. 224).

Nawal foi ao escritório buscar alguns de seus documentos. Ela avisa a Mahmoud que al-Saidi estava armando truques e que o jovem jornalista deveria ser cuidadoso. A conferência que al-Saidi estava participando era apenas uma desculpa para que ele poder fugir causando o menor alvoroço possível (Saadawi, 2018, p. 225- 226). Ela o avisou que Ali al-Saidi era uma das piores pessoas que ela já conhecera. Nawal falou que o homem tinha prometido que a ajudaria a financiar o filme em que ela estava trabalhando, além de terem escrito juntos o roteiro, mas que isso havia sido apenas um meio que ele encontrou para tentar transar com ela. Foi por isso que Nawal se afastou de Ali. A mulher elogiou Mahmoud, e ele pensou que ainda precisava “ter” Nawal, para “se igualar ou superar Ali”. Entretanto, quando ele tentou beijá-la a força, ela se afastou, falando que ele precisava respeitá-la (Saadawi, 2018, p. 229). Mais tarde,

¹⁶“Não há inocentes que são completamente inocentes nem criminosos que são completamente criminosos” (tradução própria).

¹⁷ “Esta foi a constatação que prejudicaria a sua missão – porque cada criminoso que ele matou também foi uma vítima. A proporção de vítimas em alguns deles pode até ser superior à proporção criminosa, pelo que pode inadvertidamente ser constituída pelas partes mais inocentes do corpo do criminoso” (tradução própria).

o motorista de Ali al-Saidi o aconselhou a se afastar de Nawal. Esse mesmo motorista desaparece na estrada no dia seguinte, enquanto levava a família de Ali al-Saidi para outra cidade. Outros motoristas informaram que havia sequestros e assassinatos ocorrendo nas estradas, geralmente motivados pela religião dos passageiros (Saadawi, 2018, p. 230).

Em Bataween, Faraj trocara o nome do hotel de Ourouba, que significava “árabe”, para “Hotel do Grande Profeta” (Saadawi, 2018, p. 233). Os negócios dele estavam crescendo. O aumento da violência e das gangues em Bagdá significava oportunidades de negócio para ele, já que cada vez mais casas eram abandonadas. Ele afirma que construiu seu império, em tese, sem cometer nenhum crime nem assassinato (Saadawi, 2018, p. 233). No mesmo dia, Elishava também deixara o bairro. Em um plano bolado entre o pároco da Igreja de São Osho e sua filha Matilda, eles levaram até a casa da idosa seu neto, Daniel Júnior, que era uma cópia exata do tio. Os vizinhos ficaram todos abalados. Dessa forma:

Over the last three years the local people had heard many stories that were no more believable. Dead people had emerged from the dungeons of security services and nonexistant people had appeared out of nowhere outside the door of their relatives’ humble houses. There were people that had returned from long journeys with new names and new identities, woman who had spent their childhood in prison cells and had learned, before anything else in life, the rules and conventions for dealing with warders. There were people who had survived many deaths in time of the dictatorship only to find themselves in face-to-face with a pointless death in the age of “democracy” – when, for example, a motorbike ran into them in the middle of the road. Believers lost their faith when those who shared their beliefs and their struggles betrayed them and their principles. Nonbelievers had become believers when they saw the “merits” and benefits of faith. The strange things that had come to light in the past three years were too many to count. So that Daniel Tadros Moshe, the lanky guitarist, had come back to his old mother’s house wasn’t so hard to believe¹⁸ (Saadawi, 2018, p. 235).

Com o cumprimento da promessa de São Jorge, Elishava enfim fora convencida a sair de sua casa e ir embora para a Austrália com as filhas (Saadawi, 2018, p. 242 - 243). Ela vendera sua casa para Faraj e seus móveis para Hadi (Saadawi, 2018, p. 240). A idosa levava consigo apenas alguns de seus pertences e itens de valor emocional. Por não conseguir carregar todo o

¹⁸ “Nos últimos três anos, a população local ouviu muitas histórias que não eram mais críveis. Pessoas mortas haviam emergido das masmorras dos serviços de segurança e pessoas inexistentes apareceram do nada, do lado de fora da porta das casas humildes de seus parentes. Havia pessoas que regressaram de longas viagens com novos nomes e novas identidades, mulheres que passaram a infância em celas de prisão e aprenderam, antes de mais nada na vida, as regras e convenções para lidar com os carcereiros. Houve pessoas que sobreviveram a muitas mortes em tempos de ditadura apenas para se encontrarem cara a cara com uma morte inútil na era da “democracia” – quando, por exemplo, uma moto passou por cima deles no meio da estrada. Crentes perderam a fé quando aqueles que partilhavam suas crenças e suas lutas os traíram e traíram seus princípios. Os incrédulos tornaram-se crentes quando viram os “méritos” e benefícios da fé. As coisas estranhas que vieram à tona nos últimos três anos eram muitas para serem contadas. Então não era tão difícil de acreditar que Daniel Tadros Moshe, o guitarrista esguio, tivesse voltado para a casa de sua velha mãe” (tradução própria).

quadro de São Jorge, recortou apenas o rosto do santo (Saadawi, 2018, p. 242). Ela não conseguiu levar junto seu gato, que se recusara a se juntar a ela. O gato “[...] looked towards her [...] as if to say he was not a coward like her and was not going to leave the house [...]”¹⁹ (Saadawi, 2018, p. 242). Enquanto a idosa ia embora, Hadi já trabalhava em tirar as coisas de dentro da casa. Umm Salim, vendo a cena, lembrou-se de 2003, quando as pessoas invadiam a casa dos generais e dos membros do governo para “saquear” (Saadawi, 2018, p. 243). Quando “Qualéonomedisso” descobriu que Elishava havia ido embora, sentiu “perder parte da razão de existir”. Ficou ele na casa (Saadawi, 2018, p. 244).

Sua parada fez com que o Departamento de Rastreamento e Perseguição conseguisse localizá-lo. Eles foram em massa até o local onde “Qualéonomedisso” estava, em Bataween. O Brigadeiro Majid rapidamente se preparou para ir. Pensou sobre seu desejo de olhar para o criminoso que perseguiam há tanto tempo antes que ele fosse “desfigurado pelos socos e pontapés” que iria receber (Saadawi, 2018, p. 246). Quando chegou ao bairro, já havia uma grande quantidade de policiais e forças militares estadunidenses aguardando a ação (Saadawi, 2018, p. 246). Havia um carro com explosivos estacionado na rua; um homem estava dentro do veículo (Saadawi, 2018, p. 247). O astrólogo sênior não deixou que o Brigadeiro saísse do carro, o avisando que ele morreria se o fizesse (Saadawi, 2018, p. 250). Também, o astrólogo informou Souror Majid que o ser não estava mais na casa (Saadawi, 2018, p. 250).

Com a explosão do carro, a casa de Elishava e de Hadi caíram. Os móveis recém-adquiridos de Elishava pegaram fogo. Hadi teve grande parte de seu corpo queimado (Saadawi, 2018, p. 248). Na família de Umm Salim, ninguém morreu, mas seu marido passou um longo período no hospital. Ele foi visitado lá por um autor de contos com seu gravador, que pediu para ele lhe contar tudo o que sabia (Saadawi, 2018, p. 248). Uma cratera se formou em Bataween (Saadawi, 2018, p. 251). Em função do ocorrido, Brigadeiro Majid foi interrogado por uma comissão que contava com os militares americanos e a inteligência do Iraque. Ele foi desligado do seu posto do Departamento (Saadawi, 2018, p. 254). Antes de seu interrogatório, ele demitiu todos os funcionários do Departamento (Saadawi, 2018, p. 254).

O astrólogo sênior culpa o astrólogo júnior pelo que havia ocorrido, dizendo que ele “é seu inimigo” (Saadawi, 2018, p. 254). O astrólogo sênior sentiu que aquele era o dia de sua morte. O astrólogo júnior conseguira controlar “Qualéonomedisso” e fazer com que ele encontrasse o seu chefe em uma situação armada por ele. Após um breve diálogo, “Qualéonomedisso” agarra o astrólogo sênior, pois queria suas mãos para repor partes do seu

¹⁹ “[...] o gato olhava para ela [...] como se dissesse que não era um covarde como ela e não iria deixar a casa [...]” (tradução própria).

corpo. Quando o astrólogo enfim consegue ver o rosto do monstro, apenas pensa que “é um rosto do seu passado” (Saadawi, 2018, p. 258; p. 270). Ele descobre que o astrólogo júnior havia controlado o cérebro do homem dentro do carro-bomba em *Sadryia* (Saadawi, 2018).

Mahmoud não estava em Bataween quando a explosão ocorreu, mas ficou preocupado com seus amigos no bairro. Se sentiu mais aliviado ao saber que todos haviam sobrevivido (Saadawi, 2018, p. 251). Mahmoud estava muito preocupado com a situação da revista. Ele não conseguia pagar o salário dos funcionários. No dia posterior ao da explosão, viu os mesmos quatro homens que o haviam interrogado de volta ao escritório. O prédio estava sem nenhum funcionário, a não ser Mahmoud e o faxineiro (Saadawi, 2018, p. 252). Os homens avisaram que estavam encerrando o funcionamento da revista. O motivo: Ali al-Saidi havia roubado treze milhões de dólares do auxílio financeiro dos Estados Unidos. Mahmoud é levado para interrogatório (Saadawi, 2018, p. 252 - 253). Sua interrogação durou várias horas, mas não conseguiram extrair muitas informações dele (Saadawi, 2018, p. 262). Ele dizia ser apenas jornalista da revista e não saber de nada. Ele não foi agredido, “como era de se esperar”. Ele ficou um dia preso, e depois fora solto (Saadawi, 2018, p. 262).

Com o fechamento da revista, ele perdeu o emprego (Saadawi, 2018, p. 262). Ele vendeu seus pertences para tentar pagar sua dívida no hotel, bem como alguns salários (Saadawi, 2018, p. 263). Mahmoud decidiu voltar para sua cidade natal (Saadawi, 2018, p. 263 - 265). Havia sentido em voltar para casa mesmo sem o fim da revista, já que a cidade estava a ponto de colapsar. Muitos dos amigos de Mahmoud também foram embora (Saadawi, 2018, p. 265).

Esse trecho da vida de Mahmoud é narrado por uma personagem identificado como “o autor” (Saadawi, 2018, p. 259). É o homem que entrevistou Abu Salim. Depois de ouvir a gravação que “Qualéonomedisso” havia feito para Mahmoud, falou que o monstro e Abu Salim pareciam ter uma voz grave parecida (Saadawi, 2018, p. 264 - 265). “O autor” conheceu Mahmoud enquanto ele tentava vender seus pertences em um café em Bagdá. Ele adquiriu o gravador de Mahmoud. Sua curiosidade sobre o jovem fez com que quisesse saber mais. Mahmoud contou a ele tudo sobre a história de “Qualéonomedisso” e o que ocorrera com ele e com a revista. Mahmoud não tivera mais notícias de Ali al-Saidi até aquele momento (Saadawi, 2018, p. 260 - 262).

“O autor” também fala que a cratera que se formara em Bataween expôs uma importante ruína da cidade, que acreditavam ser parte da muralha original de Bagdá. Mesmo com diferentes organizações falando sobre a importância dessa descoberta, o órgão de administração da cidade tapou o buraco em Bataween e decidiu deixar aquela exploração para “futuras gerações” (Saadawi, 2018, p. 266). “O autor” descreve o que ocorrera com alguns dos moradores

remanescentes de Bataween. Abu Salim saiu do hospital e se mudou para a casa de uma filha até terminar o concerto de sua residência (Saadawi, 2018, p. 265). Hadi, dado a gravidade de seu estado, passou meses no hospital. Um dia, ao olhar-se no espelho, viu que o incêndio desfigurou seu rosto totalmente. Porém, não era apenas isso. Ele agora tinha o mesmo rosto de “Qualéonomedisso” (Saadawi, 2018, p. 267). Hadi fugiu do hospital (Saadawi, 2018, p. 269). O Brigadeiro Majid foi forçadamente aposentado, mas conseguiu um novo emprego em uma delegacia de polícia fora de Bagdá. Ele novamente foi agraciado com uma liberação para trabalhar, mesmo com sua relação com o Baa’th e o governo de Saddam Hussein (Saadawi, 2018, p. 269).

A lenda de “Qualéonomedisso” se espalhou por Bagdá, gerando cada vez mais terror nos civis. A história, porém, era distorcida. Cada grupo acreditava em variáveis diferentes: alguns bairros defendiam que ele era um extremista xiita, outros, que era sunita. O governo iraquiano falava que ele era um agente estrangeiro; as forças militares estadunidenses, que havia sido implantado para destruir a ação americana na região (Saadawi, 2018, p. 268). Cidadãos de Bagdá inclusive falavam sobre ver “Qualéonomedisso” nas ruas da cidade tentando se passar como uma pessoa normal (Saadawi, 2018, p. 268).

“O autor” seguiu recolhendo informações sobre a história de “Qualéonomedisso” e conversando com as diferentes pessoas envolvidas na narrativa, como por exemplo o padre da Igreja de São Osho, frequentada por Elishava. “O autor” manteve contato com Mahmoud, também (Saadawi, 2018, p. 269). Em determinado momento, “o autor” começara a receber mensagens de um suposto “segundo assistente”, que o revelava informações sobre o Departamento de Rastreamento e Perseguição (Saadawi, 2018, p. 261). Ele seguiu investigando e tentando compreender a história de “Qualéonomedisso”. Baseado em seus descobrimentos, começou a escrever um livro. Suas buscas o tornaram um alvo, e ele acabou sendo preso e questionado por um “painel de oficiais iraquianos e americanos”. “O autor” teve seu romance apreendido por esse painel e ficou preso por alguns dias. Ele, em momento nenhum, sofreu violência ou abuso pelas mãos desses indivíduos (Saadawi, 2018, p. 270 - 271). “O autor” usava documentos falsos durante todo o seu interrogatório, voltando a trabalhar no romance depois de sua soltura. Porém, ao receber um último e-mail do “segundo assistente”, que anexava o relatório de seu interrogatório e o plano de o prender novamente, ele fugiu, se livrando de sua identidade falsa no processo (Saadawi, 2018, p. 271).

Meses já haviam se passado desde que Mahmoud saiu de Bagdá. Um dia, lendo seus e-mails, ele encontrou uma mensagem de Nawal al-Wazir, e uma de Ali al-Saidi. Na mensagem de Nawal, ela falava que estava há tempo tentando contatar ele, mas sem sucesso. Pedia que

ligasse a ela assim que possível (Saadawi, 2018, p. 274). A mensagem de Ali al-Saidi era muito mais extensa e mirabolante. O antigo editor-chefe jurava que não havia roubado os treze milhões de dólares. Segundo ele, era uma grande armação que tinha o objetivo de fazê-lo fugir do país, uma vez que ele tinha um plano e potencial para ser um político que melhoraria a situação do Iraque (Saadawi, 2018, p. 274). Ele menciona no e-mail que os dois são muito parecidos e que ele havia descoberto uma coisa fantástica sobre o futuro de Mahmoud: ele estava destinado a se tornar o futuro Primeiro-Ministro do Iraque. Isso fora revelado a al-Saidi pelo Astrólogo Sênior que trabalhava com o Brigadeiro Majid (Saadawi, 2018, p. 276). O homem mais velho faz promessas a Mahmoud de que ele se tornará como um guia para ele, o ajudando a cumprir seu destino (Saadawi, 2018, p. 276). Após pensar em como iria responder a al-Saidi, opta por simplesmente não enviar resposta. Encaminha a mensagem “ao autor” (Saadawi, 2018, p. 277). Ele fica em dúvida sobre a veracidade do que foi dito a ele por al-Saidi, mas imagina que seja tudo apenas uma grande mentira (Saadawi, 2018, p. 278).

O romance termina com a prisão de “Qualéonomedisso”, o criminoso X. Ele foi identificado como Hadi al-Attag, o vendedor de sucata. Ele aparentemente confessou ter realizado todos os crimes que ocorreram desde a explosão do caminhão de lixo próximo ao *Sadeer* Novotel, além de liderar um grupo de criminosos e de arrancar os membros de suas vítimas. Aziz não reconhecia o amigo, mas, ao ouvir a gravação de suas confissões, realmente achou a voz parecida. Mahmoud ficou horripilado, acreditando que era “outro grande erro” (Saadawi, 2018, p. 279). Bataween entrou em festa (Saadawi, 2018, p. 279). No abandonado hotel Ourouba, junto do gato que a idosa deixara, um homem fumava. Ele e o gato haviam “virado amigos” (Saadawi, 2018, p. 281).